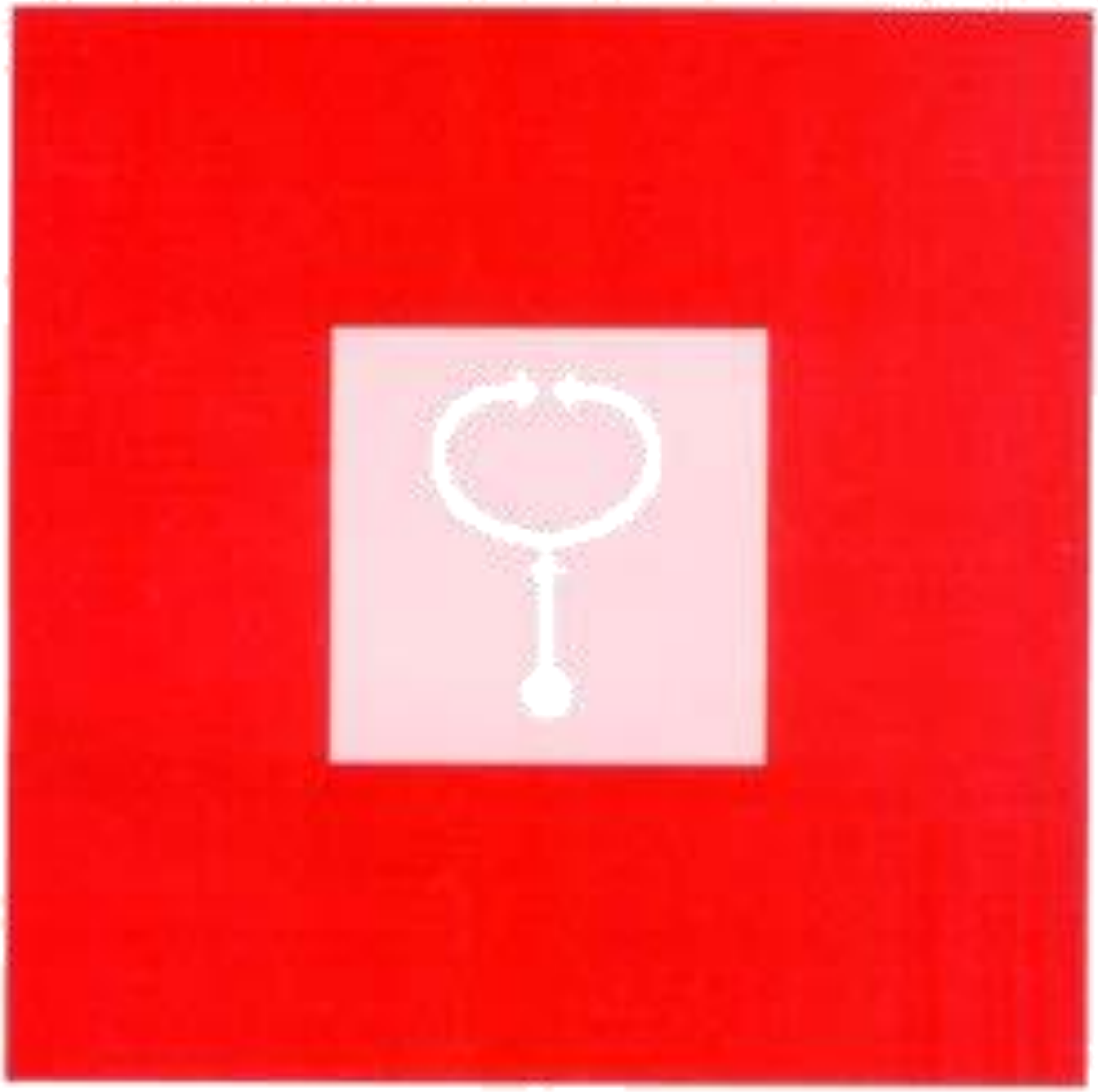
Wilhelm Reich



O ASSASSINATO DE CRISTO

Martins Fontes

Wilhelm Reich

O ASSASSINATO DE CRISTO

Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros , será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com.br/group/digitalsource

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

O AUTOR:

Wilhelm Reich nasceu a 24 de Março de 1897 nos confins orientais da Galícia, então na posse do Império Austro-Húngaro. Em 1918 matriculou-se na Faculdade de Medicina de Viena, orientando o essencial dos seus estudos para a Biologia, a Sexologia e as teorias de Freud. No final dos anos 20 ingressa na Associação Psicanalítica de Viena, onde provocará grandes controvérsias, pois o seu pensamento vai-se afastando da ortodoxia freudiana. Acabará por ser expulso em 1934.

Entretanto escreve os seus primeiros livros: *Der triebhafte Charakter* (O Carácter Impulsivo), 1925; *Die Funktion des Orgasmus* (A Função do Orgasmo), 1927; *Geschlechtsreif, Enthaltsamkeit, Ehemoral* (Maturidade Sexual, Continência, Moral Conjugal), 1930; *Der Einbruch der Sexualmoral* (O Aparecimento da Moral Sexual), 1932; *Der Sexuelle Kampf der Jugend* (A Luta Sexual da Juventude), 1932; *Massenpsycho-logie des Faschismus* (Psicologia de Massas do Fascismo), 1933, e *Charakteranalyse* (Análise do Carácter), 1933. Alguns deles só muitos anos mais tarde seriam devidamente apreciados.

Após uma viagem à Rússia, em 1929, instala-se em Berlim dois anos depois. Mas a ascensão do nazismo leva-o a trocar Berlim e Viena por Copenhaga. Seguem-se Malmoe, Londres, Paris, Zurique, Lucerna, Oslo, até chegar aos Estados Unidos, em 1939. A sua permanência neste país irá causar-lhe dissabores que terão sido provavelmente os mais amargos da sua vida agitada. Logo em 1941 é preso por dois agentes do F. B. I., que lhe apreendem livros como *Mein Kampf* (A Minha Luta), de Hitler, e *My Life* (A Minha Vida), de Trotsky.

Depois deste incidente, Wilhelm Reich cria o Orgone Institute na sua pequena propriedade do Maine. Aí fará os seus trabalhos de investigação e escreverá os últimos livros, até ser julgado e condenado a dois anos de prisão, em 25 de Maio de 1956. Recusado o apelo interposto a tal sentença, Reich é preso em 12 de Março de 1957. A 3 de Novembro uma crise cardíaca vitima-o na penitenciária de Ludwigburg (estado da Pensilvânia).

Incompreendido à esquerda e amaldiçoado à direita, Wilhelm Reich é um investigador e um pensador heterodoxo, no sentido verdadeiramente revolucionário que este termo pode apresentar. Por mais discutíveis que sejam algumas das conclusões a que chegou, sobretudo na última fase da sua vida, a verdade é que Wilhelm Reich se tomou um dos pensadores contemporâneos cujo desconhecimento será imperdoável.

Libertado da poeira do tempo pela juventude européia e americana dos diversos movimentos contestatários da nossa época, é fundamentalmente um pensador inconformista e autenticamente progressista que redescobrimos em Wilhelm Reich, de quem Publicações Dom Quixote editaram já *Escuta, Zé Ninguém!, Psicologia de Massas do Fascismo, Análise do Carácter* e *A Função do Orgasmo.*

WILHELM REICH

O ASSASSINATO DE CRISTO

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA 1983

FICHA:

© *1953, Mary Boyd Higgins,*

como administradora do Wilhelm Reich Infant Trust Fund.

Título original: *The Murder of Christ.*

Editor original: *Farrar, Straus & Giroux, Inc., Nova Iorque.*

Tradução: *Carlos Ralph Lemos Viana e Cid Knipel Moreira (introdução e apêndice).*

Revisão para Portugal: *José Antonio Fragoso Fernandes.*

Colecção: *Plural, n.° 1.*

Capa e orientação gráfica: *Fernando Felgueiras.*

1.ª edição: Junho de 1983.

Edição: *1 PL 816.*

Direitos de edição, reprodução e adaptação reservados por: *Publicações Dom Quixote, Rua Luciano Cordeiro, 119, Lisboa.*

Composição e Impressão:

Santelmo, Cooperativa de Artes Gráficas, SCARL, em Julho de 1983.

Distribuição: *Diglivro, Rua das Chagas, 2, Lisboa.*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....

I. A ARMADILHA .....

II. O REINO DOS CÉUS NA TERRA .....

III. O ABRAÇO GENITAL .....

IV. A SEDUÇÃO PARA A LIDERANÇA .....

V. A MISTIFICAÇÃO DE CRISTO .....

VI. O GRANDE ABISMO − O IMOBILISMO DO HOMEM .....

VII. A MARCHA SOBRE JERUSALÉM .....

VIII. JUDAS ISCARIOTES .....

IX. PAULO DE TARSO − CORPO VERSUS CARNE .....

X. PROTEGENDO OS ASSASSINOS DE CRISTO .....

XI. MOCENIGO − O ASSASSINATO DE CRISTO EM GIORDANO BRUNO ...

XII. EM DIRECÇAO AO GÓLGOTA .....

XIII. OS DISCÍPULOS DORMEM .....

XIV. GETSÉMANI .....

XV. A FLAGELAÇAO .....

XVI. «TU O DIZES» .....

XVII. A CHAMA SILENCIOSA − O POVO QUER BARRABÁS .....

XVIII. CRUCIPICAÇÃO E RESSURREIÇÃO .....

Sobre as leis necessárias à protecção da Vida nos Recém-Nascidos
e da Verdade .....

Apêndice − A Arma da Verdade .....

Bibliografia .....



Amor, trabalho e conhecimento são as fontes da nossa vida.

Deveriam também governá-la.

PARA AS CRIANÇAS DO FUTURO

INTRODUÇÃO

A crise social em que vivemos deve-se basicamente à inabilidade das pessoas em geral para governar as suas próprias vidas. A partir desta incapacidade, desenvolveram-se ditaduras cruéis nos últimos trinta anos, sem quaisquer objectivos racionais ou sociais.

Por toda a parte, homens e mulheres conscientes estão profundamente preocupados com o descaminho que ameaça extinguir as nossas vidas, a nossa felicidade, e causar a desgraça das nossas crianças. Estes homens e mulheres desejam a verdade crua. Querem a verdade crua sobre o real significado dos modos de ser, de agir e de reagir emocionalmente das pessoas. Contar a todas as pessoas toda a verdade sobre elas próprias significa respeitar as suas responsabilidades sociais. Os problemas apresentados em o ASSASSINATO DE CRISTO são problemas agudos da sociedade contemporânea. Contudo, as soluções para estes problemas, apontadas em o ASSASSINATO DE CRISTO, são imaturas, emocionalmente obscuras, insuficientes e inacabadas. Portanto, o ASSASSINATO DE CRISTO publica-se apenas como fonte histórica extraída dos Arquivos do Instituto Orgone.

A Experiência Oranur, que começou em 1947, forneceu inesperadamente algumas soluções básicas para os problemas emocionais e sociais da humanidade, soluções que têm sido, até agora, inteiramente inacessíveis. Uma extensa publicação das implicações emocionais da Experiência Oranur está em preparação, o ASSASSINATO DE CRISTO pode servir como uma introdução de material biográfico antecedente a Oranur.

«Deus» é Natureza, e Cristo é a realização da Lei Natural. Deus (Natureza) criou os órgãos genitais em todos os seres vivos. Assim fez para que eles funcionem de acordo com a lei natural, divina. Portanto, atribuir uma vida de amor natural e divino ao mensageiro de Deus na Terra não é nenhum sacrilégio, nenhuma blasfêmia. É, pelo contrário, o estabelecimento de Deus na profundeza mais limpa do homem. Esta profundeza está presente desde o mais prematuro começo da vida. A procriação só é acrescentada à genitalidade na puberdade. O amor genital divino está presente muito antes da função de procriação; portanto, o abraço genital não foi criado pela Natureza e por Deus apenas com o objectivo de procriação.

Orgonon, 3 de Novembro de 1952

Depois veio, e achou-os dormindo. E disse a Pedro: Simão, dormes? Não pudeste vigiar uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca. E foi novamente orar, dizendo as mesmas palavras. E, tornando a vir, achou-os outra vez a dormir (porque tinham os olhos pesados), e não sabiam que responder-lhe. E voltou a terceira vez, e disse-lhes: Dormis ainda e descansais (*)? *Basta; é chegada a hora; eis que o Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos; eis que aquele que me há-de entregar está próximo.*

(Marcos, 14:37-42)

Então os soldados do governador, tomando a Jesus para o levarem ao pretório, fizeram juntar à roda dele toda a corte. E despindo-o, vestiram-lhe um manto carmesim. E tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha sobre a cabeça, e na sua mão direita uma cana. E ajoelhando diante dele, escarneciam-no, dizendo: «Deus te salve. Rei dos Judeus!» E cuspindo nele, tomaram a cana, e davam-lhe com, ela na cabeça. E depois que o escarneceram, despiram-no do manto, e vestiram-lhe os seus hábitos, e assim o levaram para o crucificarem.

(Mateus, 27:27-31)

* Na tradução portuguesa da Vulgata, a forma adoptada foi: Dormi agora e descansai. No entanto, dada a utilização que Reich faz desta citação mais adiante, foi necessário introduzir a alteração para que se mantivesse o sentido do inglês. (*N. do E.)*

Capítulo I

A ARMADILHA

«O homem nasce livre e por todo o lado está acorrentado. Mesmo quem se julga senhor dos outros; esse ainda é mais escravo do que eles. Como se fez esta transformação? Não sei.»

Jean-Jacques Rousseau fez esta pergunta há duzentos anos, no início do seu *Contrato Social.* A menos que a resposta para esta questão básica seja encontrada, não é muito útil elaborar novos contratos sociais. *Há algo que acontece, desde há muito tempo, no interior da sociedade humana, que torna impotente qualquer tentativa que vise esclarecer este grande enigma,* bem conhecido de todos os grandes líderes da humanidade ao longo de milênios: o *homem nasce livre, mas vive a sua vida como escravo.*

Nenhuma resposta foi encontrada até hoje. Deve haver, no interior da sociedade humana, alguma coisa que actua de modo a impedir que se coloque a questão correcta de maneira a chegar-se à resposta correcta. Toda a filosofia humana é permeada pelo horrível pesadelo de que toda a procura *é* vã.

Alguma coisa, bem escondida, actua de forma a não permitir que se coloque a questão correcta. Portanto, há algo que actua, contínua e eficazmente, *desviando a atenção* das vias, cuidadosamente camufladas, que levam até onde a atenção se deveria focalizar. O instrumento usado por esse algo bem camuflado para desviar a atenção do enigma fundamental *é* a EVASIVA de todo o ser humano em relação à Vida viva. O elemento escondido é a PESTE EMOCIONAL DO HOMEM.

É da formulação adequada do problema que dependerá a focalização apropriada da atenção, e disto dependerá chegar-se à descoberta da resposta correcta à questão de como é possível que o homem, nascido livre, se encontre sempre e por todo o lado reduzido ao estado de escravo.

É evidente que os contratos sociais, quando visam honestamente salvaguardar a vida na sociedade humana, têm uma função crucial. Mas nenhum contrato social resolverá jamais o problema da angústia humana. Na melhor das hipóteses, o contrato social poderá ser um paliativo para manter a vida. Até agora, nunca foi capaz de acabar com a angústia da vida.

Vejamos então os termos deste grande enigma:

Os homens são iguais ao nascer, mas não crescem iguais.

O homem elaborou grandes doutrinas, mas cada uma delas foi o instrumento da sua escravidão.

O homem é o «Filho de Deus», criado à Sua imagem; mas o homem é «pecador», exposto aos ataques do «Demônio». Como pode haver Demônio e Pecado, se Deus *é* o único criador de todos os seres?

A humanidade nunca conseguiu responder à pergunta de como pode existir o MAL, se um DEUS perfeito criou e governa o mundo e os homens.

A humanidade tem sido incapaz de estabelecer uma vida moral que esteja de acordo com o seu criador.

A humanidade foi devastada por guerras e assassinatos de todo o tipo, desde o início da história escrita. Todos os esforços feitos para suprimir esta peste fracassaram.

A humanidade desenvolveu muitos tipos de religiões. Todas as religiões se revelaram, sem excepção, instrumentos de opressão e miséria.

A humanidade imaginou muitos sistemas de pensamento para enfrentar a Natureza. Mas a Natureza, sendo de facto funcional e não mecânica, sempre se lhe escapou por entre os dedos.

A humanidade correu sempre atrás de cada ínfima parcela de esperança e de conhecimento. Mas depois de três milênios de pesquisas, de tormentos, de sofrimentos, de assassinatos punindo heresias, de perseguições por faltas aparentes, ela não conseguiu mais do que algum conforto para uma minoria, sob a forma de automóveis, aviões, frigoríficos e aparelhos de rádio.

Depois de ter meditado durante milênios sobre os mistérios da natureza humana, a humanidade encontra-se exactamente no ponto de partida: tem de admitir a sua ignorância total. A mãe ainda fica sem saber o que fazer diante de um pesadelo que apavora o seu filho. O médico ainda não sabe o que fazer diante de algo tão simples como um defluxo nasal.

Geralmente, admite-se que a ciência não revela nenhuma verdade permanente. O universo mecânico de Newton não se coaduna com o verdadeiro universo, que não é mecânico, mas sim funcional. A representação que Copérnico faz de um mundo constituído por círculos «perfeitos» é errada. As órbitas planetárias e elípticas de Kepler não existem. A matemática não conseguiu ser aquilo que, com tanta certeza, prometia ser. O espaço não é vazio; ninguém jamais viu os átomos ou os germes aéreos das amibas. *Não é* verdade que a química possa interpretar os factos da matéria viva, e as hormonas também não cumpriram as suas promessas. O inconsciente reprimido, supostamente a última palavra em psicologia, revelou-se uma criação artificial de um breve período da civilização, de tipo mecânico-místico. O espírito e o corpo,

funcionando num único e mesmo organismo, estão ainda dissociados no pensamento humano. Uma física perfeitamente exacta não é tão exacta assim, do mesmo modo que os homens santos não são assim tão santos. De nada adianta a descoberta de novas estrelas, cometas ou galáxias. Novas fórmulas matemáticas também de nada adiantarão. É inútil filosofar sobre o sentido da Vida, se ignoramos *o que é Vida.* E, como *«Deus» é Vida,* o que todos os homens sabem, de nada serve procurar ou servir a Deus, já que ignoramos a quem servimos.

Tudo parece então convergir para um único facto: *Há algo basicamente e essencialmente errado em todo o processo pelo qual o homem aprende a conhecer-se a si próprio.* A visão mecánico-racionalista do mundo faliu completamente.

Locke, Hume, Kant, Hegel, Marx, Spencer, Spengler, Freud e todos os outros foram, sem dúvida, grandes pensadores, mas de certa forma não preencheram o vazio, e a imensa maioria dos homens não foi tocada pela pesquisa filosófica. Enunciar a verdade com modéstia não altera o problema. Freqüentemente, isso nada mais é do que um subterfúgio para nos esquivarmos à questão essencial. Aristóteles, cujas idéias foram lei durante séculos, estava errado; a sabedoria de um Platão, ou a de um Sócrates, não servem para muita coisa. Epicuro também não teve sucesso, nem nenhum santo.

É grande a tentação de aderir ao ponto de vista católico, após os desastrosos resultados da última grande tentativa da humanidade, feita na Rússia, de tomar nas mãos o seu próprio destino. Os efeitos catastróficos de todas as iniciativas desse tipo explodiram aos olhos de todos. Para onde quer que olhemos, vemos o homem a correr em círculos, como se, preso numa armadilha, tentasse em vão escapar da sua prisão e do seu desespero.

É possível escapar da armadilha. Mas para alguém sair de uma prisão, precisa primeiro de saber que *está numa prisão. A armadilha é a estrutura emocional do homem, a sua estrutura de carácter.* Pouco adianta elaborar sistemas de pensamento sobre a natureza da armadilha, quando a única coisa que importa é encontrar a saída. Tudo o resto é inútil: é inútil cantar hinos sobre o sofrimento na prisão (*) como fazem os escravos negros; é inútil compor poemas sobre a beleza da liberdade *fora* da prisão, tal como sonhamos com ela de *dentro* da prisão; é inútil prometer uma vida fora da prisão, após a morte, como faz o Catolicismo às suas congregações; *é*

---

* No original, *in the trap*, isto é, na armadilha. Traduzimos *trap* por prisão sempre que isso se tomou necessário para a clareza da frase, pois o termo prisão, em português, não supõe necessariamente a idéia de instituição, condenação, local físico, que Reich certamente quis evitar. *(N. do E.)*

inútil confessar, como os filósofos da resignação, um *semper ignorabimus;* é inútil elaborar um sistema filosófico em torno do desespero de viver na prisão, como fez Schopenhauer; é inútil sonhar com um super-homem totalmente diferente do homem cativo, como fez Nietzsche, que, ao acabar preso num asilo de loucos, finalmente escreveu − muito tarde − a verdade sobre si mesmo...

A primeira coisa a fazer é procurar a saída da prisão.

A natureza da armadilha só apresenta interesse na medida em que ajude a responder a esta única questão crucial: ONDE FICA A SAÍDA?

Pode-se enfeitar a prisão a fim de a tomar mais habitável. Isto fazem-no os Miguel Ângelos, os Shakespeares, os Goethes. Podem-se inventar artifícios para prolongar a vida na prisão. Isto fazem-no os grandes cientistas e médicos, os Meyers, os Pasteurs e os Flemings. Pode aparecer alguém muito hábil em tornar a soldar os ossos quebrados dos que caem na armadilha.

Mas o essencial ainda é: encontrar a saída da prisão.

ONDE FICA A SAÍDA QUE CONDUZ AO INFINITO ESPAÇO ABERTO?

A saída continua escondida. Este é o maior enigma. Mas vejamos a situação mais ridícula e, ao mesmo tempo, mais trágica:

A SAÍDA É CLARAMENTE VISÍVEL PARA TODOS OS QUE ESTÃO PRESOS NA ARMADILHA (*). MAS NINGUÉM PARECE *VÊ-LA.* TODOS SABEM ONDE FICA A SAÍDA. MAS NINGUÉM SE MOVE EM DIRECÇÃO A ELA; PIOR AINDA, QUEM QUER QUE FAÇA QUALQUER MOVIMENTO EM DIRECÇÃO À SAÍDA, QUEM QUER QUE A INDIQUE, É DECLARADO LOUCO, CRIMINOSO, PECADOR DIGNO DAS CHAMAS DO INFERNO.

No fim de contas o problema não está na armadilha, nem mesmo em descobrir a saída. O problema está NOS PRISIONEIROS.

Visto de fora da prisão, tudo parece incompreensível para uma mente simples. Há mesmo qualquer coisa de insano. *Porque é que os prisioneiros não vêem a saída tão nitidamente visível, porque é que não se dirigem para ela?* Logo que chegam perto, começam a gritar e a fugir. Se algum deles tenta sair, os outros matam-no. Muito poucos conseguem escapulir-se durante a noite, quando todos dormem.

Esta era a situação na qual se encontrava Jesus Cristo. Este foi também o comportamento dos prisioneiros que intentavam matá-lo.

A função da Vida viva está à nossa volta, está em nós, nos nossos sentidos, mesmo à frente do nariz, nitidamente visível em cada animal, em cada árvore, em cada flor.

---

* No original, *trapped in the hole.* Ver nota acima. *(N. do E.)*

Sentimo-la no nosso corpo e no nosso sangue. Mas para os prisioneiros ela continua a ser o maior, o mais impenetrável dos enigmas.

No entanto, a Vida não era um enigma. O enigma está em como isto pôde permanecer insolúvel durante tanto tempo. O grande problema da biogénese e da bioenergia é facilmente acessível pela observação directa. O grande problema da Vida e da origem da Vida é um problema *psiquiátrico; é* um problema da estrutura de carácter do Homem, que durante tanto tempo conseguiu evitar a sua solução. O flagelo do cancro não é o grande problema que parece ser. O grande problema é a estrutura de caracter dos cancerologistas, que o ofuscaram tão eficazmente.

O verdadeiro problema do homem é A EVASÃO BÁSICA DO ESSENCIAL. Esta evasão e fuga fazem parte da estrutura profunda do homem. Fugir da saída da prisão é o resultado dessa estrutura do homem. O homem teme e detesta a saída da prisão. Ele resguarda-se acirradamente contra qualquer tentativa para encontrar essa saída. É este o grande enigma.

Tudo isso parece certamente insano aos seres vivos encerrados na prisão. Um homem que, de dentro da prisão, falasse dessas coisas loucas, estaria destinado à morte; estaria condenado à morte se fosse membro de uma academia das ciências que consagrasse muito tempo e dinheiro ao estudo detalhado dos muros da prisão. Ou se fosse membro de uma dessas congregações religiosas que oram, resignadas ou cheias de esperança, para sair da prisão. Ou se fosse um desses pais de família preocupados em não deixar os seus morrerem de fome na prisão. Ou se fosse empregado de uma dessas indústrias que se esforçam para tomar a vida na prisão o mais confortável possível. De uma forma ou de outra, ele estaria condenado à morte: pelo ostracismo, pelo aprisionamento por ter transgredido alguma lei ou, em certos casos, pela cadeira eléctrica. O criminoso é uma pessoa que achou a saída e por ali se precipita, violentando os seus companheiros de prisão. Os loucos que apodrecem nos asilos e que se contorcem, como as feiticeiras da Idade Média, sob o efeito de choques eléctricos, também são prisioneiros que viram a saída da prisão e não conseguiram superar o pavor comum de se aproximar dela.

Fora da prisão, muito perto, descortina-se a Vida viva, em tudo o que se alcança com a visão, a audição, o olfacto. Para os prisioneiros é uma agonia eterna, um suplício de Tántalo. Vêem-na, sentem-na, tocam-lhe, desejam-na sem cessar, mas sair tomou-se uma impossibilidade. Só é possível consegui-lo em sonhos, em poemas, na música, na pintura, mas já não está ao seu alcance. As chaves para sair da prisão estão cimentadas na armadura do nosso carácter e na rigidez mecânica do corpo e da alma.

Essa é a grande tragédia. E Cristo conhecia-a.

Se vivermos durante muito tempo no fundo de uma cave escura, acabaremos por detestar a luz do Sol. É mesmo possível que os nossos olhos acabem por perder a capacidade de tolerar a luz. Eis porque se acaba por odiar a luz do Sol.

Para habituar os seus descendentes à vida na prisão, os detidos desenvolvem técnicas elaboradas, destinadas a manter a vida num nível limitado e baixo. Na prisão não há espaço suficiente para grandes lances de pensamento e de acção. Cada movimento é restringido por todos os lados. Isso teve como efeito, no decorrer do tempo, a atrofia dos próprios órgãos da Vida viva; as criaturas encerradas no fundo da prisão perderam o sentido da plenitude da Vida.

Restou uma nostalgia intensa de uma vida de felicidade e a lembrança de uma Vida feliz, de há muito tempo antes do aprisionamento. Mas a nostalgia e a lembrança não podem ser vividas na vida real. A conseqüência dessa opressão é então o *ódio à Vida.*

Sob o título de «o ASSASSINATO DE CRISTO», reuniremos todas as manifestações desse ódio ao Vivo. Com efeito; Cristo foi vítima do *ódio ao Vivo* por parte dos seus contemporâneos. O seu destino trágico oferece-se como lição sobre o que as gerações futuras enfrentarão quando quiserem restabelecer as leis da Vida. A sua tarefa principal consistirá em resistir à maldade dos homens («Pecado»). Explorando o futuro e as possibilidades − boas ou más − que ele nos oferece, veremos a história de Cristo em toda a sua trágica significação.

O segredo do porquê da morte de Jesus Cristo permanece indecifrado. A tragédia que se desenrolou há dois mil anos, e cujo impacte sobre a humanidade foi imenso, aparece-nos como um *requisito* lógico intrínseco ao *homem* couraçado. A verdadeira questão do assassinato de Cristo permaneceu intocada ao longo de dois mil anos, apesar dos inúmeros livros, estudos, pesquisas e investigações sobre esse assassinato. O enigma do assassinato de Cristo permaneceu num domínio inacessível ao olhar e ao pensamento de muitos homens e mulheres estudiosos; e esse próprio facto faz parte do segredo. O assassinato de Cristo é um enigma que atormentou a existência humana durante pelo menos todo o período da história escrita. É o problema da estrutura do carácter humano *couraçado,* e não somente de Cristo. Cristo foi vítima dessa estrutura de carácter humano, porque mostrou qualidades e maneiras de comportamento que têm, sobre um carácter couraçado, o mesmo efeito que um objecto vermelho sobre o sistema emocional de um touro selvagem. Nesse sentido, podemos dizer que *Cristo representa o princípio da Vida* em si. A forma foi determinada pela época da cultura judaica sob domínio romano. Pouco importa que o assassinato de Cristo tenha ocorrido no ano 3000 a. C. ou no ano 2000 d.C. Cristo teria sido certamente assassinado em qualquer época e

em qualquer cultura em que as condições do conflito entre o *princípio da vida* (OR) e a *peste emocional* (EP) fossem, no plano social, as mesmas que eram na Palestina no tempo de Cristo.

Uma das características básicas do *assassinato do Vivo pelo animal humano couraçado é* a de ser camuflado de várias maneiras e sob várias formas. A superstrutura da existência social do homem, tal como o sistema económico, as acções guerreiras, os movimentos políticos irracionais e as organizações sociais ao serviço da supressão da Vida, abafa a tragédia básica que assedia o animal humano numa torrente de racionalizações, de disfarces e de evasões da questão essencial; além disso, a superstrutura defende-se com uma racionalidade perfeitamente lógica e coerente, mas que só é válida *dentro* de um sistema que opõe a lei ao crime, o Estado ao povo, a moral ao sexo, a civilização à natureza, a polícia ao criminoso, e assim por diante, percorrendo todo o rol de misérias humanas. Não há nenhuma possibilidade, seja ela qual for, de conseguir transpor esse lodaçal, a não ser que a pessoa se coloque fora do holocausto, e não se deixe atingir pelo escândalo. Apressamo-nos a assegurar ao leitor que não consideramos esse escândalo e essa agitação vazia como sendo meramente irracionais, como simples actividade desprovida de finalidade e significação. Uma característica crucial da tragédia é o facto de que esse *nonsense é* válido, *significativo* e *necessário* se o considerarmos no domínio que lhe é próprio e sob determinadas condições do comportamento humano. Mas aqui a irracionalidade da peste apoia-se era rochedo sólido. Mesmo o silêncio que, há milênios, envolvia a função do orgasmo, a função da vida, o assassinato de Cristo ê outras questões cruciais da existência humana, parece perfeitamente sensato aos olhos do prudente estudioso do comportamento humano.

A raça humana enfrentaria o pior, o mais devastador dos desastres se, de repente, chegasse, de uma só vez, a ter pleno conhecimento da função da Vida, da função do orgasmo e dos segredos do assassinato de Cristo. Há boas e justas razões para que a raça humana se tenha recusado a conhecer a profundidade e a verdadeira dinâmica da sua miséria crónica. Uma tal erupção repentina de conhecimentos paralisaria e destruiria tudo o que, de certa forma, mantém a sociedade em funcionamento, a despeito das guerras, da fome, dos massacres emocionais, da miséria das crianças, etc.

Seria quase loucura iniciar grandes projectos tais como *«Crianças do Futuro»* ou *«Cidadania do Mundo»,* sem ter compreendido como foi possível que toda essa desgraça se mantivesse inexoravelmente, durante milênios, sem ser reconhecida e combatida; que nenhuma das muitas tentativas brilhantes de esclarecimento e libertação tenha sido bem-sucedida; que cada passo para a realização do grande sonho tenha sido

acompanhado por mais abjecção e miséria; que nenhuma religião, apesar das suas boas intenções, tenha conseguido realizar os seus objectivos; que cada grande feito se tenha transformado numa ameaça para a humanidade, como, por exemplo, o socialismo e a fraternidade, que se tornaram estatismo e opressão da pior espécie. Enfim, seria criminoso pensar em projectos tão importantes, sem antes olhar em volta, tentando compreender o que matou a humanidade durante séculos. Isso só acrescentaria mais desgraça àquela que já existe. No ponto em que estão as coisas, é bem mais importante esclarecer o assassinato de Cristo do que educar as mais lindas crianças. Toda a esperança de acabar com a decadência da educação actual estaria perdida para sempre, irremediavelmente, se esta nova e promissora tentativa para chegar a um novo tipo de educação se malograsse e se transformasse no seu oposto, como sempre foi o caso de todas as iniciativas tomadas pela alma humana. Não nos enganemos: *a reestruturação do carácter humano através de uma transformação radical, sob todos os aspectos, da nossa maneira de educar as crianças tem a ver com a própria Vida.* As emoções mais profundas a que o animal humano pode chegar ultrapassam de longe todas as funções da existência, pela sua envergadura, profundidade e fatalidade. Assim, os males que o fracasso ou o desvio dessa tentativa decisiva trariam, seriam bem mais profundos e maiores. Não há nada mais destrutivo do que a Vida anulada e contrariada por esperanças frustradas. Jamais nos esqueçamos disto.

Não nos *é* possível lidar com este problema de uma maneira perfeita, académica, detalhada. Tudo o que podemos fazer é sondar o território para ver onde estão escondidos os tesouros que, futuramente, nos poderão servir, onde há animais selvagens percorrendo montes e vales, onde estão escondidas as armadilhas para matar o invasor, e como tudo isto funciona. Não nos queremos atolar na nossa própria impaciência, na nossa rotina diária, ou mesmo em certos interesses que nada têm a ver com o problema da educação. Numa reunião de educadores orgonómicos que houve há alguns anos, foi dito que a educação continuará a ser Um problema por mais alguns séculos. É mais do que provável que as próximas gerações das Crianças do Futuro não sejam capazes de resistir aos múltiplos impactes da peste emocional. Elas terão certamente de se submeter; não sabemos exactamente como. Mas há esperança de que, pouco a pouco, uma consciência geral da Vida se desenvolva nesse novo tipo de crianças, difundindo-se por toda a comunidade humana. O educador que considera a educação como um negócio rendoso nunca se interessaria pela educação se acreditasse nisso. Devemos ter cuidado com essa espécie de educadores.

O educador do futuro fará sistematicamente (e não mecanicamente) o que todo o autêntico e bom educador já faz hoje: *sentirá* as qualidades da Vida viva em cada

criança, *reconhecerá* as qualidades específicas e *fará tudo* para que elas possam desenvolver-se plenamente. Enquanto se conservar, com a mesmo tenacidade, a tendência social actual, isto é, enquanto esta "estiver dirigida *contra* essas qualidades inatas da expressão emocional viva, o educador autêntico deverá assumir uma dupla tarefa: a de conhecer as expressões emocionais naturais que variam de uma criança para outra, e a de aprender a lidar com o meio social, restrito e amplo, na medida em que este se opõe a essas qualidades vivas. Só num futuro distante, quando uma educação consciente tiver eliminado a forte contradição entre civilização e natureza, quando a vida bioenergética e a vida social do homem não mais se opuserem uma à outra, mas, ao contrário, se apoiarem e se complementarem, deixará esta tarefa de ser perigosa. Devemos estar preparados, pois esse processo será lento, penoso e exigirá muito sacrifício. Muitas serão as vitimas da peste emocional.

A nossa tarefa seguinte será a de esboçar as características básicas do conflito entre as expressões emocionais inatas e intensamente variáveis da criança e as características próprias da estrutura mecanizada e couraçada do homem, a qual irá odiar e combater de maneira geral e específica aquelas qualidades.

A despeito das inumeráveis variações do comportamento humano, a análise do carácter conseguiu, até aqui, esboçar os padrões gerais e as leis das seqüências nas reacções humanas. Ela fê-lo amplamente no que diz respeito às neuroses e psicoses. Não tentaremos fazer o mesmo com respeito à dinâmica típica da *peste emocional*. Descrições específicas das reacções individuais à peste deverão ser realizadas de modo a fornecer aos educadores e aos médicos o necessário conhecimento detalhado.

No mundo cristão e nas culturas directa ou indirectamente influenciadas pelo Cristianismo, existe um pronunciado antagonismo entre «o homem pecador» e o seu «Deus». O homem foi feito à «imagem de Deus»! Ele é encorajado a «tornar-se semelhante a Deus». Mas ele é «pecador». Como é possível que o «pecado» tenha surgido neste mundo, se este foi criado por «Deus»? No seu comportamento real, o homem *é*, ao mesmo tempo, semelhante a Deus e pecador. No princípio, o homem «assemelhava-se a Deus»; depois, o «pecado» irrompeu na sua vida. O conflito entre o ideal de Deus e a realidade do pecado *é* a conseqüência de uma catástrofe que transformou o divino em demoníaco. Isto é verdade, tanto para a história da sociedade como para o desenvolvimento de cada criança, desde que uma civilização mecânico-mística começou a sufocar os atributos «divinos» do homem. O homem tem a sua origem no paraíso, e continua a desejar ardentemente o paraíso. O homem, de certa forma, emergiu do universo e anseia por retornar a ele. Essas são realidades incontestáveis para quem aprende a interpretar a linguagem das expressões emocionais

do homem. O homem é basicamente bom, mas é também um bruto. A transformação da bondade em «brutalidade» opera-se em cada criança. Deus está, então, DENTRO do homem, e não deve ser procurado só fora. O Reino dos Céus é o Reino da graça e da bondade interiores, e não o místico «além» povoado de anjos e demônios em que o bruto que há no animal humano transformou o seu paraíso perdido.

O cruel perseguidor e assassino de Cristo, Saulo de Tarso, distinguira claramente, mas em vão, o «CORPO», dádiva divina e boa, e a «CARNE», possuída pelo demônio e má, a ser queimada mil anos mais tarde, na fogueira, quando ele se tomou Paulo, o edificador da Igreja. A distinção estabelecida pelo Cristianismo primitivo entre o «corpo» e a *«carne»* anunciou a actual distinção orgonómica entre os impulsos «primários» inatos, dados pela natureza («Deus»), e os impulsos «secundários», perversos e maus («Demônio», «Pecado»). Assim, a humanidade sempre teve consciência, de algum modo, da sua desafortunada condição biológica, dos seus atributos naturais e da sua degeneração biológica. Na ideologia cristã, a oposição marcada entre «DEUS» (O corpo espiritualizado) e o «DEMÔNIO» (O corpo degenerado em carne) é van facto trágico perfeitamente conhecido e formulado. Para o homem actual, o abraço genital, «dádiva de Deus», deu lugar à noção pornográfica de foda, para designar a relação sexual entre o homem e a mulher.

O pecado original − um mistério

A vida é plástica; ela adapta-se − com ou sem protestos, com ou sem deformações, com ou sem revoltas − a todas as condições da existência. Essa plasticidade da Vida viva, que é um dos seus maiores trunfos, será também um dos seus grilhões, quando a Peste Emocional a utilizar para chegar aos seus fins. A mesma Vida surgirá de modo diferente ao manifestar-se no fundo dos oceanos ou no cume de uma alta montanha. É diferente na caverna sombria, e diferente ainda num vaso sanguíneo. Ela não era, no Jardim do Éden, a mesma que é na armadilha que apanhou a humanidade. No Jardim do Éden, a Vida não conhece armadilhas; ela vive simplesmente o paraíso, inocentemente, alegremente, sem noção de outro tipo de vida. Recusar-se-ia a ouvir o relato da vida na prisão; e se alguma vez tivesse ouvido, tê-lo-ia compreendido com o «cérebro» e não com o coração. A Vida no paraíso é perfeitamente adaptada às condições do paraíso.

Dentro da prisão, a Vida vive a vida das almas prisioneiras. Adapta-se rápida e completamente à Vida na prisão. Essa adaptação vai tão longe que, uma vez encerrada na prisão, só lhe fica na memória uma ligeira lembrança da vida no paraíso. A agitação, a pressa, o nervosismo, a lembrança de um sonho distante − mas de certa maneira

presente − serão considerados como naturais. A tranqüilidade da alma dos cativos não será perturbada pela idéia de que esses sentimentos possam ser sinais de uma vaga lembrança da Vida passada outrora no paraíso. A adaptação é completa. Ela atinge um grau que vai além dos limites da razão.

A Vida na prisão cedo se tornará auto-absorvente, como se supõe que aconteça na prisão. Assistiremos à formação de certos tipos de personagens peculiares à Vida na prisão, personagens que não teriam sentido se a Vida circulasse livremente pelo mundo. Esses tipos de caracteres moldados pela Vida contida na prisão diferirão grandemente entre si. Opor-se-ão e combaterão entre si. Cada um proclamará a seu modo a verdade absoluta. Terão em comum apenas UM traço: *unir-se-ão para matar quem ousar colocar a questão fundamental:* «COMO É QUE, EM NOME DE UM DEUS MISERICORDIOSO, PUDEMOS CHEGAR A ESTA SITUAÇÃO TERRÍVEL, A ESTE PESADELO DE PRISÃO???»

PORQUE É QUE O HOMEM PERDEU O PARAÍSO? O QUE PERDEU ELE, NA VERDADE, QUANDO FOI VÍTIMA DO PECADO?

O homem aprisionado produziu, ao longo de milênios, um grande livro, a BÍBLIA. É a história das suas lutas e angústias, das glórias e esperanças, dos seus anseios, sofrimentos e pecados no cativeiro. Esses temas foram pensados e escritos em muitas línguas, por muitos e diferentes povos. Alguns dos seus aspectos fundamentais encontram-se em fontes muito distantes umas das outras, na memória escrita ou não escrita do homem. Todos os relatos de um passado distante contam que as coisas foram bem diferentes, que noutros tempos o homem cedeu, de certa forma, ao demônio, ao pecado e à maldade.

As bíblias do mundo contam a história da luta do homem contra o pecado do homem.

A Bíblia fala muito da vida na prisão, mas pouco da *maneira pela qual o homem caiu na armadilha.* É evidente que a porta de saída da prisão é exactamente a mesma por onde o homem entrou, quando foi expulso do paraíso. Porque é que ninguém diz nada sobre isso, excepto em alguns parágrafos que representam um milionésimo da Bíblia, e numa linguagem velada, utilizada para esconder a significação das palavras?

A queda de Adão e Eva deveu-se, sem dúvida, a alguma transgressão das Leis de Deus na esfera *genital:*

> *Ora, Adão e sua mulher estavam nus e não se envergonhavam.*
>
> *(Génesis,* 2:25)

Este texto mostra que o homem e a mulher não tinham consciência nem vergonha da

sua nudez, e que esta era a vontade de *Deus* e a maneira de Viver. E que aconteceu? A Bíblia explica-nos:

> *Mas a serpente era o mais astuto de todos os animais da terra, que o Senhor Deus tinha feito. E ela disse à mulher: Porque vos mandou Deus que não comêsseis do fruto de todas as árvores do paraíso? Respondeu-lhe a mulher: Nós comemos do fruto das árvores que há no paraíso. Mas do fruto da árvore que está no meio do paraíso. Deus mandou que não comêssemos, nem o tocássemos, sob pena de morrermos. Mas a serpente disse à mulher: Bem podeis estar seguros que não haveis de morrer. Mas Deus sabe que, em qualquer dia que comerdes desse fruto, se abrirão vossos olhos, e vós sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal.*
>
> *A mulher, pois, vendo que o fruto daquela árvore era bom para comer, e formoso aos olhos e de aspecto agradável, tomou dele, e comeu; e deu a seu marido, que comeu do mesmo fruto. E abriram-se-lhes os olhos; e, vendo que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram delas cinturas.*
>
> *Como tivessem ouvido a voz do Senhor Deus, que andava pelo paraíso ao cair da tarde, Adão e Eva esconderam-se entre as árvores. E o Senhor Deus chamou por Adão, e disse-lhe: Onde estás? Respondeu-lhe Adão: Como ouvi a tua voz no paraíso, tive medo, pois estava nu, e escondi-me. Disse-lhe Deus: Como soubeste que estavas nu, senão porque comeste do fruto da árvore, de que eu tinha ordenado que não comesses? Respondeu Adão: A mulher, que tu me deste como companheira, deu-me desse fruto, e comi. E o Senhor Deus disse para a mulher: Porque fizeste isto? Respondeu ela: A serpente enganou-me e comi.*
>
> *E o Senhor Deus disse à serpente: Pois que assim o fizeste, serás maldita entre todos os animais e bestas da terra; andarás de rastos sobre o teu ventre e comerás terra todos os dias da tua vida. Porei inimizades entre ti e a mulher; entre a tua posteridade e a dela. Ela te pisará a cabeça e tu procurarás mordê-la no calcanhar.*
>
> *Disse também à mulher: Multiplicarei os trabalhos do teu parto. Tu parirás os teus filhos em dor, e estarás debaixo do poder do teu marido, e ele te dominará. A Adão disse: Pois que tu deste ouvidos à voz da tua mulher, e comeste do fruto da árvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses, a terra será maldita por causa da tua obra; tirarás dela o teu sustento à força de trabalhos penosos. Ela te produzirá espinhos e abrolhos e tu comerás as ervas da terra. Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que tornes à terra, de que foste formado; porque tu és pó, e*

em pó te hás-de tomar. E Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, porque ela havia de ser mãe de todos os viventes.

Fez também o Senhor Deus a Adão, e a sua mulher, túnicas de peles, e os vestiu. E disse: Eis aqui Adão como um de nós, conhecendo o bem e o mal; agora, para que não suceda que ele lance a mão, e tome do fruto da árvore da vida, e coma dele, e viva eternamente, o Senhor Deus expulsou-o do paraíso das delícias para que cultivasse a terra, de que tinha sido formado. E depois de o ter expulso do paraíso, pôs diante deste lugar de delicias um. querubim com uma espada cintilante, para guardar o caminho da árvore da vida.

(Génesis, 3:1-24)

Havia então no paraíso uma serpente «que era o mais astuto de todos os animais que Deus havia criado». O comentador cristão não vê na serpente, na sua forma paradisíaca, um réptil que desliza pelo chão. No começo, a serpente era «a mais subtil e a mais bela de todas as criaturas». E apesar da maldição, conservou traços dessa beleza. Cada movimento da serpente é gracioso e muitas espécies destacam-se pela beleza das cores. Na serpente, Satã apareceu primeiro como um anjo de luz. A serpente é então o símbolo da Vida, o fálus masculino.

E de repente, vinda não se sabe de onde, a catástrofe aparece. Ninguém sabe, nem soube ou jamais saberá como é que o acontecimento se deu: a mais bela serpente, o «Anjo da Luz», a «mais subtil das criaturas», «inferior ao homem», é maldita e torna-se «na demonstração feita por Deus na natureza dos efeitos do pecado»: transforma-se de «a mais bela e mais subtil das criaturas num réptil repugnante».

E, como se um conselho se tivesse reunido especialmente para esconder o acontecimento mais dramático, mais diabólico, mais desastroso de toda a história da raça humana, para o subtrair para sempre à compreensão da inteligência ou do coração − a catástrofe toma-se misteriosa e intocável; ela é parte integrante do grande mistério do cativeiro do homem; ela detém sem dúvida a solução deste enigma: porque é que o homem se recusa a deixar a sua prisão saindo simplesmente pela porta por onde entrou? O exegeta da Bíblia observa a este respeito: «O mistério mais profundo da redenção está inserido aqui», quer dizer, na transformação da serpente da «mais bela e mais subtil das criaturas num réptil repugnante».

E porquê tudo isto? Escutemos.

Havia no Jardim do Éden uma árvore peculiar, e Deus disse ao homem: «Não comerás de todas as árvores do jardim.»

A mulher respondeu à serpente: Nós comemos do fruto das árvores que M no paraíso. Mas do fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus mandou que não comêssemos, nem o tocássemos, sob pena de morrermos.

(Génesis, 3:2,3)

Conseguiu alguém, ao longo destes seis milênios, elucidar o mistério desta árvore? Não. E porquê? Esse mistério é parte do mistério do cativeiro do homem. A solução do mistério da árvore proibida forneceria, sem dúvida, uma indicação da entrada da prisão, que, usada em sentido inverso, poderia também servir de *saída.* Ora, nunca ninguém tentou esclarecer o enigma da árvore proibida; durante milênios, todos os prisioneiros se ocuparam em *escolasticizar*, *talmudizar*, exorcizar, servindo-se de milhões de livras e de miríades de palavras com o único fim de *impedir a solução do enigma da árvore proibida.*

A serpente, ainda bela e subtil, conhecia melhor as coisas: «Mas a serpente disse à mulher: Bem podeis estar seguros de que não haveis de morrer. Mas Deus sabe que, no dia em que comerdes desse fruto, abrir-se-ão os vossos olhos, e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal.»

Foi então esta bela serpente que provocou a queda do homem; mas que significa tudo isto à luz do bom senso?

Se o homem, vivendo feliz no paraíso segundo a vontade de Deus, come de uma certa árvore, ele será como Deus, e os seus olhos abrir-se-ão e «ele conhecerá o bem e o mal». *Para começar, como é possível que uma árvore tão diabólica possa existir no jardim de Deus?*

E por que razão, ao comer o fruto do *conhecimento* que o faz um ser igual a Deus, deve alguém *perder* o paraíso? A Bíblia, tanto quanto eu sei, não o diz. E pode-se duvidar que alguém já tenha colocado a questão. O relato parece desprovido de sentido: se a árvore em questão é a árvore do conhecimento, permitindo ver a diferença entre o bem e o mal, que mal há em comer os seus frutos? Se alguém comer os seus frutos, estará *mais* e não menos apto a seguir os caminhos de Deus. Ainda não se vê o sentido disto tudo.

Ou é proibido conhecer Deus e assemelhar-se a Deus, o que quer dizer, *viver* segundo a sua vontade, mesmo no paraíso?

Ou será que tudo isto é produto da imaginação do homem cativo, lembrando-se vagamente de uma vida passada, fora da prisão? Isto não tem sentido. O homem, através dos séculos, nunca deixou de ser atormentado pelo desejo de conhecer Deus, de

trilhar os caminhos de Deus, de viver o amor e a vida de Deus; e quando ele começa a fazê-lo seriamente comendo da árvore do conhecimento, é punido, expulso do paraíso e condenado ao sofrimento eterno. Tudo isto não tem sentido e lamentamos que nenhum representante de Deus na Terra tenha levantado a questão ou ousado pensar nessa direcção.

> *A mulher, pois, vendo que o fruto daquela árvore era bom para comer, e formoso aos olhos e de aspecto agradável, tomou dele, e comeu; e deu a seu marido, que comeu do mesmo fruto. E abrira-se-lhes os olhos; e, vendo que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram delas cinturas.*
>
> *(Génesis,* 3:6,7)

Quando o homem se viu assim preso pela primeira vez, a confusão tomou conta do seu espírito. Não compreendeu porque estava cativo. Teve a impressão de ter feito algo errado, mas não sabia *que* erro havia cometido. Não tinha vergonha da sua nudez e de repente teve vergonha dos seus órgãos genitais. Havia comido da árvore do «conhecimento» proibido, o que quer dizer, em linguagem bíblica, que ele havia «conhecido» Eva, que *a tinha abraçado genitalmente.* Eis porque Deus o havia expulso do Jardim do éden. A mais bela serpente de Deus, que lhe pertencia em exclusivo, tinha-os seduzido; o símbolo da Vida vibrante e viva e do órgão sexual masculino havia-os seduzido.

Um grande abismo de pensamento separa esta vida da vida cativa. Para se adaptar à vida na prisão, a Vida foi obrigada a desenvolver novas formas e novos meios de existência; formas e meios desnecessários no Jardim do Éden, mas indispensáveis na prisão.

A massa humana, silenciosa, dolorida, perdida nos seus sonhos e nos seus trabalhos penosos, afastada da Vida de Deus, oferecia um terreno propício aos padres e aos profetas que lutam contra os padres; aos reis e aos rebeldes que lutam contra os reis; aos curandeiros da miséria humana dentro da prisão, a toda a corte de charlatães e de «sumidades» médicas, de taumaturgos e de ocultistas. Com os imperadores, vieram os vendedores ambulantes da liberdade; com os organizadores da humanidade cativa nasceram os prostitutos da política, os Barrabases, a canalha dissimulada de oportunistas; Pecado e Crime contra a lei, e os juizes do Pecado e do Crime e seus carrascos; a supressão das liberdades incompatíveis com a vida na prisão e as Associações para as Liberdades Civis na prisão. Além disso, a partir desse pântano formaram-se grandes corporações políticas chamadas «partidos», alguns dos quais

defendem o que chamaram *statu quo* na prisão, os chamados «conservadores» (que se esforçaram por manter as leis e os regulamentos que tornavam possível a vida na prisão) e, opondo-se-lhes, os chamados «progressistas», que combateram, sofreram e morreram nas galeras por terem preconizado mais liberdade na prisão. Aqui e ali, os progressistas conseguiram destituir os conservadores e começaram a estabelecer «Liberdade da Prisão» ou «PÃO E LIBERDADE na Prisão». Mas como ninguém podia *«dar»* ao imenso rebanho humano o pão e a liberdade, pois era preciso *trabalhar duro para os obter*, os progressistas rapidamente se transformaram em conservadores para manter a ordem e a legalidade, como os conservadores haviam feito antes deles. Mais tarde, um novo partido propôs-se permitir que as *massas* humanas sofredoras dirigissem as suas próprias Vidas, em lugar de obedecer aos reis, aos padres ou aos duques. Esse novo partido fez grandes esforços para agitar as massas e encorajá-las a agir, mas, exceptuando alguns assassinatos e a destruição de algumas mansões de ricos, as mudanças foram mínimas. As massas humanas repetiam o que lhes tinha sido ensinado durante milênios, e tudo ficou como antes; a miséria agravou-se quando um partido, particularmente esperto, prometeu a todos a «LIBERDADE DO POVO NA PRISÃO», espalhando-se por toda a parte, recorrendo a todos os *slogans* velhos e ultrapassados, utilizados outrora pelos reis, pelos duques e pelos tiranos. O partido da liberdade *do povo* teve, no início, um franco sucesso, até que as suas verdadeiras intenções foram conhecidas. O seu *slogan* da liberdade «DO POVO» na prisão, liberdade considerada como sendo diferente das outras liberdades na prisão, o emprego dos velhos métodos dos antigos reis, não deixaram de impressionar as pessoas, pois os chefes desse partido, eles mesmos saídos do rebanho dos cativos, transformaram-se em vendedores da liberdade e, assim que puderam estabelecer o seu poder sobre um pequeno território, espantaram-se ao descobrir como era fácil apertar alguns botões e ver a polícia, os exércitos, diplomatas, juizes, cientistas académicos, representantes das potências estrangeiras agirem de acordo com as ordens de simples botões. Os pequenos vendedores da liberdade gostaram tanto desse jogo de exercer o poder apertando botões que esqueceram a «LIBERDADE DO POVO NA PRISÃO» e passaram a divertir-se apertando botões sempre que podiam, nos palácios dos antigos dirigentes que eles haviam massacrado. A embriaguez do poder tomou conta deles enquanto apertavam os botões do vasto painel de comando. Mas não ficaram muito tempo, e foram substituídos por homens experientes no comando dos botões, bravos conservadores que guardavam, no fundo das suas almas, um pouco de decência e rectidão, reminiscencia longínqua do paraíso.

Todos se combatiam e altercavam uns com os outros, empurrando-se e matando os

seus adversários de maneira legal ou ilegal; enfim, davam uma idéia precisa do Pecado da humanidade e do cumprimento da maldição do Jardim do Éden. A massa humana prisioneira não tomou parte activa no massacre da Vida pestilenta na Prisão. Somente alguns milhares dentre os dois biliões de almas humanas tomaram parte no tumulto. Os outros contentavam-se em sofrer, em sonhar, em esperar... o QUÊ? O redentor ou um acontecimento inédito capaz de os libertar; a libertação das suas almas da prisão chamada corpo; a reunião com a grande alma cósmica ou o inferno. Sonhar, sofrer, esperar foram as ocupações principais do vasto rebanho humano que evoluía longe de toda a agitação política. Muitos morreram nas grandes guerras da prisão, e os inimigos mudavam de ano para ano, como os caixas dos bancos. Pouco importava, o sofrimento era o mesmo. A massa humana sofredora esperava durante esse tempo a sua libertação desta vida de pecado, e os poucos agitadores de nada valiam, do ponto de vista da Vida ou de «Deus» no Universo.

E a Vida de Deus surgia em biliões de crianças nascidas na prisão, mas era logo extinta pelos prisioneiros que não reconheciam a Vida de Deus nos seus filhos, ou ficavam mortalmente apavorados ao perceber a Vida simples, viva, decente, ingênua. E assim o homem perpetuou o seu cativeiro. As crianças, se tivessem sido abandonadas à sua própria sorte, tal como Deus as criou, teriam, sem dúvida, encontrado a saída da prisão. Mas não se permitiu que isso acontecesse. Isso era mesmo estritamente proibido durante o período da liberdade «DO POVO» na prisão. Era preciso mostrar-se leal para com a *prisão* e não para com os bebés, sob pena de ser punido de morte pelo «Grande Chefe e Amigo de Todos os Prisioneiros».

Capítulo II

O REINO DOS CÉUS NA TERRA

O mito de Jesus Cristo mostra as qualidades de «Deus», ou melhor, da Energia Vital inata e dada pela natureza de uma maneira quase perfeita. O que *não* se sabe ou não se reconhece é que o Mal, o *Diabo, é um Deus pervertido, resultado da* SUPRESSÃO *de tudo o que é divino.* Esta falta de conhecimento é uma das causas profundas da tragédia humana.

No Orgonomic Infant Research Center, vimos essas características «divinas» naturais nas crianças pequenas, características essas que têm sido consideradas, até agora, como o objective idealizado e inacessível de toda a religião e de toda a moral. Da mesma maneira, todas as religiões que nasceram nas grandes sociedades asiáticas descreveram sempre o animal humano como essencialmente mau, pecador, ruim; todos os filósofos de inspiração religiosa visaram um único objectivo através de toda a história da humanidade: todos procuram o meio de penetrar nas trevas, de descobrir a origem do Mal e um remédio contra a Maldade do homem. Os esforços e os pensamentos filosóficos sempre tenderam, basicamente, a esclarecer o enigma do Mal e a aboli-lo.

Como pode o Mal provir da criação de Deus? Em qualquer criança recém-nascida, Deus está presente para sentir, ver, amar, proteger, desenvolver. E, até hoje, em cada criança recém-nascida. Deus é reprimido, contido, abolido, sufocado, odiado. Este é apenas um dos aspectos do crónico Assassinato de Cristo. O *Pecado, (o Mal) é uma criação do próprio homem.* Isto ficou sempre escondido,

O Reino de Deus está *dentro* de nós. Ele nasceu connosco. Mas estamos em falta com Deus, como nos dizem todas as religiões. Nós não o reconhecemos, traímo-lo, somos desleais para com ele, somos pecadores enquanto não regressarmos a Deus. Durante esse tempo estamos" expostos às tentações do Diabo e devemos rezar para resistir à tentação. Como é possível que o homem não veja Deus *à* sua frente?

As características do sistema vital orgonótico funcionando livremente e a observação de crianças que crescem livres nos seus direitos naturais confirmam a suspeita de que uma verdade básica foi revestida de religiosidade mistificada. Sublinhamos que o nosso propósito não é explicar a crença religiosa ou preconizar uma vida religiosa. O que principalmente nos interessa é saber até que ponto o Homem teve conhecimento, ao longo dos séculos, da verdade biológica, e até que ponto foi capaz de

a encarar, tendo em conta o seu medo e o seu ódio à vida. Cristo representa esse conhecimento do homem. Por isso ele deve *morrer*.

Do passado emergirão as Crianças do Futuro. A rapidez e a eficácia da mudança dependerão, em larga escala, de quanto pôde ser salvo da antecipação de um futuro melhor nos sonhos da humanidade e de quanto foi distorcido durante o conflito entre o Diabo e a moral. Se esta orientação fundamental não for seguida, todo o esforço pedagógico está destinado ao fracasso. Se queremos descobrir o homem, é preciso tomar consciência da tendência de todo o homem couraçado: o *ódio ao Vivo*:

Jesus sabia que as crianças possuíam «ALGO». Amava as crianças e ele próprio se assemelhava a uma delas. Era sábio, mas ingênuo; confiante, mas prudente; transbordante de amor e gentileza, mas sabia ser duro; era forte e, apesar disso, doce, como será a criança do futuro. Não se trata de uma visão idealizada. Temos plena consciência de que a menor idealização dessas crianças equivaleria a ver a realidade através de um espelho onde ela não poderia ser apreendida.

Ser semelhante a Deus não é ser simplesmente vingativo e severo, nem ser simplesmente bom e indulgente, dando sempre a outra face ao inimigo. Ser semelhante a Deus é conhecer *todas* as expressões da vida. As emoções orgonóticas são benevolentes e doces quando a benevolência e a doçura se impõem. São duras e rudes quando a Vida é traída ou ofendida. A Vida é capaz de acessos de cólera, como Cristo demonstrou expulsando os mercadores do templo de Deus. *Ela não condena o corpo,* ela compreende até a prostituta e a mulher que é infiel ao seu marido. Ela não persegue nem condena a prostituta e a mulher adúltera. Quando fala de «adultério», a palavra não tem o mesmo significado que tem na boca dos animais humanos, sedentos de sexualidade, maus, endurecidos, estereotipados, que encontramos nalgumas cidades superpovoadas.

Deus é Vida. O seu símbolo na religião cristã, Jesus Cristo, é uma criatura de intensa irradiação. Ele atrai as pessoas, que se agrupam em torno dele e o amam. Este amor é, na realidade, sede de amor; transforma-se rapidamente em ódio quando não é gratificado.

As criaturas que irradiam vida nasceram para dirigir os povos. São líderes sem esforço, sem se proclamarem líderes do povo, como o fazem os líderes da peste emocional.

As crianças irradiantes de felicidade são também líderes natos para as outras crianças. Estas agrupam-se em tomo daquelas, amam-nas, admiram-nas, buscam os seus elogios e conselhos. Esta relação entre líder e seguidores desenvolve-se espontaneamente durante as conversas e as brincadeiras. A criança do futuro é gentil,

amável, natural e alegremente generosa. Os seus movimentos são harmoniosos, a sua voz melodiosa. Os seus olhos brilham com uma luz doce e lançam um olhar profundo e calmo sobre o mundo. O seu contacto é suave. Quem é tocado passa a irradiar a sua própria energia vital. Este é o «poder curativo» de Jesus Cristo, tão mal interpretado. A maioria das pessoas, incluindo as criancinhas couraçadas, são frias e têm a pele húmida, o seu campo energético é pequeno, não irradiam, não comunicam nenhuma força aos outros. Elas próprias têm necessidade de energia e sugam-na onde a encontram. Bebem a energia e a beleza irradiante de Cristo, como o homem a morrer de sede vai beber ao poço.

Cristo dá livremente. Pode dar de mãos abertas, pois o seu poder de absorver a energia vital do universo é ilimitado. Cristo não pensa estar a fazer demasiado ao dar a sua força aos outros. Fá-lo com satisfação. Mais ainda, tem necessidade de se dar assim; ele transborda energia. Nada perde ao dar generosamente aos outros. Pelo contrário, é dando aos outros que ele aumenta a sua força e riqueza. Não dá apenas pelo prazer de dar; floresce com as suas doações, pois a sua generosidade acelera o metabolismo das suas energias; quanto mais esbanja a sua força e o seu amor, mais força obtém do universo; quanto mais intenso o seu contacto com a natureza que o cerca, mais aguda é a sua percepção de Deus e da Natureza, dos pássaros e das flores, do ar e dos animais, dos quais está próximo, apreendendo-os com o seu Primeiro Sentido orgonótico; seguro nas suas reacções, harmónico na sua auto-regulação e independente de todos os «deves» e «não deves» obsoletos. Ele não se apercebe de que outros «deves» e «não deves» surgirão mais tarde, da maneira mais trágica, e assassinarão Cristo em cada criança.

O «poder curativo» de Cristo, que os homens couraçados mais tarde deformaram, transformando-o em mediocridade interesseira, *é*, na realidade, um atributo *perfeitamente compreensível e facilmente observável* em todos os homens e mulheres naturalmente dotados das qualidades de líder. Os seus poderosos campos orgono-energéticos são capazes de estimular os sistemas energéticos inertes e «mortos» dos miseráveis e dos «infelizes». Esse estímulo do sistema vital exaurido é sentido como um relaxamento da tensão e da angústia, relaxamento esse devido à dilatação do sistema nervoso, que se traduz por uma faísca de amor verdadeiro num organismo cheio de ódio. A excitação da bioenergia no ser fraco é capaz de dilatar os seus vasos sanguíneos, de irrigar melhor os tecidos, de acelerar a cura das feridas, de contrariar os efeitos parausantes e degeneradores da energia vital estagnada.

O próprio Cristo não se preocupava com os seus dons de curador. Nenhum grande médico se vangloria de saber curar. Nenhuma criança saudável tem consciência do seu poder de redenção. É a função da vida que age neles. Ela faz parte da expressão vital de

Cristo nas crianças, no autêntico médico, no próprio Deus. Cristo vai ao extremo de proibir os seus místicos adeptos e pasmados admiradores de revelarem aos outros o seu poder de curar. Alguns historiadores do Cristianismo, mal informados, interpretarão essa atitude de Cristo como uma «retirada diante dos inimigos» ou «medo de ser acusado de bruxaria». Na realidade, esta questão nada tem a ver com inimigos ou bruxaria, embora Cristo também seja mais tarde atacado pela peste, pelas mesmas razões. A verdade é que ele não presta muita atenção aos seus poderes curativos. Eles fazem parte integrante do seu ser, a ponto de não lhe suscitarem mais interesse ou orgulho do que a sua maneira de andar, de amar, de comer, de pensar ou de dar. Esta é uma das características básicas do CARÁCTER GENITAL.

Cristo disse aos seus companheiros: O Reino dos Céus está em vós. Está também para além de vós, em toda a eternidade. Se tomardes consciência disto, se viverdes conforme as suas leis e objectives, sentiréis Deus e *conhecê-lo-eis.* ESTA é a vossa redenção, *este é* o vosso salvador.

Mas eles não compreendem Cristo. De que fala ele? Onde estão os «sinais»? Porque não lhes diz se é ou não o Messias? Ele *é* o Messias? Deve prová-lo, fazendo milagres. Ele não fala. Ele próprio é um mistério. É preciso que se faça luz sobre ele, que o véu do seu segredo seja levantado.

Cristo não *é* um mistério. Se ele nada disse, foi porque nada tinha a dizer que pudesse satisfazer-lhes as aspirações místicas. Cristo É. Ele vive a sua vida. Ele não tem consciência de que é tão diferente de todos os outros.

Para Cristo, que é natureza, a Natureza e Deus são uma só coisa. As crianças sabem isso, disse ele aos seus amigos. E crê que todos são Crianças em Deus. Para ele. Deus *é* Crescimento e Crescimento é Deus.

Mesmo assim, eles não entendem aquilo de que Cristo lhes fala. Para eles. Deus é um pai barbudo, colérico, vingativo. Por isso. Cristo parece falar-lhes por parábolas veladas. Para eles. Deus *faz* o crescimento. E eles não se sentem crianças em Deus, mas os servos de um Deus raivoso. Para eles, a Natureza foi criada por Deus em sete dias a partir do nada. Como pode, então. Deus ser a Natureza?

Cristo não ignora a moral inata e a sociabilidade natural da vida. Nos seus sermões, ele evoca a bondade inerente aos pobres e aos infelizes. Os pobres assemelham-se às crianças. A fé é força. A fé pode mover montanhas. A fé dá energia. A f*é é* o sentimento de Deus, ou da Vida, em nós. Ela é confiança em si, energia, dinamismo.

Eles não entendem aquilo de que Cristo lhes fala. Estão tristemente privados da sua própria natureza. É preciso ameaçá-los para que observem as leis da moralidade e da sociabilidade. Eles perderam o Reino de Deus e guardam com eles a nostalgia do

paraíso. Imaginam o paraíso como uma terra em que não é obrigatório trabalhar para criar abelhas que dêem mel. Ali o mel corre em grandes rios, sem que ninguém precise de mover um dedo. O leite também é obtido, claro, sem o menor esforço. Ele também corre nos rios.

Se é verdade que Deus se preocupa com cada criatura do universo, por que razão não tomaria conta delas no paraíso? Então, nada de trabalho, nada de esforços, nada de preocupações: apenas o leite e o mel a correr nos rios. E o maná também cairia do céu sobre a terra. Bastaria abaixar-se, apanhá-lo e pô-lo na boca. Mas acontece que o maná não cai do céu, e que é necessário trabalhar muito para obter leite e mel. E é assim porque Deus ainda não enviou o seu Messias para as redimir. Moisés já tinha prometido aos seus uma terra onde teriam leite e mel em abundância. Mas foi um sonho que acabou por se transformar em pesadelo com a ocupação romana, as taxas, a escravidão, as perseguições. No entanto, o Messias está a chegar. Cristo é tão diferente deles. Ele tem uma linguagem e vive uma vida que não compreendem. Isso confirma a sua opinião de que ele é o Messias que veio para os salvar. As pessoas temem e admiram o que não compreendem. Sentem-se felizes quando estão perto dele. As crianças amam-no e cercam-no como se ele fosse Deus em pessoa. Naquela época, ainda não se adquirira o hábito de mandar crianças vestidas de branco entregar flores aos homens de Estado. Esse hábito foi instituído cerca de dois mil anos mais tarde.

Cristo não percebe muito bem o que lhe está a acontecer. Ele não se revela, porque nada tem a revelar. Ele apenas vive à sua maneira. E como vê e sente quanto eles são infelizes e diferentes dele, tenta ajudá-los. Tenta inculcar-lhes os seus próprios sentimentos de simplicidade, de franqueza, de intimidade com a natureza. *Ele ama as mulheres;* rodeia-se de mulheres, assim como de homens, vive o seu corpo «no corpo», como. Deus o criou. Não vive a sua carne, mas o seu corpo. O sentimento vivo que ele tem de Deus *é* muito diferente do que têm os escribas e os talmujistas. Estes perderam Deus dentro de si, e procuram Deus com sofreguidão, interrogam Deus nas suas preces, implorando Àquele-que-nunca-conheceram que Se lhes revele. São obrigados a *pregar* a fé porque não têm fé. São obrigados a *pregar* a obediência às leis de Deus, porque os homens já não se assemelham a Deus. Deus é para eles um estranho colérico e duro. Outrora Ele castigou-os, expulsando-os do paraíso. Depois colocou um anjo na entrada, com uma espada de fogo. Eles tornaram-se vítimas do demônio.

O Demônio é a doença, a luxuria da carne, a avidez, o assassinato, a deslealdade para com os semelhantes, a farsa, a mentira, a caça ao dinheiro. Eles perderam Deus e já não o conhecem. Durante séculos, muitos profetas exortaram-nos a regressar a Deus, mas ninguém ousou reconhecer Deus tal como ele vive e age no homem. A carne

suplantou completamente o corpo. Mesmo os recém-nascidos já não se assemelhavam a Deus, mas saíam pálidos, doentes e infelizes do ventre materno contraído, frio e murcho.

Evidentemente, Deus continuava neles; mas encontrava-se oculto e deformado, a ponto de ninguém o reconhecer. O sentimento de Deus habitando neles estava intimamente ligado a um sentimento de angústia. De certo modo impunha-se a convicção de que não se devia conhecer Deus, apesar de a Lei ordenar que seja reconhecido e que se viva segundo a Sua vontade. Como se pode viver segundo a vontade de alguém que se não conhece e que jamais se conhecerá? Ninguém lhes diz. Ninguém lhes *pode* dizer. Tudo o que se relaciona com Deus é transportado para um futuro longínquo, para uma grande e terrível esperança, para uma miragem em direcção à qual os homens estendem desesperadamente os braços. E, entretanto. Deus encontra-se no fundo deles, inacessível, protegido do seu contacto pelo medo e pela angústia. Um anjo assustador protege os anjos contra eles próprios.

Cristo sabe que os homens são infelizes, mas não sabe exactamente como, pois é diferente deles e não conhece a infelicidade. Acredita que os homens são feitos como ele. Não é irmão deles? Não cresceu no meio deles? Não brincou com eles, em criança, partilhando as alegrias e as tristezas? Sendo assim, como podia ele saber que era tão diferente? Se tivesse tido consciência disso, ter-se-ia isolado, separado dos outros, teria procurado a solidão, não teria partilhado com as outras crianças as suas alegrias e tristezas infantis.

No entanto. Cristo era tão diferente de todos os outros que só a ausência flagrante neles das coisas que ele possuía em abundância poderia revelar a diferença.

Cristo não se julgava santo. Ele simplesmente vivia o que os seus companheiros pensavam ser a vida de um santo. Uma flor vive «como se» fosse uma flor? Um veado, «como se» fosse um veado? Uma flor ou um veado andam por aí a dizer «sou uma flor» ou «sou um veado»? Eles são como são. Vivem a vida. Preenchem uma função. Existem, sendo de maneira ininterrupta a realidade que representam, sem pensar nela ou fazer perguntas. Se alguém resolvesse dizer a uma flor ou a um veado: «Escuta, tu és maravilhosa, és uma flor (um veado)», eles olhariam para o seu interlocutor com surpresa. «Que está a dizer? Não compreendo. *Evidentemente* que sou uma flor (um veado). Que queria que eu fosse?»

E os admiradores místicos não compreenderiam o que o veado e a flor tinham tentado dizer-lhes. Ficariam mudos de admiração diante do milagre. *Gostariam de ser* como a flor ou o veado. E, finalmente, colheriam a flor e matariam o veado. Este é o desenlace inevitável, dado o estado das coisas.

Eles amam Jesus porque ele é o que *eles não* são e nunca poderão ser. Tentam imbuir-se da sua força, da sua simplicidade, da sua beleza espontânea. Mas não conseguem. Não podem assemelhar-se a ele, nem absorvê-lo. Para se sentirem melhor, mais fortes, mais sábios, diferentes do que são, bastaria que olhassem para ele, escutassem o que ele diz, que dessem ouvidos à simples e estranha verdade que sai da sua boca e vai directamente, sem nunca errar, ao alvo. Cristo não erra o alvo porque mantém um contacto perfeito com o que se passa à sua volta. Ele pode ver o que eles não vêem porque está aberto para ver. Ele contempla uma paisagem e apercebe-se da unidade que ali reina. Ele não vê, como eles, árvores isoladas, montanhas isoladas, lagos isolados. Ele vê árvores, lagos e montanhas como são na realidade: elementos integrados de um fluxo total e unitário de ocorrências cósmicas. Ele vê, ouve e toca todas as coisas com a totalidade do seu ser, derramando nelas as suas energias vitais, e recebendo das árvores, flores e montanhas a mesma energia, mas centuplicada. Ele não retém a sua força nem se apega a ela. Dá generosamente, sem nunca perguntar se, ao agir assim, se empobrece. Ele não se empobrece, antes se enriquece ao dar. A Vida devolve em metabolismos ricamente transbordantes o que recebe. Receber e dar nunca são actos de sentido único. É sempre uma troca, um vai e vera.

Uma vez mais, eles não sabem do que Cristo lhes fala. Para eles, dar é empobrecer-se. Perceber é juntar forças, encher o vazio, preencher um abismo no mais profundo do ser. Eles só podem receber, não podem dar. Quem dá é, aos olhos deles, um louco ou um bom fruto para ser espremido, para ser explorado. Assim desencorajam muitos seres generosos, condenam à solidão muitas almas bondosas. E o mundo fica cada vez mais pobre.

Cristo, que ama o povo, vive sozinho. Aqueles que se detestam, assim como detestam todos os outros, vivem solitários e abandonados no meio da multidão. Têm medo uns dos outros. Dão palmadinhas nas costas uns dos outros e fazem sorrisos grotescos que lhes parecem amáveis. São obrigados a representar uma comédia, com medo de se degolarem uns aos outros. E sabem que todos se estão a enganar uns aos outros. Reúnem-se em congressos, como há dois mil anos, para conseguir a «paz definitiva», mas sabem muito bem que se estão a enganar uns aos outros com subterfúgios e formalismos. Ninguém diz o que realmente pensa. Cristo, ele sim, diz o que pensa. Ele não é formal, não finge, nem faz esforço para não fingir. Simplesmente não finge. As vezes cala-se, mas ignora a mentira deliberada e maldosa. Quanto aos outros, não dizem a verdade, pela simples razão de que a verdade não pode ser dita; neles, o órgão que faz dizer a verdade morreu dentro deles quando perderam a corrente da Vida e do viver sincero.

Assim, honram a verdade e vivem na mentira. A verdade está indissoluvelmente ligada às correntes da Vida no organismo e na sua percepção. A vida não é verdadeira porque deve ser ou porque foi feita para ser verdadeira; porém, em cada um dos seus movimentos está expressa a verdade. A expressão do corpo é incapaz de mentira. Poderemos ler a verdade se soubermos ler a linguagem expressiva dos movimentos do rosto ou do modo de andar de cada homem. O corpo diz a verdade, mesmo que tenha de dizer que mente habitualmente e que esconde as suas mentiras sob um verniz de atitudes dúbias. Assim, a Vida «interpreta os sinais» como os Homens julgaram que Cristo era incapaz de interpretar. No entanto, em certos contextos em que a própria existência da raça está em jogo, também acontece que a verdade não possa ser expressa, permanecendo escondida.

O macaco que existe no homem manifesta-se raramente. Isso também se aplica às origens do homem, a partir do funcionamento da segmentação vermicular dos seres vivos. Embora a história de um acontecimento esteja sempre de algum modo presente no instante em que o consideramos, é necessário ter conhecimentos de anatomia e fisiologia para compreender bem certas verdades que ultrapassam as possibilidades comuns dos homens. O significado cósmico que os homens atribuíram a Cristo, numa óptica mística, residia na expressão verídica da Vida, na completa coordenação do corpo e das emoções, no imediatismo do seu contacto com as coisas. Assim, colocava-se para além das possibilidades do homem que, com a sua couraça, se acha confinado num domínio estritamente «humano». É essa couraça que envolve o homem no mundo dos problemas estritamente humanos que o impede de alcançar o universo, de compreender a vida à sua volta e nas suas crianças recém-nascidas, de desenvolver a sua sociedade de acordo com um saber que ultrapassa a sua própria biologia. Encerrado num estreito espaço, ele *é* obrigado a desenvolver sonhos e utopias que nunca entrarão no domínio do possível.

Ora, todas as experiências humanas se fazem a partir *de dentro* do espaço estreito em que o homem está confinado, e ele será incapaz de julgar a sua existência a não ser opondo a sua miserável realidade a alguma realidade transcendente de ordem mística. Ele será incapaz de mudar a primeira e discernir a verdadeira natureza da segunda. A vida, que se desenrola fora do seu espaço estreito, parecer-lhe-á inevitavelmente incompreensível e inacessível.

A exploração das estruturas profundas do homem pela análise do carácter mostrou que são os seus problemas genitais, que é a sua impotência orgástica, que o atiram para a sua estreita prisão. Então é perfeitamente lógico que não haja nada que ele persiga e reprove com mais ardor, que ele mais deteste, do que os aspectos bons da potência

orgástica, quer dizer, a Vida ou o Cristo, ou seja, a sua própria origem cósmica e potencialidades actuáis. A primeira, ele interpreta-a, erradamente, mas com uma coerência inexorável, como uma simples foda desprovida de amor, as segundas são transferidas para sempre para o domínio dos sonhos irrealizáveis.

Desta confusão sem remédio deriva o Assassinato de Cristo. O caminho que leva ao assassinato final é longo; as formas que ele toma são muitas; no entanto, até este século XX, o assassinato acabou por nunca deixar de ocorrer. Uma das suas características fundamentais é o facto de ter permanecido tão secreto e tão inacessível.

O núcleo bioenergético da vida e o seu sentido cósmico exprimem-se na função do orgasmo, isto é, na convulsão involuntária de todo o organismo vivo durante o abraço do macho e da fêmea, com o fim de comunicar reciprocamente as suas cargas bioenergéticas. Se não houvesse outros meios de identificar a função da Vida com a função do orgasmo, deduzir-se-ia da identidade dos seus destinos ao longo da história escrita da espécie humana. E entre as características mais típicas e menos aceitáveis do homem couraçado estão a incompreensão, a perseguição e a desaprovação das suas manifestações, a transformação mística da consciência que tem da sua importância, o terror que inspira a perspectiva de um estreito contacto *com* a Vida e o orgasmo.

A comparação sistemática do comportamento da Vida com o da Vida couraçada durante o abraço genital permitirá, melhor do que qualquer outra coisa, uma boa compreensão do ódio e do consecutivo assassinato de Cristo. Cristo descreveu o Reino dos Céus numa parábola, cuja profunda significação biológica não poderia escapar a quem se interessa pela profundidade da bioenergia humana:

> *Então o reino dos céus será comparado a dez virgens que, tomando suas lâmpadas, saíram a receber o esposo e a esposa. Mas cinco de entre elas eram. loucas, e cinco prudentes. E quando as cinco que eram loucas tomaram as lâmpadas, não levaram consigo azeite; as prudentes, porém, levaram azeite nos seus vasos juntamente com as lâmpadas. E, tardando o esposo, começaram a sentir-se sonolentas, e assim vieram a dormir. E à meia-noite ouviu-se um grito: «Eis ai o esposo, saí a recebê-lo.» Então levantaram-se todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. E disseram as loucas* às *prudentes: «Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.» Responderam as prudentes, dizendo: «Para que não suceda talvez faltar-nos ele a nós, e a vós, ide antes aos que vendem, e comprai para vós.» Mas, enquanto elas foram a comprá-lo, veio o esposo; e as que estavam preparadas entraram com ele a celebrar as bodas, e fechou-se a porta. E por fim vieram também as outras virgens, dizendo: «Senhor,*

Senhor, abre-nos!» Mas ele, respondendo, disse: «Na verdade vos digo que vos não conheço.» Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.

(Mateus, 25:1-13)

Capítulo III

O ABRAÇO GENITAL

O desejo de se fundir com outro organismo no abraço genital é tão forte no organismo couraçado como no não couraçado. No organismo couraçado ele será até mais violento, porque a satisfação total está bloqueada. Enquanto a Vida simplesmente ama, a vida couraçada «fode». Onde quer que a Vida se desenvolva livremente nas suas relações de amor, como o faz em todas as outras coisas, ela permite que as suas funções progridam lentamente, desde os primeiros estímulos até à plenitude da alegria no clímax, quer se trate de uma planta que passa da minúscula semente a árvore em flor, e depois a árvore frutífera, como da fé numa ideologia libertadora; da mesma maneira, a Vida deixa amadurecer lentamente as suas relações de amor, do primeiro olhar até ao abandono completo durante o abraço palpitante. A Vida não se precipita para o abraço. Ela não tem pressa, a não ser que um longo período de continência total torne necessária uma descarga instantânea de energia vital. O homem couraçado, trancado na prisão do seu organismo, vai directo à foda. A sua horrível linguagem demonstra as suas disposições emocionais: ele quer «engatar uma mulher», pela força ou pela sedução. Parece absurdo ao homem couraçado ficar a sós, durante certo tempo, com uma pessoa do sexo oposto, sem «tentar agarrá-la» contra a sua vontade, ou sem que ela tenha medo de ser objecto de uma agressão. Assim se explica o hábito do *chaperon* (*), que é uma afronta à dignidade humana. Actualmente esse hábito tende a desaparecer, pois a genitalidade natural começa a ocupar o espírito das pessoas.

A Vida pode partilhar o leito com urna companheira sem pensar no abraço, se faltarem as condições espontâneas para isso. A Vida não começa pela realização, ela encaminha-se para a realização. Ela fá-lo pelo amor e para o amor, assim como em todos os campos nos quais funciona. A Vida não escreve um livro com o fim de ter «também» escrito um livro; não se esforça para encontrar eco nos jornais; não escreve «para as pessoas», mas *sobre processos e factos.* A Vida constrói uma ponte para que se possa atravessar o rio com segurança e não para obter um prêmio no congresso anual da Ordem dos Engenheiros.

Do mesmo modo, a Vida não pensa logo no abraço quando encontra companhia. A

* *Chaperon:* pessoa que acompanha e vigia o namoro de jovens não casados, pau-de-cabeleira. *(N. do T.)*

Vida encontra porque encontra. Ela pode separar-se do parceiro, pode caminhar um pouco com ele antes de o deixar, ou então o encontro pode chegar a uma fusão completa. A Vida não tem uma idéia precisa do que o futuro lhe reserva. A Vida aceita o curso natural das coisas. O futuro emerge da corrente contínua do presente, assim como o presente emerge do passado. Claro que pode haver-pensamentos, sonhos, esperanças relativos ao futuro; mas, o futuro não governa o presente, como ocorre no domínio da vida couraçada. A Vida, quando flui livremente, interessa-se pelas suas funções e desenvolve certas habilidades que lhe permitem funcionar bem. O biólogo e o médico aprendem a sua arte a partir de uma habilidade que resulta naturalmente da realização de certas funções. A vida couraçada sonha ser um grande médico, um cirurgião célebre e admirado pelas multidões, que tudo fará para obter artigos elogiosos sobre a sua grande clínica nos grandes jornais de um grande país, e, para terminar, põe em caixa gordos honorários. O homem couraçado imagina assim o «sucesso». Este exemplo pode aplicar-se, *ad libitum*, ao grande führer da nação, ao grande tribuno do povo, ao grande pai dos grandes Russos da grande Rússia, ao maior país do globo. É sempre a mesma música, a mesma antecipação daquilo que deveria desenvolver-se de maneira orgânica, o mesmo hábito de começar pelo fim. A antiga patologia do cancro pretendia começar por elucidar o enigma das células cancerosas e atolou-se na teoria dos germes aéreos. O enigma foi resolvido onde menos se esperava: observando um simples rebento de planta num pouco de água pura e simples. A Vida, ao escrever um livro, não começa pelo título e pelo prefácio. O prefácio e o título são os últimos a serem escritos, pois devem englobar o todo; ora, ninguém pode ter uma visão do conjunto antes de haver terminado o todo. Não se constrói uma casa começando pelos móveis, mas pelos alicerces. Mas o plano dos alicerces deve ser precedido pela idéia geral que se faz do interior da casa quando terminada.

Todos os sonhos do casamento romântico começam pela defloração na noite de núpcias e terminam no esgoto dos conflitos conjugáis. Uma vez mais, é o homem couraçado que impede as pessoas de compreenderem que o casamento cresce lentamente, como a planta que se torna árvore frutífera. Ora, *é* preciso muito tempo para que uma árvore dê frutos. O *amor* conjugal nada tem a ver com a *certidão* de casamento. O amor conjugal desenvolve-se com simplicidade. Não exige esforço. O crescimento progressivo, o acesso a uma nova fase, a descoberta de uma nova maneira de olhar, a revelação de um novo detalhe da sua maneira de ser, agradável ou não, são experiências deliciosas. Elas mantêm-nos em movimento. Elas incitam-nos a mudar dentro das tendências naturais do nosso desenvolvimento. Elas contribuem muito mais para o embelezamento físico do que todos os sabonetes cantados pela publicidade; elas

resguardam a capacidade de enrubescer no momento certo. É preciso meses, às vezes anos, para conhecer o corpo do parceiro amoroso. A descoberta do corpo do bem-amado proporcionará uma grande satisfação. Experimentaremos isso ao ultrapassarmos as primeiras dificuldades no ajustamento de dois organismos vivos. Ao homem pode faltar delicadeza nos seus momentos de grande excitação; a mulher pode temer a doçura do abandono involuntário. O homem pode ser muito «rápido» no início, e a mulher muito «lenta», ou vice-versa. A busca da experiência comum do gozo supremo pela fusão completa de dois vibrantes sistemas de energia − a que chamamos macho e fêmea −, esta busca, assim como a procura mútua e silenciosa do caminho até às sensações e vibrações cósmicas do ser amado, são prazeres supremos, límpidos como a água do riacho, deliciosos como o perfume de uma flor na manhã de Primavera. Esta experiência calorosa e durável do amor, do contacto e do abandono recíproco, do prazer dos corpos, é uma servidão perfeitamente digna que acompanha todo o casamento que cresce naturalmente. O abraço genital coroa esta alegria ininterrupta, ele é como o cume que se atinge depois de uma longa escalada, e donde se desce de noite e na tempestade. Mas parte-se ao encontro de novos cumes, que estão muito acima dos vales sombrios.

E cada cume apresenta-se com um aspecto diferente dos precedentes, pois a vida nunca se repete totalmente, mesmo num intervalo de poucos segundos, durante a mesma operação. A sua ambição não *é* estar «no alto», não *é* olhar os vales e contar aos outros quantos cumes escalou numa quinzena. A sua atitude fundamental é o silêncio. Prossegue-se a caminhada e fica-se feliz por se ter atingido uma nova altura, após uma ascensão continua. A preparação para a ascensão é tão delicada como a própria ascensão. O repouso no topo da montanha é tão belo como a chegada palpitante, quando os olhos e o corpo descobrem a paisagem. Durante os preparativos e na subida, a pessoa não fica a perguntar-se se conseguirá chegar ao topo. Não inventa um motor de bolso especialmente concebido para lhe fazer galgar os últimos cem metros. Não sufoca o grito de alegria que lhe chega à garganta quando atinge o cume, nem é tomada por cãibras à primeira impressão de prazer. Vive plenamente as diferentes fases da experiência. No fundo, sabe que não é difícil atingir o cume, porquanto cuidou de todos os passos nessa direcção. Está segura de si mesma, pois já escalou outras montanhas e sabe qual a impressão que elas lhe dão. Não permite que ninguém a conduza para o topo, nem imagina o que o seu maldoso vizinho possa estar a pensar ou dizer, se ele souber o que está a fazer. Deixa-os para trás, fazendo a mesma coisa ou sonhando fazê-la.

O abraço natural pleno assemelha-se a essa escalada; não se distingue essencialmente de qualquer actividade vital, importante ou não. Viver na plenitude é

abandonar-se ao que se faz. Pouco importa que se trabalhe, que se fale com amigos, que se eduque uma criança, que se escute uma conversa, que se pinte um quadro, que se faça isto ou aquilo.

O abraço genital emerge naturalmente da necessidade − que se desenvolve lentamente − de fundir um corpo com outro. É fácil perceber este traço fundamental observando os pássaros, os sapos, as borboletas, os veados no cio e outros animais que vivem em liberdade. O prazer final da descarga total de energia no orgasmo *é* o resultado espontâneo da acumulação contínua de prazeres menores. Esses pequenos prazeres podem proporcionar a felicidade, ainda que excitando a necessidade de outros prazeres. Nem sempre esses prazeres menores terminam no prazer supremo. Duas borboletas, macho e fêmea, podem brincar juntas durante horas sem chegar à união. Podem ir mais longe e sobrepor-se, sem haver penetração. Mas uma vez que os sistemas energéticos dos seus corpos se encontrem, vão até o fim. Elas não se frustram uma à outra, a menos que sejam interrompidas por um coleccionador de borboletas ou por um passarinho esfomeado. A excitação do organismo inteiro precede a excitação genital propriamente dita. A potência orgástica é a realização do prazer total dos corpos e não somente do genital. Os órgãos genitais são apenas os instrumentos da penetração física que acontece *depois* da fusão dos dois campos de energia orgone, fusão esta que se opera muito antes da realização final. Os contactos são suaves. Não se agarra nem se prende, não se segura nem se aperta, não se puxa nem empurra ou belisca o outro. O contacto não vai além do que a situação particular exige. Um homem pode amar ternamente uma mulher durante meses, desejá-la com todo o seu ser, encontrá-la todos os dias, sem fazer outra coisa senão apertar-lhe calorosamente as mãos ou beijá-la nos lábios. Assim que os dois sentirem a necessidade do abraço, este acontecerá inevitavelmente, e ambos escolherão o melhor momento, assim que estejam prontos, sem trocar uma só palavra sobre esse assunto. Mas então a natureza desenvolverá os seus melhores poderes para unificar os dois seres vivos.

Como esses organismos permitiram que o seu amor atingisse, orgânica e progressivamente, o ponto exacto que ELE desejava atingir, e como eles souberam esboçar no momento certo o gesto certo, os seus corpos sabem exactamente como se encontrar no abraço. Cada um procurará as sensações do outro, e nelas encontrará o seu próprio prazer. Cada um descobrirá as inflexões do corpo do outro, tendo consciência do grau de abandono mútuo a cada instante, e escolhendo o caminho perfeitamente certo. Assim, talvez verifiquem que os seus corpos estão dispostos, num primeiro encontro, a ir até certo ponto, e não mais além. Se a fusão genital não emergir naturalmente desta fase, eles não se unirão e separar-se-ão, para sempre ou apenas por

algum tempo. Eles procuração «estruturar» a sua experiência recíproca e habituar-se-ão um ao outro, preparando-se para uma realização mais plena. O prazer não será toldado pela pretensão de possuir o parceiro ou de provar a própria potência. Não se trata de «provar», de «conseguir» ou de «obter» o que quer que seja.

A doce fusão realiza-se ou não. Ela pode acontecer durante alguns instantes e desaparecer em seguida. Ela não pode ser obtida ou mantida pela força. Se ela não for mantida e não crescer, o abraço não terminará na união genital. Se a união genital se produz finalmente sem que seja desenvolvida a doce sensação de fusão, os parceiros lamentar-la-ão em seguida; o seu prazer será turvado e poderá ser anulado para sempre. Assim, o cuidado com um comportamento auto-regulador durante a sobreposição orgonótica do macho e da fêmea é a melhor garantia de um prazer completo.

O orgasmo acontece quando tem de acontecer, e não quando ele ou ela o desejam. Não se pode «querer» um orgasmo e «obtê-lo» como quem obtém uma cerveja num bar.

O orgasmo, na sua verdadeira acepção biológica, é o resultado de um progressivo crescimento de ondas de excitação, e não um produto acabado que se pode conseguir com trabalho árduo. Ele *é* uma convulsão unitária de uma só unidade energética que, antes da fusão, era constituída por duas unidades e que, terminada a fusão, se separará novamente em duas existências individuais. Do ponto de vista da bioenergética, o orgasmo apresenta-se como a perca total da individualidade própria em benefício de um estado de ser absolutamente diferente: não se trata de obter o orgasmo dele para ela ou dela para ele, como o imaginam os homens mentalmente doentes do século i ou do século xx. A prova é o facto de que um tratamento médico pode fazer desaparecer essa maneira de «obter» o orgasmo, enquanto a autêntica fusão bioenergética não desaparece mas, ao contrário, reforça-se. Esses factos são de importância fundamental.

O orgasmo é algo que *acontece* a dois organismos vivos, e não uma coisa que possa «ser produzida». Ele é como a brusca projecção de protoplasma numa amiba que se desloca. Não se pode «ter» um orgasmo com qualquer pessoa. É possível foder com qualquer um pois, para provocar uma descarga de líquido seminal ou um prurido vigoroso, basta friccionar suficientemente os órgãos genitals. Mas o orgasmo é mais do que um forte prurido, do qual se distingue essencialmente. Não se pode «obter» o orgasmo à força de arranhar ou morder. O macho e a fêmea que se arranham ou se mordem procuram, por todos os meios, o contacto bioenergético. O contacto orgástico *acontece* ao organismo. Não há necessidade de o «fazer». Ele ocorre espontaneamente ao contacto com certos organismos e não ocorre ao contacto com os outros em geral. Deste modo, ele é a base da autêntica moral sexual.

O organismo que fode deve «avançar» rapidamente, para não deixar de «conseguir». Ele «alivia-se» ou «faz amor». O organismo que ama deixa-se submergir na maré das sensações e levar pelo fluxo, senhor de cada movimento, como o canoeiro experimentado no controle da sua embarcação ao descer um rio de montanha. Do mesmo modo, um cavaleiro que sabe montar um puro-sangue deixa-se levar pela sua montada e, ainda assim, domina-a. O organismo esclerosado precisa de grandes esforços, como um corredor cujos pés estivessem amarrados a um peso. Tudo o que ele pode fazer é avançar coxeando. Após uma marcha penosa, ele soçobra, exausto. O organismo que fode mantém a cabeça fria durante o «acto» (esta palavra, por si só, já é reveladora). Ele pode «conseguir», «fazer», «acabar», sempre e em todas as ocasiões, como um touro ou um garanhão fogoso e frustrado, privado de fêmea durante anos. Existem mesmo técnicas particulares e trabalhosas para atrair e seduzir a fêmea. O valor vital de tais actividades pode ser comparado a um reboque que puxa um carro avariado − as duas rodas dianteiras suspensas no ar.

As características internas da função amorosa determinam os diferentes aspectos de todas as actividades do indivíduo. O fodedor conseguirá sempre aquilo que quer; forçará as coisas, esfregará para dentro e para fora, terá técnicas especiais para alcançar os seus objectivos de maneira eficiente; o tipo passivo é vítima daquilo que o activo lhe impõe. O carácter genital, ao contrário, deixa sempre que as coisas funcionem e aconteçam; ele mergulha activamente em tudo o que faz, desde amar uma mulher ou um homem, a montar uma organização ou executar um trabalho.

O fodedor violento e o tipo sofredor serão atraídos pelo carácter genital e tentarão imitá-lo. Deste primeiro impulso do organismo couraçado para imitar Cristo decorre a tragédia, com uma lógica implacável. Ela ocorrerá necessariamente, sempre que estes dois modos de vida se defrontarem, seja qual for a época, país ou camada social. É na Terra de Ninguém, entre os dois campos, que as Crianças do Futuro terão de crescer. Se queremos instaurar um sistema de educação racional, é indispensável reflectir sobre os meios de proteger a criança da peste emocional, conseqüência dessa tragédia. Não há problema de educação, precoce ou tardia, que não decorra, na sua estrutura e realização, das condições que conduzem ao Assassinato de Cristo.

Para o orgonomista analista do carácter do século xx, Cristo possui todas as marcas do carácter genital. Ele nunca poderia ter amado as crianças, as pessoas, a natureza, nunca poderia ter sentido a vida e agido com a graça suprema com que agiu, se tivesse sofrido de frustração genital; pensamentos obscenos, lascívia, crueldade directa ou disfarçada em exigências morais, falsa doçura − enfim, todos os sinais de frustração

genital −, não se enquadram na imagem de Cristo tal como nos foi transmitida, e a pergunta surge de maneira espontânea: porque é que ninguém compreendeu isto? Isso está de acordo com o facto de que nenhum biólogo tenha jamais mencionado as pulsações orgonóticas ondulatorias dos seres vivos ou que nenhum especialista em higiene mental tenha mostrado as devastações da frustração genital durante a puberdade.

Cristo nunca poderia ter sido puro como a água de um riacho e alerta como um veado se o seu espírito estivesse cheio das imundícies de uma sexualidade pervertida pela frustração do abraço natural. Não pode haver dúvida: *Cristo conheceu o amor físico e as mulheres, como conheceu tantas outras coisa naturais.* A bondade de Cristo, a sua capacidade para o contacto, a sua atitude compreensiva em face da fragilidade do homem, das mulheres adúlteras, dos pecadores, das prostitutas, dos pobres de espírito, não se enquadrariam em nenhuma outra imagem biológica de Cristo. Sabemos que houve mulheres que amaram Cristo − mulheres respeitáveis, belas, generosas. Este é um ponto importante se quisermos compreender o seu assassinato final. Qualquer outra concepção é completamente aberrante. Autores independentes, como Renan, exprimiram claramente este pensamento, e todos os que estudaram sem preconceitos a vida de Cristo Conhecem o segredo.

O mais incompreensível do enigma é que esta vida tenha dado origem a uma religião que, em flagrante contradição com o seu fundador, baniu da sua esfera o princípio do funcionamento natural da vida e perseguiu, acima de tudo, o amor físico. Mas ate isso encontrará uma explicação racional.

Capítulo IV

A SEDUÇÃO PARA A LIDERANÇA

Cristo possui, como conseqüência da harmonia do seu organismo, o poder da FÉ. Ele mantém o contacto como que se passa à sua volta; tem a plena sensação do seu corpo e *não* carrega com ele, em segredo, como carne frustrada e perniciosa. Ele não «tenta» fazer as coisas; ele FAZ as coisas. Possui todo o poder da força Vital dada por Deus. Compreende os pássaros e sabe distinguir um grão de centeio de um grão de trigo.

Cristo conhece o Reino de Deus, que *é* o Reino da Vida e do Amor sobre a Terra. Ele está bem perto, em cada flor, em cada pássaro, em cada árvore, em cada ramo de oliveira. Os seus companheiros não têm consciência da presença de Deus. Não sentem a Vida. Trocam riquezas, entregam-se à luxuria sem conhecer o amor. Pagam pesados impostos e obedecem a imperadores estúpidos, vaidosos, vorazes, horrendos. São pessoas exploradas e dependentes no plano emocional, que se deixam enganar pelo primeiro aldrabão que apareça ou que limitam a Vida à ambição egoísta de se tornarem, elas próprias, imperadores. Cristo vê e conhece tudo isso e sofre por isso. Ele vem do meio dos pobres que se assemelham às crianças, que vivem ainda na proximidade de Deus, que ainda não estão pervertidos e desnaturados, que ainda conhecem o amor. Os pobres assemelham-se às crianças, e a sua maneira de conhecer e sentir é como a das crianças. Vivem afastados do tumulto, não se envolvem nele, ainda que o tumulto só possa existir porque eles não reagem ou não podem reagir.

Existem os Barrabases e os Macabeus, males necessários. Sem eles, nada andaria. São eles que, a golpes de espada, lutam contra os imperadores estrangeiros. Quem, senão eles, poderia lutar e morrer nos campos de batalha? Cristo não combate os imperadores. Ele dá a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. Cristo não deseja combater César. Ele sabe que não se pode tornar senhor de César. Mas sabe também que César será esquecido com o tempo, ao passo que aquilo que Cristo sente no seu corpo, e que vibra em todos os seus sentidos em uníssono com o universo, governará o mundo para o bem de todos os habitantes da Terra. O Reino de Deus sobre a Terra, que é esse sentimento e essa vibração da Vida viva, em Cristo como em todos os habitantes da Terra, não deixará de vir. Ele já existiu, outrora. Não deixará de regressar. Isto é tão evidente que pode acontecer de um momento para o outro. Pode considerar-se como um pesadelo o facto de este Reino dos Céus na Terra ainda não ter começado. Este atraso deve ter uma razão, pois a sua chegada abriria, com certeza, uma

era fácil e encantadora.

Cristo não se considera, no início, um ser extraordinário. Ele é como é. Porque é que os outros não são assim? Isso está em si mesmo: basta descer ao fundo do seu ser para encontrá-lo. Porque é que se perdeu? Como aconteceu isso? Deus não abandonou os seus filhos. Então, foi o homem que o deve ter abandonado. Mas porquê? Como? Quando é que isso aconteceu? E onde? Ainda o ignoramos. Mas Jesus sabe exactamente o *que* eles perderam, embora *eles* ignorem o que ainda têm no fundo de si mesmos. Cristo não sabe, mas aprenderá à sua custa, que eles perderam o sentimento de Deus, porque insistem em matá-lo em cada segundo de cada minuto, em cada hora de cada dia do ano, através dos milênios. Este é um facto tão absurdo que se poderia duvidar da sua realidade. Porque é que o homem mataria a Vida em si mesmo? É uma absoluta monstruosidade pensar que isso seja possível.

Mas é exactamente essa monstruosidade que constitui o domínio do adversário de Deus-Vida, do paganismo e do pecado diabólico. O homem perdeu a sua liberdade há muito tempo, e não pára de apertar os nós que o mantêm prisioneiro, enquanto lamenta a sua triste sina e sonha com a vinda do Messias.

Os homens que tinham perdido o sentimento de Deus começaram a juntar-se à volta de personagens que irradiavam Vida, mas que não a possuíam no mesmo grau que Cristo. Eles cercavam os Cristos *frustrados*, os políticos de todas as épocas, para conseguir um pouco da sua força. Os Cristos frustrados eram colocados num pedestal e gostavam de ser adulados pelas pessoas. Apreciavam a admiração que lhes testemunhavam, os elogios, os cantos, as danças em sua honra; os apelos que lhes dirigiam para que se fizessem tribunos dos fracos enchiam os seus corações de conforto. Assim se instalaram os primeiros chefes de tribo, os reis, os duques, os führers, os generais, os sargentos, os Estalines, os Hitlers, os Mussolinis; e, por incrível que pareça, eram levados ao poder pelo próprio povo, por razões perfeitamente racionais: *os homens sentiam necessidade de uma fonte exterior de energia para substituir a torça interior, a fé e o sentimento de segurança que haviam perdido.* Tendo perdido a espontaneidade interior das suas funções vitais, eles eram obrigados a recorrer a muletas, e esta situação não mudou até hoje. Porque se manteve durante milênios? Porque é que os homens não descobriram logo a causa da sua desgraça? Porque lhes era estritamente proibido atacar o mal pela raiz? Não se deve conhecer Deus e não se deve conhecer a Vida. Esta tomou-se a lei mais sagrada e a mais implacável da humanidade prisioneira. É inacreditável, é ridículo, mas é verdade...

Os pequenos lideres perderam o sentido da Vida, a ponto de se deixarem seduzir pela pressão do povo. Eles não *vivem* suficientemente perto da Terra, como Cristo, nem

sentem, como Cristo, o apodrecimento da ordem estabelecida, para recusar um posto de liderança. Assumem a liderança, que *é* imediatamente *necessária* e *crucial*. É preciso lutar contra os impostos muito elevados, é preciso manter e proteger os velhos costumes religiosos, é preciso concluir um acordo com o imperador pagão para assegurar os ofícios sagrados nos templos, mesmo que esses ofícios sejam a sombra cadavérica de uma religião outrora viva e brilhante. Essa religião é absolutamente necessária para a sua existência. É ela que leva às almas infelizes um pouco de equilíbrio, de orientação, de esperança, de consolo. Caso contrário, o Diabo, cuja acção se acha assim entravada pela lei moral, reinaria sem restrições.

Tudo isso Cristo sente-o mais do que o sabe. O povo designou-o como um líder, um salvador encarregado de lutar pela sua felicidade. Mas o trágico está em que os desejos e a vida de Cristo diferem tanto dos desejos e da vida dos seus contemporâneos que nunca poderá haver um acordo entre os dois modos de vida.

Quando Cristo fala do Reino dos Céus na Terra, pensa na liberdade interior do animal humano, que faz parte legítima de toda a criação. Quando Cristo lhes diz que é o Pilho do Homem, ou − o que é exactamente o mesmo − o Filho de Deus, ele exprime uma realidade autêntica, verdadeira, essencial: ele é o descendente da Vida, da força cósmica que conhece tão bem e que sente tão nitidamente em si mesmo. Mas eles não o compreendem. Forçam-no a revelar-lhes a sua identidade e a fazer-lhes uma demonstração do seu poder divino. Reclamam sinais que provem a sua divinização. Aqui está a origem da futura mistificação de Cristo.

Para a inteligência desses homens, roídos pela peste, o Filho de Deus deveria ser diferente do que Jesus parece ser. Na realidade, o Filho de Deus deveria ser como Jesus: ele seria doce, amável, compreensivo, sempre generoso, sempre seguro, acolhedor para com os pobres, amando as crianças e amado por elas. Teria o andar suave de Cristo, os seus olhos profundos e graves. Nunca pronunciaria palavras grosseiras, não em virtude de algum princípio, mas porque nunca lhe ocorreria dizer coisas grosseiras. O seu rosto seria radioso como o de Jesus, animado por um raio doce e invisível, que se transformaria, na representação dos ícones, num horrendo círculo amarelo e brilhante em forma de auréola, de acordo *com* a idéia que os homens atacados pela peste e imbuídos de um misticismo de má-fé, fazem do campo de energia orgone do corpo. Somente os melhores artistas iriam ser capazes, ao longo dos séculos futuros, de sentir a subtileza vibrante e fina desta radiação orgonótica e tentariam, aliás sem grande êxito, exprimi-la nos seus quadros.

A fisionomia de Cristo evoca uma pradaria inundada de sol, numa bela manhã de Primavera. É impossível fixá-la com o olhar, mas sentimo-la se não estivermos atacados

pela peste. Afeiçoamo-nos por ele, ele inunda-nos com a sua radiação, não o desprezamos como o faria um cérebro seco, astuto, insensível de um fascista vermelho ou de um pequeno-burguês sentimental. Podemos imaginar um Molotov ou um Malenkov num prado primaveril, olhando os veados que pastam sob a luz da manhã? Impossível. Cristo é como uma flor radiosa e brilhante, e ele sabe-o, isso agrada-lhe. Ele tenta ingenuamente transmitir os seus sentimentos aos seus companheiros, aos quais isso, evidentemente, falta. Ele sabe que eles sofrem por serem privados desses sentimentos, que eles os mataram; mas Cristo ignora que eles detestam esses sentimentos tanto quanto os desejam. Ele ignora também que eles matam esses sentimentos em cada recém-nascido, logo depois do nascimento, mutilando os seus órgãos genitais, colocando gotas de ácido nos seus olhos, administrando-lhe uma palmada no traseiro como primeiro sinal de boas-vindas a este mundo. Serão necessários milênios de miséria, pilhas de santos queimados vivos, montanhas de cadáveres espalhados pelos campos de batalha, para que eles se dêem conta disso. Não saber disto é a fatalidade que cai sobre Cristo. Ele acredita que os seus companheiros são simplesmente ignorantes, que a fome e o trabalho duro os embruteceram. Ele pensa que eles se sentem atraídos pela sua sabedoria, como um sedento por uma fonte. No fim, eles matá-lo-ão, eles *terão* de o matar.

Os seus companheiros precipitam-se sobre a sua Força Vital, como um sedento se precipita sobre a fonte. Todos eles bebem grandes goles, os olhos arregalados, as faces coradas. Eles sentem-se reviver, irradiando uma doce luminosidade; de vez em quando até têm rasgos de pensamentos brilhantes, podem fazer perguntas inteligentes, o que permite ao Senhor fazê-los participar da sua plenitude. Todos bebem e tornam a beber. E o Senhor não se cansa de dispensar, a todos os que o cercam e vêm a ele, as palavras límpidas da sua boca, a força irradiante do seu corpo, o seu consolo, os seus conselhos, a sua grande sabedoria. A notícia da sua generosidade espalha-se por todos os lugares. E não pára de crescer o número de homens e mulheres sedentos, que vêm encher os seus vasos secos com esta seiva da Vida, que aspiram à graça radiosa da sua simplicidade e da sua plenitude de vida.

Eles acompanham-no nos seus passeios matinais através dos campos e recolhem as suas belas palavras sobre a criação de Deus. Ele parece compreender o canto dos pássaros e os animais não têm medo dele. Não há na sua alma o mínimo desejo assassino. A sua voz é melodiosa e expressiva. Ela emerge directamente do ventre, e não, como neles, de uma garganta crispada ou de um peito rígido. Ele sabe rir e gritar de alegria. Ele não impõe nenhuma repressão à expressão do seu amor; abandonando-se aos seus companheiros, ele não sacrifica nada da sua dignidade natural. Quando anda,

os seus pés apoiam-se firmemente no solo, como se aí quisessem criar raízes, para tirá-las a cada passo e de novo enraizar um pouco mais longe. O seu andar não se parece em nada com o de um profeta, de um sábio ou de um professor de matemática. Ele anda simplesmente. Quando o vemos caminhando, perguntamos: Que é ele? Quem é ele? Ele é tão diferente de todos os outros. O andar de cada um dos seus companheiros exprime alguma coisa, alguma coisa que nada tem a ver com o acto de andar. Um anda com humildade, outro anda mergulhado em profundos pensamentos. O terceiro anda como se, tomado de horror, empreendesse uma fuga. O quarto anda como um rei, o quinto como um servidor devotado a seu Mestre. O sexto como um veado. O sétimo anda como uma raposa. O Mestre anda, simplesmente. Nem mesmo como um veado. Ele anda.

A sua marcha solitária é um desafio a todas as doutrinas, sejam elas a Gnose, o Solipsismo, o Talmudismo ou o Existencialismo. O seu comportamento está tão em desacordo com qualquer espécie de ismos que mesmo um especialista em «catalogar» pessoas não saberia aonde encaixá-lo. Isto inquieta os homens vulgares, pois cada um pertence sempre a alguma coisa, *tem* de se encaixar em alguma coisa, sob pena de ser suspeito de actividades subversivas. Deve ser membro de uma corporação, do Sinedrio, da classe dos sacerdotes, da legião de salvadores da prática ou da liga dos heróis da terra natal. Cristo é bem conhecido como conferencista e professor. Mas mesmo assim, é difícil classificá-lo. Para começar, ele faz perguntas demasiado directas. Isso é desagradável. Ele dá respostas muito simples às questões mais complicadas, mesmo às que, durante milênios, foram o nó górdio de milhares de sábios e que ficaram sem resposta. Ele é então um líder popular nato. O povo sente isso. Continua a fazer-lhe sempre a mesma pergunta: Quem és tu? Que és tu? És ou não o enviado de Deus? Vieste para salvar-nos? És o Messias? Se o és, diz. Adorar-te-emos. Seremos os teus seguidores. Dar-te-emos o poder para que possas derrotar os nossos inimigos. Revela-nos a tua verdadeira natureza. Dá-nos um sinal, faz um milagre para nos mostrar quem és.

O Mestre guarda silêncio sobre a sua procedência e o seu destino. Passeia com eles através dos campos, visita diversos locais. Continua a dar respostas simples a questões complicadas, a dar-lhes a força do saber sem nunca tocar num livro erudito.

Ele *deve* ser o enviado do céu, pensam eles. Não só *é* diferente dos outros, como também guarda um silêncio misterioso sobre a sua verdadeira natureza e missão. Ele deve ter uma missão. Ele veio resgatar o seu povo, os pobres, arrancar a nação da escravidão. Assim, eles elaboram a imagem *deles*, a falsa imagem do Filho de Deus, que é, na realidade, o Pilho de uma Força Vital Cósmica não corrompida. Ele guarda

silêncio, porque não sabe responder a perguntas sobre natureza, missão, visão, sinais, poderes. Ele tem evidentemente consciência de que é diferente, senão eles não se comportariam como se comportam. Mas não compreende porque é que lhe pedem sinais sobrenaturais, porque lhe imploram que revele o mistério do seu ser, que para ele nada tem de misterioso. Ele sente que é filho do céu, mas não se sente investido de nenhuma missão divina. Pelo menos, não fala nisso. Ele não sente que está em missão. Essa idéia é-lhe sugerida, a pouco e pouco, pelos que o cercam, os seus admiradores, adeptos e discípulos. De início, ele não pensa em termos de missão. Executa trabalhos de carpintaria, microscopia, cuida dos ferimentos das pessoas ou cultiva os seus campos. São eles, os ávidos de salvação, os famintos de amor, que lhe injectam os germes do mito, pelo qual ele acabará por morrer, e com ele muitos homens, mulheres e crianças. Tudo o que ele faz é trabalhar, viver, falar e andar de modo diferente do deles. Isso é tudo. E ELE AMA AS PESSOAS. Conhece os seus males. E em cada dia que passa aprende a conhecê-las melhor. Não pensa em curá-las. Mas, pouco a pouco, dá-se conta de que efectivamente as alivia, de que tem o poder de reconfortá-las, de consolá-las. Essa convicção transforma-se pouco a pouco em obrigação moral. Se as pessoas sofrem, é preciso ajudá-las, fazer o máximo por elas, dar-lhes o que se tem em abundância, viver pobremente, contentando-se com o estritamente necessário. O que sentimos como sendo a graça divina é tão fácil de sentir e viver, enriquece-nos tanto a nós e a tudo o que tocamos, que seria intolerável NÃO beneficiar os nossos irmãos e irmãs. É desta maneira que a graça divina e a necessidade humana de consolo se encontram. Um dá, os outros tomam, sugam, aspiram e acumulam.

A idéia fundamental do portador da graça divina e natural, isto *é,* da Vida não corrompida, é simples: todas as almas têm a graça divina dentro de si. Basta que, esfomeadas, elas bebam do que eu tenho em abundância, para que se tornem fortes e comecem a dar a sua própria força aos outros; e esses outros, libertos da sua fome emocional, darão a outros ainda. Aqui, o nosso Mestre comete o seu primeiro erro fatal. Ele acredita, logicamente apoiado na perspectiva da sua própria Vida, que os homens recuperados só pensarão em dar aos outros. O doador supremo esquece que os longos anos de fome tomaram-nos incapazes de dar. Transformaram-se em canais que só deixam passar a água num sentido. São como sanguessugas. E é precisamente isto que conduzirá ao assassinato do doador supremo.

A terra adubada produz bom grão. Ela recebe a semente e permite-lhe que cresça e produza outro grão, dando alimento, sal, água e energia vital a cada uma das suas fibras, em cada instante de cada dia. O solo enriquece-se retendo um pouco da palha, quando o

grão amadurecido for levado pelo vento ou colhido pelo homem ou por um animal. O solo, assim enriquecido, dá nova vida a um novo grão. E o novo grão transmite a sua vida a outra Vida.

O animal recolhe a semente da união, desejada por Deus, do macho e da fêmea; gera assim o seu descendente à sua imagem e, no entanto, diferente dele. Ele transfere as suas energias Vitais para a cria, até que esta possa fazê-lo por sua própria conta. Depois de crescida, a cria viverá e agirá da mesma forma.

O universo inteiro é regido por esse ciclo de dar e tomar, absorver e reflectir, crescer e morrer, concentrar energia cósmica e dissipá-la em seguida no imenso oceano cósmico.

Se um poço seca depois de uma longa estiagem, só se pode esperar água dele após outras chuvas. Quando estiver de novo cheio, começará a dar da sua água à terra em volta e aos riachos distantes que, por sua vez, darão a seiva da Vida a outras vidas.

Desta maneira, a Vida reproduz-se, mantém-se e multiplica-se sem cessar. Não acontece o mesmo com o homem couraçado. Ele transformou-se num canal de sentido único, quando matou Deus dentro de si e perdeu o paraíso. Ora, é precisamente o representante de Deus na Terra que bloqueia a entrada do domínio onde se esconde a resposta ao enigma da perda do paraíso pelo homem. Esta *interdição* faz parte da peste que há tantos anos devasta cruelmente a humanidade. Não temos o direito de conhecer Deus ou a Vida como doçura no nosso próprio corpo. A não ser assim, saberíamos logo porque é que perdemos Deus. É preciso então que jamais conheçamos Deus. Este absurdo é ensinado, em milhares de lugares, por mestres versados na arte da evasão, em milhares de universidades em todo o mundo. Mais uma vez: devemos procurar Deus e a Vida, obedecer a Deus e à Vida, adorar Deus e a Vida, oferecer sacrifícios a Deus e à Vida, construir templos e palácios em nome de Deus e da Vida, escrever poemas e compor músicas pela glória de Deus e da Vida, mas nunca, sob pena de morte, deveremos *conhecer* Deus enquanto Amor. Esta regra não admitiu excepções ao longo dos últimos milênios. E mais: *Nunca nenhum homem ou mulher ousaram fazer perguntas a respeito disso.*

Conhecer Deus como Amor é confirmar a existência de Deus, é tomá-Lo acessível, é tomar o homem capaz de viver efectivamente o que ele é incapaz de viver agora: este conhecimento preencheria qualquer exigência de todas as religiões, constituições, leis, códigos de moral e ética, valores, ideais e sonhos. Mas NÃO! É proibido conhecer Deus ou a Vida como amor físico.

Tudo isso se deve ao facto de que só existe um caminho que leva ao conhecimento

de Deus e da Vida viva: o ABRAÇO GENITAL; um caminho interdito para sempre, NUNCA TOQUES NISSO! Todas as crianças passaram por isso. *Não toques nisso* − ou seja, nos órgãos genitais.

E é assim que o homem sofre a nostalgia de Deus e da Vida, que ele bebe Deus e a Vida, exaure Deus e a Vida, mata Deus e a Vida dentro e fora de si. Mas o homem nunca poderá distribuir Deus e a Vida. Ele não sabe o que é sentir Deus ou a Vida de uma maneira activa. Só pode experimentá-los passivamente, recebê-los, imbuir-se deles, desfrutar deles, utilizá-los para os mais diversos fins; para sentir-se melhor, para curar-se, para tornar-se rico com eles, para tornar-se poderoso, para influenciar os outros, para enganar. Mas um homem rígido nunca poderá irradiar Deus ou a Vida. Isto está inextricavelmente ligado ao DAR AMOR, AMOR GENITAL, NO ABRAÇO AMOROSO; este é proibido, amaldiçoado e assassinado no recém-nascido.

Assim, o *Homem só pode receber o Amor, não pode dá-lo.* A Força Vital, da qual ele se alimenta, serve a outros fins que não o gostar de dar. Penetrando no corpo, ela toma-se «carne», pois o corpo ficou rígido e imóvel. O amor divino transforma-se em luxuria; o abraço, numa foda hedionda e cínica, feita de ódio, cupidez, dominação, repressão, posse, violência e dilaceramento, fricção e alívio, luta e cobrança de responsabilidades matrimoniais, com advogados, repórteres, difamação pública, filhos despedaçados carentes de amor, vingança, pensões alimentares, amargura.

O resto vem naturalmente, em virtude de uma lógica cruel e impiedosa, até a crucificação de Cristo.

Capítulo V

A MISTIFICAÇÃO DE CRISTO

Leia atentamente, reflectindo bem, o Sermão da Montanha. Substitua *«Pai»*, que quer dizer *«Deus»*, por *«Força Vital Cósmica»*. Entenda por «Mal» a degenerescência trágica dos instintos naturais do homem. Tenha sempre em mente o encadeamento das tendências *primárias* e *naturais* e das tendências *secundárias, pervertidas, cruéis.* Não se esqueça de que aquilo a que se chama «natureza humana» encerra o mal «diabólico», quer dizer, a crueldade, conseqüência da frustração da necessidade primária do amor e da satisfação do amor no abraço de união. Considere este «mal» como o dragão que defende o acesso ao amor divino no homem. E agora leia o Sermão da Montanha:

Pai *nosso que estais no céu, Santificado seja o vosso nome.*

Venha a nós o vosso reino, Seja feita a vossa vontade. Assim Tia terra como no céu.

O pão nosso de cada dia Nos dai hoje.
E perdoai as nossas ofensas, Assim, como nós perdoamos
Aos que nos têm ofendido. E não nos deixeis cair em tentação, Mas livrai-nos do mal.

(*Mateus,* 6:10-13)

Nosso Amor-Vida que estais no céu, Santificado seja o vosso nome.
Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade,
Assim na terra como
no céu.
O pão nosso de cada dia
Nos dai hoje.
E perdoai as nossas culpas,
Assim como nós perdoamos
Aos que nos têm ofendido.
E não permitais que o nosso
[amor seja deturpado, Mas livrai-nos das nossas
[perversidades.

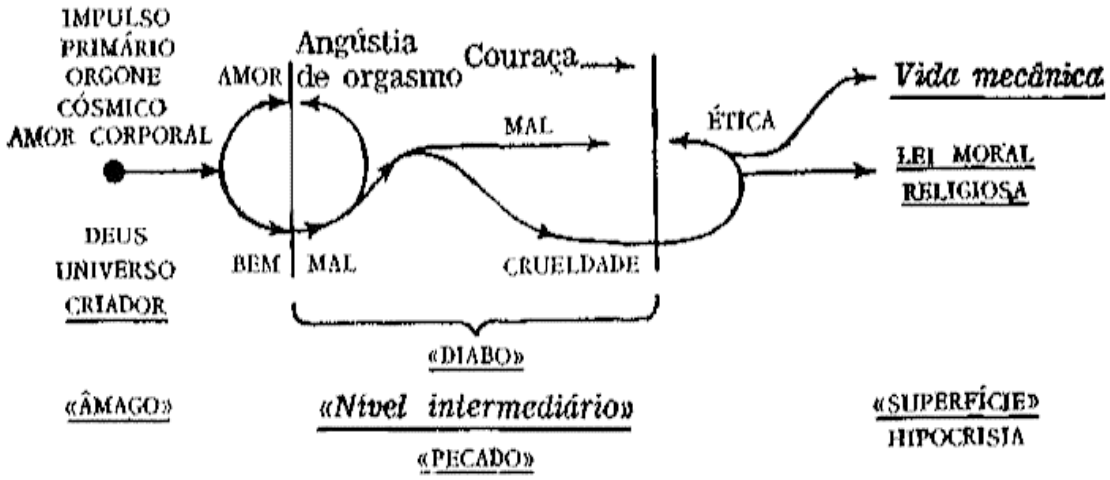
Deus Pai é a energia cósmica functamental, donde toda a existência deriva e cujo fluxo atravessa o nosso corpo, como atravessa tudo o que existe. Mas Deus Pai é também a realidade inatingível do AMOR CORPORAL, mistificado e idolatrado através da noção de Céu.

A mistificação consiste em adorar, no espelho, a imagem de uma realidade inacessível, tantalizante, impraticável, inabordável e, portanto, insuportável que está no fundo de nós mesmos.

A humanidade

1. *Não* distingue a natureza humana primária da secundária, e não as dissocia.

2. *Não* compreende o Mal diabólico («Peste Emocional» −«Pecado») como a primeira conseqüência da frustração do BEM-DEUS-VIDA-AMOR *(inclusive* o ABRAÇO GENITAL).



3. *Não* sabe, consequentemente, como *é* que o mal *pôde* vir ao mundo, se o seu criador é bom.

4. *Não é* capaz de se libertar sozinha do Diabo e da dicotomía mecánico-mística.

5. *Não* sabe criar leis *(não* as leis morais, *mas* as leis naturais) que protejam o amor primário, divino, corporal, contra a peste emocional chamada «pecado».

6. Não consegue abrir os portões da prisão em que os fundamentos biológicos do homem se encontram fechados, impedindo este de conhecer Deus e o Amor.

7. *Não é* capaz de deixar de proteger o Mal, a peste emocional.

8. Não é capaz de tornar acessível o seu próprio âmago de modo a anular a peste emocional («pecado») do nível intermediário, de modo que:

BEM
AMOR
DEUS
ÂMAGO  Moralidade natural

O amor que provém do âmago, uma vez tornado inatingível, constitui a essência da mistificação de Deus.

O assassinato de Cristo, que representa o amor Divino no corpo, desenrola-se através das épocas com uma lógica implacável.

A partir deste momento, a Vida só pode ser concebida como algo de divino e inacessível, transcendente e não passível de ser conhecido. Assim, através das épocas, o homem só verá as suas experiências da Vida viva como através de um espelho, como miragens. E o homem empregará todas as suas energias, todo o seu espírito, toda a sua habilidade, toda a sua criatividade, de modo a manter afastada de si a realidade da vida; transformará cada simples realidade (excepto as realizações mecânicas, sem vida) numa imagem mística, para *não* ser obrigado a enfrentá-la. Ele sentirá a Vida, mas de muito longe, como se através de uma parede ou do nevoeiro. Saberá que há algo que tem atributos divinos, quer lhe dêmos o nome de Deus, de Eternidade, de Destino Superior da Humanidade, de Éter, de Absoluto ou de Espírito do Mundo; mas fechará cuidadosamente todas as entradas que lhe permitam conhecê-lo melhor, familiarizar-se com ele, desenvolvê-lo. Esse afastamento do Cristo autêntico, real e vivo não se produziu apenas uma vez, no início da era cristã. Aconteceu muito tempo antes da aparição do nome de Cristo na história da humanidade; e prosseguiu depois de Cristo ter sido morto. Cristo foi apenas uma das vítimas, a mais ilustre, desta tragédia permanente. E mais: Cristo tornou-se o símbolo do sofrimento e da redenção do pecado do Homem, porque ninguém mostrou tão; claramente como ele as virtudes da Vida viva, e ninguém! foi assassinado de uma maneira tão ignóbil, tão vergonhosa. *Na história de Cristo, o homem tentou, em vão, compreender \ e resolver o enigma da sua existência miserável.* O esforço não teve sucesso, pois o homem não pôde, nem antes nem depois do Assassinato de Cristo, chegar aonde queria: *chegar ao seu próprio eu.* Ele fez de Cristo o símbolo do seu próprio mistério e do seu próprio sofrimento e, ao mesmo tempo, vedou a si próprio a possibilidade de o compreender, porque o submeteu ao processo de MISTIFICAÇÃO. Olhando Cristo através de um espelho, fazendo dele uma imagem real mas inacessível, o homem bloqueou o acesso à sua própria natureza. Compreende-se agora porque não se encontra, nos milhares de livros escritos sobre Cristo, uma só

referência ao facto de que foi *o próprio homem que matou Cristo,* porque Jesus representava a Vida.

Mas o mesmo homem que assassinou Cristo e depois fez dele o seu Deus mais amado guardou, de uma certa maneira, através dos tempos, a noção de seu erro trágico, mas lógico. Como prova temos as igrejas magníficas, as grandes obras de arte, a música esplêndida, os sistemas de pensamento extremamente elaborados, que ele criou em honra de Cristo, para o glorificar. Não podemos deixar de ter a impressão de que toda essa celeuma em torno de Cristo servia para fazer esquecer o assassinato, para apagar, até ao último vestígio, qualquer suspeita de tal crime, e para tornar possível a continuação do massacre, desde os tempos que se seguiram à crucificação e ao fim da Idade Média, até à queima de cruzes, à matança de negros de fala suave e corpo suave, no Sul dos EUA, e à matança de seis milhões de judeus e franceses indefesos, e outros, na Alemanha de Hitler.

Desde o real Assassinato de Cristo, e tudo o que levou a ele, até ao assassinato de negros em Cícero, Estados Unidos, de pacifistas na União Soviética, de judeus na Alemanha de Hitler, muito tempo se passou, marcado por acontecimentos de importância primordial. No entanto, o exame detalhado de todos esses acontecimentos não revelará o mínimo traço da verdadeira natureza do Assassinato de Cristo, pois esconder o assassinato e os seus motivos é uma das características da peste. As vítimas do assassinato variam. As razões *post hoc* do assassinato variam. Os métodos de execução variam de um país para outro e de uma época para outra. Pouco importa se Danton foi para a guilhotina, se Lincoln foi morto por uma bala na cabeça; se Gandhi recebeu uma bala no peito, se Wilson ou Lenine, esmagados pelo sofrimento de ver os seus sonhos despedaçados, morreram de um ataque apopléctico; é sempre o mesmo fio vermelho básico que marca o caminho oculto que leva Dreyfus a ficar preso durante cinco anos por um crime que não cometeu; ou um juiz criminoso a condenar a vinte anos de prisão um inocente, que agradece e perdoa como um bom cristão, enquanto o juiz e o promotor criminoso ficam em liberdade; ou milhares de pessoas boas que CONHECEM a verdade e não têm coragem de falar, porque há gente maledicente e caluniadora à solta na cidade. E tudo isto começou com a primeira mistificação de Cristo pelos seus discípulos.

Os discípulos de Cristo não compreendem realmente o que ele lhes diz. Têm apenas uma vaga idéia da grande promessa que ele lhes traz. Eles sentem-na, e bebem dela em grandes goles, mas são incapazes de a digerir. É mais ou menos como se alguém deitasse água num barril sem fundo. Os homens vazios enchem-se de água, mas a água desaparece como na areia, e eles desejam mais. Suportam o sofrimento de uma

frustração contínua. Eis o Cristo, o redentor, aquele que se coloca diante deles e lhes dá de comer, que os consola, que *os* intriga, que lhes fala do tempo do reino de Deus sobre a Terra e que ainda lhes mostra, aqui e agora, os sinais do reino de Deus... E, entretanto, tudo continua longe, inacessível, frustrante; eles devem contentar-se com a imagem, sem nunca tocar na essência. Podem devorar o puro fluido, mas não saberiam retê-lo. Ele atravessa-os rapidamente, como num estremecimento nervoso, mas não permanece e, pior ainda, fica SEM EFEITO. Eles escutam as palavras de Cristo com o ouvido atento; mas essas palavras só os intrigam. Tentam repeti-las, mas não adianta nada. Mesmo quando se reúnem para reproduzir as suas palavras, elas soam vazias, são como o eco mecânico que a montanha distante devolve. Quando as PALAVRAS deixam de fluir dos seus lábios, o eco emudece nas montanhas, ELES SÃO COMPLETAMENTE VAZIOS, NÃO TÊM NADA PARA RECOLHER ESSAS PALAVRAS E RECRIÁ-LAS.

Eles têm a impressão de ser desertos, terras áridas. É algo que não percebem claramente; a impressão está escondida lá no fundo, como a maioria das suas experiências. Mas a consciência dessa terrível situação está com eles, inegável e dolorosa.

Fazem todos os esforços de que são capazes para aprender as lições de Cristo e para as repetir. Mas logo se dão conta de que não o compreendem, nem estão em condições! de o compreender. Por isso ele parece exprimir-se por parábolas misteriosas. Cristo não é misterioso. Ele apenas lhes conta histórias fáceis de entender, comovedoras. Mas como estão fechados como ostras, julgam-no misterioso, quase obscuro, distante, fugidio, estranho, diferente, como se o vissem através da escuridão e do nevoeiro. Na realidade, a escuridão e o nevoeiro são *deles* e não dele. Darem-se conta disso significaria reconhecerem que são mortos-vivos. Por isso é a ele, e não a eles, que o nevoeiro parece envolver.

Quanto mais agudas e directas são as observações de Cristo, mais eles o sentem distante. E assim acontece um fenómeno que se pode observar em todas as reuniões públicas: quanto mais simples e claro o discurso de um orador, mais vazias são as intervenções dos ouvintes, mais cresce a distância entre o auditório e a tribuna e mais aumenta a admiração mística, ingênua, dos ouvintes pelo orador.

O abismo que assim se abre nunca mais se fecha: *é o grande abismo entre a impotência efectiva da multidão e a sua identificação mística com o orador.* Nesse abismo, os Hitlers, os Estalines, os Mussolinis, os Barrabases, os malfeitores de todos os tempos e de todos os países despejam a sua influência sobre a multidão. Esta não sabe, evidentemente, como eles procedem. Aí está, exactamente, a origem da miséria que se abateu sobre o século xx. Mas ninguém fala sobre isso.

A mistificação de Cristo, que começa quando os discípulos o colocam tão distante deles, não significa que eles não o amem profundamente, que não o admirem ingenuamente, que não estejam dispostos a morrer por ele. Ela significa, simplesmente, que eles têm a impressão de que nunca poderão assemelhar-se a Cristo, enquanto Cristo tem a impressão certa de que eles PODEM ser como ele. Não é Cristo que recua em relação a eles, mas são eles que, lentamente, imperceptivelmente, o colocam a distância. Esse é o primeiro passo para a sua instalação definitiva no pedestal, onde parecerá intocável, inigualável. Ele está, como costumam dizer, «mil anos adiante do seu tempo», isto é, ele é ineficaz. Eles *tentam*, imitá-lo; e ficam infelizes porque fazem tantos esforços vãos. À medida que renovam as suas tentativas, atinge-os a convicção da sua própria indignidade. Desta convicção origina-se um certo sentimento de *ódio*, um ódio quase imperceptível, que não suplanta o amor por Cristo, que nunca se manifesta claramente nas suas consciências; mas este ódio não se apagará com o decorrer dos séculos. Cristo desafia a sua existência emocional, social, económica, sexual, cósmica. Ora, eles são absolutamente incapazes de modificar ou contrariar os seus hábitos. Estão rigidamente couraçados, emocionalmente estéreis, imobilizados, refractarios ao desenvolvimento.

Não chegam, na realidade, a estabelecer contacto com os ensinamentos de Cristo. Apenas sentem o calor das suas palavras. O ensinamento de Cristo é, para eles, um meio de se manterem aquecidos no seu deserto glacial. Isto, em si, não tem nenhum sentido. As palavras e os actos de Cristo constituem somente uma nova ocasião de escapar à tomada de consciência da sua verdadeira natureza, da sua nulidade, do seu nada. Nenhuma glorificação ulterior desse «bravo pescador», desse «camponês sem malícia», desse cobrador de impostos, encobrirá ou poderá encobrir o vazio dessas pessoas insignificantes e a importância que tinha, para cada um deles, o encontro com um ser vivo como Cristo.

Não encarar a questão crucial do vazio emocional dos homens e da rotina equivale a abandonar qualquer esperança de melhorar a sorte da humanidade. É trágico perceber o que é que o povo faz com os seus líderes em potência, e a resposta dos líderes, que, mais tarde, fazem o mesmo: mistificação, idealização, hipocrisia, glorificação do sofrimento, falsa admiração pela ingenuidade. Através destes métodos, os líderes tentam manter no povo o espírito de inércia, em lugar de o fazer sair da sua imobilidade; o povo, por seu lado, relegando os líderes ao isolamento, impede-os de efectuar as reformas fundamentais que são sempre, e não podem deixar de ser, desagradáveis e dolorosas. É esse hábito de bajulação recíproca, essa atmosfera de hipocrisia entre o povo e os seus líderes, que constitui a causa profunda da fealdade da

política, da sua agitação fútil e vazia, das guerras que provoca, que não são outra coisa senão o Assassinato de Cristo − em grande escala.

Como o povo é absolutamente incapaz de assumir seja| o que for, cabe ao líder mostrar-se poderoso e ajudá-lo. Como o líder é, em geral, um mortal como os outros, é preciso colocá-lo num pedestal, mesmo que o seu poder e o seu esplendor sejam falsos. Esse falso poder e esplendor, os retratos imensos, os uniformes, as condecorações e coisas, do género são acessórios indispensáveis à pouca importância e à nulidade do povo. Os líderes e os liderados elevam-se reciprocamente às alturas do falso poder do Estado e da falsa grandeza nacional. Pensemos no reinado «milenar» de Hitler, que só durou dez anos, ou mesmo nos oitenta anos do Reich alemão, que nada são quando comparados com um único acontecimento biológico. O mistério não está no poder dos homens do Kremlin, mas no nada e no vazio absoluto no qual se baseia,

A diferença entre um Jesus Cristo e um Hitler ou um Estaline quanto às trágicas relações entre o povo e os seus líderes reside nisto: o ditador abusa tanto quanto pode do estado de incapacidade em que o povo se debate. Ele não hesita em dizê-lo abertamente e é aclamado por isso Diz às massas que só servem para ser sacrificadas pela glória da Pátria, e elas marcham. Não porque o ditador as convide a morrer, mas devido ao poder da sua personalidade, ao seu magnetismo, que lhes permite participar da sua força e mostrarem-se vigorosas. Elas vêm beber, e o ditador dá-lhes quanto quiserem. Na realidade, elas não chegam a satisfazer-se, pois são incapazes de reter o que receberam; mas sentem-se animadas e intrigadas, e sentem a necessidade de marchar, de aclamar, de gritar, de se identificar com a grandeza da nação. Nenhum *sociólogo* do nosso século *ousou* ainda explorar o caos profundo do comportamento das massas. Isto porque a peste fechou e disfarçou a saída da prisão.

Estaline faz a mesma coisa, mas de uma maneira mais subtil, mais 'sofisticada. Ele fica em segundo plano e puxa os cordelinhos por trás das cortinas. São os seus retratos que falam por ele. A sua posição é modesta, ele não ostenta condecorações, mas é exactamente essa modéstia que desfila mentirosamente na praça de Moscovo. O seu *background é* diferente do de Hitler, e *é* esse *background* da grande revolução de 1917 que dita o seu comportamento. No fundo, ele admira a acção mais rápida e eficaz de Hitler, como prova o facto de ter assinado o pacto com Hitler, em 1939. Estaline substituirá o exibicionismo pela astucia. E fá-lo com muito jeito. Mas, num ponto, ele não é diferente de Hitler: como este, Estaline cria uma imagem com a qual o povo desorientado se identifica, querendo adquirir a força do líder, a qual logo se esvai.

Enquanto eles derem ao povo a oportunidade de contemplar os mistérios da liderança, estão garantidos. Não serão assassinados. Mas muitos Cristos são

assassinados, o que se entende muito bem.

Com Cristo as coisas são diferentes. Ele não sucumbe aos atractivos da mistificação. Não aceita logo o lugar de chefe que lhe oferecem; e se, no final, se submete a esse papel, fá-lo de tal maneira que o assassinato se toma inevitável. *Ele aceita ser líder sem renunciar à sua verdadeira natureza, e é por isso que deve morrer.* É aqui que reside a sua verdadeira grandeza cósmica.

Passar-se-ão dois mil anos antes que o pensamento humano atinja o ponto crucial do problema do Assassinato de Cristo, tão escondido e disfarçado no meio de milhões de páginas, cheias de palavras de admiração, de exasperação, de adulação, de interpretação, de comiseração, de expectativas de salvação e de excitação. Passar-se-ão dois mil anos antes que, nas profundezas da noite, um homem solitário capte, em algum canto nos confins do mundo, o horror do drama. Eis o que ele diz:

O SUGADOR

Sou rico como a Terra negra e farta.
Alimento as coisas que sugam.
O sugador não sabe o que suga.
No entanto:
A boa e velha Terra nunca se revoltou
quando devastaram os campos,
escavaram o solo,
cortaram cada árvore da floresta.
A terra cobriu-se de areia
quando o solo se foi.
Nunca refizeram os campos;
o filhote devolve o que sugou?
Tiraram o meu conhecimento
para curar a alma do doente,
e a ferramenta que construí
para captar a própria essência de Deus.
E pegaram no meu nome
e amarraram-no ao redor do pescoço,
como protecção contra o frio gelado
que castigava a sua carne dolorida.
Não se interessaram pela graça
de amar e cuidar.

Não tinham olhos para ver,
nem mãos para tocar;
nem sentido para viver a graça.
Devastaram simplesmente os campos.
E a Mãe Terra não se revoltou,
nem os atirou para fora.
Cobriu-se apenas de luto
onde a multidão havia habitado.
O solo rico e bom,
que já fora pingue e fértil,
foi-se,
porque eles nunca devolveram a graça.
Não tinham almas:
deram, para receber;
aprenderam, para tirar proveito;
e adoraram, para ganhar.
Nunca, nunca procuraram o espaço
com os braços, o coração ou o *cérebro.*
O movimento de anseio
foi-se dos seus peitos
excepto para AGARRAR.
Os seus lábios não podiam beijar,
o seu sorriso estava congelado.
A isto chamaram eles o seu «pecado»
e para se verem livres dele,
pregaram o seu redentor
na crus do feiticeiro.

Eis a importância universal do Assassinato de Cristo.

Cinqüenta anos de tecnologia, depois de duzentos e cinqüenta anos de ciência natural experimental, promoveram o homem da carroça puxada a cavalo à nave espacial. Oito mil anos, cheios de graves problemas da natureza humana, não aproximaram o homem, um centímetro que fosse, da compreensão de si mesmo.

É evidente que o homem nunca se compreendeu a si mesmo, porque *nunca ousou fazê-lo;* fechou todos os acessos ao conhecimento de si mesmo. Deve haver uma razão para isso. Já vimos algumas das coisas que o homem esconde de si próprio. Mas COMO

CONSEGUIU ELE ESCONDÊ-LAS DURANTE TANTO TEMPO E TÃO EFICAZMENTE?

De nada adianta proclamar que é indispensável compreender a natureza humana, criar grandes sociedades para a estudar, reunir-se em congressos para discutir o problema, sem tomar primeiro em conta QUE O HOMEM FAZ TUDO PARA *evitar* A COMPREENSÃO DA NATUREZA HUMANA.

Entre as coisas que o homem faz para se furtar ao conhecimento de si mesmo, estão as enganosas conferências sobre a natureza humana. O futuro social dependerá de o homem continuar ou não a fugir de si mesmo e a assassinar Cristo.

Perpetuando o Assassinato de Cristo, o homem está a serrar o ramo bioenergético sobre o qual está apoiado, privando-se assim das fontes básicas de tudo o que possui. Tudo isto é agora bem conhecido, desde o estudo da economia sexual que, no final dos anos vinte, refutou um certo número de teorias psicanaliticas e deu ênfase à estrutura do carácter dos indivíduos como factor sociológico decisivo da história. Mas essa descoberta já não é novidade, nem impediu o Assassinato de Cristo, desde que alguns sociólogos se apropriaram dela e a esvaziaram inteiramente do seu conteúdo essencial, *a biogenitalidade do homem.* Por isso são hoje saudados como os grandes sociólogos do nosso tempo.

Sabemos hoje que o motor de toda a existência humana é alimentado pela bioenergia *(genital).* Sabemos também que a convulsão total do corpo foi eliminada fio homem pela couraça que a nossa sociedade aplica a cada criança desde o nascimento, e que o homem fechou assim a única válvula realmente potente de auto-regulação social e o único acesso emocional à sua própria natureza. Observamos também factos de menor importância, tais como a representação do ambiente familiar do bebé e da criança através da idéia de deuses e deusas, que continuam a substituir a noção de pai e mãe.

Mas tudo isso serão apenas inutilidades teóricas se não formos à raiz do horrível mal que impede o homem de se conhecer a si mesmo e de dominar o seu Eu, tal como aprendeu a dominar tão perfeitamente o meio ambiente mecânico que o envolve. Contudo, antes de fazer qualquer coisa para *pôr fim* ao Assassinato de Cristo, é preciso detectar a maneira como o homem mantém esse assassinato escondido. Caso contrário, o Assassinato de Cristo continuará inabalado, apesar de todo o conhecimento acumulado nos livros e de todos os congressos sobre a natureza humana. Seria como se conhecêssemos todos os detalhes de um motor, mas não pudéssemos fazê-lo funcionar. Para compreender as razões que permitiram ao homem cometer durante tanto tempo o Assassinato de Cristo, é absolutamente indispensável conhecer o modo de acção da Energia Vital Cósmica e o que ela pode fazer pelo homem se a deixarem agir livremente, sem a repressão da couraça do carácter.

É de importância capital compreender a razão pela qual o homem colocou um anjo armado com uma espada flamejante diante da entrada do paraíso. Para entrar no paraíso, não basta saber como ele é; é preciso ainda ser *capas de penetrar no seu santuário mais profundo.* Ora, de certa maneira, *é* proibido ver esse santuário; ninguém − com excepção do mais graduado dos pastores de Deus − tem o direito de penetrar no templo tripartido. Moisés não deve olhar a face de Deus; Deus é mistificado na crença católica. Deus é subtraído de todo o contacto directo com o corpo e o espírito do homem, e é protegido por espadas flamejantes e ameaçadoras. Na realidade, o guardião não é outro senão o próprio homem:

ELE PROTEGE-SE DO DESASTRE POIS A HUMANIDADE SUCUMBIRIA AO DESASTRE SE O HOMEM, TAL COMO ELE É HOJE, ENCONTRASSE E CONHECESSE DEUS. Ele faria de Deus o que fez do amor, do conhecimento, dos recém-nascidos, do socialismo e da troca de bens através dos tempos: *uma porcaria,* uma abominável porcaria própria do Zé-Ninguém.

Tudo isso parece bizarro e sem sentido. Porque é que o conhecimento de Deus e o seu contacto com os corpos e os espíritos teria de ser um desastre social? Se Deus é a Energia Vital que criou todas as formas de vida, e antes destas o universo inteiro, porque é que tocá-lo e conhecê-lo, o que seria a melhor maneira de viver a Sua Vida, seria desastroso e estritamente proibido?

Para entender melhor esse problema? devemos primeiro observar algumas das conseqüências dos métodos usados pelo homem para matar Cristo.

Os assassinos de Cristo irão impor-se vitoriosamente contra a verdadeira doutrina e as verdadeiras intenções de Cristo. Eles assassinarão o sentido do seu ensinamento, mistificando-o; começarão pelo desaparecimento do seu corpo da sepultura em que havia sido colocado depois da crucificação. Apenas duas mulheres, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, tinham visto o lugar do sepulcro. No dia seguinte, quando voltaram para embalsamar o corpo, ele havia desaparecido.

A religião cristã poderia ter surgido simplesmente a partir da maneira como um líder espiritual como Cristo foi crucificado; da sua radiação e da sua sabedoria límpida; da sua luta contra os escribas e os Fariseus; da sua interpretação nova do Antigo Testamento, tal como ela nos foi transmitida pelos evangelhos; do seu grande amor pelos homens e pelas crianças, da ajuda que ele dava aos doentes. Teria sido desnecessário falar de milagre, pois um homem que irradiava força como ele era certamente capaz de curar a alma doente dos seus contemporâneos. Todo o bom psiquiatra do século XX consegue realizar o «milagre» de aliviar a decadência emocional, e, em certos casos, até o sofrimento físico. Assim, já havia suficientes

experiências emocionalmente intensas para que se desenvolvesse uma religião.

Imaginemos, por um momento, o que poderia ter sido tal fé religiosa, se a transformação mística de Cristo, depois da sua morte, *não* tivesse acontecido.

Os seus elementos essenciais teriam sido os da actual doutrina da fé cristã: amar o próximo e perdoar, isto é, *compreender* os motivos do inimigo. Fazer o bem, como o exige a maioria das religiões. Adorar a Deus, que *é* Vida, e cumprir fielmente a vontade do criador de todos os seres. Reviver os elementos vivos da antiga religião judaica que os pastores corrompidos reduziram a fósseis. Levar uma vida moral e resistir às tentações do mal. Dar aos pobres e ajudar os doentes.

Os preceitos morais teriam sido os mesmos que encontramos ainda hoje em muitas Igrejas Cristãs, reformadas e modernizadas. O Cristo poderia ser visto, do mesmo modo que Maomé ou Buda, como um Filho de Deus. Mas o que dá à Igreja Cristã o seu dinamismo particular não são os elementos que ela partilha com outras religiões e que pouco variam de uma para outra. *A grande força da fé cristã, e mais especialmente do Catolicismo, reside na mistificação de Cristo.*

Quaisquer que sejam as formas desta mistificação, observamos sempre um núcleo donde derivam os detalhes e que confere a esta religião a sua coloração tipicamente cristã:

É A DESENCARNAÇÃO DE JESUS CRISTO E A SUA COMPLETA ESPIRITUALIZAÇÃO.

O horror físico da última agonia estava em gritante contradição com a fé ardente de Cristo. A consideração para com o corpo desaparece. O espírito elevou-se sempre mais alto, em direcção ao céu. Os Cristãos recusaram-se a admitir que um *homem* tivesse sido cruelmente mutilado. O próprio corpo destroçado foi transformado espiritualmente.

Os herdeiros de Cristo têm consciência da existência do amor cósmico do corpo, mas, tendo-o aprisionado, exortam uma humanidade melancólica a reencontrar o seu Deus por detrás das grades. Vive Deus no teu corpo, mas não penses em tocá-lo − dizem eles à humanidade.

Após a desencarnação e a espiritualização completa de Cristo, o puro amor físico que ele vivera perdeu-se para sempre. Se a Igreja Católica quisesse admitir de novo o *puro amor físico* de Cristo, *distinguindo-o do perverso «pecado da carne»i* suprimiria de um só golpe a maioria das contradições dos seus aspectos cósmicos. Muitos artifícios impossíveis para rejeitar o puro amor físico, tais como o «nascimento virgem», «a condenação do amor físico», etc., perderiam a sua razão de ser. O enorme abismo entre o aspecto cósmico do Cristianismo e a exclusão da única via de que o

homem dispõe para chegar às suas origens cósmicas é uma discórdia gritante e uma contradição perigosa. Pedir aos herdeiros de Cristo que reabram o caminho do céu é pedir-lhes de mais? Se eles recusarem, o «pecado» continuará a existir. O céu ficará fechado. Um grande erro devastará milhões de almas humanas. E a peste continuará, ano após ano, a flagelar a vida dos homens.

Uma coisa é evidente para todos os que viram de perto a transformação do desejo físico em idéias espirituais de pureza nos doentes mentais e nos equilibrados que sofrem as conseqüências de uma frustração aguda: *a transfiguração mística de Cristo emerge da necessidade imperiosa de desviar a atenção das tremendas implicações biofísicas do seu ser terreno e dos seus ensinamentos.* O simples facto de que, na mais ortodoxa de todas as Igrejas, o credo católico, o pecado do desejo carnal seja o eixo de toda a teologia e de toda a espiritualidade cristã, mostra-nos claramente por que razão, e de que maneira, a doutrina de Cristo PRECISOU de ser mistificada.

Se tivesse sido instaurada uma religião cristã *conforme* a verdadeira natureza biológica de Cristo, teríamos chegado directamente ao que, em 1952, no momento em que escrevo este livro, são as tendências dos actuáis conhecimentos bioenergéticos orgonómicos.

Esta é uma afirmação tão importante e tão cheia de conseqüências que exige que se demonstre a sua exactidão através de alguns raciocínios simples.

A existência de Cristo foi − como sublinhamos muitas vezes − a de um homem muito simples, dotado de um grande poder emocional, vivendo no meio de pessoas simples, num contexto camponês. Todo o trabalhador social, todo o médico ou educador que tenha trabalhado com o que costumamos chamar «gente simples», sabe que a sua miséria genital se encontra no centro das suas preocupações e dos seus anseios. No mundo ocidental, ela não só é mais freqüente do que os anseios económicos, como também mais difundida, enquanto nas grandes comunidades asiáticas ela *é* a causa *imediata* e a fonte da miséria económica.

Quaisquer que sejam os esforços envidados para aliviar a grande miséria económica das massas asiáticas, nada se fará de válido antes de se remediar a sua miséria emocional e genital (ver A REVOLUÇÃO SEXUAL), É precisamente essa miséria que impede esses milhões de miseráveis de combater a sua miséria económica, ou mesmo de pensar nisso. É uma agonia, para esses milhões de pessoas, escapar da sua escravidão milenar, tão acorrentadas estão pela mistificação do seu amor físico. Ela termina em novos desastres que os vendedores ambulantes da liberdade nunca deixam de explorar. Mas, colocado diante de uma civilização em declínio, nenhum homem de Estado ousa mencioná-lo. Não se dar conta disso é, em si, um novo exemplo de uma

das características fundamentais do Assassinato de Cristo. Poucos pais e mães, poucos educadores ou adolescentes afirmariam que *não é* assim.

A assustadora miséria económica das grandes massas asiáticas nunca poderá ser aliviada se não atacarmos de maneira resoluta, e a fundo, a sua miséria genital (superpopulação por falta de um eficaz controle de natalidade, sistemas de moral rígidos, etc.) que é a base da grande decadência social. A estrutura patriarcal dessas sociedades constitui o quadro no interior do qual a miséria nasce e se desenvolve. E em parte alguma o Assassinato de Cristo se impõe aos olhos com tanta evidência como nas grandes sociedades asiáticas. Nenhuma região do Mundo se arriscou tanto a tornar-se presa do Fascismo Vermelho, que é o tipo *per se* do Assassinato mecanicista de Cristo, praticado sob a capa de um ultrapassado sistema ideológico racionalista que ignora tudo acerca da natureza cósmica das emoções humanas.

Capítulo VI

O GRANDE ABISMO

O IMOBILISMO DO HOMEM

Cristo será finalmente assassinado, no ano 30. Não porque ele tenha sido bom ou mau, porque tenha traído o seu povo, ou desafiado os talmudistas do Sinedrio, nem porque um zeloso governante do imperador tenha interpretado mal as suas palavras e visto nele o «Rei dos Judeus»; não porque se tenha revoltado contra a ocupação romana, ou porque tenha vindo para morrer na cruz e resgatar os Pecados do Homem. Ele não é tampouco um simples mito que a hierarquia cristã tenha criado para «reinar mais facilmente sobre a alma dos homens». Cristo não é o resultado da evolução económica numa certa fase da sociedade; ele poderia viver em todos os países, em qualquer situação e sob quaisquer condições sociais. Ele seria sempre morto da mesma maneira. Ele teria de morrer, qualquer que fosse o tempo ou o lugar. Aí está ainda a significação emocional de Cristo.

O mito de Cristo extrai a sua força de realidades cruéis mas bem disfarçadas na existência do *homem couraçado.* Em Cristo, o homem tem procurado, durante dois mil anos, a chave da sua própria natureza e do seu próprio destino. Em Cristo, o homem descobriu a esperança da solução possível da tragédia humana. Cristo tinha sido assassinado mesmo antes de ter nascido. E ele continua a ser morto todos os dias do ano e a todas as horas do dia. O massacre continuará sem parar enquanto não se tiver compreendido de maneira total e concreta o destino de Cristo. O destino de Cristo representa o segredo da tragédia do animal humano.

Cristo devia morrer ao longo dos séculos, e continua a morrer porque ele *é Vida.* Existe, tanto no passado como no presente, um ABISMO intransponível entre o *sonho* da Vida e a *capacidade* do homem de viver a VIDA. Cristo devia morrer porque o homem ama a Vida mais do que a sua própria estrutura lhe permite. Ele é completamente incapaz de receber a Vida tal como ela é criada por Deus, regida pelas leis da Energia Vital Cósmica.

Uma mulher feia, que se vê sempre bonita num espelho, como desejaria ser e como seria se as condições do seu crescimento tivessem sido diferentes, será levada a quebrar a imagem reflectida pelo espelho. Ninguém, nenhum ser vivo poderia suportar uma existência feia se tivesse sempre diante dos olhos, andando sobre duas graciosas pernas, a personificação das suas potencialidades plenamente desenvolvidas.

Pode-se continuar a ter esperança de salvação enquanto a salvação consistir apenas numa interpretação estéril do Talmude, enquanto ela for apenas uma simples idéia expressa num cântico ou numa prece. Nesse caso, até será apreciada a própria esperança, a espera vibrante de um dia futuro em que tudo será como nos nossos sonhos. A esperança dá forças e faz irradiar um doce fogo interior; é como uma bebida alcoólica tomada durante uma subida difícil, num atalho escarpado.

Com a esperança orientada para um futuro longínquo, desligada de toda a obrigação de realizar essa esperança passo a passo, em todas as horas da vida, *de transformar essa esperança em Vida,* podemos instalar-nos no imobilismo em que permanecemos há vinte, trinta ou cinco mil anos.

INSTALAR-SE *é* a conseqüência lógica da imobilização humana. Desde o início da vida que cada um se prepara para se instalar tão confortavelmente quanto possível. A rapariga atravessa rapidamente o período em que sonha com um herói louro num cavalo branco que a arrancará da sua servidão, ou que a acordará do seu sono milenar para a desposar e tornar feliz para sempre. Todos os filmes lhe mostram a maneira de chegar a uma situação repensante. Ninguém lhe explica o que acontece *depois* de o rapaz ter casado com a rapariga. Nunca. Isso suscitaria uma intensa *emoção* e, com ela, a *acção.*

A pessoa instala-se como empregado, como médico do interior, como fiscal, como tintureiro chinês, mesmo que tenha vindo da China para os Estados Unidos, ou como *restaurateur* judeu, vendendo aos clientes de Nova Iorque o mesmo *«gefilte fish»* (*) que em Minsk. O imobilismo favorece a qualificação profissional e o trabalho, que, por sua vez, lhe garantem maior segurança. Tudo isto não é repreensível; é até absolutamente necessário. Sem tal imobilidade, o homem não poderia, dadas as actuáis condições de vida, assegurar a sua subsistência e a da sua família. Sem se instalar no imobilismo, o homem não poderia ser um bom engenheiro de pontes ou um bom desenhador. Ele não poderia, se não se habituasse a um género de vida imóvel, exercer a função de mineiro, de coveiro, de pedreiro, de montador de chapas de metal. A necessidade absoluta de se acomodar aparece claramente tanto na existência de um lavador de janelas nova-iorquino como na de um chinês que puxa o seu riquexó.

É, assim, perfeitamente coerente que toda a evolução social tenha sido feita até hoje sob a pressão de uma comoção exterior, de guerras ou de revoluções, que tiraram as pessoas das posições em que se haviam instalado. Até hoje, não houve nenhum desenvolvimento que partisse de um movimento interno dos homens. Todos os movimentos sociais sempre foram de ordem política, quer dizer, artificiais, impostos

* Corruptela do alemão, *gefüllte Fisch*, peixe recheado. *(.V.* do *E.)*

pelo exterior, e não produtos de dentro do homem. Para que o homem seja capaz de um movimento da sua própria decisão, ele deverá primeiro *despertar internamente*, sem ser levado por estímulos exteriores. O impulso para se mover, para modificar o que o cerca, para acabar com o seu eterno imobilismo, deveria ser inculcado na estrutura do homem desde o início e habilmente desenvolvido como uma característica básica do seu ser, como aconteceu, por necessidade, no caso dos pioneiros americanos ou dos antigos povos nómadas.

Nenhum veado, nenhum urso, nenhum elefante, nenhuma baleia, nenhum pássaro se poderia instalar no imobilismo como o fazem os homens. Eles imediatamente definhariam e morreriam. Uma visita ao jardim zoológico mostrar-nos-á os efeitos da imobilidade sobre os animais selvagens.

A imobilização provocada pela couraça física e emocional não só toma o homem capaz de se instalar como suscita nele o *desejo* de se instalar. Quando a alma e o corpo se tornam rígidos, todo o movimento é penoso. Pode observar os seus vizinhos durante dez anos, vendo que as mesmas pessoas fazem as mesmas coisas, nas mesmas horas do dia, ano após ano. O imobilismo enfraquece o metabolismo energético, impede toda a excitação viva. Ele facilita as relações de «boa vizinhança» com as pessoas, predispõe à amabilidade, à aceitação da rotina de todos os dias, a uma filosofia que não se perturba com os grandes ou pequenos problemas da vida. O imobilismo é, para o homem couraçado, civilizado, um «dom de Deus». Permanecer instalado no lugar é uma das aquisições, um dos hábitos mais preciosos da humanidade.

O imobilismo do homem couraçado resulta no imobilismo das nações e das culturas. A China manteve-se imóvel durante milênios, complacentemente, como um oceano levemente ondulado e com tempestades ocasionais, que provocam ondas de cinqüenta a cem pés de altura. Mas que são essas ondas comparadas a uma profundidade de quatro milhas? Nada. Nada poderia atrapalhar a meditação de um oceano, e nada poderia perturbar ou confundir as culturas milenares do homem couraçado. É verdade que as culturas nascem e morrem, que as civilizações se criam e desaparecem. Mas isto não tem grande importância à luz da tragédia fundamental da humanidade, que culmina no Assassinato permanente de Cristo. É verdade que as civilizações desapareceriam se os seus filhos se cansassem de suportar o imobilismo. Eles organizam então pequenas ou grandes revoluções, declaram guerra às outras nações mas, no fim das conta% tudo regressa à ordem; depois de ter destruído com grande clamor alguma cultura milenar, a nova nação ou nova cultura, ao fim de alguns decênios, volta a assemelhar-se àquela que suplantou, agindo exactamente da mesma forma. Basta pensar nas poucas mudanças que se produziram entre a Primeira e a

Terceira Guerra Mundial.

Tudo depende do ponto de vista em que nos colocamos para julgar tais acontecimentos. Afinal, um pássaro assemelha-se, nas suas linhas gerais, a uma baleia. Se observarmos o pássaro em relação à árvore em que ele fez o ninho, tudo o que ele empreende está de acordo com as proporções das folhas e do verme que traz aos filhotes. Mas isto perde a sua pormenorizada grandeza se for observado do ponto de vista de uma baleia.

As discussões filosóficas sobre a ciência e a moral, que se ouvem em certas reuniões universitárias, são complicadas e não lhes falta grandeza na precisão minuciosa da linguagem e do pensamento. Mas comparadas com a importância do problema da existência humana, que EVITAM, perdem grande parte do seu significado. A distância entre o que É e o que DEVERIA *SER é* importante. Aí entram as soluções pelo esmagamento e matança das massas. Mas o mistério da história de Cristo, que detém a chave da existência cósmica do homem, é infinitamente mais sério. De seu ponto de vista, o É e O DEVERIA SER não são um problema. O É e o *DEVERIA* SER estão ligados à solução da questão cósmica.

Todas estas discussões não se distinguem muito dos diálogos de Platão ou das discussões de Sócrates com os seus discípulos. Evidentemente, há diferenças, uma vez que tantas coisas mudaram em dois mil e quinhentos anos. Mas, basicamente, são a mesma coisa, e descobre-se com surpresa que desde o início da história escrita da humanidade tudo permaneceu imóvel, no mesmo lugar.

Evidentemente, é sensível a diferença entre um automóvel que circula em 1950 nos Estados Unidos e um camelo que atravessa a Palestina no ano 30 d. C. As pessoas viviam e pensavam de outra maneira, tinham outros problemas, outros costumes e outras habitações. Mas a época não nos é tão estranha como a superfície da Lua. E mesmo a superfície da Lua deve parecer-se um pouco com os Dolomites italianos.

O problema de Cristo é muito mais abrangente. *Ele diz respeito ao conflito entre o movimento e as estruturas congeladas.* Só o movimento é infinito. A estrutura é finita e estreita. No fundo, há identidade entre aquilo que o homem faz e o destino que enfrenta. A história, de certa forma, permaneceu imóvel porque o homem, que a escreve, está imóvel. O Assassinato de Cristo poderia acontecer e acontece nos nossos dias como aconteceu então. Os actuáis conflitos económicos e sociais reflectem exactamente os conflitos daquele tempo: imperadores e governadores estrangeiros, uma nação dominada, impostos fiscais esmagadores, ódio nacional, zelo religioso, a colaboração dos líderes do povo oprimido com o opressor, etc. Para compreender a história de Cristo, é preciso começar a pensar em dimensões cósmicas.

De alguma forma. Cristo não se enquadra nisto. Ele não se enquadrava já na sua época; não se enquadraria há seis mil anos, como não se enquadraria hoje. Pode imaginar Cristo vivo na catedral de Santo Estevão ou de São Pedro, a andar e falar como falou, a comer e viver com pecadores e prostitutas como ele fez? Isto é impossível. Apesar disso, estas catedrais foram construídas em sua honra. Porque não poderia ele andar nestas catedrais? Não é porque, como se diz, o homem tenha degenerado ou esquecido Cristo, ou porque os pastores se tenham corrompido. Temos boas razões para acreditar que o povo e os pastores e as suas emoções, esperanças e temores não mudaram muito desde o tempo em que adoravam Cristo em pessoa até hoje, quando adoram o seu espírito. Também isto permaneceu *imóvel.*

Não, não é a posterior degeneração da Igreja que fez o homem esquecer Cristo, mas é, hoje como há milhares de anos, o GRANDE ABISMO entre a grande esperança e o Eu verdadeiro e real; entre a fantasia do Eu e a realidade do Eu; entre a energia móvel e produtiva e a energia congelada.

Quando Cristo começou a sua missão, aos trinta anos, não perturbava nada nem ninguém. Ele apenas andava, cheio de graça, por entre as pessoas e elas gostavam de olhar as suas esperanças nesse espelho. O Assassinato principiou a desenvolver-se quando a esperança começou a provocar movimento. Cristo era móvel de mais. Não demasiado móvel no sentido de Vida viva. Pelo contrário, às vezes tem-se a impressão, a partir do que nos conta o evangelho, de que nesse ponto ele era um pouco exigente, fixando-se um pouco de mais em princípios. Ele tinha de o ser, é claro, e logo veremos porque é que a Vida viva desenvolve no homem - e porque é que tem de desenvolver−princípios rígidos e uma seriedade exagerada, se ela se pretende colocar contra a natureza imóvel do homem.

Mas Cristo, em toda a sua ingenuidade, pretendia acção. Ele tomava-se tão a sério quanto um veado o faz. «Eu sou a Vida, *é claro!* Que mais poderia eu ser?», ouvimo-lo dizer.

Cristo recusava-se a ficar em casa com os seus irmãos e irmãs e com a mãe, embora os amasse ternamente. Preferia passear pelo campo, saudar o Sol que se levantava no horizonte com o seu clarão róseo. Gostava de ver pessoas em diferentes lugares, apesar de nunca ter deixado a Palestina. Nada nos permite supor que Cristo, no início das suas peregrinações, sentisse que era um salvador da humanidade. Mas a história da sua vida e de tudo o que sabemos da actividade humana em geral mostra-nos que a princípio ele era diferente dos outros e que se sentia diferente dos outros, visto que era incapaz de se acomodar. Não tencionava passar o resto da vida amarrado a um

banco de carpinteiro. Amava as pessoas. Sentia-se benevolente para com elas. A sua família era um campo muito restrito para a sua actividade transbordante e − podemos supô-lo − para a sua visão da vida. Sabemos que a mãe o reprovava por não se restringir mais ao âmbito da família. Não tinha muito boas relações com os irmãos e irmãs. Mais tarde, quando se deixou seduzir pelo papel de líder messiânico, convidava os seus discípulos a deixarem os irmãos e irmãs, os pais e mães para o seguirem. Ele sabia que a vida familiar compulsória impede qualquer movimento que ultrapasse os seus limites.

Isto também se compreende quando se leva em conta a contradição entre a Vida em marcha e a Vida imóvel. Se a Vida é verdadeiramente Vida, lança-se ao desconhecido, mas não gosta de caminhar sozinha. Ela não tem necessidade de discípulos, de adeptos, de submissos, de admiradores, de aduladores. O que lhe é necessário, o que não lhe pode faltar, é o companheirismo, a camaradagem, a amizade, a familiaridade, a intimidade, o encorajamento de uma alma compreensiva, a possibilidade de comunicar com alguém e de abrir o coração. Não há, em tudo isto, nada de sobrenatural ou extraordinário. É simplesmente a expressão da vida autêntica, da natureza social dos homens. Ninguém gosta ou pode viver no isolamento, sem se arriscar a enlouquecer.

Mas esse anseio profundo pelo companheirismo tende a tornar-se amargo, quer dizer, transformar-se numa exigência; incompatível com a Vida viva, se os amigos e os companheiros permaneceram ligados às suas famílias, às suas mulheres, aos seus filhos, ao seu trabalho. Todas essas ligações têm sobre eles o efeito de um freio. Elas retêm-nos no momento em que é necessário dar um grande salto. Todos os grandes líderes conheceram essa dificuldade. Pedem aos seus fiéis que abandonem tudo e os sigam, só a eles. Foi assim, e será sempre assim, tanto na Igreja Católica como no Fascismo Vermelho. A mesma regra aplica-se a qualquer capitão e à sua tripulação. Ela aplica-se a qualquer chefe militar, a qualquer chefe de equipa encarregado de um trabalho que exija movimento e uma grande liberdade de acção.

A diferença entre o apelo de Cristo e as exigências dos outros acima mencionados reside em que estes dispõem de unidades constituídas e organizadas segundo um esquema rígido, implicando a renúncia a toda a forma de imobilismo, ao passo que Cristo não tinha, no início, a intenção de fundar uma igreja ou um movimento político. Ele apenas quer cercar-se de amigos nas suas peregrinações, e descobre que eles são insignificantes, incómodos, que o atrasam e impedem a sua alegria de viver. Isto não teria muita importância se os seus amigos não o tivessem cativado para ser um futuro Messias. Pouco a pouco, são eles, os seus amigos, que se transformam em admiradores e adeptos. A princípio são os adeptos que determinam as regras que os líderes lhes

impõem, e nunca o inverso. Não há nada no nosso mundo social, e nada pode haver, que não seja fundamentalmente e principalmente determinado pelo carácter e comportamento do povo. Não há excepção para esta regra, seja para onde for que se olhe.

Para começar, são os amigos de Cristo, agora seus admiradores, que o induzem a exigir que eles abandonem os seus familiares e as suas actividades profissionais. Não porque Cristo seja excepcional no seu comportamento, mas porque a Vida viva agirá sempre, em todas as épocas, seja em que contexto social for, se tiver o desejo de avançar resolutamente para o desconhecido sem ficar isolada.

Desta maneira, a vida transforma-se em dominação, regra, exigência, ordem, restrição, sacrifício, assim que enfrenta o imobilismo da multidão, da «cultura», da «civilização», das opiniões estabelecidas na ciência, na tecnologia, na educação, na medicina. Se todas as pessoas se movessem, não haveria razão para tudo isso. Elas gostariam de fazer os seus próprios movimentos. E seriam elas, e não alguns líderes ou grupos, que carregariam o fardo do progresso.

A grande maioria dos homens, em qualquer época ou fase da história, nunca saiu da sua cidade natal. Alguns não viajam porque são pobres. Mas a maioria fica no mesmo lugar porque mover-se lhes é penoso. A sua energia Vital só lhes chega para se alimentarem e às suas famílias. Apenas alguns comerciantes e alguns boêmios viajam. Somente a partir dos meados do século xx é que as viagens se tornaram um produto de consumo de massas e as pessoas começaram a ir «ao estrangeiro». Mas a imensa maioria passa os seus Verões em Nova Iorque, Chicago ou outras cidades como essas. Não é certo falar de *povo* que viaja, se apenas uma minoria o faz, porque é a maioria que determina tudo o que acontece. E mesmo que toda a gente viajasse, isto não modificaria em nada a estrutura fundamental da humanidade.

Não é porque viajar seja salutar e proveitoso que se viaja hoje em dia, mas sim porque «está na moda», porque o vizinho olharia de lado se você não tivesse visto os mesmos países que os Jones. Também se viaja porque «na Europa pode-se comprar tanto com dólares». Continua a ser imobilismo.

Se Cristo vai à Europa, não é porque lá o dólar compra mais coisas do que nos Estados Unidos. Ele vai para conhecer os povos europeus. Visita os museus como toda a gente. Mas não os visita «por visitar», ou «porque se deve ver» este ou aquele quadro. Vai simplesmente para ver a pintura. E não é isso o que geralmente se faz, da mesma forma que geralmente não se abraça um homem ou uma mulher pelo simples prazer do abraço, mas para fazer filhos. Essa atitude é estranha a Cristo. Por isso ele será, e terá de ser, assassinado no final.

O imobilismo acompanha o viajante aonde quer que vá. Por isso, se admira e venera os que se movem realmente. Nas suas viagens. Cristo evita relacionar-se com outras pessoas, apesar de encontrar muitas pessoas. Ele viaja só, com raros companheiros. E mesmo quando está com os seus companheiros, distancia-se um pouco deles, precedendo-os de cinqüenta ou cem passos, ou isolando-se na floresta para meditar. Os seus discípulos meditam muito raramente. Na maior parte do tempo, falam do Mestre, interrogam-se sobre o que ele faz e porque pode fazer isto ou aquilo. Assim, eles seguem a sua própria imagem num espelho, a imagem do que gostariam de ser mas não conseguem ser.

Nos seus sonhos, eles vêem nele o líder que, com o seu poder e a sua cólera divina, expulsará um dia os Romanos da cidade santa. Por enquanto, ele espera e prepara o golpe. Mas o dia da vingança virá certamente. Não é ele um líder? Não é o seu líder? Eles estão dispostos a passar pela prova de fogo; por enquanto, o pensamento de passar com ele a prova de fogo anima-os. Mas, no fim, abandoná-lo-ão.

Tentam persuadi-lo a fazer milagres, a fazer demonstrações do seu poder divino. Para eles, o poder divino é o raio e o trovão, é o estrondo de milhares de fanfarras e de canhões, é o céu que estremece e a cortina do templo que se rasga. Os mortos sairão das suas tumbas e o maior dos milagres produzir-se-á: as almas juntar-se-ão aos corpos e andarão de novo, como fizeram há mil anos. Isto é o mínimo que Cristo pode fazer por eles.

Na sua futura religião não haverá mais lugar para o Cristo autêntico, mas unicamente para os raios e o trovão no céu e o tremor de terra, juntamente com o retorno dos mortos.

Cristo não sabe nada disso; nunca falou, nunca prometeu enviar trovões, raios, tremores de terra ou rasgar cortinas. Ele vive e viaja noutro mundo. A idéia de uma revolta nunca germinou no seu espírito. O Reino que sente em si mesmo não *é* deste mundo: é o que ele lhes explicará pouco antes da sua morte. Mas ninguém compreende o que ele diz. Eles entendem-no literalmente. Um reino é um reino, não é verdade? E quem diz reino, diz rei, marchas, trombetas, cercos e conquistas de cidades. Um líder dispõe de poderes e exerce-os sobre os outros.

Eis o que esperam de Jesus Cristo. Por enquanto, ele ainda se esconde. Não quis ainda revelar a sua verdadeira natureza. E instigam-no constantemente a revelar-se, a dar-lhes um sinal.

Cristo pede-lhes para não falarem aos outros da sua influência benéfica sobre as pessoas e os doentes. Ele nunca fala de milagres. Mas no fim, cem anos depois da sua morte, os milagres ocuparão o primeiro plano, e não se falará mais da sua recusa em

fazer o papel de taumaturgo.

Cristo é *contra* a revolta armada. Recusa-se a dirigir tal revolta. Prega a revolução espiritual, a revelação das profundezas da alma. Cristo sabe que, se as profundezas da alma não forem libertadas e tomadas úteis, a sua geração não tardará a ver o dia do Juizo Final. Cristo sente, mais do que sabe, que o homem deve encontrar e amar o ÂMAGO do seu ser se quiser sobreviver e instaurar o Reino dos Céus.

Pouco a pouco, Cristo apreende o abismo que separa a sua maneira- de ser da dos outros. Dolorosamente começa a perceber que deverá morrer, mais cedo ou mais tarde, e prepara os seus amigos para essa eventualidade. Sabe que deverá morrer, porque, apesar de cada pássaro ter o seu ninho, não há lugar neste mundo onde o Filho de Deus possa descansar o corpo.

Se ele pegasse na espada, como os seus discípulos lhe pediam, não seria morto ou então seria morto honrosamente, combatendo, e não ignominiosamente, na cruz entre dois ladrões. Cristo sabe que deve morrer, porque não há lugar para ele no coração ou no espírito dos homens. Não sabem absolutamente do que ele lhes fala. E ele não se exprime em parábolas misteriosas. Os seus propósitos são claros, como as coisas que ele evoca. Mas eles não têm ouvidos para o ouvir, ou pior, enganar-se-ão quanto ao sentido das palavras dele, e por isso deverá morrer.

Ele cita Isaías, que disse:

«Este povo honra-me com os lábios, Mas o *seu coração está longe*
de mim; em vão, pois, me honram,
ensinando como doutrinas os mandamentos que vêm dos homens.»

(Mateus, 14:8,9)

Ele sabe que a catástrofe não tardará a abater-se sobre ele, que é *inevitável.* E ninguém virá em seu socorro, porque, como disse Isaías:

«Vós ouvireis com os ouvidos, e não entendêreis; e vereis com os olhos, e não vereis. Porque o coração deste povo tornou-se insensível, e os seus ouvidos fizeram-se surdos, e eles fecharam os olhos, para não suceder que vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e entendam com o coração, e se convertam, e eu os sare.»

(Mateus, 13:14,15)

Esta *é* a COURAÇA: eles não ouvem, nem vêem, nem sentem com o coração o que vêem, escutam e percebem. Não compreenderão jamais, e as palavras de todos os

profetas de todos os tempos ecoaram neles em vão. Os mártires foram mortos em vão, os santos foram queimados em vão, o Assassinato de Cristo continua vitorioso.

Tudo o que o coração do homem concebeu, e o pensamento humano abordou, tudo o que o sofrimento humano revelou do segredo trágico do homem foi pura perda. Os livros foram empilhados num canto ou castrados por uma vã admiração. Os homens só querem ser preenchidos onde se sentem vazios. *Nada pode preenchê-los.* Deus foi irremediavelmente sepultado neles. Só será reencontrado nas suas crianças recém-nascidas, se evitarmos que sejam injuriadas pelas mãos dos couraçados. Ora, Cristo tem de morrer, porque viu de muito perto o segredo deles, porque se recusou a aceitar a interpretação errada que *eles* faziam do Reino dos Céus, porque permaneceu fiel ao que sentia.

E este foi o modo como eles acabaram por entregá-lo aos seus inimigos.

Ele resistiu às tentações do mal e do demônio. Resistiu à atracção do poder. Mas estava perante uma difícil escolha, perante um dilema doloroso: como ser líder do povo sem sucumbir aos vícios dos líderes do povo? Sabia que o poder não resolveria o problema, não *podia* resolvê-lo.

O poder é, em última análise, o resultado do desamparo do povo. Ou os líderes tomam o poder pela força, ou então é o próprio povo que os leva a reinar sobre ele. Um Calígula, um Hitler, um Djugashvilli mostraram um desprezo evidente pelo povo ao tomar o poder, porque tinham compreendido o que os homens são e o que fazem. Todo o poder deste gênero pode instalar-se graças à inércia, à cumplicidade ou mesmo à admiração do povo.

O outro tipo de poder, *a sedução dos líderes para posições de poder, é urna realização dos homens vazios e incapazes. Os homens transformam as novas verdades libertadoras- num. novo poder do homem sobre os homens.* Isto parece inacreditável. No entanto, toma-se evidente quando nos livramos da atitude de comiseração e idolatria do povo e dos homens em geral. Essa comiseração e essa idolatria estão entre os meios mais eficazes com que a peste generalizada se protege. Enquanto nos condoermos das pessoas, as elogiarmos e nos recusarmos a vê-las como são, nunca descobriremos o atalho escondido que conduz à compreensão de uma montanha de misérias vetustas. A história de Cristo só descobre este segredo porque Cristo não sucumbiu à sedução do poder.

Eis os métodos que o povo usa para seduzir os seus grandes líderes a exercer poderes perniciosos.

Para começar, as pessoas reverenciam as idéias daquilo a que chamamos «progresso», saudando os promotores de tais idéias, mas permanecendo, elas próprias,

instaladas no imobilismo. Se não mataram imediatamente a nova idéia, resta-lhes caluniar ou, então, torturar o pioneiro até ã morte. O abismo entre a capacidade de *ter esperança* e a capacidade de *agir* levará, de qualquer forma, a sentirem a nova idéia como um fardo, como uma lembrança constante da sua inércia, do seu imobilismo. Essa sensação de estar sempre a travar dará origem a um sentimento de ódio a tudo o que é novo, mutável e excitante. Visto por este ângulo, o ódio a tudo o que vive é uma manifestação *racional* por parte do homem arruinado. A idéia nova, dinâmica, faz tremer os hábitos de segurança e conforto emocional. *Neste caso, a atitude conservadora torna-se uma atitude racional.* Esta segurança, apesar de ir matando o homem aos poucos, é indispensável à sua existência. Sem ela, ele pereceria. O alarde dos bufões e vendilhões da liberdade não deveria desviar a atenção deste facto. O bufão da liberdade que, por simples ignorância ou falta de espírito de responsabilidade, reclama a liberdade porque quer fazer o que bem entende −com a intenção de fazer o *mal* −após ter morto o conservador que defende o *statu quo,* seria absolutamente incapaz de assegurar o funcionamento das estruturas sociais e utilizará, para salvar a pele, procedimentos ainda mais cruéis e violentos para suprimir a Vida viva do que os imaginados pelos piores conservadores.

Os imperialistas russos do século xx, que vieram das camadas populares, fomecem-nos um exemplo histórico deste facto que custou muitas vidas humanas.

Dadas as condições em que vivem, os homens são e precisam de ser conservadores. De nada serve abandonar a sua cidade e enfrentar o desconhecido se não tem agasalho para se proteger do frio, nem pão para comer. Mais vale, nessas condições, ficar instalado onde está, com uma pequena horta atrás da casa. Pela mesma razão, as pessoas odeiam e devem odiar os que perturbam a sua segurança emocional. Ao fazer esta constatação, torno-me advogado do diabo, mas é pouco útil combater o diabo, a não ser que se saiba primeiro porque está o mundo povoado de diabos.

O perturbador dos seguros hábitos do imobilismo pode tomar-se vítima da aclamação da sua grandeza e instalar-se também no imobilismo. Isto acontece muito freqüentemente. Neste caso nenhum avanço real terá sido realizado. Alguns homens e mulheres terão sentido uma pequena comoção, um pequeno estremecimento nos seus órgãos genitais adormecidos, mas nada aconteceu que pudesse perturbar a paz da comunidade. Observe um pouco os orientais «instalados» e compreenderá e *verá* o que quero dizer.

Pode também acontecer que o perturbador da segurança emocional não sucumba à pressão do imobilismo do homem. Neste caso, ele será perseguido, *terá* de ser

perseguido como um animal selvagem. Ou então morre, e não impedirá mais o arrastar-se da rotina. Uma vez mais, a situação da comunidade não sofrerá muitas mudanças; um pouco de poeira será levantada na estrada, ou durante uma briga sem importância em alguma taberna.

A existência do homem estará seriamente ameaçada se o inovador ou profeta não aceitar instalar-se com os outros, nem morrer em silêncio. O perigo real decorre do *sucesso* do profeta. Eis as etapas para o desastre social geral:

1. *A massa de homens inertes agarra-se, por intermédio de alguns pequenos grandes homens, a uma grande esperança transmitida por uma nova mensagem.*

2. *Esses pequenos grandes homens não estão tão inertes como o resto do rebanho humano. Eles estão vivos, empreendedores, ávidos de sucesso e de poder; não de poder sobre as pessoas, como até então.*

3. *Os profetas, que condenaram a vida pecaminosa e viram novas terras, mantêm as suas promessas sem verem que criam assim os fundamentos de um novo poder maléfico que eles teriam sido os primeiros a condenar.* A menos que eles tenham atingido um alto grau de abnegação e de sagacidade que lhes permita ver com toda a clareza o abismo que separa, no homem, a esperança do acto, a catástrofe social será inevitável.

4. *Os pequenos grandes homens agarrar-se-ão à nova idéia.* Ficarão embriagados com as potencialidades da nova visão. Não terão a experiência, nem a paciência necessária para perceber o perigo, nem para adquirir o conhecimento necessário para manejar a nova visão. A grande visão torná-los-á inevitavelmente embriagados com sonhos de poder, e eles conhecerão a *embriagues do poder.* Esses pequenos grandes homens não vão querer o poder de imediato. A embriaguez do poder *é* o resultado involuntário, mas certo, da mistura de grandes visões e pouco conhecimento. Desta forma, um mal novo e pior é criado a partir da esplêndida visão de redenção. Essa transformação da visão em embriaguez de poder ganhou importância ao longo dos séculos, à medida que o número de profetas aumentava *e* mais indivíduos que abandonavam o rebanho apareciam no cenário social. O *imobilismo do homem,* a visão do *profeta* e a *transformação da visão em embriagues do poder* nos pequenos apóstolos dos grandes profetas é a tríade donde procede toda a miséria humana.

Esta passagem da visão ao poder sobre os homens é inevitável; produzir-se-á enquanto durar o abismo entre o grande sonho e a impotência efectiva do homem. João e Caifás, o Cristo e o Inquisidor surgem desse abismo na natureza do homem.

É o dinamismo deste círculo vicioso que fez de cada líder *socialista* da primeira

metade do século xx um burocrata do poder estatal sobre os homens. A seqüência destes acontecimentos é inevitável enquanto o abismo não for fechado. A embriaguez do poder não é culpa de ninguém, mas é da responsabilidade de todos. *Não há maior perigo para os povos futuros do que a comiseração e a piedade.* A piedade não removerá no homem o abismo que separa o sonho da acção. Ela só o fará perpetuar. *No sentido da perpetuação da miséria do homem, os socialistas são inimigos dos homens.* O conservador não tem a pretensão de melhorar a sorte do homem. Ele proclama abertamente que é a favor do *statu quo.* O socialista apresenta-se como o «líder progressista» que aspira à «liberdade». Na realidade, ele é o artífice da escravidão: não porque fosse esta a sua intenção, mas porque ele sucumbe à atracção do poder; ele é vítima das massas humanas místicamente esperançosas, mas, de facto, impotentes.

Os sentimentos socialistas conduzem necessariamente à estatização. Assim *aconteceu* em todos os lugares onde a idéia socialista foi tomada a sério. Nos lugares onde o socialismo foi somente *um* ideal humanitário, como nos países escandinavos no século xx, a estatização não surgiu como conseqüência. Mas na Inglaterra o socialismo naufragou; foi uma catástrofe na Rússia, na mesma proporção em que o ideal socialista foi tomado a sério.

Ninguém culparia um líder socialista por não ver o abismo ou por confundir a esperança do povo de alcançar a liberdade com a sua capacidade de construir esta liberdade. Mas podemos culpá-los de oprimir, de maltratar e de matar todos os que apontaram o abismo e propuseram medidas − boas ou más − para o fechar. Isto aplica-se, em primeiro lugar, aos imperialistas russos. Para eles, o imobilismo patológico do povo significa uma «sabotagem» consciente dos interesses do Estado. A abominável crueldade dos imperialistas russos em relação ao homem só pode ser explicada pelo choque que lhes causou a descoberta da inércia humana, no momento em que tinham partido para construir «o céu sobre a Terra». Não são as esperanças da humanidade que diferenciam o credo dos Católicos Romanos do dos imperialistas russos, nem a degeneração de uma doutrina nobre num mísero engano. O que distingue os dois sistemas é a sua diferente atitude face à fraqueza humana. No entanto, durante a Idade Média, o Catolicismo apresentou as mesmas características do fascismo do século XX.

É evidente que tudo isto é trágico. O facto de ser mais agradável para o homem NÃO levar a sério os seus ideais do que levá-los a sério é apenas mais um dos muitos paradoxos criados pela grande contradição na estrutura humana, a contradição entre os desejos do homem e a sua inércia.

Cristo não sucumbe à solicitação do rebanho que lhe propõe levá-lo ao poder. Ele não cria, durante a sua vida, nenhum grande movimento, e nem sequer abandona o

Judaísmo. Não transforma sequer a sua profecia em embriaguez do poder. Este será o papel de Paulo de Tarso. Na época moderna, Estaline está para Marx, assim como Paulo está para Cristo. Lenine está fora disso. Não suportou a dor de ver abortar o sonho russo que ele vivera no início. Teve um ataque apopléctico, assim como Franklin D. Roosevelt em 1945, quando compreendeu o que o Modju (*) de Moscovo fizera com as suas atitudes amigáveis. *O verdadeiro Paulo do Fascismo Vermelho é Estaline, o astuto Modju da Geórgia, Rússia, até nos detalhes de linguagem, doutrinação, crueldade, e da conversão de Saulo em Paulo.* Para Estaline, sucumbir à embriaguez do poder foi mais fácil do que para Paulo, porque não havia, no tempo de Paulo, milhões de homens implicados no desastre. Mas ambos mostraram, cada um a seu modo, a mesma crueldade.

Cristo nunca organizou facções nos diferentes países. Não pretende converter os pagãos ao Cristianismo; apenas inclui os pagãos entre os filhos de Deus, e nunca teve a menor intenção de converter as pessoas contra a vontade delas. Ele não leva o Cristianismo às pessoas. Espera que as pessoas venham a ele. Então diz simplesmente que o Reino dos Céus NA TERRA é possível e está próximo. Ele crê − como o farão os liberais e os socialistas, dois mil anos mais tarde − que o homem é bom, e que são apenas as forças *exteriores* que o esmagam e impedem de viver a sua bondade, Ele crê − como farão muitos depois dele − que o Reino virá se o homem se obstinar em rezar séria e verdadeiramente. Comete − como muitos antes e depois dele − o erro de pensar que a massa humana pode ser subjugada pelos poucos imperadores e escribas talmudistas, contra a sua vontade. Ignora completamente o facto de que *são os próprios homens que procedem à supressão da vida.* Séculos de crueldade, de morte, de desespero, de erros e de crimes hediondos transcorrerão antes que uma ínfima minoria comece a tomar consciência de que o homem *é* emocionalmente doente. E, mesmo então, os poucos que o sabem irão aderir ao erro e recusar-se a ver a verdade clara, face a face. Acreditarão que os mentalmente doentes o são por hereditariedade, como os seus predecessores acreditaram que eram possuídos pelo demônio e, como tal, deveriam ser queimados vivos.

A grande evasiva de Cristo, que é Vida, trará biliões de crimes através dos tempos. Converterão nações estrangeiras ao Cristianismo pela força, ignorando o que Cristo quis dizer quando falou do Reino dos Céus dentro de nós. Em nome do Cristianismo, com o fim de evitar Cristo, o sangue será derramado, enforcados penderão das árvores, gritos ecoarão pelos muros espessos das prisões, e os insanos, que conservam o contacto com Cristo, serão encarcerados para sempre, tudo em nome de Cristo.

---

* Ver nota da p. 207. *(N. do E.)*

E o pesadelo continuará sob outro nome, desta vez sob o disfarce do Anticristo que pretenderá exterminar a fé cristã pela sua crueldade e ignorância, ao mesmo tempo que ultrapassará, quanto ao método e ao número, qualquer coisa que qualquer inquisidor jamais possa ter imaginado fazer. Oito anos foram necessários para levar Giordano Bruno à fogueira; hoje, algumas horas são suficientes para fuzilar centenas de homens e mulheres inocentes.

O ódio reinará no mundo, ao mesmo tempo que palavras de amor e paz sairão de lábios frios. Cristo nada sabe do ódio estrutural, conseqüência do sentimento de frustração do homem. Serão necessárias centenas de anos, e centenas de santos e de sábios, para *esconder* o facto de que alguém poderia pôr um fim ao pesadelo, fazendo parar o Assassinato de Cristo no ventre de biliões de mulheres sedentas de amor que geram crianças.

A catástrofe é *grande de mais, estúpida de mais e odiosa de mais* na sua monstruosidade para que mesmo Cristo tenha tido consciência das suas dimensões. Ele ama demasiado as pessoas. Acredita demasiado nelas. Com um amor tão profundo e sincero no coração, não é possível conceber o homem como um ser rancoroso, abominador. O homem não mostra abertamente o seu ódio. Dissimula-o e vive-o, clandestinamente, de maneira magistral. O seu ódio é bem disfarçado sob a forma de ódio ao inimigo eterno, ao imperador, ao inimigo estrangeiro, de maneira que nenhuma alma cheia de amor e confiança queira ou possa sonhar que esse ódio exista no homem virtuoso. Não é menos verdade que o amor possessivo da mãe pelo seu filho *é* verdadeiro ódio; que a fidelidade rígida da mulher ao seu marido é verdadeiro ódio; na realidade, ela está cheia de desejo por outros homens. O cuidado solícito dos homens pelas suas famílias é verdadeiro ódio. A admiração das multidões pelos seus líderes bem-amados é autêntico ódio, é um assassinato em potência. Deixemos o redentor virar as costas ao seu rebanho, deixemos o pastor abandonar as suas ovelhas por um só dia, e elas transformar-se-ão em lobos famintos e despedaçarão o pastor.

Tudo isto é demasiado inacreditável para que possa ser concebido e manejado. Mas é real. É tão real que suspeitamos, com boas razões, que isto seja o clímax da grande evasiva de toda e qualquer verdade, grande ou pequena. Para chegar à verdade, esta grande mentira tem de ser descoberta. E descobrir esta grande mentira significa desastre para todas as almas envolvidas.

O grande ódio está muito bem escondido e controlado na superfície, para que não possa fazer mal de imediato. A criança emocionalmente mutilada pela mãe na primeira infância só a acusará das conseqüências quando, já homem, se encontrar perante a tarefa de amar uma mulher, ou, sendo mulher, enfrentar os problemas da educação do seu

filho.

A distorção da graça natural de uma rapariga pela mãe frígida e horrível só se desvendará quando ela for mãe e tiver feito o seu homem e os seus filhos infelizes para sempre. O último pensamento de tal mãe, até ao seu leito de morte, será a preocupação pela virgindade da filha.

Isso é apenas uma pequena amostra dos bastidores da miséria humana. O grande ódio só será visível para o homem ou a mulher que lutar pela sobrevivência decente do seu amor e da sua vida-. Isto só será acessível ao cirurgião de emoções que saiba abrir a alma humana sem matar o corpo com uma onda de ódio; A forma e a aparência do ódio variarão de milhares de maneiras, mas este permanecerá sempre escondido. Na verdade, todas as regras de boa conduta e cortesia na sociedade derivam da necessidade de esconder esse imenso ódio. Certa camada social desenvolverá através dos tempos uma etiqueta especial para enganar toda a gente, levando-a a esquecer a existência desse ódio estrutural. Os diplomatas do fim da era pós-cristã irão a uma conferência de paz sabendo que estão a enfrentar um ódio implacável, prontos a enganar, pois sabem que esta é a única maneira de controlar o grande ódio. Ninguém terá confiança em ninguém, e cada um saberá o que se passa no espírito dos outros. Mas ninguém o mencionará. Nas grandes convenções dos grandes conselhos de higiene mental, cada homem e cada mulher saberá da miséria da puberdade através da sua própria experiência e através da massa miserável que encontram nos seus consultórios e centros médicos. Cada educador conhece muito bem as causas da delinqüência juvenil e a sua profunda significação: A PRIVAÇÃO SEXUAL NO APOGEU DO DESENVOLVIMENTO GENITAL. Mas ninguém o menciona. O grande ódio está entre a miséria da juventude e os seus potenciais saneadores. E todos fingem não ver esse ódio no imenso engano da polidez e das convenções sociais, porque todos têm medo uns dos outros. E, do mesmo modo, continuam a dar palmadas nas costas uns dos outros, como se estivessem a amansar animais selvagens.

Tudo isto é a conseqüência inevitável do Assassinato permanente de Cristo.

O Assassinato de Cristo é inevitável, não por causa do ódio, mas porque eles o *amam* demasiado, de uma maneira que *ele não pode satisfazer.*

Cristo não quer reconhecer quanto é diferente deles. O seu amor pelo próximo impossibilita-o de tomar consciência da sua diferença, de que possui o que eles não têm, de que resolve facilmente as coisas que eles tentam em vão resolver. Ele é assim porque sente e vive a Vida naturalmente, seguindo o seu curso, enquanto eles primeiro matam a vida dentro de si próprios para depois tentar trazê-la de volta pela força. A

Vida não pode ser forçada. Não se pode forçar uma árvore a crescer, esta é a grande esperança contra os ditadores do mal.

Cristo continua muito perto dos seus companheiros. Ele continua a fazer o bem aos outros. Os homens e as mulheres que o acompanham continuam a aceitar as suas dádivas e habituam-se de tal modo que o facto de estar perto dele se torna uma espécie de segunda natureza.

A sua contínua presença e a sua intimidade farão comi que eles o matem. Se ele fosse remoto, distante por altivez! ou falsa dignidade, estaria salvo. Mas ele estava sempre ali, humilde e simples, facilmente acessível a todos, dia e noite a qualquer hora, um homem como os outros no meio dá multidão. Secretamente eles interrogavam-se: por que razão o Mestre permite que nós, que tão pouco sabemos e fazemos da sua mensagem, fiquemos sempre à sua volta? Ele é esplêndido, mas um pouco pesado para suportar. Ser solene sempre e viver a vida de Deus a toda a hora é nobre mas incómodo. É verdade que o Mestre brinca de vez em quando, diz gracejos quando caminhamos por montes e vales, e vemos muitas pessoas e crianças juntarem-se a nós, e ficarem curiosas a nosso respeito, mas não somos o que parecemos ser. Nós não somos santos, nem suficientemente perfeitos; não somos discípulos verdadeiramente dignos dele. Já alguém o ouviu contar uma piada suja? Nunca. No entanto, ele dá-se com prostitutas e cobradores de impostos. Ele é tão amável com toda a gente; um pouco de dignidade, de reserva não faria mal. O homem mais reservado será certamente o seu sucessor e representante após a sua morte.

Nada sabemos sobre a sua vida amorosa. Ele nunca fala sobre isso, e é impossível saber com quem anda. As mulheres amam-no, ele é muito atraente e viril. Alguma vez o viu beijar ou cortejar uma mulher? Nunca. Ele veio *certamente* do céu.

Não pode ser um simples mortal. Os mortais brincam, bebem, e às vezes ficam bêbados, e contam histórias picantes sobre os seus casos amorosos; fodem a torto e a direito e têm os seus pequenos segredos dos quais toda a gente sabe e fala. De vez em quando vão a algum sítio longínquo e divertem-se a valer, para voltarem a ser, depois, inteiramente virtuosos. Só vivem para as suas mulheres e filhos. Sim, sabemos que muitos detestam esse tipo de vida, mas aí ficam, cultivando os seus jardins, fazendo as colheitas, e durante a estação das chuvas não fazem grande coisa, conversam um pouco, sonham ou dormem a sesta. Desconfiam uns dos outros e desprezam-se, mas são sempre amáveis. De vez em quando apedrejam uma mulher que ousou amar um homem que não era o seu, mas, no todo, a sua vida é calma e ordenada.

Porque não tem o Mestre uma mulher? Deixou a sua família e pediu aos outros que

deixassem as suas e o seguissem. Ele sempre nos desvia desta nossa vida. É penoso deixar o nosso mundo familiar e habitual para entrar no seu.. Gostamos das emoções fortes que nos proporciona, mas quando é que ele se vai revelar, quando será o nosso líder, quando dará um sinal, quando esmagará os nossos inimigos? Ele mantém sempre silêncio sobre isso. Devia começar a fazer alguma coisa. Alguma coisa grande. Mostrar ao mundo a sua grandeza. Então, ser seu discípulo seria muito mais fácil e próximo da nossa maneira de viver. Não podemos continuar para sempre a andar pelos campos, confortando os pobres e levando um pouco de felicidade aos doentes aqui e ali. Somos vistos como um grupo esquisito, estranho. Precisamos de alguma coisa grande, barulhenta, alguma coisa como fanfarras, marchas, bandeiras e gritos, e mostraremos aos Romanos que somos seus inimigos.

O contínuo amar, dar e preencher os seus egos vazios de nada serviu. Eles querem viver à maneira *deles.* E Cristo não se apercebeu disso. Conseguiram convencê-lo de que devia fazer alguma coisa grande, estrondosa, impressionante, para ser reconhecido como o Filho de Deus. E ele, que resistiu à tentação do pecado e do poder, deixa-se levar numa «Marcha sobre Jerusalém». E como Cristo *é* muito diferente de Mussolini, que marchará dois mil anos mais tarde sobre Roma, e como esta marcha está em completa contradição com a sua verdadeira natureza, morrerá miseravelmente na cruz.

Por causa do seu grande amor pelos homens. Cristo não compreende inteiramente o homem. Ele sente-se como um líder que nunca deveria abandonar o seu rebanho. Pressente uma catástrofe iminente. Sente que a sua vida é incompatível com o curso normal das coisas. Nada sabe sobre a peste no homem, e durante dois mil anos ninguém perceberá a peste que ameaça o homem. E então ele cedeu. Os seus inimigos só esperavam uma oportunidade para o matar. Estava a salvo enquanto viveu a vida da Vida. Perdeu-se no momento em que começou a misturar a sua vida com a vida deles.

Modestamente, ele monta um burro e marcha na frente de um punhado de discípulos para a grande cidade, com o grande templo dominado por poderosos sacerdotes, e para a fortaleza do governador. Sabe que vai morrer. «Eis que aqui vamos para Jerusalém; e o Pilho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, que o condenarão à morte. E entregá-lo-ão aos gentios para ser escarnecido e crucificado, mas ao terceiro dia ressurgirá.» *(Mateus,* 20:18,19.) Ele sabe-o, mas vai, mesmo assim. Ele diz-lhes que vai ser capturado e morto, mas eles não sabem do que ele lhes fala. Para *eles*, trata-se apenas de mais uma *emoção.* Um desses misteriosos ditos que os enchem de uma alegria ansiosa por um dia ou dois, até que ele lhes dê outra emoção. Ninguém lhe diz para não ir. Ninguém o retém. Ele já está abandonado, embora ninguém tenha ainda percebido. Não tem um único amigo com quem possa

contar. Os amigos teriam compreendido a situação, e não a teriam desejado. Os amigos teriam compreendido que os seus modos não são os deste mundo de talmudismo e conquista, e que uma cidade imensa não poderia ser tomada de assalto pela Vida, montada num burro. Os amigos ter-lhe-iam dito que tal iniciativa era ridícula e que assim pareceria aos olhos de todos; que a multidão viria vê-lo passar, arrastada por uma curiosidade mórbida, como se assistisse a um espectáculo de circo. Alguns gritariam «Hossana nas Alturas», mas isso não alteraria muito.

Dois mil anos mais tarde, políticos organizarão marchas da fome com os pobres das grandes cidades, durante o Inverno gelado, para exibir os futuros proletários que regularão a sociedade. Alguns cantarão hinos à liberdade, outros gritarão «Abaixo a burguesia», enquanto alguns espectadores indiferentes se irão juntando nas calçadas para ver desfilar essa procissão de fracasso, de pobreza e de misérias. Alguns dos participantes na Marcha da Fome tentarão em vão imitar a marcha de uma grande parada militar. Terão mesmo batedores à sua frente, e alguns tambores marcarão o ritmo da marcha miserável. Soldados bem armados, em fila, dos dois lados da coluna, protegerão os miseráveis do ódio da maioria. Um dia, a nação inteira encher-se-á de piedade pelos infelizes... e o fim disto tudo será:



e isto



continuará

Assim como Cristo sabia bem que marchava para a morte, também esses «libertadores» da humanidade saberão (e di-lo-ão em voz alta) que marcham ao encontro do nada, e que caminham para estabelecer um outro governo ainda mais cruel,

mais infernal que o precedente. Organizarão marchas da miséria, plenamente conscientes da inutilidade do empreendimento. Marcharão porque não há mais nada a fazer, dadas as regras que, actualmente, governam a conduta humana.

Serão *contra* a revolta, como Cristo o fora dois mil anos antes deles. Saberão muito bem que «aquilo» está «dentro deles», para ser libertado das suas vidas oprimidas, e não para ser obtido através de marchas. Mas os seus líderes não conhecerão nenhum caminho melhor. Será feito da maneira *usual.* Para fora, ao invés de para dentro.

Capítulo VII

A MARCHA SOBRE JERUSALÉM

A marcha sobre Jerusalém serve para apagar a lembrança constante do modo de vida de Cristo, que continua a bater fortemente nos corações. Dois mil anos mais tarde, o fluxo do amor e da vida no corpo será enfim conhecido e compreendido. As pessoas reunir-se-ão em torno daquele que conhece esta vida e tentarão obter dele a potência orgástica; tentarão fazer com que seja derramada sobre elas. Tentarão absorvê-la da sua presença e obtê-la através daquilo a que se chama «terapia». Mas ninguém sabe do que é que ele fala, já que ninguém jamais sentiu a excitação da vida, e se a sentiu, foi com horror. Desejarão, portanto, senti-la, mas não a deixarão crescer e desenvolver-se na sua vida total. Trabalharão arduamente na cama para a *«conseguir»;* estudarão livros para a descobrir; procurá-la-ão em muitos abraços de ódio e aversão; matar-se-ão por não serem capazes de a obter, mas sufocarão o amor autêntico no momento em que ele tocar os seus sentidos ou quando o virem nos bebés recém-nascidos. As mães estremecerão de horror perante os seus bebés: «Ele mexe-se! Ele mexe-se realmente! Que horror!»

Tudo isto *é,* de alguma forma, conhecido pelos que marcharam para Jerusalém, como o será para cada indivíduo, dois mil anos depois, nas grandes cidades da Europa, porque não há lacuna que os tome mais infelizes do que esta: não há mais nada a que possam chamar Deus, Vida ou Cristo. Mas continuam a matá-lo, a temê-lo, a bani-lo, a fuzilá-lo, a enforcar-lo. É uma constante lembrança da sua verdadeira miséria, e por isso deve morrer. A *American Medical Association* ainda não reconheceu isto, e o Sinedrio continua a estudar as palavras do profeta para encontrar o significado da vida, em 1950. Mas eles matarão, *terão de* matar a vida, que neste momento marcha, montada num burro, para Jerusalém, seduzidos pelo modo de vida aceite, o modo assassino de vida. O

homem apoderou-se dos caminhos de Deus, e daqui por diante mantê-los-á prisioneiros e fora do alcance do corpo ou da mente, salvaguardados em litanias mecânicas, transformados em cruzes mortas e catedrais imponentes.

A ridícula marcha no dorso do burro deve ser apagada para sempre.

Eles seduzem Cristo a marchar sobre Jerusalém, não porque o vejam como ele é na realidade, nem porque entendam o significado da sua existência. Eles seduzem-no por causa DA IDÉIA QUE TINHAM DE COMO UM PROFETA DEVERIA SER E AGIR. OS livros dos profetas não anunciam o que deve ser feito?

> *«Dizei à filha de Sião: Eis aí o teu rei, que vem a ti cheio de doçura, montado sobre uma jumenta, e sobre um burrinho, filho da jumenta.»*
>
> *(Mateus,* 21:5)

Este não é o caminho de Cristo. É o caminho *deles.* Então eles anunciam ao mundo que este *era* o caminho DELE, o que não é verdade. E mesmo os sonhos eram-lhes muito pesados. Alguém teria de sonhar por eles, para os livrar de toda a responsabilidade. Cristo nunca sonhou em conquistar Jerusalém. Este nunca foi o seu propósito. Muitas vezes ele reprovou os métodos dos Barrabases e dos imperadores, em vão. Mas não havia saída para ele.

Dois mil anos depois, a energia vital cósmica será enfim descoberta e posta ao serviço do homem. Ela transformará milênios de pensamento. Preencherá as velhas lacunas do conhecimento humano, tão cheio de erros. Revelará o significado de Deus que se tomou inacessível através de um misterioso processo de mudança e de fanatismo. Preencherá o espaço cósmico que foi declarado vazio. Estabelecerá a legítima harmonia do universo. Abrirá às almas humanas as suas próprias fontes de fé e de conforto. Terá um grande poder terapêutico, que exercerá de maneira simples. Criará novas maneiras de pensar, que não serão místicas nem mecanicistas, mas maneiras vivas, de acordo com o lugar do homem no esquema geral das coisas. Esse será o caminho da Energia Vital.

Mas eles não permitirão que isso aconteça. Arrastarão o descobridor para um inútil departamento bacteriológico e exigirão a confirmação das suas descobertas. Pedirão aos físicos que passaram as suas vidas a apagar qualquer vestígio da existência de tal energia cósmica que «controlem» a descoberta da Vida. Desejarão ter artigos elogiosos nos jornais em que os matadores da vida mantêm o público na ignorância da Vida.

Os «libertadores da classe operária» explicarão ao público que o descobridor não é membro das associações psiquiátricas que eles difamam na terra natal dos proletários.

Perguntarão porque é que o nome do descobridor da Vida não está no *Who's Who,* e a razão pela qual o fabricante de frigoríficos nunca ouviu falar dele. Convidá-lo-ão para uma grande conferência na Academia de Medicina, onde geralmente só se ouve falar sobre *Dolson,* a droga que, segundo a propaganda da rádio, cura tudo.

Em suma, eles só querem a *imagem* da mudança e desejarão reter o que detestam. Eles sepultarão a sua grande esperança antes que ela nasça, exactamente como matam a vida dos recém-nascidos antes do nascimento para terem bebês tranqüilos, bonzinhos e fáceis de tratar.

Aspirarão à redenção sem se dar ao trabalho de mudar e sem o incômodo de se conhecerem primeiro a si próprios. Cada palavra tornar-se-á num *slogan* oco, cada movimento do corpo numa soma de movimentos mecânicos. As suas palavras serão os cadáveres dos pensamentos. Nos livros de contabilidade e no universo do espaço vazio, o zero é igual a zero, e nada será dito sobre os verdadeiros problemas humanos.

Como o amor só vai para dentro deles e nunca para fora, acabam por odiar o doador e o redentor. Perder a fonte de energia revitalizante significa perder a vida. Depois do contacto com o Mestre, é intolerável sentir o próprio vazio e a existência árida. A partir disso, muitas idéias perniciosas espalharam-se entre os homens, desenvolvendo-se e persistindo através dos tempos.

Acalenta-se a idéia de que o homem tem o direito de andar livremente, escolher o seu lugar de trabalho, escolher a sua profissão, ir e vir como bem lhe aprouver. Esse homem comum não confere o mesmo direito ao povo, quando se torna ditador; ele recusará esse direito ao seu líder. O líder, quer seja funcionário do Estado, dirigente comercial ou chefe militar, não deve, em hipótese alguma, deixar o seu rebanho ou abandoná-lo à própria sorte. Ele tem de estar sempre ali, para servir o povo; um capitão nunca deve abandonar o navio que naufraga. Qualquer outra pessoa, principalmente o herói das ruas, pode, evidentemente, abandonar o que quiser.

Desta mentalidade de sugadores deriva a ideologia do MÁRTIR. A necessidade de mártires cresceu ao longo dos séculos. O descobridor *tem* de sofrer pelo bem que traz ao povo. «Sempre assim foi», o que quer dizer, é claro, que deve permanecer assim: não precisa «o POVO» de alguém que possa admirar, venerar, imitar? O sofrimento do mártir deve ser visível e perceptível em tudo; se este sofrimento se passar em silêncio, ninguém se incomodará. Para se tomar um herói, uma criança deve cair num poço bem estreito, ficar presa ali por muitos dias, e ser socorrida por uma equipa de técnicos. A nação inteira seguirá de perto o acontecimento. Mas quando milhares de crianças sofrem pela frustração dos seus desejos nascentes, isso não interessa a ninguém; e até se proíbe que o assunto seja mencionado nas escolas e universidades, onde futuros pais e

professores são formados aos milhares.

O grande homem deve sofrer. Ninguém culpará o canalha emocional que faz sofrer os grandes realizadores. O homem generoso, deve sofrer sem abandonar a luta ou o público condená-lo-á severamente. O público tem necessidade do herói para provocar nas almas vazias uma faísca de admiração. Podemos imaginar o General Americano, o vencedor da Segunda Guerra Mundial, a recusar-se a ir pacificar, com o suor do seu rosto, as discussões dos Europeus que preparam a Terceira Guerra Mundial? Impossível. O general não tem o direito de repousar, de se aposentar, ele deve servir o povo. Se recusar, será caluniado e cairá em desgraça.

Outro ideal que deriva disso tudo é o «Ama o teu Inimigo». Isso é extremamente prático e útil − *para o inimigo.* Cristo não ama os seus inimigos. Ele condena os escribas e os Fariseus em termos que não deixam dúvidas. Ataca os mercadores, vira-lhes as mesas e espalha o dinheiro pelo chão.

«Mas ai de vós, escribas e Fariseus hipócritas! Porque fechais o reino dos céus diante dos homens, pois nem vós entrais, nem aos que entrariam deixais entrar. Ai de vós, escribas e Fariseus hipócritas! Porque devorais as casas das viúvas, a pretexto de longas orações. Por isto mereceis um juízo mais rigoroso. Ai de vós, escribas e Fariseus hipócritas! Porque atravessais o mar e a terra para fazerdes um prosélito; e depois de o terdes feito, o fazeis duplamente mais digno do inferno do que vós.

Ai de vós, condutores cegos! Que dizeis: 'Jurar pelo templo nada vale; mas o que jurar pelo ouro do templo, fica obrigado ao que jurou.' Estultos e cegos! Pois qual é mais: o ouro ou o templo que santifica o ouro? E todo o que jurar pelo altar, isso não é nada; mas quem jurar pela oferenda, que está sobre ele, está obrigado ao que jurou. Cegos! Qual é mais, a oferenda ou o altar que santifica a oferenda? Aquele, pois, que jura pelo altar, jura por ele, e por tudo quanto está sobre ele; e todo o que jurar pelo templo, jura por ele, e pelo que habita nele; e o que jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que está sentado nele.

Ai de vós, escribas e Fariseus hipócritas! Que pagáis o dízimo da hortelã e do endro e do cominho, e haveis deixado as coisas que são mais importantes da lei, a justiça e a misericórdia e a fé. Estas coisas eram as que vós devíeis praticar sem que entretanto omitísseis aquelas outras. Condutores cegos, que coais um mosquito e engolis um camelo!

Ai de vós, escribas e Fariseus hipócritas! Porque limpais o que está por fora

do copo e do prato, que por dentro estais cheios com o produto da vossa rapina. Fariseu cego, purifica primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo.

Ai de vós, escribas e Fariseus hipócritas! Porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora parecem formosos aos homens, e por dentro estão cheios de ossos de mortos, e de toda a podridão. Assim também vós por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e iniqüidade.

Ai de vós, escribas e Fariseus hipócritas! Que edificáis os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos e dizeis: 'Se nós houvéssemos vivido nos dias dos nossos pais, não teríamos sido os seus cúmplices no sangue dos profetas.' E assim dais testemunho contra vós mesmos, porque sois filhos daqueles que mataram os profetas. Acabai vós, pois, de encher a medida dos vossos pais. Serpentes, raça de víboras! Como escapareis de serdes condenados ao inferno? Por isso eis que eu vos envio profetas e sábios e escribas, e deles matareis e crucificareis a uns, e aceitareis a outros nas vossas sinagogas, e os perseguireis de cidade em cidade. Para que caia sobre vós todo o sangue dos justos que se tem derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem vós matastes entre o templo e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas virão a cair sobre esta geração. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu juntar os teus filhos como a galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu não o quiseste? Eis que ficará deserta a vossa casa. Porque eu vos declaro que desde agora não me tornareis a ver até que digais: 'Bendito seja o que vem em nome do Senhor.'»

(*Mateus*, 23:13-39)

A proposta de Cristo «Perdoai aos vossos inimigos», que quer dizer, na verdade, «Compreendei os vossos inimigos», foi distorcida, assim como tem sido distorcido e descaracterizado tudo o que cai nas mãos de almas vazias. A peste jamais perdoará aos seus inimigos; o melhor e o mais seguro dos meios de retaliação é ser amado pela vítima. Um procurador distrital, atacado pela peste, prenderá um homem inocente, sabendo exactamente o que está a fazer; ele isolará um pai ou um marido durante vinte anos, encerrando-o numa fortaleza de janelas gradeadas. Alguém descobre o erro depois de vinte anos e, às vezes, pode ser que o inocente seja libertado. Depois de solto, deve

dizer publicamente − é o que se espera deles sob pena de algumas perseguições da lei − que hão guarda rancor a ninguém. O carácter pestilento estará livre para cometer outro crime contra outro inocente, que novamente deverá amar o seu inimigo e não guardar rancor.

Desta forma, uma grande idéia nascida de uma grande alma foi transformada em arma mortífera. A partir da proposta de que o líder nunca deve abandonar o seu rebanho de homens desamparados, encontrar-se-á, depois de o líder ter sido pregado na cruz, uma outra idéia, muito mais monstruosa: o líder *teve* de morrer para redimir todos os pecados da humanidade. É claro como água, e é por isso que ninguém menciona esta pequena jóia de verdade: *eles podem continuar a pecar, que o crucificado será sempre misericordioso e tomará sobre ele, na sua grande graça, todos os pecados.*

Que pesadelo de injunção moral! *Crucificar um inocente para se libertar dos próprios pecados.*

Cristo sente tudo isso quando entra em Jerusalém. Mas o seu amor pelas pessoas tolhe-o. Ele está prisioneiro, fazem com ele o que querem; um líder deveria morrer por eles. Não é o estilo de Cristo. Isto não tem nada a ver com Cristo, com a sua missão ou com a sua maneira de viver. É a maneira *deles.* E isto vai matá-lo.

Mesmo que soubesse toda a história da peste, como ela age e como captura as suas vítimas, ele não poderia fazer nada. Perceberia logo que a peste soube proteger-se de qualquer ataque, que ela fechou por dentro todas as entradas do seu domínio maléfico.

A PESTE É PROTEGIDA PELAS SUAS PRÓPRIAS VÍTIMAS.

Durante milênios, ninguém soube nada sobre a peste que infesta as almas vivas, matando, caluniando, assassinando às claras e clandestinamente, causando guerras, difamando, mutilando crianças, distorcendo as grandes crenças religiosas, fodendo, roubando, enganando, apropriando-se dos frutos do trabalho dos outros, mentindo, esfaqueando pelas costas, sujando tudo o que é puro e translúcido, confundindo todos os pensamentos claros, deformando e aniquilando qualquer tentativa de melhorar a sorte do homem, saqueando a terra, escravizando povos livres, trancando-os para que não possam falar ou queixar-se, fazendo leis para se proteger e proteger os seus actos sujos, vangloriando-se, criando uniformes, medalhas, usando a diplomacia, condecorando, sempre visível para todos os olhos e, no entanto, não sendo vista por ninguém...

As almas vazias nunca bebem os grandes pensamentos para mudar o mundo para melhor. Só bebem esses pensamentos para encherem as suas almas vazias. Nada se fará contra a miséria. Os homens honram, quando não matam, os seus grandes sábios e profetas, não para melhorar as suas vidas, mas pela ESPERANÇA de aquecer as suas almas frias e estéreis. Nunca acusaram a peste que devasta a terra e as suas próprias vidas.

Acusam o tirano, mas não o povo que torna o tirano poderoso. Acusam os legisladores, mas não o povo que, instalado no seu eterno imobilismo, torna possíveis as más leis. Condenarão a usura, mas nada farão para acabar com ela. Para quê incomodarem-se? Aplaudirão Cristo por atacar os mercadores, mas eles mesmos nunca disseram uma palavra.

A multidão espalhou os seus mantos na rua, alguns cortaram ramos e puseram-nos no caminho de Cristo para Jerusalém. E a multidão gritava: «Hossana ao Filho de David! Bendito seja o que vem em nome do Senhor! Hossana nas Alturas!» E quando Cristo tomar a estrada do Gólgota, ninguém virá cantar Hossana nas Alturas, PORQUÊ? PORQUE É QUE, em nome dos céus e do Demônio, nunca ninguém mencionou ou apontou esta discrepância? Porque o povo gritará Hossana nas Alturas e virará as costas depois, quando a vítima dos gritos de Hossana estiver de joelhos no chão. Isso não faz sentido, e só quem defende a peste achará isso natural. Racional e emocionalmente, deveria ser o inverso.

Quando um líder está a caminho de uma possível vitória, ele deve ser seguido em silêncio. As pessoas deveriam esperar e ver o que ele é e como age em situações difíceis. Se o mesmo líder se mostrou digno de confiança, não deveria «O POVO» correr em seu socorro cantando HOSSANA NAS ALTURAS e então libertá-lo e apoiá-lo? NÃO! PORQUÊ? Eles estarão sempre ausentes quando o líder, louvado quando tudo vai bem, tiver problemas. *A peste entre os homens do povo* consiste nisto. Esta maneira de agir é desvantajosa para eles mesmos. Ela prejudica as suas próprias vidas, e não somente a do líder.

Desta forma, a peste está protegida contra qualquer espécie de ataque. E como a peste habita e age no meio do povo, segue-se logicamente que o povo não deve ser criticado. Já se ouviu alguém criticar o povo? É claro que se pode ridicularizá-lo em peças e filmes; podemos dizer, genericamente, que o povo é mau, assim como podemos discursar sobre o pecado de maneira geral. Mas comecemos a ser concretos, digamos ao povo como ele *é na realidade,* e vejamos o que acontece. O povo não deve ser criticado, nesta época de enaltecimento do «Povo». O próprio povo não quer isso, e os políticos são suficientemente poderosos para punir os críticos do povo.

Além disso, não há nada mais importante, nada mais crucial para a vida do povo, do que saber a má situação em que se encontra. Ele, e ninguém mais, é o responsável pelo que lhe acontece.

Cristo recusou-se a reconhecer as diferenças e a falar aos homens como na realidade eram, e por isso teve de morrer. Não escolheu nenhuma das maneiras que um líder seduzido deve adoptar. As maneiras seriam as seguintes:

Desprezar o povo, não ter tido, de início, qualquer esperança nele e exercer poderes realmente maquiavélicos sobre ele, como fizeram Gêngis Klhan, Hitler, Nero, Estaline.

Aceitar os caminhos e favores do povo, depois de um início independente.

Abster-se de qualquer tentativa de melhorar a situação e exercer somente as funções de administrador do povo.

Cristo, ao contrário, ficou preso aos seus fundamentos básicos, sem atacar os métodos do povo, e morreu por causa da sua piedade. Morreu e teve de morrer porque se recusou a reconhecer o terrível facto de que não apenas Judas, que ele desmascarou na última ceia, mas todos os seus seguidores o queriam ver morto; esse facto concretizou-se, mais tarde, no isolamento total a que foi reduzido. A multidão que, alguns dias antes, gritava «Hossana nas Alturas» ficou apenas a observá-lo enquanto ele carregava a cruz para o Calvário, sem mexer um dedo para o socorrer. Recusaram-lhe o que deram a Barrabás, isto é, uma ajuda efectiva.

Até agora, a história não mostrou outro meio de escapar ao efeito do imobilismo do povo. Mas também ninguém até hoje tentou dizer ao povo da Terra toda a verdade sobre ele próprio, recusando-se ao mesmo tempo a aceitar o papel de líder do povo, por outras palavras, o papel de vítima da mistificação compulsiva que é sempre o Assassinato de Cristo. Os resultados de tal procedimento manifestar-se-ão claramente e contarão a sua própria história no devido tempo.

A massa de animais humanos não mata os seus líderes nem os derruba com intenção de fazer mal ou pelo prazer de matar. As pessoas, com raras excepções, não são sádicas. São inertes e morosas, mas não sádicas. Contudo, têm exercido uma influência decisiva no desenvolvimento humano, impedindo qualquer ataque contra a sua maneira de viver. Para começar, foi o homem que criou as suas religiões.

O imobilismo, o absorver forças e esperanças, o conhecimento silencioso da sua própria profundidade não são artifícios. Isso é *estrutural*. Automático. Isso é conseqüência de uma natureza animal e, ao mesmo tempo, imobilizada pela couraça. O povo age, o povo não filosofa sobre as razões que o levam a agir. Faz o mínimo necessário a sua sobrevivência. O povo é por toda parte e sempre, a origem de todo o conservadorismo. O líder conservador pode confiar nos seus homens mais do que o líder que visa edificar um futuro melhor. O czar, o imperador estão mais perto dos verdadeiros pensamentos do povo do que o profeta; mais perto do seu imobilismo. Os profetas só reflectem os sonhos e esperanças silenciosas do povo. É evidente porque é o profeta que tem de morrer e não o imperador.

Compreender isso, e abandonar a adulação e o embelezamento do povo, é a primeira exigência para qualquer abordagem válida dos assuntos sociais. É muito

característico dos escritores sociais verem apenas a realidade do comportamento do povo, ou então os seus sonhos. Raramente falam daquela e destes ao mesmo tempo. Para o escritor social, em geral, o povo é idealista, bom, honesto, mas oprimido por forças externas: é o socialismo. Ou então o povo é uma massa passiva que pode ser moldada à vontade: é o fascismo. Quanto ao liberalismo, não tem grande conhecimento das realidades populares, mas guarda bem vivo o grande sonho.

O povo é o factor determinante de qualquer acontecimento no processo social. Por isso, jamais acontecerá algo de importante − e não poderia acontecer − que não tenha origem no comportamento do povo. Assim, não importa muito se o povo determina o curso dos acontecimentos sociais através de uma espera morosa, quer dizer, pelo sofrimento passivo, ou por intervenções activas, como as revoluções. Tudo o que é social emerge do grande rebanho humano e a ele retornará. Os povos são como oceanos em cuja superfície os duques, os políticos prostituídos, os czares, os ricos, os alienados sociais e os vendilhões da liberdade provocam algumas ondas. Estas ondas podem ter vinte metros de altura, podem afundar pequenos barcos, mas nada são quando comparadas à imensidão do oceano. As ondas emergem do oceano e a ele retornam. Elas não poderiam formar-se ou existir sem ele. As profundezas do oceano não tomam parte na formação das ondas da superfície. No entanto, sem o oceano não haveria ondas, e as profundezas do oceano agitam-se mesmo quando nada aparece à superfície.

O oceano da vida humana só começou a mexer-se há mais ou menos cem anos. A sua calma foi erroneamente considerada, pelas ondulações, como sinal de que não havia oceano nenhum. As ondulações pareciam moscas nas costas de um elefante. A mosca ignora a existência do elefante, sobretudo se ele estiver a dormir. As revoluções sociais da primeira metade do século xx são só os primeiros estremecimentos da pele de um filhote de elefante. A sua pele espessa não permite que ele se dê conta da presença das moscas. Ele simplesmente não se apercebe. Um só estremecimento pode causar um tumulto entre as moscas instaladas nas costas de um filhote de elefante. E o filhote crescerá e será um enorme animal selvagem. Esse elefante viverá no meio de uma grande manada de elefantes. E as grandes manadas de elefantes passearão pelo campo, à procura de comida, de divertimentos, de água ou de figos, ou então pelo simples prazer de passear. Há pouco a fazer para mudar isto. Ninguém saberia dizer o destino dos elefantes. Talvez eles não queiram ter nenhum destino; talvez queiram andar pelos campos, sem respeitar as pequenas cabanas de alguns bizarros filósofos humanos.

Os elefantes continuarão a pastar, a aspirar água pelas trombas, a gritar, a acasalar e a criar os filhotes, a matar tigres, a esmagar e a desenraizar árvores fortes como mastros, a pisar as cabanas de mais de um filósofo. No entanto, nenhum filósofo e

nenhum sociólogo poderá mudar o que quer que seja nesta seqüência. Já é tempo de reconhecer o facto: o oceano humano começou a agitar-se, ninguém poderá impedi-lo, nem orientar o seu movimento, nem reprimi-lo. E ninguém poderá, sensatamente, queixar-se de que o oceano começou a agitar-se. Não são os comunistas que estão na origem da mudança. Ao contrário, a mudança é que suscitou os comunistas, os fascistas e toda a corja. Os fascistas foram banidos por esse movimento e os comunistas, que imaginam ser as verdadeiras matrizes do mundo, serão um dia reduzidos a pó, sob as patas de um único elefante. Há muito mais, infinitamente mais para um elefante ou um oceano do que possa sonhar um escritor vulgar num pequeno escritório em Moscovo ou Chicago. Eles são ridículos e só impressionarão, como movimentadores do oceano ou dos elefantes, aqueles que se enganam na perspectiva, tomando as ondulações da superfície como efeitos dos movimentos da mosca. A diferença entre as pequenas moscas no Kremlin, ou qualquer outro lugar, e a massa de milhões de pessoas não é maior do que entre um navio flutuando no oceano e o próprio oceano. As forças que operam no oceano e em volta dele são tais que a seu lado o navio e a mosca são absolutamente desprezíveis. É isto que o astuto advogado à frente do Comité de Actividades Anti-Americanas não compreende. Ele promove o poder da corja proclamando-o como sendo o próprio oceano. Ora, não é; e o presidente do comité, acima de tudo, não era a pessoa indicada para desfazer o erro com respeito à corja.

A Igreja Católica desenvolveu-se sobre vim elefante adormecido e um oceano imóvel, e aí permaneceu. Os padres imaginavam dominar o oceano adormecido e o elefante em repouso, sem se darem conta de que o oceano e o elefante *nem* sequer tinham consciência de que eles estavam instalados nas suas costas. A religião católica tinha, graças à sua origem em Cristo, uma vaga idéia da profundidade do oceano e da potência de uma manada de elefantes. Mas tudo terminava em litanias mecanizadas, obra do Zé-Ninguém. E a litania assassina Cristo em cada uma das suas invocações.

O movimento comunista teve a sua origem numa pequena ondulação, numa pequena parte do oceano. Propagou-se através de uma pequena agitação causada por um sonho que, depois, se esvaiu. E os Zé-Ninguém que na época remavam o barco acreditam ainda que foram eles que causaram a agitação e, o que é pior, alguns filósofos continuam a pensar que são eles que ainda agitam as coisas com «uma coragem, uma determinação, uma capacidade de conspirar, autenticamente bolchevista». Essa idéia tola é difundida no mundo inteiro por inumeráveis comentaristas de rádio americanos, do mesmo modo que o jornalista americano, impressionado, parece reverenciar o imperador da Áustria há muito desaparecido. Os grandes descendentes dos rudes pioneiros das florestas da Nova Inglaterra e das planícies do Oeste não passam de patos-

bravos. Parem de falar sobre os Zé-Ninguém tolos do Kremlin, mas continuem a informar o povo com precisão sobre aquilo que esses Zé-Ninguém estão a fazer. Parem de difundir as pretensões do imperador austríaco ao trono austríaco. Observem o gigantesco elefante americano e o incomensurável oceano das potencialidades americanas, ou serão varridos e não deixarão qualquer vestígio; o que não incomodará ninguém, quaisquer que sejam as suas actividades ou os seus nomes.

Cristo não acreditava que estava a causar agitação no oceano. Ele dizia-se Filho do Homem, o que era rigorosamente verdadeiro. Ele sabia o que o oceano esconde, conhecia a manada de elefantes, sentia o seu próprio sangue e os seus próprios sentidos, e falava em voz alta. Foram as moscas, que não o compreendiam, que o levaram a combater o imperador em Jerusalém. Cristo não sabia exactamente o que aconteceria, porque não era sua intenção lutar contra o imperador. Deixem o imperador ter o que quiser. Não desprezem o cobrador de impostos. O reino do imperador e a actividade dos cobradores são de pouca importância. Os imperadores e os impostos serão apenas uma lembrança longínqua, muito antes que o Reino que Cristo conhecia se tenha instalado e passe a regulamentar os destinos da humanidade. Isso acontecerá quando o homem sentir e conhecer Deus, quando a ondulação da superfície do oceano se der conta de que é apenas uma parte ínfima do oceano, vinda dele e a ele retomando, não mais do que um acontecimento que terá vigor, direcção e movimento apenas enquanto durar. O significado da existência da ondulação na superfície de um oceano *é* exactamente o que ela faz: *ser uma onda,* que se enrola e espalha uma linda cortina de água em volta de si mesma e desaparece de novo. Mas o *princípio* deste movimento dura enquanto durar o oceano. Vamos então tomar consciência do princípio da nossa existência.

Cristo sabe perfeitamente que é uma onda vinda do oceano e destinada a retornar ao oceano. Tem uma noção tão perfeita disso que esse simples facto é razão suficiente para que seja morto. As moscas, nas costas do elefante, não gostam disso. Isso perturba a sua filosofia de vida. Se Cristo não tivesse cometido o erro de ceder, por um instante, à maneira de viver das moscas nas costas do elefante, teria terminado os seus dias em paz.

Cristo é realmente o Filho do Homem e deve ser compreendido como o Filho de Deus. Ele *é ambas as coisas,* pois o homem é o Filho de Deus, e Deus é o Oceano de Energia Cósmica do qual o homem é uma parcela minúscula, em movimento, vindo de Deus e indo para Deus, retornando ao seio do Grande Pai. Cristo conhecia o significado profundo de ser uma onda no oceano, isto é, de ser Filho de Deus. Vós sois todos filhos de Deus e estais todos em Deus, explicava ele; e eles mataram-no porque acreditaram que governavam a Terra, que poderiam subornar Deus oferecendo-lhe sacrifícios de

sangue, matando animais, circuncidando bebés recém-nascidos, lavando as mãos sujas sem purificar a alma ou tentando num esforço mórbido descobrir o sentido de Deus de maneira literal, como ainda hoje se faz. Nas escolas, ainda forçam crianças de dois ou três anos a sentir Deus como um pai severo, recorrendo a castigos cruéis. É um destino desgraçado, realmente. Estes comportamentos nada têm a ver com religião; trata-se, sim, de uma sádica compulsão neurótica, nascida das suas pelves inertes. Os *Zé-Ninguém* fizeram da religião o que fizeram de tudo: adaptaram-na à sua maneira de ser. Mas um dia haverá um profeta que compreenderá isso e não dará a mínima importância ao facto de acreditarem nele ou não, de atingirem o Reino de Deus ou não, de se deixarem matar aos biliões ou não, através dos tempos. Este profeta só se preocupará com uma coisa: ver o Reino de Deus neles e aderir a ele. Ele compreenderá *o princípio* das ondas como um acontecimento que se repete, e não cada onda isoladamente ou mesmo um conjunto de ondas. E a onda será para ele uma ligeira agitação em pleno oceano; para ele, o que contará será o oceano e não a ridícula ondinha que passa.

Este profeta sabe que as pequenas ondulações, como as grandes ondas, o engoliriam e o afogariam em silêncio se se preocupasse de mais com elas. Descobriu nelas o oceano, e não se interessa em saber se elas sabem disso ou não. É isto que pode salvar-lhe a vida da cólera das moscas.

Interrogá-lo-ão, como fizeram com Cristo, em Jerusalém: «Com que autoridade fazes essas coisas, e quem te deu autoridade para isso?»

Ele não lhes fará uma contra-pergunta impossível de responder. Nem dirá: «Também não vou dizer com que autoridade faço estas coisas.»

Ele falará sem reservas. Dirá que isso não é da conta deles, que tem autoridade para fazer o que faz, que eles são desagradáveis, que não se importa em saber se acreditam nele ou não, se eles o reconhecem ou não, se pregam os seus ensinamentos nas suas escolas e nos seus templos ou não, se eles o «reconhecem» como profeta ou não, se lhe conferem a Medalha de Honra ou não; que não está ali para convencer, que para ele *é* indiferente, e a única coisa que lhe interessa é: *permanecer em contado com o oceano dentro e fora dos homens* (*).

E como cada pequena mosca traz em si o oceano, ela respeitá-lo-á e... talvez... o deixe viver até ao fim dos seus dias.

Ele saberá exactamente, como Cristo sabe, pela experiência de conhecer a Vida e por ser íntimo de si mesmo, que o cobrador de impostos e as prostitutas vão para o Reino de Deus, mas não os Fariseus. Cristo não despreza as prostitutas. Sabe que elas

---

* No original: *To keep in touch with the ocean within and without men.* (N. *do E.)*

proporcionam ao homem um pouco do oceano de amor, apesar de distorcido e sujo. Mas os Assassinos de Cristo queimarão vivas as prostitutas como se fossem feiticeiras. Muito pior vai acontecer.

Se conhecemos o oceano, quer esteja adormecido, agitado ou inteiramente desperto, conhecemos Deus e sabemos do que é que todos os Cristos da história do homem falaram. Se não conhecemos o oceano, estamos simplesmente perdidos, não importa quem quer que sejamos. Podemos conhecer o oceano apenas como que através de um espelho, caso tenhamos medo de mergulhar nas profundezas; mas nunca poderemos deixar de ser parte do oceano, emergindo das suas profundezas e retomando à sua tranqüilidade. E, vindo do oceano *e* retornando a ele, trazemos connosco a sua profundidade; não uma pequena parcela, comparada à imensa profundidade do oceano. Não um miligrama de profundidade, comparado aos milhares de toneladas de profundidade. Profundidade é profundidade, independentemente de ser um grama ou uma tonelada. É uma *qualidade*, e não uma quantidade. Ela desenvolve toda a sua actividade num pirilampo ou num elefante, o minúsculo nervo de uma borboleta faz, basicamente, a mesma coisa que o grande nervo de uma baleia.

E CONHECEMOS Deus. Recusamo-nos a acreditar que seja possível NÃO conhecer Deus, ou não ousar conhecê-lo. Foram homens doentes, solitários, ressequidos, que inventaram o conto de fadas de um Deus que proíbe as pessoas de o verem, conhecerem, sentirem, viverem. Foram eles que obrigaram os homens infelizes a procurar penosamente − confiando em rumores, crenças, esperanças − o que tão facilmente abandonaram. Mais uma vez, é o povo que leva Moisés a promulgar leis severas proibindo que se adorasse o bezerra de ouro, que se consumisse carne de porco e ordenando que se lavassem as mãos antes das refeições. Tudo isso era necessário, porque tendo perdido Deus no fundo de si mesmos, tendo perdido o PRIMEIRO sentido da Vida, começaram a adorar o ouro.

E há algo que os escribas e os Fariseus nunca perdoarão a Cristo; é isso que os levará a matá-lo. Com efeito, ele contou ao seu povo o que era e onde estava o oceano, enquanto eles continuavam a procurá-lo nos livros e construíram pequenas represas que agitavam com lemes para criar um simulacro de oceano.

Cristo ousou mostrar-lhes a profundeza do oceano. E por isso *é preciso* que morra. Os Fariseus não são melhores nem piores do que os nossos geneticistas ou bacteriologistas, patologistas ou marxologistas, em matéria de vida. Unir-se-ão,; apesar de todas as divergências, para matar Cristo, o inimigo comum que ousou desafiar as suas terríveis tácticas de evasão. Ele será morto porque disse ao povo onde poderia ser encontrada a vida: na sua própria alma, nas suas próprias entranhas, nos recém-

nascidos, na doçura sentida nos corpos durante o abraço sexual, nas suas frontes ardentes que queimam quando eles pensam, nos seus membros estendidos para o sol vivificante. Matá-lo-ão por tudo isto, porque ele não o escondeu em livros talmudistas.

Mas não o matarão imediatamente. Não antes de acautelarem o seu crime com todas as precauções legais ao seu: alcance. Não colocarão as mãos nele pessoal ou directamente. Isso abalaria a dignidade que ostentam, como vestidos de seda, diante do povo. Farão duas coisas. Para começar, apanharão Cristo numa armadilha preparada com o auxílio de um dos seus seguidores. Em seguida, levarão o ministro do imperador, o pior inimigo e opressor deles próprios, a crucificá-lo de uma maneira «perfeitamente legal».

Este é o procedimento usado desde então até aos nossos dias, e que continuará a acontecer por bastante tempo ainda. Não cessarão de matar desta maneira, a menos que se lhes retire o poder de matar a alma de cada ser humano no seio materno antes que veja a luz do dia.

Matarão Jesus Cristo por um crime que *eles lhe* imputaram, que eles inventaram, que *eles* próprios cometeram milhares de vezes; um crime que Cristo nunca sonhou cometer, que estava fora da sua maneira de ser, que ele nunca poderia ter premeditado.

Se eles próprios são espiões, matarão Cristo por espionagem. Se são os espoliadores dos bens do povo, matarão Cristo por sabotagem à propriedade pública. Se são ladrões de banco, matarão Cristo por assalto a bancos. Se são charlatães, matarão Cristo por charlatanismo. Se são porcos imundos no que se refere a sexo, acusarão Cristo de imoralidade e atentado ao pudor. E se, para ganhar dinheiro, fabricam drogas mortíferas aos milhares, acusarão Cristo de promover curas. Se sonham em governar o país como reis, acusarão Cristo de se proclamar Rei dos Judeus.

Eles são os guardiães da podridão do mundo e continuarão a realizar os seus trabalhos sujos. Cospem palavras sobre a verdade, mas não estão do lado da verdade. Querem *matar* a verdade onde quer que a encontrem. Falam sobre o ideal do espírito, e matam o espírito assim que o vêem nos olhos de um menino ou de uma menina. Organizarão congressos de higiene mental, e não mencionarão nem permitirão que se mencione a essência da sanidade mental − a sensação da doçura de Deus no corpo dos jovens.

Eles são a maldição do mundo do Homem, mas o seu poder deriva dos próprios homens que destroem.

O homem conhece a verdade, mas o medo arrasta-o a um silêncio mortal. Onde estará a multidão que uma vez gritou «Hossana nas Alturas», quando Cristo carregar a sua cruz para o Gólgota? Ausente. Mas depois a Igreja mandará pintar quadros enormes

mostrando Cristo a caminho do Gólgota, a multidão olhando e admirando. Porque não fazem nada para ajudar o seu salvador? Gritaram Hossana nas Alturas? *O salvador deveria salvar-se a si próprio.* Agora, Filho do Homem, faz o teu milagre. E cuspir-lhe-ão nas faces, chicotear-lhe-ão as costas, reduzirão a pedaços a sua honra e deixá-lo-ão sofrer agonias para destruir o seu amor pelo povo e o amor do povo por ele. De facto, são feras horríveis, como nenhuma fera da floresta virgem, demônios cruéis com a carne cheia de ódio, à espera da ocasião propícia para matar o que nunca foram capazes de sentir dentro de si. E tudo isso será verdade, com uma lógica inexorável e uma constância inevitável. Não somente no ano 30, mas através de todos os tempos.

Capítulo VIII

JUDAS ISCARIOTES

Isto acontecerá diante dos narizes, dos ouvidos e dos olhos dos grandes juizes e homens sábios de todas as nações, mas não o mencionarão, excepto em casos especiais, quando for coisa do passado e servir apenas os seus fins. O povo guardará silêncio, sabendo muito bem qual é o jogo sujo, e protegerá o maldito traidor de Cristo e não a graça do amor.

Podemos encontrar um Judas Iscariotes em cada país, em cada associação que se reúne em torno de alguém rico e generoso, em qualquer época da história da humanidade. É o seguidor, o discípulo ardente e fervoroso, aquele que está pronto a morrer pelo seu mestre, à frente de todos. É o *Zé*-Ninguém de lábios cerrados e faces pálidas, olhos ardentes e aço no coração. É a criança deitada à lama, a alma despedaçada, que cresce para ser traidor, por estrutura. Ele será aquele que odeia e tira, o saco vazio e cheio de fúria, na expectativa do céu. Será aquele que não compreenderá com o seu corpo um só movimento, uma só palavra, um só olhar, *um só* afago do seu mestre. Será o saco vazio que espera ser cheio com uma alegria que ele próprio jamais poderá criar nos outros. Será o admirador viperino de uma grandeza que jamais alcançará. Não anda atrás dos trinta dinheiros do traidor. Procura afastar da sua vista a graça de Deus. Precisa de pôr fim à tortura do encontro diário com uma grande alma. Sofrerá o martírio de ter de mudar a sua inveja mordaz em amor hediondo, cada vez que se encontra com Cristo, o Filho da Vida. Será aquele que perdeu a sua alma e a sua vida, a alegria e a infância, o amor pelas mulheres e pelas crianças. Será o oportunista ([*]) que quer enriquecer à custa do doador, obter a glória Sem a ter merecido, ter o conhecimento sem esforço e o amor sem a doçura, mas, sobretudo, aquele que quer encher todos os dias a sua alma vazia e triste. Agarrar-se-á ao generoso doador como uma sanguessuga. Ficará desesperado se tiver de passar uma só hora privado das riquezas do seu benfeitor. Sentir-se-á sujo como um rato, mas não terá coragem de se suicidar. Por isso, ele é obrigado a matar aquele que lhe mostra sem cessar a sua própria miséria. Ele deverá destruir até a imagem, a última lembrança da força viva que defronta e o tortura. Não suporta mais o olhar de um rosto honesto, límpido como um riacho, animado pela expressão de um amor e compreensão calmos e pacientes.

---

[*] No original: *the one who rides the bandwagon. To ride the bandwagon* tern o sentido de apoiar alguém ou algum grupo que já tenha obtido a aprovação da maioria. *(N. do E.)*

Ele nunca pensaria em matar um carrasco de crianças inocentes. Pelas noites, ele alimenta os seus pesadelos de uma Vida perdida. Sabe que a sua alma nunca, nunca retornará do mundo dos mortos. Ela já está morta e não há nada a que retornar. Para ele não há Reino dos Céus; porque haveria de esperar tanto tempo? Vamos, Mestre! Torna-te célebre, sê já o Rei dos Judeus para consolar esta minha carcaça ressequida, para me encher de orgulho, nem que seja apenas por uma hora. Deixa que o meu coração endurecido se exalte de alegria ao saber dos teus triunfos. Porque falas sempre em coisas que não posso compreender, sentir, viver, ou ao menos ter a esperança de atingir? Porque não realizas coisas que eu *possa* compreender: a demonstração de poder, a sublevação do rebanho humano, a revolta dos oprimidos com vista a uma súbita vitória do Céu na Terra? Porque deverei sair à procura da minha alma, arrepender-me, mudar os meus métodos, sofrer a agonia dos pensamentos aflitivos, submeter-me à transformação do meu Eu?

Tudo isto pode ser conseguido muito mais facilmente, e muito mais a meu gosto, com trombetas e fanfarras. Se és o Pilho de Deus, porque não destróis os inimigos da honra nacional? Porque não enches o meu coração de doçura à vista de mil soldados do imperador, despedaçados pelo punho armado de uma espada flamejante? Para mim, o paraíso está fechado para sempre, e, atravessando a vida como um ser errante − sem destino, sem objectivo e sem amor −, a espada, o fogo e a morte são o meu único consolo. O meu Deus é um Deus de vingança e cólera fulminante. Se és o Filho de Deus, porque não ages como o Filho do *meu* Deus? O *teu* Deus é estranho e está fora do meu alcance. O amor não é deste mundo e nunca o será. Se queres instaurar o amor, será preciso forçar o homem a amar. Não posso suportar o teu amor. Não posso suportar mais o raio puro da luz celeste. Preciso de te matar, preciso, preciso, porque te amo, porque preciso de ti e não posso mais viver sem ti. E eu tenho de viver, por isso *tu* tens de morrer.

Eu não devo passar para o lado do inimigo, mas fá-lo-ei. Em nome dos céus, não devo trair o meu Mestre, mas certamente o trairei. Não posso renunciar à excitante sensação do ódio supremo, ao remorso, à emoção de sentir-me como um rato imundo. Assim, devo trair. Cristo deverá provar e *provará* que é o Pilho de Deus. Ele resgatar-se-á a si mesmo. No último momento, ele fará o grande milagre que me dará a fé que tanto me falta.

Na realidade, não lhe farei nenhum mal. *Vou simplesmente forçá-lo a revelar-se como o verdadeiro Filho de Deus.* Ele é o meu bem-amado Mestre, não é? Tenho confiança na sua força, no seu poder divino. Não lhe farei nenhum mal. Esta não é, em todo o caso, a minha intenção. Mas devo colocá-lo à prova. Ele é humilde de mais; não

é como eu gostaria que fosse, como deveria ser. Ele esconde o seu poder. Um dia deverá prová-lo, demonstrá-lo, e então poderei ser redimido e libertado da minha eterna miséria.

Capítulo IX

PAULO DE TARSO

CORPO VERSUS CARNE

Cristo reconhece tudo isto com uma sensação calma de amargura. Cristo tenta afastar esse conhecimento, mas ele retoma e instiga-o. Eles não são bons. Não entendem nada. Odeiam-me porque lhes perturbo a vida. Fugirão certamente quando as coisas começarem a correr mal. Devo morrer. Não há outro caminho. O meu mundo não é deste mundo. Este mundo teria de mudar ou pelo menos estar pronto para mudar, de maneira crucial, para poder aceitar-me. Isso não pode ser feito pela espada. Deve ser feito pelo amor. Mas o amor de Deus deixou há muito os seus corações. Por isso não compreendem. As crianças ainda compreendem, mas não tardam a perder essa capacidade.

Eu devo morrer, já que não posso vencer *agora.* Eles crucificar-me-ão. Tenho de dizer-lhes, prepará-los para o acontecimento. Eles não devem sofrer muito. Mas não compreendem realmente. Tenho de encontrá-los; falarei com eles na minha última ceia.

Cristo não encontra, no seu amor transbordante, uma forma de *viver* para a salvação do seu mundo, de modo a acrescentar alguns anos para acabar a sua missão de Vida viva. Para ele, cada alma *é* ainda muito importante. Ele não conclui a falta de importância de uma vida pela importância do próprio principio da Vida, que preservará biliões de vidas individuais. Ele deveria abandonar o seu rebanho. Esconder-se. Retirar-se até que passe a tempestade. O seu sacrifício de nada valerá. Tudo continuará como sempre. Ele terá dispensado a sua graça e o seu amor em vão. Eles jamais compreenderão. *Aproveitarão* uma vez mais, enganando-se acerca do sentido da sua morte, achando que ele morreu para salvar as *suas* almas e libertá-los dos seus pecados. Eles são e continuarão a ser egoístas no seu âmago, vazios de graça e de amor. Ele deve morrer, morrer para os salvar dos seus pecados. Deve morrer «por eles». De outro modo, a sua missão não estaria cumprida.

Que intensidade deve ter o seu amor pelo homem, para que Cristo se entregue a esse sacrifício por homens inúteis e ingratos? Valerá à pena? Esta profunda imoralidade valerá uma vida como a de Cristo?

Esse sacrifício não salvará uma só criança da crueldade de uma vida deformada. Pelo contrário, agravará os sofrimentos de almas inocentes. O seu amor, que abrange

todo o amor, do corpo e da alma, transformar-se-á no Assassino do amor de Deus; e só restará um rosto de traços duros, um sorriso falso. A significação cósmica do homem, que ele sentiu intuitivamente e que em vão tentou explicar aos seus companheiros, transformar-se-á num reflexo no espelho, e onde quer que a verdade volte a aparecer, ela será cruel e impiedosamente exterminada pelos seus próprios representantes. Cristo perdoou à mulher adúltera porque conhecia a miséria sexual dos homens. A sua Igreja matará a adúltera, como faziam os antigos judeus. Não haverá perdão. Ele viveu com pecadores, prostitutas, taberneiros e sabia que a vida perseguida vive as suas migalhas de alegria em cavernas escondidas, sombrias, imundas. Os seus representantes não saberão disso e serão impiedosos para com os taberneiros, os pecadores e as prostitutas. Farão do verdadeiro amor de Deus um pecado grave, não distinguirão entre o amor de Deus e o amor do Diabo. Dois mil anos passarão antes que os espíritos humanos ousem aproximar-se novamente do amor de Deus. E que farão? Irão arrepender-se? Mudarão o seu modo de vida? Descobrirão e admitirão o seu erro? Redescobrirão Cristo? Retornarão ao seu grande amor? Impossível. Continuarão instalados nas catedrais de Paulo, como todos os da sua espécie fizeram ao longo dos tempos.

Proibirão que a doçura do amor de Deus seja sentida, até no santo matrimônio que abençoam diante do altar. Os maridos nunca na vida verão os corpos das suas esposas. A escuridão engolirá os seus sentidos. O amor de Deus será completamente banido das suas Igrejas durante séculos depois do Calvário, e o demônio reinará. Novas Igrejas serão formadas, na procura do amor de Deus. Os Protestantes restaurarão alguns dos caminhos para o doce amor de Deus, mas de novo este amor será submergido pelo Puritanismo. Eles conhecerão a verdade com maior clareza, mas nunca o dirão. Alguns mostrar-se-ão clementes para com o amor de Deus, perdoarão aos jovens por amar com o corpo, mas nunca restaurarão plenamente o Amor de Deus.

Eles esconderão as provas do amor de Cristo pelas mulheres − amor tal como Deus o criou − no fundo de sombrias catacumbas com pesadas fechaduras nas entradas e deitarão as chaves ao rio. Nenhuma alma humana conhecerá toda a verdade sobre o amor de Cristo pelo corpo.

Os caminhos de Cristo fornecem as sementes para uma religião futura. É, essencialmente, uma religião de amor. O amor abrange *todas* as espécies de amor: o amor dos pais, o amor entre um homem e uma mulher, o amor pelo vizinho e pelo inimigo, pelas crianças e pelos veados, o amor de Deus e o amor do mundo inteiro. Não se pode dissociar o amor, dizendo: o teu fluxo de amor deve visar este objecto e evitar aquele. Quando criança, o homem pôde amar a sua mãe de todo o coração, mas depois de crescido já não poderá amar a sua namorada plenamente, com todos os seus

sentidos. Os sentidos são maus, pecaminosos; mate-os. E o *não* ao sensual prevalecerá na vida dos homens.

Ninguém pode dizer ao amor para se revelar num determinado momento, e não noutro. Ninguém pode dizer a um noivo para amar a sua futura esposa até às dez da noite de uma maneira, e depois das dez, quando a cerimónia do casamento tiver sido celebrada, amá-la de outra. Esta não é a maneira do amor de Deus, que não pode ser dividido em várias partes ou limitado no tempo, de uma forma ou de outra.

Se você é um homem e ama uma mulher, pode começar por amá-la de maneira total, querendo fundir-se com ela, como Deus estabeleceu. Como é possível interromper o fluxo de amor? Cristo, segundo dizem os seus apóstolos, é contra o adultério; mas será que ele realmente disse que desejar a mulher do próximo, mesmo em pensamento, é pecado grave? Quantas vezes os narradores da história de Cristo colocaram ha boca do Mestre coisas que ele não teve a intenção de dizer?

É perfeitamente possível reunir características que se relacionam umas com as outras e separar as que não têm relação entre si. É bem possível que um homem dotado de espírito e amor torne as mulheres felizes mas seja contra o adultério, sobretudo do tipo praticado na vida medíocre por homens e mulheres medíocres. No entanto, é inconcebível que um homem de corpo ardente e mente sã, que sempre fez felizes mulheres jovens e desejáveis, deva pregar o ascetismo ou restringir o amor a um tipo de casamento que não existe na sua época na forma em que aparece mais tarde, na era marcada pelo seu nome. Como é que se origina a batalha impiedosa contra o «Pecado da Carne»? E que significado tem essa crueldade − a crueldade com que *esse* pecado tem sido especialmente punido através dos tempos? Donde vem a lenda do nascimento virgem de Cristo, nunca mencionado por Cristo e nem mesmo pelos seus apóstolos nos quatro evangelhos?

A condenação da carne, tal como é feita pelo Catolicismo, apareceu mais tarde na história da Igreja Cristã. Primeiro apareceu com Paulo, o fundador do império da Cristandade, que levou além dos limites da Palestina o que antes era apenas uma seita judaica. A castidade estrita dos padres só *é* mencionada quatro séculos depois de Cristo. Cristo nunca falou em ascetismo, e nada do que sabemos dele, nos quatro evangelhos, nos autoriza a crer que tenha proclamado a abstenção do abraço genital, para ele ou para os seus discípulos... *Nada indica, com efeito, que praticasse a continência com as mulheres que conhecia, e nada na sua atitude torna isso plausível.* A idéia que se possa fazer de um asceta enquadra-se muito mal na imagem de um homem forte, jovem, atraente, desejável, cercado de mulheres jovens e sadias, que freqüentava taberneiros, pecadores, prostitutas e que, como carpinteiro, conhecia muito bem a vida dos pobres.

Praticando plenamente o amor, ele não poderia ser o asceta que nos é apresentado. Essa imagem nem lhe assentaria se ele tivesse sido concebido como um Deus num mundo pauliniano, impregnado de religiosidade grega. No mundo da antiga Grécia, os deuses nunca foram apresentados como seres continentes. E se Paulo mais tarde se lança contra a «carne», pensa na sexualidade *obscena,* e *não* na sexualidade natural, isto é, no «corpo». Mas esta distinção desaparecerá completamente na igreja dos Papas.

Como se explica, então, a condenação do desejo sexual como núcleo dinâmico do mundo católico actual, e com tal severidade?

Devemos, de acordo com o que sabemos sobre as formas de amor nos animais e nos homens, supor que os Cristãos, começando por Paulo, atacaram a estrutura pornográfica do povo em geral. Essas estruturas, que só conheciam o amor sob formas imundas, depravadas, impuras, logo se agarraram ao pretexto de uma religião de amor para justificar a sua própria baixeza. O mesmo fenómeno reproduz-se no século XX, quando foi descoberta a função da convulsão orgástica do protoplasma vivo. O amor natural e o direito natural de viver esse amor foram recuperados pelo espírito pervertido, pelos desejos frustrados do homem couraçado, e postos ao serviço das suas perversões. É impossível delimitar o que é Divino e o que é Diabólico, quando o fluxo divino começa a jorrar. Isto porque o Diabólico é apenas a perversão do Divino. A obra do Diabo é então, de início, difícil de distinguir da obra de Deus, e freqüentemente o amor diabólico passará por momentos pelo verdadeiro amor. No fim, essas duas maneiras serão incompatíveis, exclusivas/ Mas no começo, no surgimento do fluxo do amor, a distinção não será nítida.

NADA MAIS FÁCIL DO QUE CRIAR UMA RELIGIÃO DE PODA PARA TODOS A PARTIR DE UMA DOUTRINA DE AMOR QUE DEFENDE O ABRAÇO GENITAL NATURAL.

E seria o maior desastre para a humanidade se tal religião de bordel se desenvolvesse a partir de uma mensagem de amor que defendesse o abraço genital. O fundador de um movimento desse tipo ver-se-ia na necessidade absoluta de fazer *uma* coisa, antes e acima de todas as outras. Seria obrigado a conter, por todos os meios possíveis, a maré pornográfica de uma epidemia de foda libertina. Esta seria uma necessidade em qualquer lugar, em qualquer época da história e em qualquer contexto histórico, uma vez que a acção genital dos animais, incluindo o homem, é uma função bioenergética e a válvula da própria energia vital. Toda a excitação do organismo vivo aumentará necessariamente a tensão interna e diminuirá a resistência natural do mecanismo da válvula. Em tempos de crise, como guerras, fomes, inundações e outras catástrofes, em tempos de grandes revoluções ideológicas, como a fundação de uma nova religião, a pressão interna da Vida aumenta um milhão de vezes.

Em condições naturais, quando a estrutura biológica *é* capaz de harmonia e satisfação, implicando a redução temporária da necessidade e a tranqüilidade interna da pessoa, haveria pouco perigo para o indivíduo ou para a comunidade. Aqui e ali, alguém cometeria exageros, mas não causariam grande dano.

A situação é totalmente diferente se os organismos são incapazes de satisfação. A excitação do biossistema e o aumento da pressão interna não levariam à descarga e à satisfação, ou seja, à calma, mas resultariam infalivelmente numa progressiva elevação da pressão interna, sem via de escape.

Estando as válvulas fechadas, os diques romper-se-iam por todos os lados. Não há dúvida de que tal período de foda libertina, como se observa nas guerras, varreria todos os vestígios da existência humana SEM PROPORCIONAR QUALQUER FELICIDADE OU GRATIFICAÇÃO.

Quando a fé cristã se espalhou para além da sua área de influência restrita e local, quando começou a dilatar-se por outros territórios, especialmente quando chegou às terras pagas, os antigos cultos religiosos da fertilidade e do falo misturaram-se à nova religião, ameaçando arruinar os fundamentos da religião do AMOR DE CRISTO. AS antigas civilizações pagas estavam em declínio, enquanto a nova religião cristã estava no seu princípio, em pleno crescimento. Sem uma acção severa contra o desenvolvimento de uma Religião de foda no seio das massas que aderiam à Igreja, a fé cristã teria sido incapaz de difundir o seu evangelho de Amor do Homem pelo Homem. Teria sido levada pelo caos da foda, pela relação sem amor, odiosa, cruel, pela fricção grosseira de pénis frios em vaginas secas, com o seu cortejo de desgostos, remorsos, ódio, desprezo e assassinato do companheiro ou companheira.

Pouco importa se os edificadores do Império Cristão tinham ou não consciência da natureza do perigo. O que *é* certo *é* que sentiram o perigo, à parte de qualquer aversão pessoal que tivessem pela realização plena do amor natural. Devem ter visto ou sentido, durante o período de declínio do domínio romano, a maré de obscenidade e de abraços sem amor que arruinava as vidas humanas. E foram obrigados a refrear tudo isso. Os procedimentos que Paulo utilizou para isso não são evidentes. No século xx, logo depois de a Revolução Russa ter aberto as portas do amor, foram impostas novas e mais cruéis restrições pelas mesmas razões.

Paulo não tinha uma idéia clara da natureza contraditória do que ele chamava «corpo» e «carne». «Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?» Isso é plenamente verdadeiro, no sentido em que Cristo *é o* amor de Deus, e o corpo um membro desse amor. «Qualquer outro pecado cometido pelo homem está fora do seu corpo, mas o homem imoral peca contra o seu próprio corpo.» O orgonomista moderno

deve concordar inteiramente com este mandamento, se o corpo for entendido como o executor do amor natural completo. Um homem ou uma mulher dotados de capacidade total de amor genital sentir-se-ão infelizes depois de um acto sem gosto, vazio, desagradável, consistindo em esfregar um pénis frio nas paredes secas de uma vagina. Terão a impressão de ter cometido um acto mau, de ter sujado os seus membros puros. Será que Paulo quis dizer *isso,* que é verdadeiro e certo? Temos razão para duvidar.

Cristo não parece ter dado atenção particular ao problema do amor físico e natural no animal humano. Podemos deduzir a partir do que sabemos sobre o homem que Cristo compreendeu e viveu a maneira limpa e natural de praticar um amor inteiramente satisfatório, que ele detestava a foda obscena que conduz do nada ao nada.

Em Paulo, esse conhecimento também parece improvável. Ele não estava preocupado com a economia sexual natural das populações. Não sabia que a frustração do amor natural leva à doença mental; provavelmente não tinha a mínima idéia das conseqüências físicas de uma religião de amor puro. Por «puro», devemos entender aqui o contrário de sujo, pornográfico, frio e vazio, cruel e brutal. Mas a pureza do coração e a pureza do amor também não excluem os órgãos genitais dos homens, pelo menos não explicitamente.

A condenação dos órgãos genitais do Homem, mesmo no quadro do santo matrimônio, só aparece muito mais tarde, quando a Igreja começou a instaurar o seu poder social, ou seja, quando já reunia milhões de seres humanos. Neste ponto, a repressão católica dos órgãos genitais começa a fazer sentido, se bem que leve fatalmente a um impasse, sem qualquer esperança de solução para este problema capital da existência humana.

É A ESTRUTURA PORNOGRÁFICA DO CARÁCTER DO HOMEM COURAÇADO QUE CAUSA O APARECIMENTO DA IDEOLOGIA CATÓLICA DO PECADO DO CORPO E DA REPRESSÃO DO DESEJO DA CARNE.

O amor universal e global de Cristo deve ser contido, refreado; os órgãos genitais devem ser excluídos, e mesmo a agradável sensação das entranhas deve ser condenada, não vá o primeiro estremecer das entranhas do homem conduzi-lo a uma vida de foda libertina.

Este é, provavelmente, o mais importante ensinamento dado à humanidade desde o princípio da história escrita. O *amor natural, derramado em órgãos genitais mortos, transforma-se em ódio e assassinato da vida social.* Assim começa a grande miséria, e o homem fica emaranhado nas complicações de uma vida cheia de tabus.

Todos os fundadores de religiões têm enfrentado o mesmo problema, estando mal equipados para lidar com ele. Notamos isso claramente nos ensinamentos de Gautama

Buda e na fé de Maomé. O grande erro não consiste em refrear os desejos perversos do homem de foder libertinamente com os órgãos mortos. O grande erro consiste em enterrar as forças naturais do corpo humano, as únicas capazes de derrotar a sexualidade pervertida da humanidade. A alternativa para a genitalidade pornográfica dos padres católicos da Idade Média não era o Puritanismo de origem luterana, mas a pureza da vida amorosa dos primeiros Cristãos.

A distinção nítida entre os desejos e necessidades genitais *primários*, naturais, fecundos, socialmente úteis, e os impulsos *secundários*, estéreis, imundos, cruéis, pouco satisfatórios, pervertidos, só será estabelecida depois de vinte séculos: e será uma tarefa dolorosa desembaraçar-se de milhares de anos de ruínas. A primeira grande e profunda psicologia da história do homem substituirá a grande confusão que existe entre os impulsos primários e secundários, implantando a grande libertação no espírito de milhares de médicos, educadores, amas e pais. Ninguém ousará tocar no grave problema da função do orgasmo, que continuará ligado aos aspectos sujos da sexualidade.

Os sexólogos do início do século xx estudarão a sexualidade pervertida do homem como se ela fosse um dom natural. Ninguém desconfiará de que a perversão da sexualidade natural é conseqüência da repressão do fluxo de amor na criança e no adolescente. Não haverá, de início, nenhum órgão capaz de sentir o que é a doçura do fluxo do amor. Falarão dos homossexuais como de um terceiro sexo. Interessar-se-ão, até a exaustão, por falos e camisas-de-vénus e técnicas indianas de amor. Darão conselhos ao ignorante e ao impotente sobre a maneira de conseguir «sucesso» (atenção ao termo «sucesso») no «desempenho» (atenção ao termo «desempenho») do acto sexual. Ensinarão «técnicas» de amor (atenção ao termo «técnicas»); como brincar com os órgãos dos outros, como excitar-se reciprocamente, o que fazer e o que não fazer, que posições adoptar no acto sexual. Procurarão, acertadamente, reduzir o grande sentimento de culpa que atinge toda a actividade sexual, desde a primeira auto-satisfação sexual do adolescente até ao primeiro abraço depois do casamento. Mas nunca tocarão e nunca permitirão que se toque no fluxo de amor no corpo das crianças, dos adolescentes e no acto natural pleno. A Igreja Católica lançará advertências e declarações pontificáis contra as tentativas de pôr fim à maior tragédia que jamais atingiu uma espécie viva inteira, o Homem. A Igreja Cristã tentará por todos os meios manter o seu território, que se baseia na condenação da carne, que equivale, num sentido profundo, ao Assassinato crónico de Cristo.

Os políticos aproveitarão a ocasião que se oferece para prometer às «massas» a «liberdade do amor». Eles pouco saberão acerca do amor, como funciona, o que lhe

aconteceu no passado; banirão das suas tribunas toda a investigação sobre as leis do corpo, quando o imenso impacte desse problema ameaçar sufocar o clamor da sua propaganda económica. Durante a grande Revolução Russa, promulgaram leis para libertar sexualmente o homem; mas logo apareceu a foda desvairada, epidémica, e eles começaram a suprimir, para manter um pouco de ordem, QUALQUER espécie de amor, proibiram o ensino e a aprendizagem do amor e acabaram por ditar leis sobre o casamento, muito piores que as do czar.

Tudo isso será horrível, mas necessário e inevitável. E assim será até que o homem permita novamente às suas entranhas sentirem o fluxo da Vida; até que os órgãos sexuais femininos cessem de se prestar, ressequidos e mortos, à investida e à fricção de órgãos masculinos frios e penetrantes, fonte de toda a frustração e objecto de horror para todo o verdadeiro amor, a que deram o nome de Amor de Cristo.

Tudo isso explica, de uma maneira perfeitamente satisfatória, a severa proscrição de todos os actos genitais que signifiquem felicidade e satisfação, mesmo no seio do matrimônio abençoado pela Igreja. É impossível sentir o princípio do movimento da vida, sem experimentar a necessidade imperiosa de se fundir com outro corpo. Não se pode esperar que a natureza siga o seu curso, sem colocar a vida humana em perigo, se a excitação se torna medo e o medo numa foda apressada para «aliviar a tensão». Não há ódio maior do que aquele que nasce do amor de Cristo frustrado e contrariado. A tentação de matar nunca é maior do que quando parte de um sentimento de que a Vida viva é inatingível, de que ela se escapa sempre por entre os dedos. E tudo isto estava implicitamente contido na preparação do Assassinato de Cristo, no ano 30.

Capítulo X

PROTEGENDO OS ASSASSINOS DE CRISTO

Eis o facto mais fantástico, mais perverso e mais inacreditável: *o assassinato de Cristo tem sido protegido através dos tempos pelas próprias pessoas que mais sofrem com ele.* O que protege o assassinato de Cristo é:

O SILÊNCIO por parte das multidões; o povo conhece a verdade... Porque não fala?;

A DEFESA ABERTA DO ASSASSINO quando alguém decide apontá-lo; esta defesa é assegurada principalmente pelos chamados «Liberais»;

A CALÚNIA E A PERSEGUIÇÃO DE CRISTO por parte de pequenos Führers pestilentes, que crescem no seio do povo;

TODO O SISTEMA DE PROCEDIMENTOS DOS TRIBUNAIS, E A FORMAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA: SILENCIO, ATRAVÉS DOS TEMPOS, SOBRE *OS* MÉTODOS B A ACTUAÇÃO DA PESTE EMOCIONAL, nos livros de estudo de todas as nações.

NINGUÉM JAMAIS OUSOU ATACAR A PESTE EMOCIONAL COMO UM PRINCÍPIO INTEGRAL DA ORGANIZAÇÃO BÁSICA DA HUMANIDADE. NÃO HÁ LEIS QUE PROTEJAM DIRECTAMENTE O AMOR E A VERDADE.

Incrivelmente perversa como é a protecção do assassinato de Cristo pelas suas próprias vítimas, a *réplica do profeta é perfeitamente correcta,* seguindo uma lógica cruel.

Se o profeta não se compromete com a opinião pública, se se recusa a obedecer à exigência do povo para que se tome o seu opressor, se persiste no seu modo de vida e nas suas crenças, se não é capaz de satisfazer a curiosidade das multidões pelos seus milagres, deve necessariamente morrer. A razão é válida, porém cruel: se as exigências do profeta fossem cumpridas imediatamente, a condição do homem e da sociedade seria muito pior do que o imobilismo e a podridão a que ele se opõe. A impossibilidade de realização dos sonhos do profeta tem a sua causa na estrutura de caracter do homem, que o impossibilita de viver, de continuar e mesmo de compreender e estar consciente do mundo do profeta, sem ser tomado por uma angústia devastadora.

Nessa trágica confusão do homem estão as raízes de tudo o que protege o *statu quo;* tudo o que está directamente contra o sonho do paraíso, o qual, do ponto de vista do profeta, é racional e realizável. Nesse trágico nó górdio, tudo está amarrado numa intrincada teia, que torna racional o irracional, que instaura e mantém o império do

Diabo, que é o amor pervertido de Cristo, a Peste Emocional dos séculos. O soldado da Peste Emocional é, geralmente, a promessa abortada de um grande homem de acção ou de um grande amante.

Toda esta situação é tão inacreditável e fantástica que os sábios de todos os tempos não a têm visto. A «lógica do ilógico» começa pelo facto de que, *no interior* do império do Diabo, tudo é perfeitamente racional e exacto. Tudo é como deveria ser, e tudo está de acordo com as leis e as instituições. Os homens defendem e protegem esta situação; a não ser assim, desapareceriam enquanto pessoas investidas" de certas funções.

Somente um lider que, tendo consciência da situação, abandone a ambição e resista à tentação de se tornar um líder de homens, poderá ser o verdadeiro guia. Mantendo-se a distância, SEM O DESEJO DE MELHORAR A SORTE DAS GERAÇÕES PRESENTES, tal líder será capaz de preparar os caminhos que conduzirão a humanidade para longe da confusão e da rotina. O pensamento e acção do verdadeiro lider estão para além do seu próprio tempo, para além da era da história escrita, para além da era da sociedade antiga como um todo. Se ele deseja ver o homem do ponto de vista do que ele chama DEUS, deve, sem remorsos e sem hesitação, apagar o homem tal como era e tal como é.

Uma vez mais, por mais fantástico que pareça, é o amor cristão do homem no sentido cósmico do termo, é o próprio princípio de Cristo prescrevendo o amor ao próximo como a si mesmo, que é pervertido e, como tudo o resto, transformado numa arma potente para matar o próprio Cristo. Ò principio divino tem sido utilizado para proteger o assassino de Cristo. As razões encontram-se, uma vez mais, no interior da estrutura do homem, do que ele é e do que deve ser. O destino cósmico e trágico de Cristo reside no facto de que a sua morte é uma conseqüência perfeitamente lógica da estrutura de carácter do homem que, uma vez constituída, não pode mais ser modificada. A partir do momento em que uma árvore *é* forçada a crescer torta, nenhuma força do mundo poderá fazê-la endireitar. Como, no homem, o tronco torto vem sendo transmitido de geração em geração pela simples adaptação à existência de troncos tortos, o Assassinato de Cristo será necessário enquanto o tronco continuar deformado. O tronco da árvore torta odiará e assassinará, necessariamente, o tronco direito, até que outros troncos comecem a crescer erectos e não mais inspirem horror aos troncos deformados. É exactamente aqui que começa a tarefa das nossas *«Crianças do Futuro»*.

Os métodos do assassinato crónico de Cristo são numerosos e variados, como veremos.

E impossível compreender o vergonhoso final, a crucificação de Cristo, se não tiverem sido inteiramente compreendidos os métodos secretos, tortuosos e bem organizados da Peste Emocional. O próprio facto de que o segredo do assassinato de

Cristo só tenha sido desvendado depois de a ciência humana ter conseguido penetrar além dos domínios do homem couraçado, atingindo o *âmago* do seu princípio de Vida, é uma expressiva demonstração da racionalidade diabólica da Peste. Os protectores do segredo eram:

O princípio de Amor Cristão ao inimigo, ou seja, o assassino de Cristo.

A repressão da *verdade,* como princípio.

A repressão das experiências infantis ao longo dos tempos.

A couraça que envolve o sistema de Vida do homem, que não lhe permite encontrar a solução da tragédia de Cristo dentro de si mesmo.

A transformação de tudo o que *é* real na vida e nos ensinamentos de Cristo em algo místico, ou seja, a inacessibilidade da imagem no espelho.

È, finalmente, para coroar tudo, bem arraigada na sua lógica interna, a soma total das idéias humanas sobre morais e éticas, lei e Estado, além e destino cósmico, todas elas parcelas da grande evasiva do homem em relação à sua origem e raiz nos órgãos genitais, símbolos de fecundidade e criatividade nas antigas religiões pagas.

Pelo menos a milésima parte dos esforços inúteis feitos através dos tempos para compreender a tragédia de Cristo poderia ter sido utilizada para esclarecer se os religiosos monoteístas, a começar pela religião Judaica, não foram tentativas heróicas para fazer frente a uma estrutura de carácter obscena, indecente, caluniadora, maligna, imóvel, aborrecida, assassina, ciumenta, invejosa, estúpida, desenvolvida nos grandes impérios patriarcais da Ásia e do Mediterrâneo. Para salvar os Judeus da perseguição dos Egípcios, Moisés viu-se obrigado a organizá-los e a civilizá-los. Não terá sido isso que o levou a formular os dez mandamentos e outras regras de ordem e higiene? Para consegui-lo, era necessário suprimir completamente a estrutura *secundária* do caracter, essencialmente má. Tratava-se de substituí-la por uma ética que, pela crueldade e rigidez das suas exigências, apenas conservasse, de entre os impulsos pervertidos, aqueles que servissem para combater, com a maior severidade e brutalidade possíveis, os impulsos indesejáveis. A regra da circuncisão, uma das crenças mais sagradas dos Judeus, indica claramente que os órgãos genitais eram considerados a fonte do mal.

Cristo reagiu contra isso, como muitos profetas antes dele. Mas o facto é que ninguém antes dele dispunha de uma estrutura de carácter que não apenas tivesse em conta o problema central da origem do homem, mas que VIVESSE a VIDA DE DEUS, tal como ela deve ser compreendida aqui, como *Vida da Natureza, incluindo os órgãos genitais não mutilados* e o AMOR ao PRÓPRIO AMOR.

Não se pode imaginar que os Judeus da época de Cristo fossem capazes de se converter *em massa* e rapidamente aos ensinamentos de Cristo. Poderiam tê-lo

admirado e ter-lhe desejado sucesso; poderiam ter acreditado na utilidade e na racionalidade da sua crítica revolucionária ao Judaísmo do seu tempo, mas nunca teriam sido capazes de VIVER a vida de Cristo. A sua sociedade e a sua rotina diária ter-se-iam desintegrado na primeira tentativa.

Vista deste prisma, a extrema animosidade que a orgonomia encontrou no século xx torna-se perfeitamente compreensível. Poder-se-ia imaginar que homens do século de Hitler, de Estaline, de Mussolini vivessem a vida de acordo com os ensinamentos do inconsciente e da importância da genitalidade orgástica natural? Isto é impossível. A estrutura do carácter do homem do século xx parece predispô-lo a escutar o novo ensinamento, mas *não a vivê-lo.* Assim, a psicanálise degenerou numa filosofia cultural perniciosa, três décadas após o seu nascimento, e a Economia Sexual teve de lutar pela sua sobrevivência por mais de três décadas, defendendo-se dos assassinatos, calúnias, difamação e perseguições policiais. Ela só pôde implantar-se quando a miséria sexual se impôs aos olhos de todos, quando a medicina militar americana teve de rejeitar um homem em cada quatro ou cinco por apresentar problemas mentais; quando os adolescentes se lançaram *em massa* às drogas, para escapar, no início da revolução sexual, da penosa frustração genital; quando a felicidade conjugal se tornou a preocupação número um dos interessados; quando os tribunais e jornais se encheram de crimes passionais. Nessa época ainda se estava longe de discernir a relação entre a miséria «individual» e as grandes guerras, os massacres na Alemanha, na Rússia e na Coréia. Mas *a revolução sexual* tivera o seu início. Assim, a Economia Sexual pôde escapar, por enquanto, da sorte do Assassinato de Cristo. Ela encontrou um apoio poderoso na descoberta, em 1936, da Energia Vital, que atraiu a atenção do público para a natureza BIOLÓGICA dos males de que| a humanidade sofre. A distinção muito clara, feita pela Economia Sexual, entre os impulsos PRIMÁRIOS naturais e os impulsos SECUNDÁRIOS pervertidos encontrou a sua expressão formal numa modificação da terminologia sexual, o que contribuiu para manter limpa a atmosfera. O termo «relações sexuais» designa hoje, aos olhos de todos, uma coisa imunda; o termo ABRAÇO GENITAL distinguiu o acto limpo do acto sujo. A palavra SEXO, mal empregue e gasta, designa hoje o pesadelo da fricção de um pénis frio contra uma vagina insensível, e foi completamente abandonada; a descoberta do fluxo de Vida ardente no organismo durante o abraço recebeu o nome de FLUXO ORGÓNICO, que ainda não foi maculado pelas mãos destruidoras e cruéis da peste. Mas não há dúvida de que a peste tentará, mais cedo ou mais tarde, manchar a pureza desta função. Porém, nesse dia, estaremos mais bem preparados para lutar contra o mal.

Não é preciso dizer que não será tão cedo que veremos o fim das calúnias,

difamações e intrigas de funcionários de mentalidade pornográfica, de mulheres frustradas e homens porcos de espírito. Mas a sua acção tem sido menos eficaz desde que se aprendeu que se pode usar a VERDADE como uma ARMA contra a peste; desde então, tornou-se possível ultrapassar o impasse e a proibição, atacando o portador da peste. Os princípios cristãos do «Ama o Teu Próximo como a Ti Mesmo» e «Perdoai aos Vossos Inimigos», que regem todas as grandes acções, mesmo as que ultrapassam os domínios da Igreja Cristã e se identificam com os princípios da vida, da profundidade e da verdade, visam à protecção de Cristo, de Deus, do amor e da genitalidade nos recém-nascidos. Já não *é* tão fácil proteger os que assassinam Cristo em milhões de crianças e adolescentes inocentes que sofrem de frustração genital.

O assassino de Cristo foi reconhecido; arrancou-se a máscara de jovialidade e honestidade com que cobria a sua face horrível. A sua estrutura básica, que consiste numa mistura assassina de frustração, inveja e intolerância em relação à Vida viva, de impulsos que visam a fustigar, matar a Vida e estragar tudo o que é puro e belo, de faces e membros endurecidos, de mentes cheias de sonhos obscenos, foi cuidadosamente estudada e está a ser revelada ao conhecimento de todos.

Isto é apenas o começo. O assassinato pode ainda acontecer, e existem ainda muitos esconderijos inacessíveis, mesmo para as armas da razão e do interesse na felicidade das gerações futuras. Assassinatos de Cristo continuarão certamente a ocorrer, e em abundância. Mas a maldição foi efectivamente quebrada. O FIM do assassinato de Cristo está próximo, não sob a forma do Reino de Deus, não como um sonho, mas como a tarefa crucial para gerações de educadores e psiquiatras, médicos e administradores.

Não se trata de proclamar mais verdades, mas de sair à procura dos esconderijos da peste. Será que a peste conseguirá ainda transformar esta tarefa em mais um pesadelo de sofrimento humano? É possível, mas não provável.

Vamos aprender mais sobre isto, estudando uma das muitas maneiras que a peste usou para matar Cristo, séculos depois do seu Assassinato: desta vez, sob a forma de uma grande filosofia natural que defendia a totalidade, a continuidade e a vitalidade do universo. O criador dessa filosofia natural e, portanto, precursor de alguns dos pensamentos orgonómicos fundamentais foi Giordano Bruno.

Capítulo XI

MOCENIGO

O ASSASSINATO DE CRISTO EM GIORDANO BRUNO

Existem almas vazias que têm sede de sensações fortes para encher o seu deserto interior. Elas inclinam-se, por isso, para o mal. Nem todas o farão, mas as que se lhe entregam escolherão, de preferência, vítimas como Giordano Bruno. Porque Giordano Bruno redescobriu Cristo no Universo, isto é, o Amor de Deus em termos astrofísicos.

Bruno antecipou, no século XVI, por simples reflexão, a descoberta da energia do orgone cósmico, no século XX. Ele descobriu e encerrou num sistema de pensamento as inter-relações entre o corpo e o espírito, o organismo individual e o seu ambiente, a unidade e a multiplicidade básicas do universo, um universo infinito que envolve uma infinidade de mundos. Todas as coisas existem por si mesmas e como partes de um todo. Assim, a unidade individual, ou alma, existe por si mesma e como parte de um todo que é infinito e simultaneamente único e múltiplo. Bruno acreditava numa alma universal que animava o mundo; para ele, essa alma identificava-se com Deus. Bruno era essencialmente um funcionalista. Ele tinha uma idéia muito clara, embora abstracta, da identidade e da antítese funcionais simultâneas. Movia-se no interior da corrente universal que levou o pensamento humano à formulação concreta, quatrocentos anos mais tarde, das equações orgonométricas funcionais. Descreveu, de acordo com a sua sensibilidade orgónica, vários atributos da energia atmosférica, que o descobridor da Energia Vital tomou visível, manejável e utilizável para fins práticos, bioenergéticos, no século XX. Para Bruno, o universo e todas as suas partes possuíam qualidades que se identificavam com a vida. No seu sistema, não havia contradição irredutível entre individualismo e universalismo, pois o indivíduo era, para ele, parte integrante de um todo englobante, e não um simples número ou parte de urna soma, como na matemática mecânica. A «Alma do Mundo» estava em todas as coisas, agindo corno urna alma *individual* e, *ao mesmo tempo,* como parte integrante da alma *universal.* Essas formulações concordam, apesar do emprego de fórmulas astrofísicas, com o funcionamento orgonómico moderno.

Bruno tinha descoberto o caminho que conduzia ao conhecimento de Deus e, por isso, devia morrer. E morreu, de facto, numa agonia que durou nove anos, de 1591 a 1600, até que na manhã de 16 de Fevereiro foi levado à fogueira, no meio de preces, pelos herdeiros de Cristo e lançado às chamas em nome do amor de Deus.

Embora a Igreja Católica, graças ao poder que exercia sobre milhões de almas humanas, tenha podido desenvolver as cruéis técnicas dos imperialistas; embora se tenha feito disso uma arte, da qual fazia parte a execução na fogueira dos perigosos estudiosos da realidade do mundo de Cristo, seria errado.atribuir esses métodos diabólicos apenas à Igreja. Esta não é mais responsáveis pela utilização e manutenção dos métodos da peste emocional do que Nero, Cabula, Gêngis Khan ou, na época moderna, os Hitlers ou os Estalines. A peste sempre se mostrou implacável, onde quer que os líderes precisem de enfrentar a difícil tarefa de manter a unidade e a cooperação entre multidões doentes, moribundas e indiferentes ao sofrimento alheio.

As doutrinas de Bruno, que apontavam a direcção correcta, continham muita energia e a força suficiente para modificar a ordem que mantinha ligada a massa adormecida dos animais humanos − essa massa cujos sonhos deviam manifestar-se, ao longo dos três séculos seguintes, por levantamentos destinados a estremecer o mundo do homem nas suas bases. Permitir que a descoberta de Deus e do seu Reino se tornasse uma realidade prática, deixar que os homens tomassem posse, com os seus espíritos, os seus corações e o seu modo de vida, das coisas que a Igreja transformou em mistérios e colocou fora dos limites do acessível, teria mergulhado o mundo num desastre. Esse o destino trágico de todo o conhecimento que aparece no momento errado, num mundo mal preparado para o receber. Por isso, Bruno, o Nolano, teve de morrer.

Raramente são os grandes inquisidores, os procuradores-gerais ou os soberanos pontífices das crenças estabelecidas que começam o problema. Não é a multidão humana passiva, sofredora, sonhadora, que leva os Brunos, previamente condenados, aos tribunais dos inquisidores, e depois os entrega à fogueira. Nem o inquisidor, nem a massa adormecida da humanidade são, ou se sentem responsáveis, pela morte de um profeta. A massa adormecida não tem a mínima idéia dos crimes perpetrados em seu nome, ao passo que o inquisidor apenas segue certas regras ou leis, de maneira mecânica, rígida, como um autômato, desprovido de piedade ou de liberdade para agir de outra forma.

O verdadeiro assassino que inicia o triste espectáculo é, em geral, um cidadão discreto e «respeitável» que nada tem a ver com o problema do grande rebanho de homens que dormem e sonham, nem com as graves responsabilidades administrativas dos inquisidores e juizes. O verdadeiro assassino é o rastreador que se lança em perseguição do prisioneiro em fuga, não porque o deteste, porque queira fazer justiça ou porque conheça algo sobre o assunto. *O verdadeiro assassino é um fenómeno acidental*, uma falta de sorte que atinge a vítima sem nenhuma razão, como a bala perdida de um caçador que, após ter errado o veado, mata o guarda-florestal que por ali passava

casualmente.

O verdadeiro assassino não tem a intenção de matar uma determinada pessoa ou qualquer outro indivíduo. A vítima sucumbe ao assassino pestilento por razões que nada têm a ver com a sua verdadeira vida, com as suas crenças ou relações com o assassino. A vitima cometeu somente o erro de se cruzar com o assassino num determinado momento, momento importante para a vida do *assassino,* mas não para a vida da vítima. O executor que é pago para matar não tem ódio a Sua vítima, não a escolhe nem lhe quer mal. Ele mata porque escolheu a profissão de matar, e não importa quem esteja diante da sua arma, sob a lâmina da guilhotina ou sentado na cadeira eléctrica. O assassino, por sua vez, mata porque *precisa de matar.* A vítima só é vítima porque lhe aconteceu estar perto no momento oportuno.

O assassino de Giordano Bruno era um nobre de Veneza, que respondia pelo nome insignificante de *Giovanni Mocenigo.* Esse nome não tem a mínima significação racional. Ninguém jamais ouviu falar dele antes do assassinato, e ninguém se lembrará dele depois. Ele poderia chamar-se Cocenigo ou Martenigo. Era a mesma coisa. Mocenigo é uma não-entidade, em qualquer dimensão. Ele nada sabe, nada faz, nada ama, por nada se interessa, a não ser pela sua própria nulidade. Ele está por aí, anda por aí, nem sempre num palácio, preparando geralmente o mal. Produz sonhos perniciosos *como* a galinha põe ovos, um de cada vez. É esperto de mais para praticar o mal como um simples criminoso, ousado e temerário, que assalta um banco para obter dinheiro facilmente, ou que agarra uma moça na rua, à noite, levado pela fome sexual. O matador pestilento nem sequer justifica o seu crime. Como não encontra em si próprio motivos para o crime, precisa de os procurar nos outros. A esterilidade da sua alma e o vazio do seu espírito também não justificam um assassinato; porque é que ele mataria alguém, se ele próprio é vazio como um deserto? Assim, o carácter pestilento procurará com cuidado um motivo para matar seja quem for. A vítima deve ter apenas uma característica, para que haja uma razão para ser morta: deve distinguir-se da multidão adormecida ou imóvel, a sua alma deve, de preferência, assemelhar-se *à* de Cristo, que conhece o cheiro da eternidade.

O matador atacado pela peste distingue-se do matador racional, que procura através do seu crime dinheiro ou satisfações sexuais, pelo facto de que nada ganha com a morte. Ele assassina a sua vítima pela simples razão de não suportar a existência de almas como a de Bruno, de Cristo, de Ghandi, de Lincoln. Ele pode ocupar um cargo qualquer numa administração governamental ou comercial, num instituto universitário bacteriológico, ou numa sociedade de combate ao cancro. Pode ser jovem ou velho, do sexo masculino ou feminino. Uma só coisa importa: *o que o leva ao mal é o desejo*

genital cruelmente pervertido e frustrado; ele odeia o Amor de Deus, o qual decidiu matar em nome de Deus, de Cristo ou da honra nacional.

É assim que Mocenigo, o nobre vazio e ocioso de Veneza, escreve duas cartas a Bruno, que vivia em Frankfurt nessa época, convidando o mestre a ensinar-lhe a «arte da memória e da invenção». Isso significa que Mocenigo sabe que Bruno é muito rico, de uma riqueza diferente da sua, e planeia sugar a sua futura vítima. Bruno acreditava na força do amor que une todas as coisas e leva os homens a fazer o bem. Por isso, Bruno traçou a sua morte. Acreditando firmemente no grande amor do universo, que liga todos os homens, assim como Jesus Cristo acreditara na força do Amor na qual via a grande força do Reino de Deus, Bruno aceita instalar-se na casa do seu assassino.

Mocenigo espera que Bruno reparta com ele a grande arte do pensamento. Espera que ele não dê esse conhecimento a mais ninguém. Quando Bruno exprime o desejo de retomar a Frankfurt para publicar algumas obras, Mocenigo opõe-se e ameaça apelar ao Santo Ofício. Mocenigo, evidentemente, como todos os assassinos da sua espécie, tem relações *com* a Inquisição. Ele vai usá-las, se o seu generoso amigo se recusar a ensinar-lhe a grande arte do pensamento e da memória. Mocenigo está firmemente decidido a obter o que quer, mesmo que tenha de recorrer ao assassinato. Evidentemente, Mocenigo não se interessa pelo conhecimento. Não saberia o que fazer com ele, como manejá-lo, como desenvolvê-lo ou como aplicá-lo.

Tudo o que ele sabe fazer é cultivar pensamentos pérfidos a partir dos seus órgãos genitais mortos. Não se interessa pelo conhecimento como tal, nem pensa em aprender, pesquisar, propor ou resolver problemas. Quer o conhecimento como alguém quer um belo carro, um gira-discos para ouvir uma melodia, um barco, uma determinada mulher num bar ou simplesmente um prato de peixe para encher a barriga. *O que importa é agarrar*, apoderar-se de alguma coisa que o outro conseguiu com grandes esforços e muito trabalho. Mocenigo quer encher-se dos conhecimentos que é incapaz de produzir ou de digerir quando os recebe. Não tolera que haja alguém que possua o conhecimento ou a habilidade para desenvolver a sabedoria. Não pode suportar o pensamento de que haja alguém, mesmo a léguas dele, que desfrute da crença no amor e na alma universal capaz − mesmo num futuro incerto − de estabelecer uma ligação de paz entre os homens. Quer se chamem Mocenigo, Caifás, Judas, Saulo de Tarso ou Estaline, é sempre a velha história. Eles não podem suportá-lo; ficam cheios de inveja; têm um desejo irrefreável de uma coisa que são incapazes de possuir; por isso atiram Cristo para a cruz, Bruno para a fogueira e deitam a sociologia científica aos cães. Quanto mais a futura vítima estiver perto do conhecimento do Reino de Deus, mais se arrisca a ser escolhida para a morte pelo caracter pestilento.

E tudo isso se passa sem que ninguém, nem mesmo o assassino, o perceba. Quando Bruno − desconfiado talvez do seu futuro assassino − insiste em partir, Mocenigo manda prendê-lo durante a noite, tirando-o da cama com a ajuda do «braço da lei». A partir desse momento, o mecanismo da peste emocional organizada deflagra, como um rolo compressor automatizado, e só se desligará quando a vítima estiver reduzida a pó. A inveja e as intrigas baixas de um Mocenigo não têm importância e nem mesmo figuram nas alíneas do processo. O verdadeiro motivo do assassinato não está mencionado em parte alguma; ele não interessa ao tribunal, reunido em 1592 ou em 1952, na Itália, nos Estados Unidos ou na União Soviética. O verdadeiro motivo do covarde assassino nunca é mencionado no inquérito; só aparece nos assassinatos de rotina, mas nunca nos Assassinatos de Cristo. As Ordens dos Advogados de todos os países não toleram nem mesmo a discussão do motivo de tal assassinato. Os juizes que pronunciam as condenações e os carrascos que as executam permanecem livres, mesmo que as suas vítimas estejam inocentes. Se, como acontece às vezes, o erro é descoberto, a vítima, se ainda viver, deve dizer «Muito obrigado», ou, se estiver morta, haverá alguém que rezará no seu túmulo. Mas ninguém ousa atacar o verdadeiro assassino.

A partir deste momento, não importa o que vai constar no auto de acusação, se é proibido ou não fazer girar a Terra em tomo do Sol, acreditar na Alma do Universo ou no Amor Universal, se- alguém fez conferências aqui ou ali, se alguém, levou uma vida honesta e só errou ao passar acidentalmente por um caçador pestilento. Nada importa, pois o verdadeiro motivo é o assassinato de Cristo, que conseguiria instaurar sobre a Terra o tão temido Reino de Deus. Pouco Importa se Cristo se proclamou realmente Rei dos Judeus. É apenas um pretexto e todos têm consciência disso: por isso ninguém fala ou faz o que quer que seja. A lei em vigor foi feita para a *procura* eterna do Reino de Deus, mas não para a *descoberta* do Reino dos Céus, nem para o modo de vida de Cristo, que conhece os caminhos do Reino de Deus. Só as formalidades contam. Todos têm o cuidado de envolver o assassinato jurídico com a aparência de justiça, para que o crime se produza de maneira «limpa e legal». Ninguém deve jamais ser acusado de injustiça. O código de honra deve ser respeitado. Cada um sabe como as coisas se passaram, mas ninguém mexe um dedo.

Muito depois, quando a vitima estiver morta já há muito tempo, quando os seus apelos a Deus estiverem para sempre silenciados, quando o mito da «justiça feita» se evaporar, os historiadores desenterrarão os factos, quando tudo estiver a salvo. E pode acontecer que algum Papa se ajoelhe diante da tumba de alguma das vítimas para reabilitar, postumamente, a sua honra. Obrigado, Senhor!, ouviremos a vítima murmurar. E, mais uma vez, Deus desvia-se da sua criatura, o Homem feito à sua

imagem, e continua a enviar os seus profetas para pregar nos imensos desertos vazios. Mocenigo está esquecido. Ninguém fez pesquisas sobre ele, ninguém o julga culpado, embora alguns o desprezem. E mais, haverá aqueles que dirão que Cristo mereceu ser crucificado, por se ter insurgido como um vulgar rebelde contra o governo estabelecido, por ter provocado os escribas sem necessidade, que ele teria feito melhor se ficasse quieto e deixasse as almas humanas em paz, instaladas no seu imobilismo para todo o *sempre*. E muitos livros serão escritos e lidos por multidões, livros que explicam como fugir da verdade sobre o Assassinato de Cristo, como encontrar paz de espírito. Não toque nisso, nunca!

Capítulo XII

EM DIRECÇÃO AO GÓLGOTA

Cristo deve morrer na cruz, no Gólgota. Não porque tenha ameaçado o Império Romano. Outros ameaçaram o Império Romano e não morreram. Cristo vai morrer, não porque tenha atiçado a cólera dos sacerdotes com as suas duras palavras de critica. Outros criticaram o Sinedrio; outros proclamaram a hipocrisia dos judeus talmudistas e não morreram. Cristo não morreu na ignomínia por pretender ser Rei dos Judeus. Cristo nunca sonhou ser o Rei dos Judeus. Ele rejeitaria tal ideia, se esta lhe fosse proposta pelo próprio imperador romano.

Cristo não saberia como ser um «Rei dos Judeus». Poderemos imaginário num belo cavalo branco, galopando à frente de uma coluna de Macabeus montados, com a espada desembainhada, gritando ao Sol nascente: «Vamos, vamos! Avante! Ao ataque!»? Uma coisa destas não pode ser visualizada. É impensável, impossível; seria perfeitamente ridículo. Não poderia ser imaginada pior degradação da Vida viva em Cristo do que esta. Podemos imaginar César, Napoleão ou Hitler nesta situação, mas não Cristo. Cristo não se integra num quadro como este.

Em conseqüência, Cristo será flagelado e crucificado pelo povo como o *«Rei dos Judeus»*.

Cristo estaria deslocado e ridículo com qualquer roupa que significasse honras aristocráticas e alta posição num mundo de homens couraçados. Não podemos imaginar Cristo recitando litanias ou aceitando a dignidade de Doutor *honoris causa* em Direito da Universidade X. Ele era um estrangeiro em Jerusalém; teria sido um estrangeiro em qualquer outra cidade, em qualquer época da história escrita da humanidade. Cristo possui uma dignidade natural, a sua linguagem directa tem um encanto e uma precisão extraordinários. Em geral, os homens não agem como ele. As pessoas amam as suas maneiras e juntam-se em volta deste homem tão bem dotado, mas não pensam em actuar como ele. Elas corariam, sentir-se-iam incomodadas em qualquer reunião de homens que se comportassem como Cristo. Cristo é simples e directo, espirituoso mas não vaidoso, irradiante de amor e de contacto, mas não intrometido ou pegajoso.

Cristo não tem lugar neste mundo, a não ser no meio do pequeno grupo de admiradores e adeptos inocentes e ignorantes que passeiam com ele pelas colinas e pelos vinhedos da Galileia. Ele destoa, mesmo entre os seus admiradores. É incapaz de gostar das ovações como Mussolini, o gênio abortado que se ajustava aos sonhos

heróicos do povo como uma luva se ajusta às formas da mão. É mais provável que os seus admiradores se sentissem um pouco incomodados na sua presença porque ela não lhes permitia contar piadinhas ou trocar as suas confidencias picantes.

Cristo está totalmente deslocado em qualquer lugar entre os homens couraçados, embora ele seja a sua esperança, a própria essência de todos os seus sonhos de um futuro melhor. A grandeza do seu pensamento directo e simples toma-se uma desvantagem quando enfrenta a argumentação distorcida e complicada dos escribas. As pessoas não estão habituadas a pensar de forma directa e simples. Para elas, isso pode ser ofensivo. Digamos aos escribas que vemos, sem nenhuma dificuldade, a vida em movimento numa partícula de carvão aquecido. O escriba não olha através do microscópio, mas argumenta connosco que são moléculas invisíveis que causam o movimento. Digamos aos Fariseus que vemos, sem nenhum esforço, facilmente, que nos órgãos mortos, as bactérias que provocam a decomposição se desenvolvem a partir do próprio tecido. O escriba jamais olhará pelo microscópio, mas dirá a todos que não esterilizámos o tecido e que o que víamos eram «somente germes aéreos», embora ele próprio nunca tenha visto ou demonstrado a existência de germes aéreos. A vida está totalmente deslocada num mujido que contém Fariseus, escribas talmudistas e conselhos médicos sobre farmacêutica.

Digamos aos talmudistas que os meninos sofrem quando se destaca uma parte da pele do pénis, que isto faz muito mal e que os gritos do pequeno são um sinal de dor violenta. O escriba dirá ao povo que a criança não sente nada, pois as fibras nervosas ainda não estão totalmente formadas, ou outra tolice do género; e «as pessoas» perguntar-nos-ão se a nossa teoria sobre a dor causada pela incisão no prepucio, sem anestesia, foi reconhecida pelos escribas.

Se quisermos livrar os bebés das dores da circuncisão, seremos obrigados a combater e aceitar toda a espécie de aborrecimentos. O facto de a incisão no prepúcio fazer doer horrivelmente não impressiona ninguém. Cristo, sendo um adversário de todos os ritos cruéis, deve morrer.

Há no mundo uma série de coisas muito simples, claramente visíveis para todos, cuja compreensão exige apenas um pouco de inteligência, um certo bom senso e algum discernimento. O sofrimento que a frustração genital causa no adolescente é uma delas. Todos os homens e todas as mulheres conheceram essa infelicidade. Todos os homens e todas as mulheres travaram essa luta dolorosa e sem esperança. Enquanto cada um constatar, a título pessoal, que a puberdade é o crescimento da função genital e a preparação para chegar a um abraço total, ninguém o aborrecerá. Mas se for a um instituto de fisiologia de qualquer universidade do início do século XX e se referir a este

assunto, ver-se-á em apuros. Primeiro, sentir-se-á deslocado no auditório de uma universidade a falar sobre abraço genital na puberdade. É simplesmente inconveniente, carregam-se os cenhos, critica-se a falta de tacto. Os professores nunca abordaram o assunto, nunca permitiriam que os estudantes tocassem nesse problema capital. Para dissimular o facto de que o homem foi feito pela natureza, isto é, por Deus, para copular na puberdade, criou-se um sistema confuso de teorias *ad hoc* e de argumentos cujos detalhes se contradizem, misturam-se idéias e afirmações de que cada um tem o direito de enganar-se e de ter uma opinião pessoal sobre a questão da excitação sexual durante a puberdade, opinião resultante de esforços desesperados feitos pára esconder do pai os hábitos de masturbação, para não ser apanhado em flagrante e para não ser castigado. Após algum tempo, será forçado a abandonar o debate. Não há esperança de penetrar nesse emaranhado, e decide que é melhor ficar de fora e continuar sozinho.

Os escribas são os guardiães que defendem o acesso aos templos do saber. Eles não deixam entrar nenhuma verdade referente ao essencial. A verdade tem o direito de sair do templo, apenas sair.

Tudo isto é verdade, em todos os tempos. Todos o sabem. Muitos redigiram grossos livros sobre o assunto. Mas nada acontece. Todos os conhecedores das coisas simples estão fora dos seus lugares, e incomodam os escribas. O escriba é, nas ciências, o símbolo do imobilismo das pessoas, do imobilismo geral dos espíritos e dos corpos.

Na Galileia, Cristo pode, de certa forma, ser ele próprio. Ninguém, a não ser os seus parentes mais próximos, põe em dúvida a sua dignidade natural, o seu lugar nas montanhas. Alguns podem achar que ele é diferente, que está a exagerar ou que «sonha» de mais. Mas na Galileia ele pode misturar-se com o povo, falar, comer como os outros, aproveitar a presença de alguns amigos.

Em Jerusalém, ele não pode ser totalmente ele próprio. Sente-se fora de casa, fora do lugar a que pertence naturalmente. É obrigado a ser um pouco como os outros, se quiser viver com eles. Segundo Renan, um dos apóstolos pensa que Jesus foi atraído a Jerusalém para aí ser morto.

Nas colinas da Galileia, onde está sozinho no seu próprio mundo. Cristo pode dizer coisas simples de maneira simples, e elas permanecerão válidas por milhares de anos. Em Jerusalém, tudo quanto diz parece estranho. É obrigado a discutir, perde a totalidade harmoniosa do seu ser, vê-se obrigado a decompor a sua grande unidade e a começar a conhecer o artigo 23 do parágrafo 5638965 do Talmude para se impor. O modo de vida de Cristo é válido para todos os tempos. Mas no mundo modelado pelo homem ele perde a sua realidade; não se manteria perante nenhum tribunal.

Para compreender o assassinato de Cristo é necessário ver as coisas na perspectiva

da vida comum que, deformada como está, tem o poder de transformar a própria verdade eterna em crime social. Isto é tão verdadeiro que qualquer homem que se encontrasse no lugar de Cristo faria melhor se colocasse o mundo em guarda contra o seu próprio ensinamento. Não é só ele, pessoalmente, que não se enquadra. Os seus ensinamentos também não, Não são só os seus amigos, parentes e discípulos que não entendem o que ele diz; o mundo do homem, em geral, não pode, não ousa compreender.

E esta *é* a verdadeira tragédia da própria VERDADE; ela só é aceite depois de diluída, deformada, reduzida e privada da sua intensidade. Claro, a pequenina verdade sobre a maneira de melhorar a vinicultura, uma recepção de rádio ou a balística militar, tudo isso é bem-vindo, aceitável e respeitável. Mas não acontece o mesmo com a verdade fundamental formulada por Cristo. Ela não pode resistir a um tribunal. Vista da perspectiva do homem couraçado, imobilizado, bem estabelecido, ela é criminosa, um perigoso atentado contra a vida. Na realidade, sem essa verdade nada poderá jamais ser mudado. Nenhum mal poderá ser realmente exterminado. A miséria deve permanecer. Mas a própria verdade *é* um crime, um crime contra a própria vida de cada nação bem estabelecida na realidade reinante.

Isto é válido numa dimensão assustadora; as medidas preconizadas por políticos vis para melhorar a situação são necessárias, apesar da sua total ineficácia; isto é tão real que seria traição NÃO defender o diabo e não ser contra o reino de Deus. O trágico dilema acima delineado é tão grave e insolúvel que nada foi modificado durante milênios na civilização mecanicista, pelo menos no que se refere ao próprio homem. O assassinato de Cristo é tão real hoje como o foi há dois mil anos.

Faz sentido que os Chineses e os Japoneses tenham praticado o imobilismo durante milênios no que se refere ao aspecto social e ao pessoal. Se eles se tivessem movimentado livremente teria sido a catástrofe, e a catástrofe devastou a China quando os Diabos Vermelhos Chineses assumiram o controle de Sun Yat-sen.

O perigo não está em arrastar-se na rotina durante séculos nem nas idéias dos reformadores ou mesmo na miséria da multidão; o perigo está no desastre que se abaterá sobre o mundo quando os abutres da liberdade alçarem as suas asas perniciosas e enviarem aos mais longínquos recantos do mundo os seus vendedores ambulantes da liberdade.

Fechar os olhos perante as contradições realmente trágicas que marcam os próprios fundamentos da existência humana significa ajudar o diabo e piorar a miséria. De acordo com o que tem sido experimentado e pensado sobre a peste emocional, não haverá esperança para a humanidade enquanto perdurar a política da avestruz em

relação à necessidade de Assassinar Cristo. Se a humanidade sempre se recusou a enfrentar esse problema, é porque ele é tragicamente racional; o homem sempre o evitou e continuará a evitar enquanto os recém-nascidos forem submetidos ao couraçamento do carácter, o HOMEM COURAÇADO É OBRIGADO *A ASSASSINAR* CRISTO PARA PODER EXISTIR.

Eis uma percepção que vai contra a eficácia de uma intuição de qualquer grau. Isto já não pode ser contornado. O problema atormentará a humanidade ainda por muitos séculos e exigirá muitas vítimas. Ninguém pode esperar que uma espécie arruinada acabe rapidamente com as suas misérias, assim que alguém tiver uma boa idéia e se lançar numa campanha de propaganda política. Mais uma vez estaríamos a ver a realidade num espelho.

O grande alarde criado por filósofos estudiosos da natureza do homem é um dispositivo astucioso destinado a esconder dos sentidos e da compreensão do homem a amplitude da tragédia.

É este o dilema, em termos práticos: *se uma verdade é demasiado impressionante, torna-se incômoda e perde a utilidade. Se uma verdade, para sobreviver, se mantém insignificante e inócua, será enterrada sob argumentos sem fim e será ineficaz.*

É como se nos encontrássemos diante de uma criança muito querida, definhando por um mal que poderia ser curado por um remédio que não pode ser obtido e aplicado a tempo. É como o sentimento de uma mãe na Coréia, em 1950, cujo filho se perdeu na confusão e que sabia que ele ainda vivia em qualquer lugar, talvez no pomar da velha casa em ruínas, escondendo-se e chorando amargamente, e tinha a certeza de que o poderia encontrar rapidamente, se não houvesse uma batalha exactamente no lugar entre a mãe e o filho perdido.

É como se alguém estivesse desesperadamente bloqueado numa casa em chamas, sabendo perfeitamente que se teria podido salvar e à sua família se tivesse colocado, a tempo, uma escada encostada à janela.

É um pouco de tudo isso, mas multiplicado por um bilião. Se *o Assassinato crónico de Cristo pudesse ser suspenso, o que não pode, o reino de Deus tomar-se-ia realidade.*

Cristo não teve sonhos místicos. As suas idéias não eram irreais ou impraticáveis. Elas são reais e práticas. Elas poderiam ter resolvido muitos problemas e dispensado muita miséria. Infelizmente, o uso da verdade de Cristo pelo homem exterminaria a humanidade. Isto acontece porque o homem está mal preparado para acolher a verdade capaz de o salvar. A couraça do carácter nasceu do sentimento de medo perante a verdade que só por si é capaz de impedir a formação da couraça que sufoca a vida já no

útero materno. E o Assassinato de Cristo continuará a ocorrer, enquanto continuar escondida a passagem que leva a estrutura doentia do homem à salvadora compreensão da verdade. Proclamar a verdade − apenas isto de nada servirá. A verdade será e terá de ser morta.

Desse ponto de vista, e consideradas nesse sentido crucial, a flagelação de Cristo e a ridicularizarão de que foi objecto assumem um sentido terrível. Há uma verdade e uma razão de ser em todo o acontecimento irracional, em todo o assassinato, em toda a violação, em toda a guerra, em todo o suicídio; e até na flagelação de Cristo.

Cristo *tem de* ser ridicularizado, difamado, flagelado, reduzido a um estado de extrema miséria e desprezo, deve ser mais maltratado do que um ladrão comum, pois a sua maneira lúcida, irrefutável de indicar o caminho da esperança deve ser absolutamente, completamente, irreversivelmente abolida. Ela não pode mais, não deve mais servir de modelo ao povo que já perdeu a capacidade de a alcançar ou de a viver; que infalivelmente estaria arruinado se conseguisse alcançar essa verdade, se conseguisse tirar do espelho a glória de Deus e torná-la palpável e visível.

Isto começa a fazer sentido, se bem que, na verdade, seja um absurdo. Começa-se a compreender como foi possível que as éticas e as morais tenham sido imagens num espelho, sem nenhuma implicação na vida prática. A visão no espelho e a imagem de um Deus inacessível conservaram, até certo ponto, o poder de refrear as consciências, de as impedir de ir muito longe, de fazer vibrar nelas as últimas lembranças de emoções puras quando se escuta, por exemplo, a música de um órgão numa igreja; de as exortar a um comportamento correcto na presença de uma bela mulher, mesmo que o desejo sexual se faça sentir; a não enganar sempre o vizinho, mas só de vez em quando; a não matar a esposa importuna se ela dormiu com outro homem, a contentar-se em esbofeteá-la, não sem remorsos posteriores; a não matar um filho, como o exige uma cruel lei religiosa, por brincar com os seus órgãos genitais, a dar apenas uma palmada nos dedos; a não assassinar milhares de negros nos Estados Unidos do Sul por eles lembrarem sempre, com os seus corpos suaves e lábios sensuais, o prazer sonhado do abraço genital tal como era praticado antigamente em plena floresta, a só matar ou enforcar dois ou três durante o ano; a debater, pelo menos moralmente, a solução do problema do Negro na grande democracia dos americanos sulistas, e achar que se fizeram grandes concessões ao permitir que um por cento dos estudantes negros se inscrevam numa universidade de brancos ou que sejam alistados numa unidade de soldados brancos; e a não os marginalizar totalmente e não falar mal deles. E o Negro, não é ele um pouco responsável pelo que lhe acontece? Como agiria *ele* se os brancos estivessem no seu

lugar? Ele já detesta os Judeus tanto quanto os Judeus detestam e desprezam o Negro. Tudo isso está profundamente enraizado no homem, e ninguém ousa mencioná-lo.

Tudo isto é necessário, se bem que, constatando-o, façamos o papel do advogado do diabo. Num deserto, é melhor ter água suja do que nenhuma, ou NÃO É?

É. Em todo o caso não mudaremos nada com o nosso desprezo. O vendilhão da liberdade precisa de surgir para fornecer um substituto de Cristo. O vendilhão da liberdade faz a sua entrada quando o homem, tendo percebido que Cristo se transformara num reflexo no espelho, se lança à procura de «m Cristo real, acessível, palpável. O vendilhão da liberdade é um produto bastante tardio dos esforços do homem para escapar da sua prisão emocional; ele só aparece como figura pública quando os vendilhões católicos da paz e da fraternidade fecharam todas as saídas da prisão, as portas que se abriam para o domínio de Cristo, para o Reino do Amor e da felicidade eterna. O Iluminismo, a Renascença, a Reforma e as primeiras revoluções políticas já tinham passado quando os vendilhões socialistas da liberdade começaram a ocupar os espíritos. Foram eles, com efeito, que espalharam a idéia de que mais valia ter água suja no deserto do que nenhuma. Decorreram cerca de trezentos anos desde a crucificação do profeta do amor total até à transformação da sua mensagem numa força política que matará o amor do corpo onde quer que o encontre. Ela reinará durante mais de mil anos, até que a Renascença e a Reforma comecem outra vez a tactear na procura das verdades proibidas; outros seis séculos se passarão até que as primeiras noções de «liberdade sexual» e de «iguais direitos para as mulheres» venham perturbar os espíritos. Mas quinze anos depois da promulgação das primeiras leis referentes à liberdade sexual, alguns pequenos vendilhões da liberdade instalados no poder suprimirão essas mesmas leis. Veremos então espalhar-se nos Estados Unidos um novo movimento, visando a instaurar, no domínio psiquiátrico, o Reino de Cristo, enquanto as Igrejas de Cristo procurarão ansiosamente e por todos os meios impedir a instauração do Reino do Amor de Cristo sobre a Terra. E vinte séculos depois do Assassinato de Cristo a sua Igreja continuará a denunciar como pecado o fluxo de amor nas entranhas e a proclamar, como outrora, o nascimento virginal.

Tudo isto acontecerá com uma lógica cruel.

O vendedor ambulante da liberdade aparecerá na história do Assassinato crónico de Cristo no momento oportuno e no lugar certo. Mas antes de ser flagelado e crucificado, Cristo sofrerá um martírio espiritual.

Cristo sente que é vítima de uma rotina que já durava havia milênios, e que continuará durante milênios após a sua morte. Aqueles a quem tentou explicar a visão do Reino dos Céus interpretaram a palavra «reino» à sua maneira; queriam que ele

montasse, vestindo uma armadura brilhante, um magnífico cavalo branco. Para eles ê impossível imaginar um reino sem rei e sem cavalo, e o seu mensageiro sem uma espada. Alguns séculos mais tarde, lançaram-se efectivamente em Cruzadas sobre a Terra Santa. Sejam quais forem os meios por que Cristo tenta mostrar-lhes os verdadeiros caminhos de Deus, são estruturalmente incapazes de o compreender. Cristo, pouco a pouco, toma consciência. Ele não tinha a intenção de ser um profeta ou o Messias. Os seus admiradores é que, devorados pela impaciência, insinuavam que ele tinha uma mensagem de Deus para lhes transmitir. Nisto Cristo era absolutamente sincero; não tinha nada de impostor, de místico epiléptico, de louco ou de agitador político abusando da confiança do povo. Quando ele sentiu que tinha o poder de consolar os homens, de dar uma nova esperança aos seus corações doentes, de aliviar os seus sofrimentos, de levar luz aos seus olhos apagados, foi induzido a crer que, efectivamente, cumpria uma missão sagrada, no sentido que as pessoas davam a este termo. Aceitou o papel de líder religioso que as pessoas lhe atribuíam, e suportou as conseqüências desagradáveis. No início, ele não se dava conta do que realmente lhe estava a acontecer. Mas, quando os homens o pressionaram cada vez mais a fazer milagres e a manifestar o seu poder, quando insistiram cada vez mais em saber se ele era realmente o Messias anunciado pelos velhos profetas, quando, sem jamais responder às suas perguntas, Cristo tomou consciência da ascendência que exercia sobre os homens, esquecendo o poder que eles tinham sobre ele, sendo assim vítima da doença que grassava entre o povo, cujo mecanismo nunca foi explicado ou reconhecido, até ao dia em que estas linhas surgirem sob os olhos do leitor. Sem querer, sem o saber, ingenuamente assumiu o papel que lhe atribuíam; passou a exprimir-se como um profeta ou como o Messias e a adoptar as maneiras de um líder religioso, É tão fácil ver isso hoje como era, para ele, naquela época. Nesse sentido, Cristo era vítima do desejo dos homens de dispor de um ídolo pródigo em esperança e força, de que as suas almas desoladas tanto necessitavam. Por amor aos homens, Cristo aceitou viver como os homens, pois os homens eram incapazes de adoptar o modo de vida de Cristo. Não existe nenhuma possibilidade de meio-termo entre os dois modos de vida. Na ordem dessa evolução, os homens sempre foram os mais fortes e sempre foram os únicos vencedores, para o bem ou para o mal.

Cristo não teria sido o ser humano que foi, não teria amado os homens como amou, se não tivesse gostado do aplauso e da admiração das multidões. Ora, esses aplausos e essa admiração representavam a isca que um povo desprovido e sedento de amor colocou na armadilha para apanhar um honesto carpinteiro, irradiante de amor, para fazer dele um líder que preenchesse as suas necessidades.

O tormento interior que ameaça todo o líder autêntico que emerge dessa confusão marca o seu rosto bem antes da catástrofe final. Se ele ama verdadeiramente os homens, se quer ser amigo deles e dar-lhes apoio, logo se dará conta das armadilhas que o ameaçam, da falta de realismo, do carácter quimérico das suas esperanças, do imobilismo pernicioso; e se ele está polidamente enraizado no mais profundo do seu ser, ficará feito em bocados entre a sua maneira de viver o a maneira de viver dos homens couraçados. Ambos os estilos são, como nas questões emocionais, irreconciliáveis.

O profeta cuidará da pureza dos seus princípios, pois as suas emoções são puras. A multidão, devido ao seu imobilismo, quer forçá-lo a abandonar os seus princípios, a conciliar o seu modo de vida com o dela, isto é, a transformar em *miragens* as realidades contidas nos seus princípios.

O leitor consegue imaginar Cristo a fazer um discurso no dia da tomada da Bastilha, 14 de Julho, do alto de uma tribuna de uma sala de congressos? Não é possível.

Consegue imaginar Cristo a receber uma condecoração, uma medalha, pela sua grande contribuição à idéia da paz sobre a Terra e da fraternidade entre os homens, em Jerusalém ou em qualquer lugar em qualquer época? É inimaginável.

Pode imaginar Cristo, cuja vida e pensamento se movem nos espaços cósmicos, conforme as leis da Energia Vital cósmica, aproximar-se do Sinedrio ou dos sacerdotes do templo para lhes pedir que «aprovem» o seu ensinamento? E, no entanto, é isto que o povo procura sempre: não gosta de ficar separado do grande rebanho, está agarrado ao seu modo de vida; gostaria que os seus líderes gozassem da estima dos seus inimigos, que fossem honrados pelos poderosos do dia. Espera-se que Cristo faça um discurso no dia da tomada da Bastilha, numa sala de congressos, diante de milhares de delegados do partido pacifista internacional dos libertadores da humanidade e das democracias dos povos pacíficos. Todos gostariam que ele fosse condecorado com a legião da grande glória ou com a estrela amarela.

Portanto, Cristo nunca encontra os Cristãos; o seu caminho afasta-se cada vez mais do deles, pois ele recusa-se a tomar-se um falso paladino da liberdade no primeiro século da era cristã.

O que dissemos dos Cristãos aplica-se também aos Budistas e aos Maometanos, aos Hitlerianos e aos Estalinistas, aos Freudianos e a todos os outros movimentos populares. E são sempre os homens que saem vitoriosos, que determinam, em última análise, as coisas e os acontecimentos − em detrimento deles próprios, enquanto continuarem instalados no imobilismo e impuserem uma couraça aos seus recém-

nascidos.

Alguns exegetas são da opinião de que a ressurreição de Lázaro foi «atribuída» a Cristo pelos seus amigos, desejosos de o tornar célebre e de o ajudar a sacudir a indiferença da multidão de Jerusalém em relação aos seus ensinamentos (Renan). Segundo esta interpretação. Lázaro, que passava por morto, saiu do túmulo, cabeça e corpo envoltos em tiras de pano, ao encontro de Cristo. Cristo, que não sabia de nada, e vendo o seu amigo vivo, foi tomado de tremor. As testemunhas da cena, confundindo efeito e causa, viram aí uma manifestação clara de taumaturgia.

No espírito dos admiradores de Cristo, o poder divino exprime-se em convulsões epilépticas. Isso é verdade, na medida em que se refira aos movimentos convulsivos involuntários do sistema vital no caso de um grande descontrole emocional, função estreitamente ligada à convulsão orgástica, que é a descarga suprema e coordenada do excedente de Energia Vital. Os ataques epilépticos são, na realidade, convulsões orgásticas *extragenitais* e, assim, num sentido profundo, manifestações do divino, isto é, da Vida.

Cristo está dividido entre essas emoções intensamente conflituosas:

Ele dizia a verdade, da forma como a conhecia e sentia, mas sabia que ninguém o compreendia realmente.

Ele amava o seu povo, mas sentia-se arrastado para uma forma de vida que não era a sua.

Ele sabia que nunca poderia vencer os seus inimigos e que nada conseguiria pelo uso da espada.

A maneira de viver deles era deste mundo; a dele não era deste mundo.

Ele sabia que iria ser traído; sabia mesmo que iria ser traído por um dos seus amigos mais próximos.

Ele ficava preso aos seus amigos por urna amizade profunda, apesar de saber muito bem que não o compreendiam, que o desviavam do seu caminho, que estavam instalados no imobilismo, sonhando com um paraíso pré-fabricado sobre a Terra.

Cristo não tinha percebido inteiramente que estava perante a doença mais grave da raça humana: A NECESSIDADE DE ESTA SE ENCHER DE ESPERANÇA, NÃO PELA ESPERANÇA, MAS PARA *SE ENCHER.* Cristo distribui esperança pela *esperança,* e, por isso, eles nunca se encontram. O hábito de encher-se de esperança por encher-se continua a ser a linha de orientação dos homens até hoje. Pouco importa o *que* esperam. O que importa é o próprio facto de esperar pela excitação da esperança, pelo calor que ela proporciona. Por isso há muitos tipos de esperança neste mundo, e nunca nenhum foi preenchido. Quanto mais numerosas e variadas são as esperanças propostas à excitação dos nervos,

pior se torna o caos social.

Cristo sabe que foi apanhado. Já não pode escapar. Ele foi muito longe, pior ainda, foi longe de mais na estrada que o separa do seu Reino de Amor, de Deus, de Paz sobre a Terra, de Fraternidade entre os Homens. Ele tem então completa consciência da inutilidade da sua morte. Ele tomou um caminho que não corresponde às suas intenções; ele nunca teria pensado em morrer pelo Pecado da Humanidade. Essa intenção foi-lhe atribuída por uma humanidade que se quer desembaraçar dos pecados e que precisa de uma vítima para carregar com o pesado fardo.

Se ele fosse um Deus vindo à Terra para morrer pelos pecados da humanidade, não sofreria as agonias que sofreu em Betânia: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu juntar os teus filhos, do modo como uma galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu não o quiseste!» *(Mateus,* 23:37.)

Cristo, a águia, chocou os ovos de galinhas cegas, pensando que chocava águias capazes de levar a sua mensagem através do mundo. O que é vergonhoso é que foram as galinhas cegas que o levaram a chocar os seus ovos, e ele não sabia que tipo de ovos estava a chocar.

Cristo sabe que tudo acabou, e acabou para nada, absolutamente nada. Ele sabe que morrerá por algo que nunca pensou, nunca ensinou, nunca viveu, nunca sonhou, nunca proclamou nem mesmo evocou. Sabe-o muito antes da falsa acusação. Sabe-o porque acabou por conhecer os métodos dos homens. Sabe-o porque se sente apanhando na armadilha.

A humanidade de Cristo é a sua qualidade divina. Esta é o atributo de todas as criaturas que continuaram criaturas da Vida e Amor, que conhecem a doçura nos seus corpos durante o acasalamento, que sabem como deixar essa doçura passar para o corpo dos seus filhos, dos seus amores, dos seus amigos. O seu amor está no corpo, e não num espelho. Ele está ao alcance da mão, da vida, do próprio amor. Ele *é* irradiado pelos olhos, num olhar ardente ou num olhar triste; ele atravessa sem brutalidade, ele conhece quando olha, ele acaricia na sua graça amável. E esse amor pelos seus companheiros levou Cristo à armadilha terrível e à cruz.

Capítulo XIII

OS DISCÍPULOS DORMEM

A tragédia de Cristo é tão emocionante porque é a tragédia universal; uma tragédia que engloba a tragédia do homem *per se*. O homem está couraçado. As coisas só entram nele; nada ou quase nada sai *dele*. O homem está imóvel, porque os seus movimentos se encontram penosamente entravados. Quando a Vida se move, ele move-se um pouco com ela, para de novo se imobilizar. Ele odiará a Vida porque esta se move, deixando-o para trás. A partir daí, o Assassinato de Cristo desenvolve-se inevitavelmente. O homem imobilizado não gosta de ser deixado para trás. Ele quer ser amado, protegido, cuidado, sentir-se seguro, aquecido. Ele exige de Cristo toda a espécie de conforto, e quer pagar com toda a sua admiração. Se perde o conforto, todo ou parte, a peste emocional começa a levantar-se dentro dele. Ele caluniará *uma* única pessoa: o doador. *Ele nunca cortará os laços com o antigo doador de amor, para ficar sozinho ou para tomar outra direcção.* Nenhum ódio é comparável ao ódio nascido da sua frustração.

Cristo tem consciência da sua dimensão cósmica. «Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão... Ninguém sabe a hora, nem mesmo os anjos do céu, nem mesmo o Pilho, mas somente o Pai. Cuidado, vós não sabéis quando chegará o tempo... Cuidado, para que não chegue e vos encontre adormecidos. O que eu vos digo, digo a todos: Cuidado.» *Estejam alerta,* ajam, mudem, continuem a mudar, movam-se, dando, amando, construindo.

É completamente inútil. Cristo ainda espera que o compreendam. Eles *não* o compreendem. Apenas sugam as suas palavras. Mas não compreendem, *não podem compreender.* «Eu atingirei o pastor, e as ovelhas dispersar-se-ão.» Cristo diz que eles o abandonarão quando chegar a hora fatídica. Eles não compreendem. Cada um pensa que os outros abandonarão o Mestre, não ele. Cristo sabe de outra maneira. Sabe porque está escrito nos seus rostos, está inscrito em cada um dos seus gestos, em cada uma das suas palavras. O que ele sente, ele *sabe.* E ainda os ama, porque *ele* compreende. Ele faria melhor se os insultasse, se deixasse de vê-los, pois um de entre eles já o denunciou.

Assim é a Vida: ela sofre mais com os males engendrados pelos seus assassinos do que pela sua própria morte. Ela sofre mais com a traição e perseguição do que pelas suas conseqüências. Ela sofre porque o assassinato e a traição são, na visão da Vida, desnecessários, e constituem uma nota dissonante e aguda no meio de uma bela sinfonia, como a criança que mama no seio da mãe, com a cabeça esfacelada pela coronha do revólver de um soldado tomado de delírio assassino: é como matar os pais

de criancinhas, para depois as abandonarmos desoladas, pela estrada, *com o pequeno*. coração gelado pela mágoa.

Mas os discípulos não têm coração: O que procuram é a inspiração e o ardor do Mestre. Pouco antes da sua prisão, em Getsémani, Cristo deseja rezar, e pede-lhes que se afastem um pouco e rezem também. Ele fica apenas com três deles; depois deixa-os, pedindo-lhes que também rezem. A sua agonia é atroz; ele cai num estado de desespero e desolação completa. Prostra-se e reza; uma criança do grande Reino dos céus, como outras crianças do céu, que caem ao chão e rezam, em muitas terras, em todos os tempos, em todas as nações: os seus pais e mães foram mortos pela peste emocional que traz as guerras e epidemias, e ninguém faz ou pode fazer o que quer que seja. Os corações já estão mortos há muito tempo, e a vontade já esmoreceu em muitos. A Vida foi drenada do seu sangue. Não é culpa dele se param ou adormecem. Perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem.

Cristo suplica-lhes: «A minha alma está triste até à morte; fiquem e velem.» Humildemente, pede ao Pai que deixe passar essa hora, e, se possível, que a taça da agonia final fique longe dele. Mas, se isso não puder ser feito, ele está pronto a beber até ao fim, segundo a vontade de Deus.

Quando a Vida se volta para os seus filhos, depois da grande agonia, encontra-os todos adormecidos. Nem um único admirador ou beneficiário do seu amor está alerta. Isso não os interessa; não têm coração, têm apenas almas vazias que se sustentam aspirando avidamente o néctar da Vida celeste. Isto é tudo muito claro. Não pode ser de outra maneira. E continuará a ser assim por uma longa era de agonia. É assim, porque a alma foi morta em cada criança, desde o útero materno. Por isso não pode ser de outra forma, por mais honestamente que se tente.

O evangelho repete muitas vezes o tema do sono, da fuga e da traição dos discípulos.

> *E Jesus disse-lhe [a Pedro]: «Em verdade te digo que nesta mesma noite, antes que o galo cante a segunda vez me negarás três vezes.)»*
>
> *(Marcos*, 14:30)

> *Depois veio, e achou-os dormindo. E disse a Pedro: «Simão, dormes? Não pudeste vigiar uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca.» E foi novamente orar, dizendo as mesmas palavras. E, tornando a vir, achou-os outra vez a dormir (porque tinham os olhos pesados) e não sabiam o que responder-lhe. E veio a terceira vez, e disse-*

lhes: «Dormis ainda e descansais? (*). Basta; é chegada a hora; eis que o Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos; eis que aquele que me há de entregar está próximo.»

(Marcos, 14:37-42)

E Jesus, tomando a palavra, disse-lhes: «Como se eu fora um ladrão, viestes com espadas e varapaus para me prender? Todos os dias estava eu convosco, ensinando no templo, e não me prendestes. Mas isto acontece para que se cumpram as escrituras.» Então os seus discípulos, abandonando-o, fugiram todos.

(Marcos, 14:48-50)

De uma maneira primitiva, este relato tenta fazer-nos compreender alguma coisa essencial, terrivelmente importante, que diz respeito a todos nós, em qualquer lugar e em qualquer época, a saber:

Está alerta, homem que guardas os caminhos da Vida viva. Pela traição, incitar-te-ão a conduzir homens arruinados para uma liberdade que eles são incapazes de suportar.

Serás levado a cometer o erro de lhes dar tudo e de aceitar em troca a sua vã admiração. Por isso eles serão insaciáveis, e é preciso enchê-los sem cessar. Eles não dão nenhum conforto ao seu benfeitor, e tudo o que ele dá perde-se inutilmente na areia.

Acreditarás que eles pensam o que dizem. Na realidade, não pensam. Só falam para te agradar, para conseguir mais do néctar da vida que lhes dás.

Eles seguir-te-ão durante um certo tempo; depois, mais cedo ou mais tarde, sorrirão às escondidas e acharão o teu entusiasmo de uma ingenuidade admirável; dirão que a tua convicção é irrealizável. Se levarmos em conta a mentalidade deles, é mesmo impossível. Eles sabem disso e estão certos. Para eles, tu és um sonhador, um excêntrico, fantasioso como um lunático. Eles estão certos, a partir do que são e donde estão. Mas tu *estás certo, a partir da tua visão do mundo.* Assim, o abismo entre ti e eles é profundo e intransponível.

Eles ficarão instalados no mesmo lugar e tentarão fazer-te sentar com eles. Tu andarás atrás deles durante algum tempo, porque amas esses homens e queres dar-lhes o néctar da vida que eles são incapazes de encontrar em si próprios. Pensas que, após um momento de repouso, continuarão a seguir-te. Mas não o farão. Continuarão instalados e começarão a odiar-te por seguíres adiante. O que querem é a tua força, e não as tuas preocupações e confiança em coisas obscuras e perigosas, de futuro fatídico. E no fim,

---

* Ver nota da p. 15. (*N. do E.)*

depois de terem enchido os seus *Eus* com tudo o que precisavam, confortavelmente instalados, terão ódio para contigo, porque os incomodas no gozo dos seus bens.

Finalmente, um deles entregar-te-á ao inimigo, inevitavelmente, obedecendo a lógica impiedosa do mal, enredando-te e sufocando-te.

Se não te matam fisicamente, se não te entregam aos teus inimigos para que te matem, eles sujarão o teu nome e matarão as tuas idéias nascidas de uma dor que não compreendem, com a confusão dos seus falatórios e ditos sábios.

Se não matam as tuas idéias, estas serão diluídas num atoleiro talmúdico. Não os culpes, pois não podem fazer de outra forma. Mas não te deixes enganar por eles. Não mordas a isca que te estendem com a sua admiração. Ela não significa nada. Eles admiram-te para obter de ti o néctar da Vida.

Não os lastimes. Isso não lhes servirá de nada, mas fará mal à tua causa e à de inúmeras crianças que ainda não nasceram e que precisarão de ti. Lastimando-os, só trarás mais desgraças e acentuarás a sua dependência.

Utiliza-os *bem*, faz deles os teus auxiliares e diz-lhes que os colocas ao serviço de uma boa causa. Eles agradecerão se puderem servir uma boa causa *com sacrifício.*

Fica só, conta apenas contigo. O teu coração ficará menos pesado. E abandona-os à própria sorte, aos seus expedientes, à sua maneira de viver. No fim, eles agradecer-te-ão. Alguns acabarão juntando-se a ti e compreendendo.

A solidão parecer-te-á, de início, intolerável, porque amas os homens, amas a amizade, e tu és como eles − apesar do abismo que te separa da maneira de ser deles. Enquanto o homem for vazio, enquanto não conhecer o amor no seu CORPO, não haverá outro caminho senão a solidão.

Não salves os homens. Os teus admiradores levar-te-ão a cometer o erro de querer salvar os homens, DEIXA QUE ELES SE SALVEM A SI MESMOS. É o único caminho da salvação, a única redenção verdadeira, real, saudável. A Vida é bastante forte para se salvar a si mesma. Contenta-te em precedê-los, vivendo a tua vida.

Não escrevas *para* os homens. Escreve *sobre* a essência da Vida. Não fales ao povo para ser aclamado, mas fala *sobre* os homens a fim de limpar o ar carregado do sofrimento que a ausência de emoção traz.

Deixa que as tuas palavras e pensamentos invadam o mundo, para que o mundo faça deles o que quiser. Deixa que eles os agarrem, ou que os larguem. Os maus frutos da distorção serão deles, como será deles também o conforto que as tuas idéias lhes proporcionem.

E, Cristo do Amor e da Vida, mergulha o teu olhar no mais profundo da tua alma e

testa as tuas disposições emocionais. Também não tiveste *medo* da missão que te foi confiada? Já não temias viver só e abandonado por todos, mesmo antes da traição de Judas? Não caminhavas, com os teus companheiros, por montes e vales, por temeres a solidão? Tinhas necessidade deles, por mais de uma razão: para falar-lhes, para ver o reflexo das tuas palavras nos seus espíritos, para perceber o eco dos teus propósitos nas suas reacções, para ver brilhar nos olhos dos teus amigos a esperança que havias acendido, expondo-lhes generosamente as tuas esperanças e as tuas visões, para testar o solo sobre o qual a tua semente acabaria por cair, para constatar que as tuas riquezas se multiplicavam e davam frutos.

O teu erro foi tomar o brilho nos olhos dos teus amigos por compreensão profunda da natureza e do Reino de Alegria e Paz. Erraste em aceitar o papel da redenção como Salvador do género humano. É verdade que lhes deste uma esperança com a qual eles se alimentaram durante séculos, mas o teu sacrifício supremo foi inútil. Esse sacrifício nada mudou, eles continuaram a dormir. Ele não os levou à acção, não lhes sacudiu a alma. Eles não têm alma. Têm apenas necessidade de consolo. O que eles precisam é de regenerar-se. Não no céu, mas *na Terra.* Cada recém-nascido traz à Terra a tua Vida celeste. Aqui está o reino da tua eternidade. Aqui o teu martírio revela o seu sentido universal, transcendendo o domínio do homem, dos anjos, e mesmo o do Filho de Deus: *aprender a linguagem da Vida celeste, pôr fim ao Assassinato de Cristo.* Somente o Pai celeste, que é a Vida nos teus membros, saberá quando é que o teu sacrifício terá sentido..

Capítulo XIV

GETSÉMANI

Quando a Peste Emocional ataca a sua vítima, ataca forte e rapidamente. Ataca sem piedade ou interesse pela verdade dos factos; só interessa uma coisa: *matar a vítima.*

Há procuradores do Ministério Público que agem como verdadeiros advogados, estabelecendo a verdade, recorrendo a múltiplas fontes. Há outros cujo único objectivo é a morte da vitima, seja essa morte certa ou errada, justa ou injusta.

Aqui está o assassinato de Cristo, hoje como há dois mil ou quatro mil anos atrás.

Quando a peste emocional ataca, a sua vitima está exposta aos olhos e ao julgamento de todos; difundem-se largamente as acusações que existem contra ela. A vitima fica nua diante dos seus juizes, como um veado no meio de uma clareira, prestes a ser morto, enquanto os caçadores se escondem nas moitas. O verdadeiro acusador raramente aparece em cena; geralmente a sua identidade permanece secreta até pouco antes do golpe final. Não existe uma lei que puna o caçador emboscado.

Estar isolado numa clareira no meio de uma densa floresta, exposto aos olhares de todos, cercado de assassinos que se escondem nas moitas, eis o cenário que a peste emocional, qualquer que seja a sua forma, reserva à sua vítima.

Quando a peste emocional ataca, a justiça recua mansamente, chorando. Não há nada nos livros antigos que se possa evocar para a fazer prevalecer. A sentença de morte é pronunciada antes mesmo da investigação do crime. O verdadeiro motivo do processo nunca teve ocasião de encontrar a força purificante da divina luz de Deus. A razão do assassinato fica escondida dos olhos de todos, no fundo das moitas.

Se encontrarmos um acusado mas não um acusador, o auto de acusação mas não a defesa, o formalismo meticuloso das leis mas nenhum verdadeiro motivo de acusação, estamos perante um assassinato encenado pela peste.

Quando a peste mata, os seus instrumentos são sempre abjectos. Por isso, para estar certa de conseguir o seu propósito, ela não permite o confronto entre a acusação e a personalidade inteira e autêntica da vítima. Ela acabará com a honra da sua vítima, deturpará as suas intenções e os seus actos; evocará detalhes insignificantes com uma entonação dúbia, destinada a sufocar, no coração dos amigos mais íntimos da vítima, os últimos vestígios de afeição e estima.

Quando ouvirmos o representante do Ministério Público falar com um tom pérfido e venenoso, saberemos que um novo Assassinato de Cristo se prepara.

Quem, neste mundo, nunca sonhou em destronar um rei, viver um amor proibido, ou criticar Deus pela injustiça sofrida? Quem nunca acariciou os seus órgãos genitais ou imaginou um «adultério», ou viu em sonhos desabarem todos os templos do mundo, sepultando todos os imperadores, reis, duques, führeps e outros enviados de Deus? Não há nenhum homem que *não* tenha já imaginado tudo isto, excepto na imagem de um Babbitt, fabricada com o propósito de fazer da obediência cega e do conformismo mortal os ídolos de uma nação miserável.

A vítima da peste imaginou tudo isto, de uma maneira ou de outra, mais cedo ou mais tarde, com ou sem a intenção de pôr em prática o que imaginara em sonhos. Isto e a exclusão da justiça da sala de audiências paralisam a vítima e tiram-lhe todos os meios de defesa.

Se observarmos na vítima uma face amável e uma expressão de tristeza e impotência no olhar, podemos estar certos de que outro Assassinato de Cristo se prepara.

A verdadeira justiça, que actua de acordo com as leis da vida e da verdade, não dilacera a honra da sua vitima. Ela tenta primeiro compreender como é que um Filho de Deus (e todos os homens são filhos de Deus) pode chegar como réu a um tribunal.

A verdadeira justiça levará em conta as circunstâncias particulares da Vida viva que levaram um homem ou uma mulher a violar uma lei existente.

A verdadeira justiça julga a própria lei que está a aplicar. Será que ela é adequada a este caso? De quando é que data? Quando e em que circunstâncias foi promulgada, e por quem? As condições que deram origem a esta lei são ainda válidas? Esta lei não será devida a condições particulares da época, que já não existem nem são válidas?

Se virmos um tribunal que não julga primeiro a própria lei a ser aplicada a um caso que envolva a sorte de um homem, que não abre inquérito sobre a história, a função, o autor e as razões de aplicação na situação actual, estamos perante um instrumento potencial ou efectivo da peste, decidida a cometer outro Assassinato de Cristo.

Tomemos o caso de uma lei de duzentos anos atrás, de uma época em que se ignorava tudo sobre o amor de Deus na criança e no adolescente, uma lei que considera um crime o facto de se amar antes de atingir uma certa idade; e quando, duzentos anos mais tarde, esses vastos conhecimentos se impuseram ao espírito dos homens e um juiz, no seu julgamento, se recusa a levar em conta essa evolução, estamos perante uma lei destinada a facilitar o Assassinato de Cristo. O verdadeiro criminoso não é a vitima, mas sim a lei que se recusa a evoluir conforme as mudanças da Vida viva.

Quando estivermos perante uma lei velha de seis mil anos, é preciso sermos seis mil vezes mais prudentes ao aplicá-la. De que outra forma poderia a verdadeira justiça ser

feita? Tais leis são, nas mãos de homens mal-intencionados, os instrumentos mais poderosos contra Cristo, que é Amor, Verdade e movimento contínuo para o Reino de Deus. Aqui está a causa profunda da escravidão dos homens, do reino dos ditadores; de facto, as pessoas têm medo de falar e de proclamar bem alto o que sabem, no mais recôndito das suas almas, ser verdadeiro e justo.

Se ouvirmos alguém falar de progresso, de liberdade, de felicidade, de paz e de fraternidade entre os homens, sem indicar ao mesmo tempo quais as leis que devem ser mantidas e quais as que é preciso suprimir, estamos diante de um hipócrita que não pensa no que diz. Ele fala para ganhar votos, riquezas ou poder, ou ainda uma cadeira nesta ou naquela assembléia, ou então prepara-se para continuar o Assassinato de Cristo.

Cristo não se subtrai à lei nem aos seus acusadores; são os acusadores que escondem os verdadeiros motivos das suas maquinações assassinas, é a antiga lei que dissimula a sua significação real aos olhos de Cristo. Cristo nem mesmo tenta escapar. Para onde iria? Para quê escapar? Carregaria sempre consigo a sua maneira de Viver e enfrentaria sempre o mesmo destino.

Por isso ele não se esconde nem foge.Ele não conspira. Não tem nada a esconder. Se aconselha os seus discípulos a não divulgarem os seus poderes curativos, não *é* porque tenha a intenção de os esconder, mas para lhes moderar um pouco a sede de milagres.

Cristo sabe que os soldados virão prendê-lo. Espera-os e vai ao seu encontro. A Vida conhece tão bem os métodos da peste que diz aos que vieram prendê-la:

> *Como se eu fora um ladrão viestes com espadas e varapaus para me prender? Todos os dias estava eu convosco, ensinando no templo, e não me prendestes. Mas isto acontece para que se cumpram as escrituras.*
>
> *(Marcos,* 14:48,49)

Dois mil anos mais tarde, aquele que descobriu a Energia Vital será suspeito de espionagem em proveito deste ou daquele país e será submetido a uma investigação policial sobre as suas actividades. Poderiam simplesmente interrogá-lo, pois ele nada tinha a esconder e ficaria contente por lhes explicar o que estava a fazer. Mas preferiam agir como ladrões, assediando vizinhos que pouco sabiam, a fim de saber o que ele fazia. Evitaram o ar puro da oficina dele. Nove anos mais tarde, continuavam sem saber nada do que ele fazia, apesar dos milagres de páginas escritas e publicadas por ele. Nada sabiam porque eram incapazes de compreender. Já não tinham os órgãos para

conhecer a Vida. Por isso, vinham à noite rondar-lhe a casa, como ladrões, para ver o que poderiam ter visto, nítida e claramente, à luz do dia. Escondiam-se nas moitas, revólver em punho, enquanto ele estava no meio da clareira onde todos o podiam ver.

Isto mostra mais uma vez como a peste funciona, pensa e age.

Cristo é a Vida. Cristo foi maltratado como a Vida foi maltratada muito antes e muito depois dele, e como ela tem sido maltratada até hoje.

Os admiradores de Cristo fugiram e abandonaram-no quando ele foi feito prisioneiro, assim como haviam dormido enquanto ele sofria o martírio do inocente no sofrimento supremo.

E mesmo Deus parecia tê-lo abandonado. Mas a Vida não o havia abandonado. A Vida continuava a agir nele, até ao último suspiro. E é assim porque Deus é Vida, dentro e fora; Deus não o abandonou, a não ser na imagem dos homens perdidos, sem nenhuma relação com a realidade.

A Vida sabia quem ia entregá-la aos seus inimigos. Sabia-o havia muito tempo. Viu o traidor aproximar-se, beijá-la na face, tratando-a, como antes, por «Mestre».

E estamos outra vez diante da peste.

A história de Cristo emocionou a humanidade até as lágrimas, suscitou muita amargura e grandes obras de arte, pois ela é a história trágica da própria humanidade. Os homens são Cristos e vítimas da peste, sem defesa perante os seus próprios tribunais e perante os discípulos que fogem, admiradores sonolentos. Judas que traem o Mestre com o beijo da morte. Marias que dão a Cristo um amor proibido è divino, e corpos mortos que procuram em vão a doçura de Deus nos seus membros gelados, mas que não cessam de sentir a presença de Deus dentro e fora de si mesmos. A despeito das couraças, dos pecados, dos ódios e das perversões, os homens são seres vivos que não podem impedir-se de sentir a Força da Vida dentro e fora de si mesmos.

Cristo é a Vida, expirando inocentemente ao longo de milênios, por culpa de uma Vida que abandonou os caminhos de Deus e não conseguiu reencontrá-los; por esta razão, conserva as leis antigas e espera, de olhos brilhantes e mortíferos e de espada em riste, pronta a matar quem vive a vida de Deus.

Cristo é a criança impedida nos seus movimentos, que recebeu calmantes até vomitar e que não sabe porque é que tudo é tão terrivelmente doloroso, instalando-se pouco a pouco no imobilismo para tornar-se um dia um novo assassino de Cristo.

Cristo é a angústia de um garoto ou garota de quatro anos, deitado na escuridão, desesperado porque Deus se agita no seu pequeno corpo, com medo de que a mãe ou o pai possam entrar e gritar ou bater, porque as mãos não estão de fora das cobertas.

Cristo é o pesadelo de um Deus, reprimido nos órgãos genitais dos bebês e das

crianças na puberdade, e que emerge dessa repressão sob a forma de fantasmas, de ladrões armados de facas, de sombras escuras nas janelas, de polvos de mil tentáculos, de diabos agitando garfos incandescentes, de um fogo infernal prestes a engolir as pobres almas encurraladas entre Deus, que está presente nos seus corpos, e os pais, os representantes de Deus na Terra, que os punem por terem sentido Deus nos membros. Aqui está a origem de todos os pecados punidos no inferno de Dante, inferno inventado pelo homem, o pesadelo de um louco.

Os Judas são os educadores e os conselheiros de higiene mental, os doutores e os padres que proíbem o acesso ao conhecimento de Deus, ameaçando e agitando espadas flamejantes. Alguém alguma vez se interrogou sobre quantos billões de criacinhas sobre a Terra conheceram, ao longo de milênios, o pesadelo de Cristo em Getsémani e no Calvário? *Nunca.* Há aqueles que preconizam «obras sociais», são «amáveis com o próximo», «amam os seus inimigos como a si mesmos», imploram ao céu para que as suas almas sejam salvas e perdoadas, ajoelham-se diante de qualquer altar para obterem o perdão dos pecados. Mas não pensam nunca, nunca mesmo, nos biliões de crianças que trazem a semente da Vida pura de Deus do universo infinito para este mundo miserável; e mutilam, punem, aterrorizam essas crianças porque elas conhecem Deus e vivem a Vida de Cristo. E guardam todas as entradas do domínio do conhecimento, para impedir que aí possa penetrar a verdade sobre os Assassinatos de Cristo, cometidos,por eles ou realizados em nome do Senhor.

E o defensor da honra de Deus em algum quarto escuro, em qualquer lugar ou país, não estará a pensar neste momento como poderia pôr as mãos no autor destas «blasfêmias», acabar com ele, atear-lhe fogo para que ele corra gritando pelas ruas, servindo assim de aviso aos cidadãos de bem? É exactamente o que está a pensar neste momento. Mas o tempo está contra si. Alguns dos grandes portões de palácios do conhecimento já foram quebrados, e começamos a compreender todo o mal que tem sido feito em nome de Deus, durante tantos séculos, a um número incalculável de pequenos Cristos inocentes, filhos da Vida e de Deus.

O conhecimento de que Deus é o amor no corpo, que condenamos, começa a derrubar as defesas da entrada do paraíso, que erigimos nos nossos sonhos, e a varrer as nossas resistências à Vida viva sobre a Terra.

O homem tem reflectido durante séculos acerca do enigma do Assassinato de Cristo, e o fracasso em encontrar respostas denuncia que é ele o verdadeiro e único assassino. Isso foi escondido por ele durante muito tempo. Mas já não será possível escondê-lo durante muito mais tempo.

Capítulo XV

A FLAGELAÇÃO

Os Grandes Sacerdotes, conduzidos por Anás e Caifás, são apenas os verdadeiros executores de uma ordem social que desde há muito tempo traz a destruição às bases da sociedade. Não foram os grandes sacerdotes os responsáveis pelo estado corrompido e «pecaminoso» em que se encontra a humanidade, estado este que explica o apelo aos profetas e aos redentores. Os grandes sacerdotes somente administram o *statu quo* instaurado pelo próprio povo. O administrador é sempre o executor da vontade pública, mesmo que afirmemos o contrário e as aparências pareçam contradizer a verdade. Pois a vontade pública pode exprimir-se pela passividade face à injustiça reiterada, ou pela revolta activa contra ela ou pelo apoio directo dado à iniqüidade. Nada em matéria social poderia prevalecer contra a multidão, passiva ou activa, boa ou má. Culpar alguém ou uma casta em particular por um mal social é admitir a inércia total das massas.

Não foram Caifás nem Anás que levantaram falsos testemunhos contra Jesus. Foram homens do povo. Não foram Caifás nem Anás que o açoitaram antes da crucificação. Foram homens do povo. Eles apenas não interferiram e deixaram o povo agir como queria.

O próprio facto de o papel decisivo do povo nos acontecimentos sociais nunca ser mencionado indica claramente a origem de todo o mal: *ninguém ousa tocar nas brasas da miséria humana, nos próprios fundamentos da sociedade.* Fechar por mais tempo os olhos perante a responsabilidade do grande público nas calamidades sociais e na situação penosa na qual se encontra, é desviar-se do próprio objectivo que estamos perseguindo. Foi o povo que impôs a Cristo o papel de Messias; o povo é que lhe pediu milagres; o povo é que o conduziu a Jerusalém, que o abandonou no momento em que ele se debatia nas piores dificuldades. Na realidade, tudo isso é obra do homem comum, foi ele que acrescentou o falso testemunho e o flagelo às misérias de Cristo e que continua a agir da mesma forma até hoje.

Não se pode fugir à compreensão disto; dissimular por mais tempo equivaleria a prolongar a miséria. Seria o método do político que infesta o povo com a crença de que ele governa quando vota.

O que importa antes de qualquer outra coisa na época actual − e em qualquer época e em qualquer sociedade − é esclarecer tudo sobre a maneira de viver e de agir dos homens.

Repetindo: a crucificação de Cristo foi o resultado da maneira de agir dos homens em geral, e não a proeza de um grande sacerdote ou de um governante. O homem foi o responsável pelo que aconteceu, da primeira proclamação do papel messiânico de Cristo até ao seu último suspiro.

A crucificação de Cristo também não foi obra específica, do povo judeu e dos seus sacerdotes. A crucificação produziu-se e produz-se em muitos países. Ela é um assunto humano, e não especificamente judeu. A morte de Cristo apresenta-nos simplesmente, de forma concentrada, aquilo que acontece por aí em pequenas doses, ou que submergiu no turbilhão da história, não tendo nunca chamado a atenção de um escritor ou de um historiador. Os sofrimentos dos recém-nascidos e das crianças pequenas têm piorado através dos séculos, e nunca encontraram quem os ouvisse ou escrevesse a sua história. Aqui, ainda, é o grande público que tem a responsabilidade pelo silêncio no fundo do qual está sepultada essa miséria.

NUNCA TOQUE NISSO!

Quando o massacre toma proporções de um escândalo público, quando é particularmente sangrento, então, sim, a consciência do público comove-se e surgem escritores que narram o acontecimento.

A tentativa por parte dos grandes sacerdotes de evitar o escândalo, mandando prender Cristo no seu «retiro» e não no templo aonde ele ia todos os dias durante a sua estada em Jerusalém, fracassou completamente. Embora o assassinato jurídico tenha sido cuidadosamente preparado, o comportamento de Cristo não foi previsto. O seu comportamento *é* que provocou o escândalo e tudo o que aconteceu depois. Se Cristo tivesse fugido, se tivesse resistido à prisão, se tivesse feito grandes discursos sobre o seu Deus e as suas convicções, se tivesse gritado e chorado de dor, não haveria o Cristianismo.

O comportamento de Cristo durante as torturas não aparece nitidamente nos relatos dos quatro evangelhos, nem em relatos posteriores. Mas foi objecto de grandes quadros da época da Reforma, representando a Paixão no Calvário; a sua expressão na pintura é muito mais comovente do que as palavras; ela representa melhor o abismo entre a acção do povo e a pessoa da vítima do que a crueldade das torturas.

Esse abismo enorme entre a mentalidade dos torturadores e a da vítima penetra-nos as entranhas e toca a consciência que temos da Vida viva.

O mais curioso é que esta experiência fundamental não se encontra nos relatos da Paixão. Ela *é* substituída pela piedade por Cristo, pela descrição da baixeza dos torturadores, pela transposição imediata de Cristo para uma esfera distante e celeste, transposição que parece indicar que Cristo não sofria muito, pois era o Filho de Deus e

somente cumpria a sua missão de supremo sacrifício.

Um exame profundo e cuidadoso das últimas horas de Cristo revela um segredo de natureza básica nos fundamentos da existência humana. Esse exame revela mais uma vez que a força extraordinária da história de Cristo provém muito mais da sua significação universal do que do destino particular do Filho do Homem. A compaixão, a transposição metafísica ou mística dos seus sofrimentos parecem apenas procurar obscurecer o sentido autêntico da sua agonia. Mesmo Renan, que tão bem compreendeu a verdadeira natureza de Cristo, não se deu conta do alcance geral da Paixão.

Trata-se, em poucas palavras, do seguinte:

A Vida dada por Deus, ou a «Natureza», se lhe preferirmos chamar assim, encontra a peste ou o «pecado» cada vez que uma nova vida nasce e é obrigada a adaptar-se ao modo de vida do homem couraçado. Todas as vidas devem passar pelo Gólgota e pelo Getsémani. Cada homem e cada mulher traz no mais recôndito da sua alma as cicatrizes profundas da sua experiência primitiva no Gólgota, a lembrança visível e vibrante de dores e sofrimentos anteriores: é o sofrimento provocado pela destruição da Vida no organismo, por que todo o homem e toda a mulher passou, que os une a Cristo.

Vamos mostrar as características distintas dessa experiência idêntica da peste, com referência aos acontecimentos anteriores e àquilo que ocorreu no Gólgota. As características distintas da experiência da Paixão de Cristo são:

A atitude de confiança e amor profundos às pessoas, ao pai, à mãe, aos irmãos e irmãs.

A ausência completa de maldade na sua própria pessoa e na pessoa dos seus amigos.

O horror de se ver pela primeira vez cuspido, profanado, sem *a menor razão*, e de sofrer sem *ter cometido nenhum mal.*

A terrível mágoa de ter feito bem ao seu próximo e de ser odiado e perseguido pelo próprio bem que lhe fez.

O desamparo total da Vida face à bestialidade humana.

A incapacidade absoluta, por parte da vítima, de se defender usando as mesmas armas que a peste: mentiras, calúnias, astucias, difamação e crueldade.

O sentimento de estar prisioneiro por ter compreendido a ignorância do torturador: «Perdoa-lhes; eles não sabem o que fazem».

A sensação de estar paralisado pela doçura e pelo amor fundamental do seu próprio ser.

Este é um relato incompleto do que a Vida sente quando é açoitada pela peste. O olhar de um veado moribundo, que eleva os seus olhos pela última vez para o seu

assassino, é o que mais se aproxima da expressão emocional dessa situação.

Não é por uma decisão racional e determinada que a vítima não emprega as mesmas armas que a peste. É a *incapacidade* Inerente de agir desta maneira que desarma a vítima diante da peste e a coloca à mercê do seu torturador. É evidente que os torturadores russos do século xx recorreram a esses traços fundamentais da alma humana para arrancar das suas inocentes vítimas as confissões mais extravagantes. O uso de drogas não poderia explicar esse fenómeno. É uma das características da peste encobrir os seus venenos e as suas intrigas com o manto de Cristo.

Essa impotência da vítima face ao flagelo da peste não é conseqüência de um plano elaborado de antemão, com o objectivo de realizar uma idéia, como é o caso, por exemplo, do traidor fascista ou do espião que afirma ou proclama que executa uma missão; A missão autêntica − se podemos empregar este termo − nunca se presta a proclamações. Ela vai adiante, mostrando o caminho aos homens, ou produz resultados visíveis, duradouros. A missão nunca se vangloria, nunca faz propaganda de si própria.

As pessoas sabem o que dizem quando usam a expressão «comportamento semelhante ao de Cristo» nos casos em que a verdade é punida; freqüentemente sentem a semelhança de atitude da vida ameaçada, quando toda a luta em contrário é impossível.

O carácter pestilento age de outro modo quando se sente em perigo: conspira, convoca reuniões, toma resoluções, incita a multidão à revolta, organiza isto ou aquilo, resiste, organiza espiões para o caso de ir para a prisão. Se necessário, recorre ao assassinato anónimo, como no caso de Trotsky, de Liebknecht, de Luxemburgo, de Landauer, de Lincoln ou de Ghandi. O defensor do princípio da Vida, pelo menos até agora, nunca utilizou tais técnicas.

Existem boas razões para isso. Não somente as suas armas são incompatíveis com as disposições do espírito fundamental da Vida, como elas não levariam a nada e apenas fariam a Vida perder o seu caminho. Empregando a violência, ela degeneraria inevitavelmente. Opor o principio do Amor ao principio do ódio e do assassinato não estaria de acordo com as tendências da Vida, pois tal táctica conduz infalivelmente ao martírio voluntário e à hipocrisia.

Cristo não faz o papel de mártir. Ele toma-se mártir, contra a sua vontade e intenção. Ele nunca praticou um Amor «absoluto» pelo seu próximo e pelos seus inimigos. O seu comportamento inequívoco no templo de Jerusalém não deixa dúvidas quanto a isso. Cristo é capaz de grande cólera, como é capaz de grande amor.

Uma vez mais, os fracos vêm revolucionar uma lenda da mitologia cristã e revelam

as verdadeiras leis da Vida: *a Vida Tião poderia amar quando o amor é necessário, se não fosse capas de odiar intensamente, quando o ódio é necessário.*

Na Vida verdadeira, o amor e o ódio alternam-se de acordo com a situação. Isto nada tem a ver com o simulacro de amor eterno e invariável que os impostores cristãos gostam de mostrar nas suas faces e nos seus gestos, enquanto os seus corações estão cheios de ódio. Neles, um falso amor encobre um ódio brutal e assassino. Não há fera humana mais cruel do que o hipócrita que mostra sempre uma face amável e solícita. Todo o torturador fascista, todo o assassino sádico exibem essa face falsamente bondosa, na qual dois pequenos olhos incandescentes e penetrantes se salientam.

Não, a Vida *pode* odiar. Ela odeia com fervor, abertamente, visando o inimigo directamente, sem se importar com a própria segurança. Ela nunca cometeria um assassinato pelo simples prazer de matar, para enriquecer ou para se vingar. Mas eia é capaz de matar num combate franco e honesto.

A vida, tal como se apresenta na profundeza da alma humana, é incapaz de se apegar de maneira vingativa e rancorosa a qualquer injustiça sofrida no passado. Quando o ódio *é* descarregado, o Sol volta a brilhar como depois de uma tempestade, em perfeita harmonia com a Vida no organismo e a energia Vital na atmosfera.

A peste odeia em silêncio, ruminando, atormentada pela contínua pressão do ódio, que se dissimula até ao momento em que a ocasião e a vítima se oferecem. Então ela ataca sem piedade, por detrás do anteparo ou da moita de um hem protegido escritório de um departamento de administração social.

Cristo enfrenta os seus inimigos abertamente. Ele nada esconde, mas sabe quando eles se colocam em campo para lhe preparar uma armadilha, e é bastante inteligente para o perceber, apesar da sua fundamental atitude de confiança. Ele não desconfia sistematicamente, mas, à semelhança do veado, desenvolveu um agudo sentido do perigo.

O inimigo de Cristo está bem escondido e ninguém sabe o que ele está a preparar. Então a situação modifica-se. Cristo cala-se, pois nada tem para opor à raiva assassina da peste; a peste ocupa o primeiro plano e atrai toda a atenção pública. Os seus instrumentos para assassinar estão prontos. Cristo é torturado para satisfazer os instintos sanguinários do público. E a verdade, tendo perdido a sua morada, chora uma vez mais.

SOLITÁRIO

Solitário e só estou,
Mas rico e no meio de todos eles.

O silêncio envolve os meus domínios,
Mas, em cada palavra deles, eu estou.
Oh, dai-me um amigo
Que não peça
A infinita segurança do meu nome.
Que ajude a levar até ao fim da minha luta
Pela criança que virá.
Que não tenha impressa
No seu rosto a peste,
Nem desespero no olhar.
Que venha jogar limpo neste jogo
De visão através da bruma,
De esperança no desespero
E de coragem no medo.
Dentro, ainda que fora,
Penetrando a máscara do impostor,
Para descobrir a esperança no homem simples.

Capítulo XVI

«TU O DIZES»

Cristo nada pode fazer senão sofrer a morte cruel do mártir. Sabe que, diga o que disser, eles não o compreenderão. A sua linguagem não é a deles, desde os tempos de Babilônia;

Por isso ele cala-se, ou então diz, se a resposta é indispensável: «TU O DIZES».

Quando a peste pergunta a Cristo pela boca de Judas, que no seu coração já o traiu cem vezes, quando a pergunta é feita, na última ceia, com voz inocente e medrosa, «Porventura sou eu Mestre»?, ele responde: «TU O DISSESTE».

Não é um *sim* nem um *não*. Isto surpreende-nos, se é que ainda nos surpreendemos e não colocamos Cristo numa caixa mística pendurada na parede, para nos confortar. Cristo repetirá essas palavras muitas vezes antes de morrer.

Sabia Cristo as razões por que empregava essas palavras? Ninguém pode dizê-lo.

Elas só têm sentido quando empregues em relação à peste:

«Nunca pretendi ser o Filho de Deus. *Tu* deformaste o sentido das minhas palavras, *tu* irás adaptá-las à *tua* mentalidade e à *tua* maneira de pensar. *Tu* dizes que eu sou o Pilho de Deus.

Deus, para mim, não é a mesma coisa que para ti. Para mim, ele é a doçura do fluxo do amor, de todo o amor, mesmo o dos pecadores e das prostitutas, no corpo e nas entranhas. Para ti, ele é o filho de um Deus celeste, com uma barba branca, de raio na mão para punir a pobre humanidade pelos seus pecados. Assim é que tu nos representarás nos teus quadros, mais cedo ou mais tarde.

Haverá confusão nos evangelhos entre o que *eu* disse e o que *tu* disseste. E o mundo compreenderá as palavras como TU as disseste e não como eu as disse. Tu esforças-te para ser como eu. Mas nunca o serás, a não ser quando me sentires no teu corpo.»

Não é o que a Vida diz ou faz que cheira a cadáveres podres. As mesmas palavras, que na boca da Vida são puras, sábias e verídicas, transformam-se em veneno quando proferidas pela alma atacada pela peste. Um discurso inocente pode adquirir um sentido, uma inflexão que traga a morte a quem o enunciou em qualquer lugar, em qualquer tempo, em qualquer país ou nação. A verdade pode trazer infelicidade a gerações, se mal interpretada por espíritos doentes.

Um dia, a Vida encontrará palavras que serão inúteis na boca da peste, palavras novas para coisas e acções antigas, palavras que nunca foram conspurcadas pela emoção

pestilenta do homem.

Cristo disse que o templo de Deus pode ser destruído e reconstruído em três dias. Na boca de Cristo, essas palavras têm uma significação profunda: indicam que um templo hão é nada comparado à força Vital no universo. Na boca da peste, essas palavras exprimem uma intenção desprezível de um rebelde − que se proclama a si próprio Rei dos Judeus − de destruir o templo. Cristo nada tinha a acrescentar, pois sabia que as suas palavras seriam mal compreendidas, mal interpretadas ou intencionalmente deformadas. Por isso, ele guardou silêncio.

Quando o sumo sacerdote lhe implorou, «por Deus vivo», que dissesse se era o Filho de Deus, Cristo respondeu: «TU o DISSESTE.» O sumo sacerdote compreendeu essas palavras à sua maneira e não segundo a Vida viva, e começou a rasgar-lhe as vestes e a falar de blasfêmia.

Quando, dois mil anos mais tarde, os charlatães e impostores do jogo do cancro encontrarem o descobridor da origem do flagelo do cancro, aquele que viu as raízes do flagelo muito mais profundas e muito mais difíceis de extirpar do que eles pensavam, eles, que são os promotores das curas do cancro, dirão ao público que *ele* prometeu a cura do cancro. Assim como um burro só pode zurrar, a peste só pode dizer o que pensa que as palavras significam.

E a Vida cala-se, pois nada tem a dizer quanto a isso.

O sumo sacerdote perguntara a Cristo se ele era o Filho de Deus. Esse era o esquema mental, sombrio e rígido como uma concha, que não podia ser ultrapassado.

Judas, o traidor, perguntara a Cristo se era ele, Judas, quem iria traí-lo. Esse era o *seu* esquema mental.

Em ambos os casos, Cristo dera a mesma resposta: «TU, O DISSESTE.»

Agora, diante do governador de Jerusalém, preocupado apenas em saber se os Judeus iriam revoltar-se e proclamar um novo rei. Cristo, interrogado, «És o Rei dos Judeus?», respondeu: «TU O DISSESTE.»

Tu o dizes, e não eu, Filho do Homem. Eu uso as mesmas palavras que tu. Mas não há ligação entre o sentido que tu lhes dás e o sentido que eu lhes dou.

No teu esquema mental, Judas é um traidor que vendeu o seu amado mestre por trinta dinheiros. Isso é o que *tu* farias a qualquer momento. Mas no *meu* esquema mental, Judas é um traidor de si mesmo, das suas convicções e da sua alma. Ele amou-me, sem saber o que amava. Admirou-me, mas admirou em mim a imagem que ele mesmo construiu, a imagem de um poderoso imperador dos pobres, cavalgando num fogoso cavalo branco à frente de uma coluna de cavaleiros de armaduras cintilantes,

dirigindo-se para Jerusalém ao som de trombetas, empunhando as espadas. E tu quiseste pôr-lhe a prova, a mim, o Cristo. *Por isso* me vendeste, não para ganhar trinta dinheiros. Tu és muito melhor do que pensa o grande sacerdote a quem entregaste o teu grande amigo. Ele chama ao teu dinheiro o «preço do sangue». Mas isso foi simplesmente a tua máscara.

No quadro do *teu* esquema de pensamento, eu declaro ser o «Filho de Deus», sentado à sua direita, lançando do céu escuro o seu raio sobre vós. No *meu* espírito, eu sou o Filho de Deus porque somos todos filhos e crianças de Deus, que é a Vida que nos formou, que está em nós e fora de nós, pois está em toda a parte. Eu sinto Deus no meu corpo e nas minhas entranhas. Para vós, ele é como uma imagem no céu. Por isso, as palavras «Filho de Deus» não têm a mesma significação para mim e para vós.

Quanto a ti, governador do poderoso César em Jerusalém, crês ver em mim o perigoso Rei dos Judeus que, conforme os sonhos de um Judas, se lançará ao encontro dos teus soldados para os matar.

A tua concepção de impérios deriva dos sonhos dos Judas, na *minha* opinião, não na tua, e os Judas florescem nos sonhos dos Césares. Assim é que deve ser, e César deve receber o que lhe é devido.

Eu reclamo o que me é devido. Mas estou fora do teu domínio. Fora e tão distante que as minhas palavras chegam aos teus ouvidos apenas como ecos deformados.

Por isso calo-me quando estou prisioneiro no teu domínio, e surpreende-te que, prisioneiro, eu guarde silêncio; eles acusam, defendem, maldizem ou trazem as suas testemunhas. As minhas fugiram todas; também elas não me compreendem.

Eu nada tenho a dizer-te. Tu não apreenderás a minha maneira de ver, como não o fizeste outrora e como não o farás no futuro. Não quero aumentar a confusão falando. Eu aprendi a minha lição.

Tu tratas-me, a mim e às minhas palavras, como tratas tudo o que tocas. Eu sei-o, porque tentei mostrar-te onde está Deus, nas almas dos pobres e dos pecadores, nas entranhas dos homens e das mulheres que sabem o que é o amor do corpo, nas mulheres a quem tu chamas decaídas e prostitutas •e eu freqüentei porque sabem dar esse amor que vos, Fariseus e escribas de coração seco, nunca deram ou sentiram, p do qual ignorais a existência.

Vós o dizeis, não eu. Eu nunca disse que era preciso amarrar ou bater nas mãos das crianças por terem tocado o Amor de Deus; eu nunca disse que o prazer deve estar ausente quando o homem e a mulher se unem no. Amor de Deus *e* mesmo no matrimonio sagrado; eu nunca murmurei litantes intermináveis; eu nunca falei de anjos

no céu e nunca disse que era preciso queimar as mulheres como feiticeiras por me terem sentido nos seus corpos.

Tudo isso e muito mais, vós o DISSESTES E FIZESTES, NÃO EU.

Deixai-me calar e retirar-me no grande silêncio do Infinito. Deixai-me esperar que outra criança da Vida ou Filho de Deus tente, uma vez mais, fazer-vos compreender o sentido do meu ser, almas miseráveis; que invente talvez um dispositivo ou encontre um método que vos permita adoçar os vossos corações e novamente sentir Deus no vosso sangue. Será então, e não antes, que o meu Reino − no meu sentido, e não no vosso − descerá sobre a Terra... Até lá, rezemos para guardar bem viva em nós esta esperança:

«Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão a misericórdia.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois, se vos injuriarem e vos perseguirem, e mentindo disserem, todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus, pois assim também perseguiram os profetas que existiram antes de vós.

Vós sois o sal da terra. E, se o sal perder a sua força, com que outra se há-de salgar? Para nada mais serve, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens.

Vós sois a luz do mundo. Não pode esconder-se uma cidade situada sobre um monte; nem os que têm uma lanterna a metem debaixo do alqueire, mas põem-na sobre o candeeiro, a fim de que ela dê luz a todos os que estão em casa. Assim, brilhe a vossa luz diante dos homens, para que eles vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.»

(Mateus, 5:3-16)

Capítulo XVII

A CHAMA SILENCIOSA

O POVO QUER BARRABÁS

Nunca são os governantes que governam o povo, mas é sempre o povo que força os governantes a governar.

Ê Pilatos que ordena a crucificação de Cristo, mas é o povo que o força a fazê-lo. Pilatos sabe bem que é a peste que está a enviar à cruz um inocente. A partir do que vê, ele não acredita que Cristo tenha a mínima intenção de se insurgir contra César. É a. peste que O diz, e Pilatos apenas concorda, agindo contra as suas próprias convicções.

Touco importa se os detalhes históricos do relato correspondem ou não à realidade. Ainda seria verdadeiro, se uma grande parte da humanidade o tivesse inventado em todos os detalhes. A história de Cristo continuaria a ser a história autêntica da humanidade inteira, mesmo que nem um único incidente da tradição houvesse acontecido. Mesmo que Cristo jamais tivesse existido como homem, a sua tragédia teria a mesma significação: *a tragédia do Homem sob o reinado da bem protegida Peste Emocional.* Cada passo da tragédia seria verdadeiro, mesmo que fosse apenas o sonho de um único indivíduo, pois ela repete-se sempre em qualquer lugar.

O sofrimento resultante da frustração da Vida não é menos real e torturante quando ocorre num sonho, do que quando ocorre na vida real.

Por isso, é inútil discutir se Cristo viveu ou não, se a sua biografia foi inventada pelos primeiros papas, se ele foi um simples rebelde judeu ou um autêntico Pilho de Deus segundo a fórmula «TU O DIZES»; trata-se apenas de detalhes do contínuo Assassinato de Cristo. A discussão visa simplesmente *não* encontrar o Cristo real, *não* se encontrar a si próprio, não descobrir as próprias maldades praticadas todos os dias, ao longo da vida de cada um. É empregar uma vez mais o método dos escribas, seja o que for que eles digam ou façam agora. No mesmo instante em que lerem esta obra acerca do Assassinato de Cristo, eles prepararão sem dúvida um novo Assassinato de Cristo, e o povo que ontem gritava «HOSSANA NAS ALTURAS», amanhã pedirá a libertação de Barrabás, e não a de Cristo.

O povo prefere sempre Barrabás, porque tem medo de Cristo e recusa-se a compreendê-lo. Permite sempre que Barrabás o domine. Barrabás sabe montar um cavalo branco, empunhar uma espada; sabe passar revista a uma guarda de honra, sabe sorrir quando condecorado como herói desta ou daquela batalha. Já alguma vez se viu

Barrabás condecorar a mãe que protege o Amor da Vida no seu filho contra o bastardo fodedor na Sociedade pela PAZ nas democracias populares? Nunca, e nunca se verá.

O povo precisa dos dois, de Barrabás e de Cristo. De Barrabás, quando se trata de montar cavalos brancos para os desfiles mundanos; de Cristo, para o adorar no céu depois de o ter assassinado. É assim porque a alma tem necessidade de alimento nesta e na outra vida também. Assim, o místico vem completar o mecanicista.

Mas ao eternamente vivo Filho do Amor não será permitido governar a vida do povo, a menos que se ajuste às suas maneiras carnais, às maneiras de uma prostituta que eles chamam pecadora, por cuja redenção Cristo deve morrer,

Pilatos tem uma certa esperança de que o povo acabe por reconhecer o verdadeiro assassino merecedor da cruz. Espera que vejam Cristo como ele realmente é: para ele, um homem que sabe o que é a Vida; para eles, talvez, um sonhador que, inocentemente, cometeu algumas imprudências.

Mas os homens couraçados não se podem impedir de ver tudo vermelho quando percebem Cristo no corpo. Pois Cristo *é* o que eles perderam e o que eles desejam com um ardor doloroso, durante toda a vida, o que eles deveriam esquecer para sempre. Cristo é o amor perdido, a esperança esquecida há muito tempo. Ele é o frémito de doçura que apavora as carnes gélidas, donde só saem ódio e raiva, mas nem um só movimento de piedade pela face silenciosa e dolorosa de Cristo. Por isso eles reservam a cruz a Cristo e não a Barrabás.

A história de que os grandes sacerdotes teriam incitado o povo contra Cristo é uma invenção dos vendilhões da liberdade. Como é que uma dezena de sacerdotes teria podido incitar a mente da multidão contra o que quer que fosse, se o que *poderia* voltar-se contra Cristo não estivesse já dentro/ do povo?

Parem de uma vez por todas de pedir desculpas pelo povo e pelos seus actos. Antes de poderem ver Cristo de frente, os homens devem aprender a ver-se *a si mesmos,* tal como são e como agem. Só os desatinados vendilhões da liberdade fazem do povo um ídolo.

O Amor da Vida foi abandonado. *Onde se encontram, agora,* os *numerosos amigos e admiradores de Cristo?* Não se vê um só amigo, um só admirador. Onde está a multidão que aclamava Cristo gritando «Hossana nas Alturas» para o Filho de David ou «Olhem e vejam, o Filho de David está a chegar»? Os admiradores e os que gritavam Hossana nas Alturas desapareceram. Não se ouve mais nenhum «Hossana» quando a multidão escolhe Barrabás.

De que vale a amizade, de que vale a admiração? Podemos consegui-las por trinta dinheiros, se não estivermos na situação penosa em que Cristo está agora. Cristo

apercebe-se, pela primeira vez, do abismo que o separa dos seus compatriotas e da sua época.

Ele aceita isto tranquilamente. Nem mesmo sofre. Os seus amigos nunca foram amigos verdadeiros. Eram seus amigos enquanto puderam esperar alguma coisa dele: vibração, conforto, paz, alegria, inspiração. Mas quando a peste emocional uiva em torno dele, eles vão-se. Não restou uma única sanguessuga. Cristo não os detesta, não os despreza. Ele dá-se simplesmente conta da situação e guarda um silêncio solene. Olha para um abismo negro e profundo, em cujo Inferno o espírito doente dos homens precipitará os pecadores durante os séculos futuros.

Cristo é envolvido por uma aura de silêncio exterior e de *lua e* paz *interiores*, que o protege. Nada o toca ou pode tocar. Ele transcende o estúpido espectáculo que se desenrola. O seu silêncio trai a sua piedade pelos pobres diabos. Vale a pena salvá-los? Certamente que não. E, no entanto, Cristo vive até ao fim o que eles lhe infligem.

Algumas testemunhas do terrível tormento percebem claramente o silêncio calmo e luminoso de Cristo. A mulher de Pilatos ama Cristo; ela sonhou com ele e lamenta a sorte dele. As mulheres sempre o amaram sinceramente. Elas amaram-no como as mulheres felizes amam os seus homens, ELAS SABEM. Elas sentem tais homens *no seu corpo.* A mulher de Pilatos tenta em vão salvar Cristo. Ela sente a chama silenciosa e quente que há em Cristo nesse momento; e desse sentimento da chama silenciosa de confiança, que está muito além da deplorável fealdade dos homens, surgirá mais tarde a força silenciosa dos primeiros Cristãos desejosos de paz. E sente-se ainda agora, enquanto estas linhas estão a ser escritas: nada do que neste mundo *é* a expressão pavorosa da peste do homem pode obscurecer esta luz silenciosa, morna, interior. É a chama da própria Vida.

É essa chama silenciosa e quente que ajuda Cristo a atravessar as horas de agonia. Mais tarde, o mundo representá-lo-á com uma auréola em volta da cabeça. Ele guardará silêncio quando a dor lhe contrair o corpo. Guardará silêncio quando as forças o abandonarem. Guardará silêncio quando o povo o amaldiçoar e humilhar; mas será essa distância o que mais o magoará. No momento final, ele duvidará do seu Deus.

Da sensação de chama silenciosa, quente, interior, face do perigo e à fealdade dos acontecimentos e dos actos, nascerá o amor da *espiritualidade* e uma opinião desfavorável do valor relativo do corpo. Ó espírito é capaz de dominar o corpo porque Cristo pode guardar silêncio, porque pode assumir com calma *é* dignidade esse sofrimento que lhe inflige a baixeza pestilenta dos homens, Ele continuará a viver no silêncio das grandes catedrais, dos calmos mosteiros; ele vibrará de exuberância e de alegria nas manifestações mais puras da Vida, como a música de Bach, a «Ave Maria»

ou o «Hino à Alegria» da *Nona Sinfonia* de Beethoven.

A receptividade do homem a essa chama silenciosa e quente, no fundo de si mesmo, a despeito dos actos infames e imundos de homens que perderam as suas vidas, será a atitude espiritual básica quando a esperança e a fé tomarem conta do coração. Ela estará presente quando a mãe lançar o primeiro olhar ao seu recém-nascido. Ela estará presente quando o amante esperar calmamente o momento de fundir-se com o corpo da mulher amada. Ela estará presente quando Curie perceber pela primeira vez a luz do rádio, quando o descobridor da Energia Vital vir, pela primeira vez, minúsculas partículas de rocha moverem-se em lentas ondulações.

Essa chama silenciosa não grita «Hossana nas Alturas», nem «Heil mein Führer», nem «Red Front», nem nada dessas coisas parvas que a peste faz. Ela contenta-se em brilhar no silêncio do conhecimento, do sentir da Vida. Pouco importa se lhe chamam fé, crença, confiança, tolerância ou poder da alma. É essa força natural da Vida viva que dá origem a todas as idéias humanas de virtude. Elas nada têm a ver com o que actualmente se designa por «ética».

Consegue imaginar um veado a disparar contra o seu filhote ou a torturar outro veado? Bem, compare os sentimentos que inspira o veado numa pradaria, calmo e majestoso, aos primeiros raios do Sol nascente, com a imagem de «o grande pai de todos os povos» carregado pela multidão, que grita «abaixo» ou «viva», e terá a essência da serena luz interior da Vida que se opõe à peste devastadora. Notemos que, no início das grandes revoluções, quando os colonos americanos ou os trabalhadores russos lutavam pela sua existência e não por um führer, o mesmo silêncio envolvia as suas marchas, nas ruas e nas colinas.

Esse mesmo silêncio foi transmitido por Cristo aos homens e mulheres que testemunhavam a hedionda manifestação da peste. Devem ter sentido piedade, em vez de cólera, pelos autores deste crime, que gritavam: «Que o seu sangue se derrame sobre nós e os nossos filhos.»

Ora, o sangue de Cristo tem vindo a ser derramado sobre os homens e os seus filhos desde muito antes e até muito depois da crucificação.

Não temos nenhuma razão para duvidar da racionalidade dos acontecimentos relatados no Antigo e no Novo Testamento. Todos esses acontecimentos são verdadeiros porque representam realidades essenciais do comportamento humano. Mas esses relatos foram privados da sua razão de ser pelos acréscimos posteriores feitos pelos escribas talmudistas, tanto no mundo judeu como no cristão. A essência da luz serena, que se expressa no silêncio, não se impõe à glorificação mística, que ofusca a maneira pela qual a Vida se comporta no momento da agonia imerecida.

Então os soldados do governador, tomando a Jesus para o levarem ao pretório, fizeram juntar à roda dele toda a corte. E despindo-o, vestiram-lhe um manto carmesim. E tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha sobre a cabeça, e na sua mão direita uma cana. E ajoelhando diante dele, escarneciam-no, dizendo: «Deus te salve. Rei dos Judeus!» E cuspindo nele, tomaram a cana, e deram-lhe com ela na cabeça. E depois que o escarneceram, despiram-lhe o manto, e vestiram-lhe os seus hábitos, e assim o levaram para o crucificarem.

(Mateus, 27:27-31)

A Bíblia ainda é lida por milhões de homens, pois ela relata o que se passa em torno de nós, no homem, em todas as épocas e em todos os lugares. A ciência mecanicista e o pensamento racionalista não conseguiram detectar essas coisas tipicamente humanas. Por isso, a *ciência do Homem* nunca se pôde desenvolver, já que a Igreja reprovou a luz do amor físico, qualificando-a de «pecado», enquanto a ciência rejeitou, como sendo «anticientífico», o sentimento que conduz ao que chamamos fé. Esqueçamos os «anjos» por um instante. Mesmo os nossos mecanicistas acabaram por ouvir a música do firmamento. Para eles, tratava-se apenas do tique-taque seco do contador Geiger respondendo à energia cósmica, o Criador, Deus.

A chama calma e silenciosa da Vida viva não pode ser destruída por nenhum meio. Ela é a manifestação fundamental da energia propulsora do universo. Essa chama está no céu escuro, à noite. Ela é o frémito do céu ensolarado, que faz esquecer as brincadeiras de mau gosto. É a chama tranqüila dos órgãos de amor dos pirilampos. Paira sobre as árvores, na aurora e ao anoitecer; brilho nos olhos de uma criança confiante. Podemos observá-la num tubo de vidro vazio, carregado de energia vital; podemos vê-la na expressão de gratidão do rosto de um homem *a* quem consolamos do sofrimento causado pela peste emocional. É a mesma luz que vemos à noite na superfície do oceano ou na ponta de mastros altos.

Nada pode destruir essa força luminosa e silenciosa. Ela atravessa cada objecto, regula cada movimento de cada célula do organismo vivo. Ela está em tudo, enche o espaço que os homens vazios esvaziaram. Provoca o brilho e o cintilar das estrelas. Essa chama, que o verdadeiro médico sente na pele de todo o ser humano, é para ele um sinal de saúde; a sua ausência indica a doença. Em caso de febre, essa luz intensifica-se, pois ela combate a infecção mortal.

É a chama da força Vital que continua a manifestar-se depois da morte. É a chama da alma, *que não persiste, depois da morte, como uma forma determinada. Ela dissipa-se no infinito oceano cósmico> o «Reino de Deus», donde veio.*

Esse oceano de energia primordial do universo é fonte de erupções singulares, que influenciam as vidas individuais; por isso, e com razão, o homem chama-lhe desde os tempos mais remotos o seu «DEUS», O seu «PAI CELESTIAL», O seu «CRIADOR» e muitos outros nomes. O conhecimento da existência dessa *força Vital* universal e dos espaços celestes infinitos donde ela vem é indestrutível no homem, desde que ele a *sinta.* Essa *é* a base de toda a sua noção de virtude celestial, de pureza emocional básica, de paciência angelical, de amor eterno, de resistência, de força moral, de frugalidade e de todas as outras virtudes estabelecidas por todas as religiões como ideais eternos da humanidade, desde que o homem perdeu o contacto com a luz interior devido à profanação do amor físico. Essa continua a ser, até hoje, a essência da nostalgia cósmica da humanidade. Age, sob a forma de raiva mortífera, até no destruidor pestilento da *Vida.*

É essa chama que, segundo o sentimento da humanidade, une Cristo, na última agonia, ao grande universo. Esqueçamos os anjos uma vez mais. Eles resultam da maneira como o Zé-Ninguém compreende a existência do reino de Deus, quando já não sente em si mesmo qualquer luz, mas ainda sabe que ela existe, em algum lugar, em tomo dele.

Essa chama é estranha ao usurpador brutal do poder terreno sobre os homens. Os poderosos deste mundo são homens duros, homens sem amor, que não aspiram à doçura de uma grande força. A força de Cristo, durante as últimas horas da sua vida, distingue-se essencialmente da força de um Nero. Estamos diante de duas espécies de força absolutamente diferentes, e até contraditórias. Esta é uma constatação importante, quando *os* homens tiverem de começar a superar o crónico Assassinato de Cristo.

Durante a flagelação. Cristo está sem defesa, e transmite a posteridade a idéia fundamental da resistência passiva e do martírio. Mas a chama da Vida dentro de Cristo, que faz dessa resistência e desse sofrimento a base de uma grande religião, transcenderá a fase de resistência passiva. Ela fará descer o céu sobre a Terra, no sentido de Cristo, conseguindo vencer a maldade que torna possível o exercício da crueldade.

O mundo cristão nada sabe acerca da ACTIVIDADE da chama da Vida. Além disso, o Cristianismo, que soube preservar essa chama na sua música e na majestade das suas igrejas, fechou o acesso ao seu domínio sufocando essa luz em cada criança, desde a mais tenra idade. Ao fazê-lo, minou os seus próprios fundamentos. É esse apagar da chama da *Vida* que toma possível cenas horríveis, como a coroação de Cristo com uma coroa de espinhos, emblema do «Rei dos Judeus». É evidente que nada mudará, que nada poderá mudar na existência dos homens, enquanto não desaparecer dos seus corações o espírito que domina a cena da coroação de Cristo com uma coroa de espinhos. É o apagar da chama da *Vida* em cada recém-nascido que cria as condições

que conduzem infalivelmente à coroação de Cristo com uma coroa de espinhos e às humilhações de que foi objecto. O Zé-Ninguém continua a cometer essas abjeções, seja num campo na Sibéria ou em qualquer hospital psiquiátrico estatal nos Estados Unidos.

Capítulo XVIII

CRUCIFICAÇÃO E RESSURREIÇÃO

O líder, o governador, o rei, o führer são uma expressão e instrumento do modo de vida do povo. *Um* Ivan, o Terrível, não pode transformar duzentos milhões de camponeses em sujeitos passivos, mas um número adequado de mães camponesas pode. E esses duzentos milhões de camponeses silenciosos e resistentes PODEM fazer perdurar o reinado de Ivan, o Terrível.

Pilatos é impotente contra o povo que exige a libertação de Barrabás e a crucificação de Cristo. Os homens preferem Barrabás, porque ele está de acordo com a sua maneira de viver e de pensar, o que não é o caso de Cristo. Eles fariam de Cristo, em pouco tempo, outro Barrabás, se ele o deixasse. Ou então matá-lo-iam. Também matariam Barrabás, se este não satisfizesse a sua fome de ver Reis de Jerusalém montados em cavalos brancos, empunhando as espadas contra o inimigo eterno; escolheriam outro Barrabás, e não Cristo. Há mais de seis mil anos que o homem age assim; e até onde chega o nosso conhecimento, continua até hoje; durante todo este tempo, o seu sonho do Reino dos Céus foi transformado num simples reflexo no espelho, inatingível.

Essa dicotomía do ser humano, que já dura há tanto tempo, é tão evidente que podemos esperar vê-la mencionada, mais cedo ou mais tarde, em algum congresso internacional de higiene mental ou em alguma publicação européia de sociologia ou etnologia.

Se os homens não tomarem imediatamente consciência das inclinações profundas que os levam a defender os Barrabases e lhes inspiram, ao mesmo tempo, o desejo de um redentor, haverá ainda muitos Barrabases e muitos Cristos assassinados. As coisas são assim, e ninguém deve enganar-se quanto a isso, ou deixar-se enganar pela conversas de qualquer vendilhão da liberdade. A situação tornou-se muito grave, e já é tempo de acabar com o hábito de afirmar que não se sabe o que já é mais do que sabido e que se vê claramente quando se olha em volta.

No Gólgota, a divisão básica que marca a acção dos homens revela-se em toda a sua odiosa crueldade, se bem que os acontecimentos de Jerusalém, e tudo o que a eles conduziu, nos forneçam exemplos suficientes. Quando o povo clama pela crucificação de Cristo (e não temos a menor razão de duvidar da exactidão do relato do evangelho, pois *a mesma coisa acontece há séculos por toda a parte),* Pilatos espanta-se e pergunta: «Que mal fez ele?» Pilatos não compreende. E o facto de Cristo *não* ter feito

mal algum, de ter feito *só o bem* ao povo, é *exactamente o que faz com que seja mais maltratado que um ladrão comum.*

Para aliviar a sensação de podridão por pregar Cristo na cruz, é OBRIGATÓRIO humilhar a vitima ao máximo, recorrendo aos métodos mais diabólicos. Para nos livrarmos da sujidade é preciso sujar a vítima. ESSE é o procedimento da peste, procedimento que sempre utilizou, desde que começou a devastar a raça humana. Não se dar conta disto é mais uma das características da peste e dos seus defensores populares.

Cristo carrega silenciosamente a sua cruz para o Calvário. Ele cai em silêncio e nada diz quando Simão o ajuda a levá-la. Em silêncio, chega ao Gólgota, o lugar da execução. Em silêncio, sofre toda a imensa crueldade do homem.

Essa crueldade usa todos *os* recursos para aumentar o sofrimento já intolerável: a cruz não está pronta quando Cristo chega ao suplício. Ela é feita na sua presença. Os pregos são enfiados nas mãos vivas, que tanto haviam acariciado e consolado os doentes e os sofredores. São cravados pregos nos pés, que tanto haviam atravessado os campos de Deus, as pradarias e os riachos. O corpo do supliciado é sustentado por um pedaço de madeira fixado entre as pernas.

Cristo tem plena consciência do que lhe acontece. O seu silêncio é a única arma que lhe sustenta a coragem até ao fim. A sede atormenta-o e ele pede para beber. Um soldado embebe uma esponja, amarra-a na ponta de um bastão e leva-a aos lábios de Cristo, que, segundo o relato, a suga.

A partir do fundo distante do seu ser. Cristo vive ao mesmo tempo o horrível suplício infligido ao seu corpo e o atroz sofrimento de ver que os homens são capazes de agir dessa maneira, sem que se dêem conta do que fazem; reduzidos ao estado de simples instrumentos da máquina judiciária, os seus corações fecharam-se a toda a piedade; os seus sentimentos deram lugar a um frio sentido do dever ou a uma implacável insensibilidade. Esses homens não têm absolutamente nada em comum com Cristo, a sua fé e o seu Reino. São apenas máquinas e nada mais, a essência de um governo mecanizado que esqueceu o homem, em benefício do qual deveria governar. O homem É assim. Se não fosse, tal governo não existiria. É O homem que faz o seu governo e o governo faz apenas o que o homem permite que ele faça.

Colocaram um cartaz em três línguas − hebreu, grego e latim − em cima da cruz: «REI DOS JUDEUS». O que resta é aquilo que as pessoas imaginavam que Cristo *deveria* ter sido. O verdadeiro mundo de Cristo está para *além* da cruz. «PAI, PERDOA-LHES, ELES *NÃO SABEM O* QUE *FAZEM*.» Realmente não sabem o que fazem, nem no Calvário, nem em Belsen, nem nos campos de prisioneiros russos; eles *nunca* sabem. *Esse é o seu*

precioso álibi! Já é tempo de arrancar essa máscara de inocência!

JÁ É TEMPO DE TER CONSCIÊNCIA DO QUE FAZES, HOMEM DO POVO.

A tua inocência já não basta para que te sejam perdoados os crimes que cometes. Não poderás mais esconder-te atrás da tua inocência. Pássaras a saber o que estás a fazer quando assassinas Cristo.

Nenhum dos admiradores ou discípulos de Cristo se encontra perto da cruz. João diz ter estado presente. Isso parece duvidoso para alguns estudiosos do evangelho. Mas parece, em contrapartida, que as mulheres que cercavam Cristo estavam presentes durante o suplício. Segundo Renan, Maria de Cléofas, Maria Madalena, Joana, mulher de Chusa, Salomé e outras ficaram juntos de Cristo até ao fim. A mãe de Cristo estava também entre elas.

É natural que tenham sido as mulheres, que amaram Cristo *no corpo*, que o acompanharam na sua última agonia, e não os admiradores e discípulos, que apenas sugaram Vida do seu corpo. Por essa mesma razão, as mulheres recuarão e darão lugar aos homens, quando se tratar de explorar a tragédia de Cristo com o propósito de deificação, e os discípulos ausentes serão os primeiros a fazê-lo. A luta dos discípulos pelos primeiros lugares nas relações de intimidade com Cristo começou durante as primeiras peregrinações e acentuar-se-á depois da sua morte. Alguns apóstolos assumirão o papel de líderes, enquanto outros se contentarão com funções mais modestas. Haverá um Ivan, o Terrível, decidido a assegurar o poder terreno servindo-se do Reino de Cristo; haverá um Francisco de Assis, que tentará desesperadamente regressar ao Reino de Cristo. Os futuros representantes de Cristo serão escolhidos pelo povo como seus sucessores, pela sua atitude solene e douta. Outros serão escolhidos pela sua habilidade em organizar manifestações espectaculares; outros, porque são excelentes diplomatas e intriguistas. Outros serão escolhidos pela sua ciência de governar e pela sua exactidão na execução meticulosa e impiedosa dos mandamentos de Cristo. Outros revelar-se-ão, uma vez escolhidos, como grandes guerreiros, capazes de levar o emblema da cruz aos países pagãos mais longínquos, sem se darem conta de que Cristo nunca aceitaria que os convertessem pela força. O homem, e não Cristo, prevalecerá no final.

Mas não restará um só traço da essência da vida de Cristo, das mulheres que amaram o corpo de Cristo. Dois mil anos depois da morte de Cristo, um autor desconhecido e perseguido, lendo compreendido esse profundo mistério, escreverá um pequeno livro intitulado *O Homem que Morreu*, que apresentará Cristo sob uma luz mais verídica, mais digna dele. Como seria de esperar, esse livro será bem menos conhecido que a interpretação de Paulo do Reino dos Céus e do pecado da carne.

As mulheres de Cristo, que conheceram e amaram o seu corpo, estavam presentes junto à cruz; serão elas que, mais tarde, despregarão o cadáver do supliciado. Foi uma mulher que se sentou perto do seu túmulo e o encontrou vazio, o que deu origem a toda a mitologia da ascensão de Cristo ao céu.

Cristo disse que o Reino dos Céus é comparável a dez virgens caminhando ao encontro dos seus esposos.

> *Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a receber o esposo e a esposa. Mas cinco de entre elas eram loucas, e cinco prudentes. As cinco que eram loucas, tomando as lâmpadas, não levaram azeite consigo; as prudentes, porém, levaram azeite nos seus vasos juntamente com, as lâmpadas. E, tardando o esposo, começaram a ficar sonolentas, e assim vieram a dormir. E à meia-noite ouviu-se um grito: «Eis aí o esposo, saí a recebê-lo.» Então levantaram-se todas as virgens, e prepararam* as *suas lâmpadas. E disseram as loucas às prudentes: «Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas apagam-se.» Responderam as prudentes, dizendo: «Para que não suceda talvez faltar-nos ele a nós, e a vós, ide antes aos que vendem, e comprai para vós.» Mas, enquanto elas foram a comprá-lo, veio o esposo; e as que estavam preparadas entraram com ele a celebrar as bodas, e fechou-se a porta. E por fim vieram também as outras virgens, dizendo: «Senhor, Senhor, abre-nos!» Mas ele, respondendo, disse: «Na verdade vos digo que vos não conheço.» Vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora.*
>
> (*Mateus,* 25:1-13)

Cristo conhecia muito bem a diferença entre as mulheres que ofereciam a sua doçura no abraço e as que, tendo perdido essa doçura e também os seus órgãos de amor, gritavam: «Senhor, Senhor, abre-nos!»

A presença silenciosa das mulheres que amaram Cristo no seu corpo em algum momento da sua vida terrena, cada uma segundo a sua própria maneira de amar e acariciar, explica-nos porque Cristo foi tão vergonhosamente humilhado durante as últimas horas da sua vida terrena.

Só há um crime que o homem atacado pela peste persegue e pune de maneira tão vil, tão pavorosa e tão perniciosa:

O CRIME DO VERDADEIRO AMOR FÍSICO DE DEUS. Esta é a única explicação plausível para o ultraje. Ela está perfeitamente de acordo com o que sabemos hoje da peste emocional, da sua razão de ser, dos motivos ocultos da sua crueldade, do seu zelo

em perseguir o amor físico autêntico, tal como é vivido pelas criaturas de Deus. Assim, com excepção de algumas observações pertinentes em certas biografias de Cristo, como na de Renan ou na de Lawrence, não se faz menção a isto em parte alguma. Como se poderia falar disso nos livros da Igreja Cristã, se não se toca no assunto ao falar da vida emocional dos adolescentes, nas obras de psiquiatria ou mesmo nos tratados de psicanálise? *Como seria possível?* É por de mais evidente para que seja necessário falar sobre isso.

NUNCA TOQUE NISSO! Porque a explicação poderia revelar o significado de Cristo e, com isso, o significado que ele adquiriu para a humanidade. Ela poderia revelar o significado de muitos Cristos que morreram pela Vida viva, através dos tempos, na cruz, na fogueira, nos asilos de alienados, que morreram ontem e morrem hoje nos hospitais, de febre reumática, de paralisia infantil, de leucemia, de cancro no útero, nos seios ou nos órgãos genitais, e a partir daí em todos os órgãos; outros conheceram a esquizofrenia, as fobias, os pesadelos de toda a espécie; outros assassinaram e roubaram, ou entregaram-se à droga; outros sofreram com a vida conjugal, o estupro conjugal protegido por uma antiga lei perniciosa, com a chantagem e o divórcio; outros suicidaram-se, saltando silenciosamente de enormes arranha-céus; outros sofreram em silêncio toda a espécie de males.

NUNCA TOQUE NISSO!!!

Não se pode evocar esse sofrimento em termos académicos. Os escribas não permitem que se discuta. É preciso servir-se das palavras como outrora dos chicotes, a despeito dos escribas, É PRECISO FORÇÁ-LOS A PERMITIR QUE OS OUTROS TOQUEM NISSO.

Eles não ousam tocar nisso porque jamais ousaram *sentir os seus próprios corpos e acariciar os órgãos genitais.* Os pais puniram-nos, as escolas expulsaram-nos por isso, a Igreja declarou que era um pecado, *os* congressos de higiene mental afastaram completamente esse assunto das discussões públicas.

Mas isso continuará a martelar os ouvidos e a esgotar a sua alma secreta, pois o homem nasce graças aos órgãos genitais e viverá sempre com eles.

Nada, nenhum poder do mundo será capaz de erradicar esse facto, que está em perfeito acordo com o segredo do Assassinato contínuo de Cristo.

Cristo foi morto de uma maneira tão ignóbil, foi desonrado por uma multidão doente e causadora de doença, porque ousou amar com o corpo *sem* pecar com a carne.

Cristo foi torturado, porque os homens queriam aniquilar o seu modo de viver autenticamente divino, ou seja, orgonótico, que lhes parecia estranho e perigoso.

Eles riram-se dele, insultaram-no porque não podiam suportar que ele os fizesse pensar na vida divina que havia dentro deles.

Mesmo os dois ladrões crucificados ao lado de Cristo riram dele. Um detalhe, verdadeiro ou não, resume, na lenda cristã, esta verdade atroz: «Um ladrão é preferível a um homem que ama as mulheres segundo a lei de Deus.» Nos Estados do Sul dos Estados Unidos, não se punem os Negros por roubo, mas por «violação da mulher branca».

Os frios homens brancos não podem suportar a idéia de que as suas mulheres sintam os corpos quentes de negros vigorosos. Essa é a origem primária do ódio racial dos homens brancos.

Jesus Cristo, homem jovem, vivo, belo, atraente, devia morrer porque foi amado pelas mulheres como nunca o foi um escriba; ele devia morrer porque tinha uma maneira de ser e de viver que um sacerdote talmudista não podia tolerar. E os talmudistas dos templos posteriores, sejam templos religiosos ou templos de conhecimento, não toleravam nem mesmo a alusão ao segredo fundamental do assassinato de Cristo. Renan foi excluído da Academia Francesa por se ter aproximado muito desse segredo. Que farão agora com este relato verdadeiro do segredo de Cristo?

Renan escreve, a partir de fontes talmudistas:

> *O obstáculo invencível às idéias de Jesus vinha sobretudo do Judaísmo ortodoxo, representado pelos Fariseus. Jesus distanciava-se cada vez mais da antiga lei.* Ora, *os Fariseus eram os verdadeiros judeus; o nervo e a força do Judaísmo... Eram, em geral, homens de espírito estreito, importando-se mais com o exterior; a sua devoção era desdenhosa, oficial, satisfeita consigo mesma. As suas maneiras eram ridículas e faziam sorrir mesmo aos que os respeitavam. Os apelidos que o povo lhes dava, com uma conotação caricata, são prova disso. Havia o «Fariseu perna-torta»* (Nikfi), *que andava pelas ruas arrastando os pés e batendo-os contra as pedras; o «Fariseu cara-sangrenta»* (Kizai), *que caminhava com os olhos fechados para não ver as mulheres e batia contra as paredes, tendo sempre a testa ensangüentada; o «Fariseu pilão»* (Medinkia), *que andava dobrado em dois como o cabo de um pilão; o «Fariseu de ombros fortes»* (Shikmi), *que andava com as costas curvadas como se carregasse sobre os ombros todo o fardo da Lei;* o *«Fariseu o-que-há-para-fazer-Eu-faço», sempre à procura de um preceito a cumprir; e, finalmente, o «Fariseu pintado», para o qual o exterior da devoção era somente um verniz de hipocrisia (*[*]*). Esse rigor, com efeito,*

[*] Talmude de Jerusalém, *Berakoth,* ix., sub fin.; Sota, v. 7; Talmude de Babilonia, *Sota,* 22b. As duas compilações desta passagem curiosa apresentam diferenças consideráveis. Geralmente, temos seguido a compilação babilónica, que parece mais natural. Cf. Epifânio, *Adv. Harr.,* xvi. 1. Além disso, as passagens em Epifânio e muitas das passagens do Talmude

freqüentemente era só aparência e escondia, na realidade, uma grande lassidão moral.

(Ernest Renan, *The Life of Jesus,*
Modern Library Edition, 1927, pp. 299-300.)

Os talmudistas procuraram Deus, matando-o; matam-no da mesma forma que o procuram, *submetendo-o a provas de tortura.* Deus é tratado por eles como um príncipe que deve passar por toda a espécie de provas, colocando em evidência a sua resistência e a sua força, para ser digno de reinar sobre o seu povo. Esta é a idéia que o povo faz dos reis. Se um pequeno judeu de três anos não suporta debruçar-se desde as seis horas da manhã até às dez da noite sobre o seu Talmude para procurar o sentido de Deus, ele não é um bom judeu, não é um filho de Abraão, pai do povo de Deus. As crianças devem ser bem-comportadas e gentis com os seus pais e obedecer-lhes, independentemente daquilo que lhes façam ou exijam; os filhos de Deus não têm o direito de colocar em dúvida as palavras dos antepassados não têm o direito, sob pena de morte, de desafiar a sua religião. Não devem comportar-se mal ou violar os preceitos morais dos antepassados, que viam no amor um acasalamento garantido por Lei e imposto às mulheres como uma obrigação.

O ódio nascido do amor garantido por lei, dado por corpos revoltados, violentados pela ausência do fluxo de Deus nos seus membros, não conhece limitações quando se trata de matar a Vida viva, que tem necessidade do amor como foi dado a todas as criaturas, sem excepção. Esse ódio saído de um acasalamento não divino, insípido, faz do Amor de Deus uma coisa ilegítima e feia. Ele arrasta-se pelas ruas durante a noite, maltrapilho, ou esgueira-se furtivamente pelos cantos, como um ladrão. O amor de Deus, posto à margem da lei, deve estar alerta quando bebe da fonte do seu ser; deve estar atento, sem nunca se distrair, os cães estão no seu encalço para o apanhar em flagrante delito. Os cães são atraídos pelo cheiro do sangue quente e saudável, que leva os maus a assassinar Cristo. Os homens que atiçam os cães na pista das suas vítimas têm os lábios gretados e pequenos olhos brilhantes de crueldade; as suas faces são tensas como o couro de um tambor, a pele é enrugada e dura como couro velho. Os seus narizes são pontiagudos, e as suas bocas proferem palavras venenosas. Na mão, trazem uma corda ou uma espingarda carregada, para atirar sobre a Vida que beba da fonte do Amor.

---

podem estar relacionadas com uma época posterior a Jesus, época em que «Fariseu» se tomara sinónimo de «devoto». *Ibid.* p. 300.)

Cristo bebeu a seiva do Amor na fonte da Vida, obedecendo à sua própria lei. Uma grande cortesa adoptou o modo de viver de uma santa, e as virgens desligaram-se da maneira não divina de amar. Elas também aprenderam a beber da fonte de um Deus vivo do Amor: foram as primeiras a lutar por um caminho que conduzisse à própria origem do Homem no infinito de Deus, e as primeiras a sentir, nos seus corpos, o que fora o paraíso:

ERA UMA VEZ

As mães sentavam-se perto das fontes,
cantando, dançando,
acariciando docemente os seus filhos,
guiando-os pelas correntes da Vida...
As ondas do oceano corriam docemente
para as praias de um mundo cheio de paz...
Homens e mulheres bebiam a alegria de Viver
dos movimentos dos seus membros
e das suas melodias rumo à eternidade.
O riso das crianças ecoava
em exuberância de vozes
cheias de alegria e delícias.
Os olhares felizes dos jovens
reflectiam-se nas faces sorridentes
das virgens felizes de amor
e embriagadas de juventude
nos corpos suaves.
De repente... um grito...
Que grito!
Nunca antes ouvido e nunca sentido,
não convidado, perpetrado...
Era a peste que chegava:
faces endurecidas,
sorrisos hipócritas,
braços cansados e ancas moribundas,

faces lacrimosas, olhares mortos,
costas duras dobrando-se polidamente;
corpos privados de amor,
anseios privados de vontade,
desejos privados de sensação,
lutas privadas de vitórias,
o martírio da tortura conjugal...
Queixas, gemidos,
gritos de crianças, agonias...
Mortes, misérias e pensamentos tortuosos...
Patíbulos de covardes e paradas,
marchas, medalhas, cadáveres apodrecidos;
que confusão, que idiotice,
caçadas, perseguições, pesadelos...
Desgraça aos homens
um milhão de vezes...

Cristo bebeu nas fontes da Vida. O seu mundo, como ele explicou ao governador, não era um mundo de leis e poder. Era o mundo de Deus, que, para o Homem, pertencia já ao passado, mas ao qual ele esperou sempre regressar. Era o mundo do Amor nos membros, que nada poderia substituir.

O Homem sempre soube que esse Amor nos membros, que a doçura deliciosa da fusão, era verdadeiramente Deus, a que se deu muitos nomes, que foi adorado em muitos lugares, em muitos templos, em muitas línguas. Mas o Homem guardava silêncio sobre a verdade que bem conhecia, e ainda guarda silêncio, como Cristo de Betânia ao Gólgota. Não há órgão para ouvir, para perceber, para sentir Deus, neste mundo cheio do barulho dos conflitos, das guerras, do sugar, do chafurdar, das fodas, do enganar, do talmudizar, que encobre o doce estremecimento do Amor nas entranhas e nos membros.

Por isso, maltrataram Cristo pendurado na cruz.

Imputando a Cristo os seus próprios pensamentos viciosos, que Cristo nunca sonhara conceber ou formular, sujaram a sua honra e a sua graça, cuja existência não podiam suportar. Lançavam desafios irónicos: «Tu, que querias destruir e reconstruir o templo em três dias, salva-te e desce da cruz» e «Ele, que salvou outros, é incapaz de se salvar a si mesmo».

Cristo nunca pretendeu salvar os outros. Os seus admiradores é que o inventaram.

Ele nunca disse que destruiria o templo. Disse, simplesmente, que o templo seria destruído, o que efectivamente aconteceu anos mais tarde. É como se acusassem um autor de ter provocado a Terceira Guerra Mundial, só porque a anunciara nos seus escritos.

Incitados pelos discípulos, eles esperaram, em segredo, que acontecesse o milagre pelo qual mais tarde o pregariam na cruz; no fim do das suas almas haviam efectivamente desejado que Cristo fosse o que ELES lhe sugeriam ser. A decepção foi imensa, pois Cristo não realizou nada disso. E assim, enquanto ele pendia na cruz, humilhavam-no com o seu sarcasmo: «Que Cristo, o Rei dos Judeus, desça da cruz, para que vejamos e acreditemos.»

Assim, eles sucumbiram a essa sede de milagres que por tanto tempo os alimentou; perseguiram e acusaram Cristo por aquilo que eles próprios haviam inventado; colocaram Cristo na cruz por causa dos seus horríveis sonhos de poder, de força, de taumaturgia, de curas de desenganados, porque esperavam que ele despejasse prazer nas suas entranhas e órgãos genitais mortos, sem que houvesse qualquer esforço da parte deles; porque esperavam que Cristo lhes trouxesse, à maneira de divertimento, o céu sobre a terra, que fizesse renascer o paraíso, onde o mel e o leite corressem em torrentes, onde seriam dispensados de pensar e de se preocupar, de cuidar dos doentes, de amar as crianças com o amor de Deus, de organizar as suas vidas, de cultivar os seus jardins, de recolher os frutos e de esperar pacientemente... Este é o PECADO.

Pobre alma de Jesus Cristo... Levado por um sentimento de confiança e de amor, ele caiu na armadilha que homens maus, vazios, cruéis, sem Deus, lhe tinham armado. Esses cadáveres vivos, nos quais brilhava uma última lembrança do paraíso perdido por eles próprios, exploraram a seu modo a agonia de Cristo. Viram mesmo a escuridão tombar sobre a Terra, da sexta até à nona hora do sofrimento de Cristo. E não deixaram de misturar a sua porcaria com a esperança em Cristo na cruz, diante dos seus olhos; não cessaram um minuto de sugar a alma generosa de Cristo para encher as suas carcaças ocas; agarraram-se aos últimos lampejos de esperança de terem pregado na cruz um *verdadeiro* Deus e um *verdadeiro* Messias.

Enfim, Cristo deu-se conta, quando os últimos sopros de ar penetravam nos seus pulmões, do que lhe havia acontecido, do pesadelo e do jogo indigno em que a sua vida inteira fora lançada por uma geração perdida, sem valores e sem Deus, de víboras e canalhas; ele sente que o seu próprio Deus o havia deixado e exclama na agonia:

«E'lo-i, E'lo-i, La'ma Sa-bach-tha'ni?»: «Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?»

Que pesadelo...

Durante milhares de anos, os descendentes dessas mesmas víboras, rodeando ou passando ao lado da cruz, estudarão, examinarão, digerirão, reproduzirão, parafrasearão, exorcizarão, embelezarão e enfeitarão a história de Cristo, mas o essencial passará sem que eles se apercebam, por entre os seus dedos e os seus cérebros, pois de outra forma eles próprios se enforcariam na árvore mais próxima.

ELES MATAM E ULTRAJAM CRISTO PARA VER SE, POR ACASO, NO FINAL, ELE SE REVELARÁ COMO O VERDADEIRO MESSIAS ENVIADO POR DEUS, CAPAZ DE SE SALVAR A SI MESMO.

Ouvindo as últimas palavras dele, desatinam: «Vejam, ele chama Elias», o profeta. Ele *não pode* falhar, ele não ousará falhar, ele não deve fazê-lo, sendo um Filho de Israel, santo e enviado por Deus.

Cristo não pode falhar. Eles são muito «sensíveis», muito «delicados», quando se trata dos seus próprios sonhos. Não podem ser deixados no vazio, abandonados à própria sorte. Mesmo durante esses últimos minutos de agonia. Cristo *tem de* fazer *alguma coisa* por eles, dar-lhes outra dose de esperança na existência de um Messias, de redentores, de homens santos, prontos a morrer pelos pecados deles, de mártires dispostos a sangrar até à morte para dar sentido às suas vidas estéreis. Cristo não lhes pode fazer isto. Não pode morrer simplesmente como todos os outros Filhos do Homem, assassinados antes dele por terem transgredido esta ou aquela lei. Ele não pode fazer isto, ele não ousará, o velhaco!

Eles não têm alma. Adoram para conseguir. O sentimento de amor deixou-os para sempre. Por isso, Cristo não lhes pode fazer isso. Tentam prolongar a vida dele para que se realizem os seus próprios sonhos odiosos. Um deles, levado pela ausência de piedade ou pelo desejo cruel de prolongar a agonia, embebe uma esponja em vinagre e estende-a a Cristo. Outros, mais de acordo com a sua maneira de ser, nem mesmo dão a aparência de piedade e dizem-lhe:

«ESPERA, VAMOS VER SE ELIAS VIRÁ PARA TE SALVAR...»

Mas Jesus Cristo dá um grito profundo e expira.

As feras continuam a injuriar Cristo após a sua morte. Inventam a história da cortina do templo que se rasga ao meio, de alto a baixo, no momento em que ele expira. É sempre possível que alguém, indignado com a sorte que reservaram a Cristo, tenha rasgado a cortina do templo para protestar assim contra o crime.

«E quando o centurião, que se encontrava na sua frente, percebeu que ele dera o último suspiro, disse: 'Realmente, este homem era filho de Deus.'» Porque é que tu, filho do Demónio, não viste isto antes, quando ainda era tempo de chamar o governador e salvar Cristo? Por isso, tu e a tua espécie morrerão nos campos de

batalha, em todo o mundo, em todos os tempos. O massacre não terá fim, e nunca cessareis de morrer pela vossa covardia diante da Vida moribunda que humilhastes.

Por todo o mal que fizestes à Vida viva e doce, vagueareis pelo mundo, dando palmadas nas costas dos vossos vizinhos porque tendes *medo* deles; tu e os da tua espécie freqüentarão as «reuniões mundanas», sacudidas por risos ocos, um copo de bebida na mão, para atenuar a dor das vossas almas; ajoelhareis nas igrejas e batereis no peito nas sinagogas; a única esperança que vos animará será o que forem conseguindo obter através de novos Cristos; perseguiréis a felicidade como cães, a língua seca e pendurada, babando, correndo na pista da falsa lebre que estará sempre um pouco mais à frente.

Arranjareis outros bodes expiatórios, crucificá-los-eis pelos vossos pecados, de que nunca vos livrareis, a menos que comeceis a compreender como e porquê o assassinato de Cristo continua através dos tempos. Não há outra saída, a não ser esta.

Chegará o dia em que cessareis de assassinar a VIDA. O Assassinato de Cristo terminará e uma noite profunda abater-se-á sobre toda a vossa existência passada.

Cristo conquistou-vos de uma maneira que nunca suspeitastes que fosse possível. Ele morreu, não para vos livrar dos pecados, mas para vos mostrar claramente o que sois na realidade. Pouco importa que tenha sido necessário tanto tempo para compreenderdes a verdadeira significação do Assassinato de Cristo que tentastes, com tanta tenacidade, esconder do espírito dos Homens.

A agonia de Cristo é a vossa agonia, tanto no plano activo como no passivo.

Estais suspensos na cruz, morrendo um milhão de vezes, inutilmente, para nada, roubados das vossas potencialidades e em todos os vossos sonhos de um destino mais nobre, mais puro.

Mais cedo ou mais tarde, tomareis consciência desta realidade e soltareis o mesmo grito do Cristo agonizante. Isso acontecerá, mais cedo ou mais tarde. E então cessareis de matar, de torturar, de talmudizar, de caluniar, de mentir, de fazer espionagem, de fazer política, de fingir que nada sabeis de tudo isto, inocentes filhos e filhas do demônio.

Vós carregais Cristo em vós, *e sabeis disso.* Talvez consigais escondê-lo, matá-lo em vós e nos vossos filhos durante algum tempo ainda. Mas acabareis por falar a linguagem de Cristo e estremeceréis aprendendo a viver o seu modo de Vida.

A vossa crença na *ressurreição* de Cristo é *verdadeira:* a Vida Viva permaneceu *inabalada,* caminhando pela terra, pura, sem pecados, sem que a sua alma tenha sofrido a mínima humilhação durante trinta e três anos, até que morreu na cruz. Mas como ela

era a Vida, não morreu realmente. A Vida não pode ser morta, nunca. Ela pendeu da cruz, sangrando por muitas chagas, mas é verdadeiramente invencível. Tendo expirado num corpo, ela reviverá noutro corpo. Verterá muitas vezes o seu sangue, através dos tempos, maltratada pela vida contrariada, dura, couraçada, que não sente a doçura nos membros e não suporta o olhar de um veado, numa pradaria ensolarada, sem alvejar, sem esfaquear, sem rebentar até à morte quem a faça lembrar do seu paraíso perdido. Mas, no final, a Vida ressurgirá e vencerá o demônio pecador e mau, que nada mais é do que a força Vital apodrecida no corpo.

Cristo, que é Vida no sentido verdadeiro, renasce em cada fibra, em cada célula de cada criança,, em cada geração, em cada nação da Terra, irrevogavelmente, irresistivelmente, devido à luxuria do teu ventre que será de novo, um dia, o *Amor de Deus.* E os homens sábios, com palavras inflamadas, ficarão atentos para expulsar o Inferno dos vossos miseráveis Zé-Ninguém para longe do vosso paraíso.

PRECE

OH, VIDA ETERNA...
COM O SER DAS ESTRELAS,
RECUSAI A VOSSA PIEDADE AOS VOSSOS ASSASSINOS...
ENVIAI O VOSSO AMOR AOS RECÉM-NASCIDOS
DO HOMEM, DOS ANIMAIS E DAS PLANTAS...
LEVAI O HOMEM DE VOLTA AOS VOSSOS JARDINS TRANQÜILOS.
DEIXAI, VIDA, A VOSSA GRAÇA
CAIR UMA VEZ MAIS SOBRE AS ALMAS ABANDONADAS...
ESTABELECEI O VOSSO REINADO SUPREMO.

Fim

SOBRE AS LEIS NECESSÁRIAS

A PROTECÇÃO DA VIDA NOS RECÉM-NASCIDOS E A VERDADE

Um exame cuidadoso no campo da patologia social revela o facto de que não existem leis nos Estados Unidos que possam proteger directamente a verdade factual contra a mentira e a agressão dissimuladas, motivadas por interesses irracionais. *Actualmente, a verdade encontra-se à mercê do acaso. Ela depende inteiramente de que um, agente da lei seja pessoalmente honesto ou desonesto, emocionalmente racional ou irracional e subjectivamente a favor ou contra as funções concretas. Agir como um pioneiro em campos* novos do *esforço humano é muito difícil, uma vez que, em qualquer sector da sociedade, um indivíduo emocionalmente doente pode, impunemente, destruir o trabalho ou o conhecimento de que não goste, uma vez que a verdade não está em condições de se defender contra o ataque dissimulado. É óbvio que o futuro dos Estados Unidos e do mundo depende, em grande parte, de que uma educação racional dos recém-nascidos de cada geração os capacite a assumirem decisões racionais quando adultos. (Ver Wilhelm Reich,* Children of the Future, OEB, *Outubro de 1951. De facto, até agora não existem quaisquer leis que protejam os recém-nascidos contra danos infligidos por mães emocionalmente doentes e outros indivíduos insanos. Contudo, existem muitas leis antigas que há muito se tornaram obsoletas, devido ao progresso na compreensão da biologia humana, e que ameaçam de extinção os educadores progressistas, se estes transgredirem* tecnicamente *tais leis antigas. Esses factos, ao lado da actuação de indivíduos emocionalmente doentes na cena social, bloqueiam o progresso e a pesquisa de novos recursos na medicina e na educação. Ainda que as leis que visam o bem-estar do povo em geral não possam nunca realizar mudanças concretas, as leis afirmativas da vida podem* proteger *aqueles Que se "empenham, na prática, na melhoria do destino da humanidade. Portanto,* duas leis *deveriam ser estudadas e formuladas por legislaturas, instituições de ensino e fundações cujo trabalho esteja primordialmente dedicado a assegurar o bem-estar e a felicidade ao homem: uma para proteger a* VIDA NOS RECÉM-NASCIDOS, e *uma outra para proteger a* VERDADE *contra ataques dissimulados (fora da esfera das leis de libelo, que não são adequadas a este propósito).*

Exemplificando: a investigação verdadeira e completa sobre a vida amorosa natural das crianças e adolescentes, uma das tarefas mais cruciais para a higiene mental da sociedade actual, é restringida e torna-se impotente pelo simples facto de

que qualquer indivíduo biopata, que tenha sido deformado emocionalmente na infância ou na adolescência através da frustração das suas necessidades de amor, está em condições de apresentar queixa a uma procuradoria-geral, alegando que aqueles que investigam a questão da vida amorosa na infância e na adolescência e fazem algumas sugestões para a sua solução estão a cometer um crime, o crime de «sedução de menores». Caso o procurador concorde emocionalmente com o queixoso, a investigação do facto fica completamente à mercê do acaso. De acordo com uma experiência rica em situações reais, não há nada previsto nos livros estatutários quanto a processar o indivíduo biopata, com base em que a sua motivação não é a busca da verdade ou a de ajudar as crianças e adolescentes, mas somente a do ódio a tais procedimentos científicos. A motivação para uma acusação deveria sempre ser levada em consideração, exactamente como se leva em consideração o mobil do assassinato.

Este exemplo basta para ilustrar a situação. Os arquivos do Instituto Orgone contêm provas factuais suficientes para demonstrar que, de facto, a situação é muito má onde quer que os esforços pioneiros se encontrem oprimidos pela luta, certamente desesperada, contra tal irracionalismo, além das dificuldades concretas já envolvidas no trabalho pioneiro.

(Este é o texto de uma proposta submetida ao Congresso dos Estados Unidos em Novembro de 1952 pela FUNDAÇÃO WILHELM REICH.)

Apêndice

A ARMA DA VERDADE

A lição *de O ASSASSINATO DE CRISTO aplicada*

à Cena Social do Período Americano (1940-1952)

O SIGNIFICADO BIOENERGÉTICO DA VERDADE

A verdade é o contacto pleno, imediato, entre a Vida que conhece e a Vida que é percebida. A experiência da verdade é tanto mais plena quanto melhor for o contacto. A verdade é tanto mais abrangente quanto mais bem coordenadas forem as funções da percepção viva. E a percepção viva é coordenada em função da coordenação do movimento do protoplasma vivo. *Assim, a verdade é uma função natural na interacção entre o Vivo e aquilo que é vivido.*

A verdade não é, basicamente, um ideal ético, como muitos acreditam. Tomou-se um ideal ético com a perda do «paraíso», isto é, a perda do pleno funcionamento do Vivo no Homem. Então a verdade foi suprimida, e apareceu enquanto imagem ideal no espelho da busca da verdade. A verdade também não é algo por que se deva lutar. Não nos esforçamos por fazer o coração bater ou por mover as pernas, e, pela mesma razão, não «lutamos» pela verdade nem a procuramos. A verdade está em nós e actua da mesma forma que o coração ou os olhos agem, bem ou mal, de acordo com o estado do nosso organismo.

O Vivo, na sua constante interacção com o ambiente, *vive* plenamente a verdade desde que em contacto com as suas próprias necessidades ou, o que significa a mesma coisa, com a influência do ambiente para satisfazer as necessidades naturais. O homem da caverna, a fim de sobreviver, tinha de conhecer os hábitos dos animais selvagens, isto é, tinha de conhecer a verdade sobre o modo de viver e agir deles. O aviador moderno, a fim de chegar em segurança ao seu destino, deve estar em pleno contacto com, e plenamente reactivo a cada golpe de vento, à mais leve mudança no equilíbrio do seu avião, à clareza dos seus próprios sentidos e aos movimentos do seu corpo. Ele voa verdadeiramente. A mais leve confusão na sua reacção sensorial ao ambiente interior e exterior matá-lo-ia. Assim, ele vive verdadeiramente quando controla os elementos e sobrevive. Ele não «procura» ou «luta» pela verdade enquanto voa.

A verdade é, portanto, uma função natural, da mesma forma que andar, correr ou caçar o urso para o esquimó, ou encontrar o rasto do inimigo para o índio. Do ponto de vista da totalidade do funcionamento natural, ela é uma parte integrante do organismo e depende tanto da integridade quanto da integração de todos os sentidos. *O primeiro sentido,* ORGONÓTICO, *deve estar intacto. A verdade, seja* em que domínio da vida for ou seja qual for o seu âmbito, *é,* desta forma, um instrumento do Vivo, alinhada com todos os outros instrumentos que são dados ou moldados pelos sentidos e pela motilidade organísmica. O uso da arma da verdade é, portanto, o uso do contacto mais

pleno possível com todas as situações da vida; o sentir, o conhecer, o contactar e o deixar-se influenciar por tudo, dentro e fora. Portanto, a verdade é uma função mais aparentada ao crescimento, uma vez que o desenvolvimento *é* uma reacção de expansão e variação em relação a diversos estímulos externos e internos. Só o organismo verdadeiro pode crescer através da experiência, e o organismo que não pode crescer não é verdadeiro, isto é, não está de acordo com as suas próprias necessidades bioenergéticas. Permanece instalado no lugar.

Há certas verdades que são dadas *a priori* pelos sentidos e o organismo que não pode crescer não é verdadeiro, isto é, uma dessas verdades auto-evidentes por si mesmas. Que o Amor é a fusão de dois organismos, é outra dessas verdades, auto-evidente pela sensação de anseio por fundir-se, fusão efectiva e perca da identidade individual circunscrita, durante o abraço. Que existe alguma coisa muito viva e emocionalmente animante, vibrante é doadora de vida na atmosfera ao nosso redor, é uma outra dessas verdades auto-evidentes, e não importa que se lhe chame Deus, Espírito Universal, Grande Pai, Reino dos Céus ou Energia Orgone. Essa experiência é comum a todos os homens, e é indelével. É muito mais antiga e persistente do que qualquer outra percepção menos englobante. Observe uma *cocker spaniel* a cuidar dos seus filhotes e saberá o que se quer dizer aqui por *verdade naturalmente dada.* A verdade não é algo a ser aprendido ou comunicado ao organismo. Ela é inata, como uma função crucial dentro do organismo, e desenvolve-se enquanto o organismo mantém o seu funcionamento unitário, isto é, a sua plena sensibilidade orgonótica.

Com a perda do paraíso, isto é, com a perca da Vida viva, com a exclusão das funções cruciais dos sentidos do homem, tais como a do abraço genital de acordo com as necessidades naturais, o «PESQUISADOR DA VERDADE» irrompe neste mundo da humanidade devastada. O que é chamado «Pecado» pelo mundo cristão, «Sabotagem» pelos Fascistas Vermelhos, «Ignorância» pelo cientista, é a expressão da perca do contacto orgonótico pleno com a própria vida; conseqüentemente, tiveram de desenvolver-se *contados substitutos, falsos, inadequados* para manter a Vida, como se esta estivesse sobre muletas. (Sobre «ausência de contacto», ver CHARACTER ANALYSIS, 3.ª edição, 1948.) Assim surgiu a peste. Com o pecado apareceu o profeta; com a doença, o xamã. E entre eles houve raramente, muito raramente, um Cristo que tenha ousado tocar plenamente a realidade, sem restrição, ainda limitado pelas barreiras do seu tempo, da sua cultura ou dos costumes do seu povo.

Para a compreensão da peste emocional, é muito importante notar que a busca da verdade se torna tanto mais artificial e fútil quanto mais próximo estiver das emoções genitais da humanidade. Cristo tocou exactamente no facto de que o homem está a

perder a Vida viva dentro de si mesmo − o que, em última instância, é a perca do seu funcionamento genital em troca da foda seca, vazia, frustrante, forçando-se desesperadamente em direcção ao paraíso perdido − e, por isso, a sua verdade era profunda, de dimensões cósmicas, e conquistou uma grande parte do mundo. Por isso, sofreu também a *pior* de todas as distorções, a distorção centrada no «Pecado da Carne». No acto de buscar a verdade, ao invés de viver a verdade, a EVASÃO DA VERDADE tornou-se a companheira inseparável da busca da verdade. Desde então, prevaleceu a evasão da verdade e não a busca da verdade.

Isto é facilmente compreensível. A verdade, como manifestação do mais pleno contacto da Vida consigo mesma e com o seu ambiente, está indissoluvelmente ligada à economia da energia Vital. A Verdade, se vivida plenamente, suscita as mais profundas emoções, elevando o impulso pelo abraço genital. *Quando o núcleo da libertação de energia do Vivo é excluído e ostracizado pelos homens, a verdade precisa também de ser evitada.* Cada movimento em direcção à verdade aproximou inevitavelmente o homem da função perdida. Não é, portanto, para admirar que cada explorador da verdade fosse acusado de «imoralidade», em todos os tempos e em todas as culturas baseadas na supressão genital, e que a mente reaccionaria sempre tivesse combatido a verdade como o caminho do diabo em direcção à «imoralidade».

Quanto mais a genitalidade é excluída dos sentidos e actividades do homem, quanto mais cerrada é a luta contra a verdade, mais completa é a transformação de uma verdade *biológica* numa «verdade» *mística.* A religião cristã é uma religião *mistificadora* do Vivo, dirigida contra a própria realidade do que ela representa e adora como um ideal. Todas as virtudes *reais* da natureza reaparecem como virtudes *ideais,* pelas quais se deve lutar. Surge assim a dicotomia entre o diabo, que é um Deus pervertido, e o domínio da ética.

A EVASÃO DA VERDADE, tão característica do homem que perdeu o paraíso, isto é, que perdeu o sentimento de Deus no seu corpo, tem, conseqüentemente, a sua bem justificada *raison d'être.* A verdade, sob as condições da supressão plena das leis da Vida, desenvolve exactamente aquelas emoções que perturbariam a maneira de viver comum que se tornou crucial à existência do homem *couraçado.* A verdade, penetrando até ao núcleo 'da miséria do homem, *bloquearia* as alegrias que ele se habituou a obter na sua vida substitutiva: "os pequenos casos secretos de amor, as feriazinhas de duas semanas, a alegriazinha de ouvir a rádio, a extravaganciazinha. Ela perturbaria seriamente os ajustamentos *necessários* ao difícil modo de vida da sociedade moderna. Deixe um índio americano, um esquimó do Norte ou mesmo um camponês chinês viver em pleno gozo das mais avançadas conquistas técnicas da civilização, e eles ficarão

desamparados no seu modo usual de vida. Essas são coisas banais. O que se quer aqui dizer, essencialmente, é que a perturbada estrutura de carácter do homem contemporâneo tem o seu significado e função *racionais* que não podem ser simplesmente abandonados, como os vendedores ambulantes da liberdade, em todas as nações, advogariam que se fizesse. Eles ignoram o que significa a «adaptação». Não conseguiriam controlar nem um simples colapso nervoso provocado pela incapacidade de agir efectivamente de acordo com os sonhos.

Mesmo o sonho do paraíso, seja qual for a forma em que apareça, é racional e necessário. Dentro de uma realidade conturbada, ele enche o coração com uma lembrança do antigo brilho da Vida, como uma garota *pin-up* que estimula a coragem do soldado na linha de fogo. É verdade que a *pin-up* funciona como uma tortura contínua, mas também ajuda a alimentar o sonho da vida.

Tudo isso nos diz que, embora a verdade seja crucial e a única arma capaz de desarmar a peste, ela provavelmente não pode ser comandada, injectada, ensinada ou imposta a ninguém que não a tenha cultivado no seu organismo desde muito cedo. A VERDADE ESTÁ A SER EVITADA PORQUE É INSUSTENTÁVEL E PERIGOSA AO ORGANISMO INCAPAZ DE A USAR.

A verdade significa o contacto pleno e simultâneo consigo mesmo e com o ambiente. A verdade significa conhecer o nosso caminho como distinto do caminho dos outros. Impor ao próximo a verdade que ele não pode viver significa estimular emoções que lhe são impossíveis de suportar; significa pôr a sua existência em perigo: significa retirar o equilíbrio de um modo de vida bem estabelecido, ainda que desastroso.

A verdade não é o que o prostituto político russo acha que ela tem de ser: um instrumento de poder, a ser alterado sempre que se queira. Não podemos mudar a verdade, como não podemos mudar a nossa própria estrutura básica de carácter.

Isso deve ser constantemente lembrado como uma protecção contra os profetas que vêem a luz, é verdade, mas não sabem como possibilitar que os seus companheiros a usufruam em paz e plenamente. Isso, por sua vez, leva a advogar o diabo.

Existe, no entanto, uma base irracional na perseguição da verdade que não pode ser ignorada se a vida verdadeira tiver eventualmente de prevalecer. É como se a verdade se voltasse criticamente contra si mesma. Se ela tem sido perseguida através dos tempos, isso tem uma razão verdadeira, e deve haver um bom motivo para isso. Houve uma boa razão para a ascensão do fascismo de ambos os tipos, negro e vermelho: o *fascismo despertou um mundo adormecido para as realidades da estrutura de carácter irracional, mística, dos povos do mundo.* A explicação da influência maléfica do fascismo do século xx sobre as massas asiáticas é uma advertência séria sobre os danos

que a transformação mística da Vida viva tem provocado em biliões de seres humanos através dos tempos. Tais funções racionais, dentro do terrível irracional, são uma parte da Vida viva, e o organismo verdadeiro tomará consciência disso. Se não concordamos exactamente com o mandamento de amar o nosso próprio inimigo, podemos prontamente concordar que «Ama o teu Inimigo» significa *«Compreende* os motivos do teu Inimigo». Antes da ascensão de Hitler ao reino do terror, nem um único político proeminente na Alemanha tinha realmente estudado o evangelho de Hitler. Assim, limitaram-se a tagarelar, dizendo que ele era um «lacaio da burguesia». *Conhecer o racional no profundamente irracional é a marca do vivo verdadeiro,* isto *é,* da percepção plenamente viva das condições da nossa própria vida. Somente pela estúpida hipocrisia que traz dentro de um saco vazio, consegue o vendilhão da liberdade achar-se plenamente perfeito e o inimigo plenamente mau, Há um motivo racional nos piores acontecimentos. A grave situação na qual se encontra hoje a juventude, a tão falada delinqüência juvenil, significa que, em sessenta por cento dos casos, a realização do abraço natural se dá nas circunstâncias mais devastadoras, tanto interna como externamente − esta situação é, na verdade, uma advertência, dirigida a um mundo instalado no imobilismo, sobre as leis da Vida viva dentro de um organismo em maturação. E essa voz não cessará de gritar, até que o mundo abandone o seu. imobilismo e comece a mover-se para diante.

A evasão da verdade no que toca à situação dos adolescentes *é racional* da parte dos órgãos educacionais e médicos que suportam grandes responsabilidades; *'não saberiam como* começar a actuar, *que* fazer, *onde* actuar num simples caso de miséria da adolescência. Devido à sua evasão crónica e à contínua deturpação do problema, perderam a capacidade de aprender a saber como agir. As velhas leis não são adequadas. Jamais o foram. A polícia não é o agente adequado para lidar com a miséria dos jovens, excepto em casos de crime aberto contra a vida e a segurança. Os médicos formados em escolas médicas que se esquivam completamente ao assunto («NUNCA TOQUE NISSO») OU aderem a conceitos velhos, erróneos, fora de moda, determinados por pais e educadores velhos, fora de moda, secos e sem vida, não podem, provavelmente, assumir a responsabilidade ou fazer o que quer que seja. Os educadores encontram-se numa situação semelhante. Portanto, a peste mantém-se a si mesma. A evasão do problema toma-se racional, de uma forma péssima. E proclamar toda a verdade sobre a peste, sem a preparação para o seu extermínio efectivo, seria igualmente criminoso. Milhões de adolescentes, sem pais que compreendam a sua situação, sem apoio público, sem amparo de qualquer espécie e, além disso, com uma estrutura frustrada e mentes doentias, nada poderiam fazer se conhecessem a verdade

sobre as suas vidas?

O conhecedor da miséria da adolescência barra o caminho ao vendedor ambulante da liberdade. Este negoceia a «liberdade sexual» para os adolescentes como costumava negociar «pão e liberdade», sem a menor ideia de como o *pão e* a liberdade deviam ser obtidos; assim, da maneira mais perigosa, ele venderia − como realmente *fez* por algum tempo, até que foi detido − «liberdade sexual para a juventude». Não é possível nenhuma solução de qualquer problema social maior sem o apoio pleno do público e sem o conhecimento pleno do que está em questão. Devemos, por todos os meios, cortar pela raiz o florescimento de uma nova estirpe de injúria social, o *Vendedor Ambulante da Verdade.* Ele provocará mais dano do que qualquer mentira jamais provocou.

A solução do problema da adolescência e, com ele, da delinqüência juvenil exige:

Uma transformação total nas questões de convivência extramarital entre rapazes e raparigas, para que esta seja assegurada por lei.

Cooperação plena dos pais, baseada numa compreensão racional, médica, da adolescência.

Uma educação das crianças, *desde a infância,* que assegure uma estrutura de carácter que possa suportar os golpes duros de uma vida rica, e que seja capaz de adaptação plena às leis da bioenergia.

Apoio total por parte da administração social.

Habitação para a população, levando em conta a necessidade de privacidade para os adolescentes.

Número suficiente de educadores e médicos, *eles próprios saudáveis,* que estejam disponíveis para emergências. Isso exigirá o pleno reconhecimento público da evasão da verdade por parte dos psicanalistas que hoje ajudam a formar a opinião pública sobre a sanidade mental.

Uma revisão completa das nossas antigas leis relativas à violação e sedução de menores, para se estabelecer uma distinção entre *amor na adolescência* e *sedução* realmente criminosa.

Adopção plena da biologia humana (no sentido *orgonómico)* como matéria nas escolas.

Protecção adequada contra a peste emocional, que poderia causar, e certamente causaria, danos nefastos aos jovens que vivem felizes.

E muitas outras questões sérias que seriam levantadas oportunamente.

Tudo isso é desconhecido e, se conhecido, inacessível ao *vendilhão da liberdade*.

Será igualmente inacessível ao *vendilhão da verdade.* O seu único interesse é arrebanhar a juventude para as suas organizações por meio da exploração política da miséria sexual da juventude. N"o futuro, os vendilhões da liberdade iniciarão, como tão freqüentemente fizeram no passado, movimentos de juventude e mais tarde trairão o próprio núcleo da vida dos adolescentes, tornando-se mais reaccionarios do que o velho e bom conservador, uma vez que prometeram mais do que eventualmente poderiam cumprir. Cuidado com o vendilhão da liberdade em questões de amor e Vida. Ele não leva a sério o que diz. Nada sabe sobre a Vida e os obstáculos no seu caminho. Transforma todas as realidades em formalidades e todos os problemas práticos da Vida viva em idéias sobre um paraíso futuro da humanidade. Desta forma, lança-se a si próprio e, se levado ao poder pelas massas iludidas, lança toda a população na extrema miséria.

O vendilhão da liberdade elabora, a partir de questões verdadeiras, 'uma isca para atrair o povo a uma armadilha. A verdade para ele *é* um «ideal», e não um *modo* diário de fazer as coisas. Ele acredita que defende a verdade, desde que seja correcto. O conservador que, a partir de um conhecimento instintivo das grandes dificuldades ligadas à busca da verdade, defende o *statu quo* na vida social, é muito mais honesto. Ao menos, tem uma possibilidade de continuar decente. O vendilhão da liberdade, se deseja continuar o seu caminho, *tem de* vender a alma ao diabo.

A verdade deveria ser usada cautelosamente contra o *medo* da verdade *que é justificado* por condições reais. A verdade não pode ser usada como um instrumento sem infligir dor, freqüentemente dor violenta; mas ela também não pode ser usada como uma droga medicinal. É uma parte integrante do caminho futuro da vida, e *tem de crescer orgánicamente nos sentidos e movimentos primários das nossas crianças, desde a infância.* E isso exige protecção social e legal que nenhum vendedor ambulante da liberdade ou da verdade está disposto ou é capaz de dar.

Toda a verdade, como *um modo de viver,* exige uma oportunidade para se expressar livremente. Ela então crescerá pelos seus próprios meios. Ela só precisa de uma oportunidade igual à que se dá à mentira, à intriga, à maldade e ao assassinato da Vida.

Isto é pedir muito?

A verdade só poderá ser usada como uma arma contra o Assassinato de Cristo, se tiver crescido correctamente, como uma árvore, ramificando-se como um carvalho na floresta.

Um corpo que mente através do seu próprio movimento, uma alma que mente no modo como se expressa − não conseguindo agir de outra maneira −, não pode ter a

verdade implantada ou injectada nas suas veias. A verdade tomar-se-á, em tais embalagens, uma mentira muito pior do que a mentira simples desenvolvida para a protecção do remanescente do próprio Eu. Tal verdade, injectada e transformada numa mentira, seria um terrível assassinato. Teria de *provar* continuamente que NÃO é uma mentira, que é VERDADE *per se,* que *não* acreditar que ela é a própria essência da verdade é um sacrilégio contra o fumo sagrado da Igreja ou o Estado, contra o patrão ou a directora, contra o governante ou a nação, contra isto ou aquilo. Ouça a proclamação das «verdadeiras verdades bolchevistas» e saberá imediatamente qual é a aparência da verdade e como ela age, injectada em corpos distorcidos e transformada em mentiras.

Portanto, cuidado com o vendilhão da liberdade, aquele que vende verdades como quem vende atacadores no mercado. Ele é pior do que um ladrão de cavalos. O ladrão de cavalos não promete o céu sobre a terra; apenas rouba os cavalos. O ladrão de cavalos *é* enforcado numa corda pendurada numa árvore, mas o vendilhão da liberdade continua livre.

O vendilhão da liberdade recusa-se a compreender as razões pelas quais tem havido tanta mentira no mundo por tanto tempo e em tantas pessoas.

Aprendamos a reconhecer o vendilhão da liberdade pela sua rectidão, pela sua vigorosa verticalidade, pelo seu dedo em riste como o bastão correctivo do professor; aprendamos a conhecê-lo pelos seus olhos cruelmente brilhantes e a sua voz irritante, pela sua boca rígida e o seu dogmatismo inumano na busca do impossível.

A verdade que cresceu orgánicamente num corpo verdadeiro é uma verdade que combate a falsa verdade desenvolvida em mentes rígidas que negam a realidade da natureza e as suas manifestações. A seiva da vida foi-se do seu sangue. Essas mentes acreditam que a verdade é o que se segue logicamente de uma determinada premissa. A verdade é o que se nos revela, antes de tudo, porque a verdade é tão rara e tão difícil de ser obtida e porque existem impostores da verdade que renegam a realidade da nossa existência.

O sistema de um lunático não *è* verdadeiro embora ele derive logicamente das suas premissas. Contudo, há *sempre* uma ponta de verdade em tudo o que é proclamado pelos homens.

O povo evita a verdade, porque a primeira parcela de verdade expressada e vivida colocaria mais verdade em acção, e assim por diante, indefinidamente. Isso afastaria a maior parte das pessoas dos trilhos costumeiros das suas vidas. Mas as pessoas sabem, basicamente, o que é verdadeiro e o que não é, mesmo que, freqüentemente, prestem auxílio à mentira. Apóiam a mentira porque a mentira se tomou numa muleta sem a

qual a vida não seria possível. É por isso que, entre as pessoas, a verdade, e não a mentira, é suspeita de falsidade.

A partir da mentira na vida quotidiana, as pessoas desenvolveram uma técnica para conhecer a mentira e reconciliar-se com ela, viver com ela, por assim dizer. Usar a verdade contra essa mentira colocaria o viajante para lá da muralha da comunidade humana.

Não é uma questão de «proclamar a verdade», mas de *viver a verdade à frente do próximo.* E isso *é* possível, mas somente se a verdade for uma verdade *autêntica,* e não uma verdade confeccionada, cozinhada, proposta ou propagada. A verdade deve ser um pedaço do teu Eu, como o é a tua perna, o teu cérebro ou o teu fígado. De outra forma, não tentes viver uma verdade que não *é* aparentada com o teu ser total. Ela converter-se-á imediatamente numa mentira, e numa mentira ainda pior do que a mentira que cresceu orgânicamente nos substitutos da vida social.

E esta é a verdadeira dificuldade em penetrar a verdade do que se vive. Corres o perigo de ser uma voz no deserto, se pregares a verdade. *Não pregues a verdade.* Mostra às pessoas, através do exemplo, como encontrar o caminho para os *seus próprios* meios de viver verdadeiramente. Que as pessoas vivam as *suas próprias* verdades, e *não* a tua verdade. O que é verdade orgânica para um não é absolutamente verdade para outro homem ou mulher. Não há nenhuma verdade absoluta, como não há duas faces iguais. E entretanto existem funções básicas na natureza que são comuns a toda a verdade. Mas a expressão individual varia de corpo para corpo, de alma para alma. É verdade que todas as árvores têm raízes no solo. Mas a árvore A não poderia usar as raízes da árvore B para tirar alimento do solo, uma vez que não são as suas raízes. Manter o especial no comum, a variação na regra, é a essência da sabedoria. A variação divorciada do comum, a diversidade, é o caminho do vendilhão da liberdade na sua juventude. O caminho do comum e a regra ditatorial para todos é o caminho do vendilhão da liberdade *quando a juventude o tiver abandonado.*

O mundo está dividido entre um e outro. A isto chama-se actualmente «individualismo» e «estatismo», e receberá ainda muitos outros nomes antes de desaparecer da face da Terra. As crianças que viverão as leis da Vida, tal como estas funcionam nas árvores de uma floresta ou nos pássaros, ou no milho dos campos, ainda não nasceram.

A venda da liberdade rouba à verdade a sua oportunidade de provar-se, de afiar os seus instrumentos, de estruturar a sua conduta, de conhecer o seu inimigo, de lidar com a dificuldade, de persistir no perigo, de aprender onde é que ela se pode converter numa mentira pior do que a mentira original. Portanto, não se pode ensinar nenhuma regra de

como usar a arma da verdade, como muitos leitores podem ter esperado destas páginas. É novamente um sinal da mistificação de Cristo o facto de que as regras de conduta comuns a *todos* sejam esperadas de *um outro* profeta. Isto é fugir da dificuldade em encontrar a nossa própria verdade específica, dentro do nosso Eu específico, adequada a nós, e a ninguém mais.

Há somente *uma* regra comum válida para encontrar a verdade específica, válida para ti. Consiste em aprender a ouvir pacientemente em ti mesmo, dar a ti mesmo uma possibilidade de encontrar o teu próprio caminho, que é teu e de ninguém mais. Isto não leva ao caos e ao anarquismo selvagem mas, em ultima instância, ao reino onde *a verdade comum a todos* está enraizada. Os caminhos de acesso são múltiplos e nenhum é igual a outro. A fonte donde a seiva da verdade flui é comum a todos os seres vivos, para além do animal homem. Isto tem de ser assim, porque toda a verdade é uma função da Vida viva, e a Vida viva é basicamente a mesma pulsação em tudo quanto se move. Portanto, as verdades básicas em todos os ensinamentos da humanidade assemelham-se e conduzem somente a uma coisa comum: *encontrar o teu caminho para aquilo que sentes quando amas carinhosamente, quando crias, quando construís a tua casa, quando dás ü luz os teus filhos ou quando olhas para as estrelas à noite.*

Conseqüentemente, foi comum a todos os sábios que conheceram a verdade ou que a procuravam na expressão dos olhos e no significado do movimento vivo dos rostos. É triste mas verdadeiro que o grande palhaço no circo tenha essa expressão por detrás da máscara. Ele tocou em grandes verdades. É exactamente o oposto do alarido de uma multidão atirando pedras a vitrinas. Está longe do risinho de uma rapariga coquete que atrai os homens para descobrir, reiteradamente, que um homem poderia ser perigoso para ela. É o contrário das feições de um carrasco ou da expressão no rosto de um libertador dos povos, seco, cruel, habilidoso, furtivo, oculto, impiedoso, sem escrúpulos. *Conhece os rostos dos falsos libertadores.* Aprende a vê-los onde quer que se levantem, potencias ou maduros. Aprende a conhecer o oportunista esperto que não consegue olhar nos olhos. E saberás, por comparação, com que se parece a verdade.

A verdade não conhece linhas partidárias, nem fronteiras, nem a diferença dos sexos, de idades ou de língua. É o modo de ser comum a todos, e potencialmente pronto a agir em todos. Esta é a grande esperança.

Mas a verdade está presente apenas *potencialmente;* ainda não esta pronta a agir, como a semente no campo está apenas potencialmente presente para produzir o pão no fruto. A seca e a geada podem detê-la no ponto em que está, impedindo-a de produzir frutos.

A peste emocional é a geada e a seca que impedem que a semente da verdade

produza o fruto. A peste reina onde não é possível que a verdade viva. O olhar, portanto, deveria focalizar-se primeiramente na peste, e não na verdade, na prevenção da seca e da geada, mais do que naquilo que o rebento fará ou poderá fazer. O rebento saberá dos seus caminhos para o Sol doador de Vida. É a peste que mata o movimento do rebento e, portanto, isso exige toda a nossa atenção. Não é a aprendizagem do andar da criança, mas a pedra ou o precipício no seu caminho que devem ser observados. Uma parte da tragédia do homem é ele não ver o precipício e acreditar num andar perfeito, pronto, da criança, ao invés de remover o obstáculo do caminho da verdade em crescimento.

É assim que a verdade deveria ser usada.

VERDADE E CONTRAVERDADE

Usar a verdade como uma arma implica não só dizer o que se encontrou como verdadeiro, mas também, e em primeiro lugar, saber porque é que esta verdade particular *não* foi encontrada ou mencionada antes. Poderia ter sido por falta de conhecimento técnico ou científico; também poderia ter sido porque tal verdade teria posto em perigo uma importante formação institucional ou estrutural. Portanto, antes de proclamar a verdade, dever-se-ia conhecer o *obstáculo* a esta verdade. De outra forma, a evasão desta verdade será neutralizada através dos vendedores ambulantes da liberdade, isto é, pela proclamação da verdade como salvação. E é exactamente isto que é muito pior do que a mentira institucional para o estabelecimento da vida verdadeira.

A servidão humana está sempre pronta a estabelecer uma mentira institucional. Uma família é mantida unida pela servidão humana, que em muitos casos repousa numa mentira institucional. A consideração pelas crianças pode evitar a franqueza em questões sexuais, que subverteria a instituição viva. Dizer a verdade e estabelecer a vida verdadeira implica arriscar a amizade e a servidão humana. A verdade e a servidão humana estão ambas enraizadas em necessidades vitais. Portanto, se a servidão humana obstrui a verdade, não é possível nenhuma decisão sobre qual delas seguir, a menos que se conheça exactamente a *outra verdade,* a *«contraverdades,* que mantém a mentira institucional. Assim, uma verdade deve ser pesada ao lado de outra verdade: *Qual é,* NESTE MOMENTO, *mais crucial?* E, na longa caminhada da maioria dos seres humanos vivos, qual é mais importante?

Se a verdade envolver o risco de destruir a instituição de determinada família, sem qualquer benefício específico para os aspectos mais amplos das inter-relações humanas,

a contraverdade deve prevalecer e a verdade deve recuar ou esperar até que ganhe validade geral e prática. Neste último caso, a contraverdade deve recuar. Se pudermos salvar as vidas de mil crianças arriscando a segurança familiar de duas ou três, numa família baseada na mentira institucional, o interesse pelas mil crianças supera o interesse pelas duas ou três. Mas, se o facto de arriscarmos a segurança de duas ou três crianças não ajudar as outras crianças, não há nenhum sentido em proclamar uma verdade «em princípio».

Ao usar a verdade como uma arma contra a peste, devem ser bem consideradas as relações da verdade *do ponto de vista dos princípios* com a verdade *em particular.* É basicamente e em princípio verdadeiro que o problema da genitalidade adolescente, e com ele o flagelo do que se chama *«delinqüência juvenil»,* não pode jamais ser resolvido sem o estabelecimento de uma vida amorosa plena, gratificante e serena para todos os adolescentes. Devemos, pois, aderir a esta verdade, basicamente e em qualquer circunstância, se quisermos assegurar a solução em grande escala do problema da juventude como um todo. Contudo, trata-se de considerar em cada caso particular a *contraverdade* que nos poderá dizer que, num certo grupo ou numa determinada situação, a aplicação da verdade básica seria desastrosa. O grupo de adolescentes em questão pode não estar socialmente ou estruturalmente pronto para viver esta verdade, ou o seu ambiente poderá reagir de um modo mais perigoso do que a carência que já está envolvida na situação actual. Noutros casos, a verdade particular poderá estar de acordo com a verdade básica; não haverá então dificuldade, como, por exemplo, no caso de a escola e o lar estarem de acordo quanto à solução básica do problema da adolescência.

Quando as pessoas, como tantas vezes são propensas a fazer, colocam as suas inter-relações sociais bem à frente da básica do viver verdadeiro, que é inseparável do pôr em risco as amizades, a verdade deve ser sempre pesada ao lado da contraverdade. Essas pessoas resistem agora à verdade porque necessitam da contraverdade. Ou será porque elas são covardes, têm medo dos vizinhos e amigos e continuam a acariciá-los como a animais selvagens, a fim de acalmar a sua ira para que esta não irrompa? Em tais casos, a busca da verdade é clara: tratando-se de questões de verdade válidas para vastos domínios básicos, não se admite a tal apaziguação maligna dos animais, quando se tem por tarefa levar por diante a verdade salvadora. Isso aplica-se a qualquer psiquiatra que esteja encarregado de um centro de higiene mental, ou a um grupo de trabalhadores sociais encarregados de cuidar de um sector da cidade onde a miséria juvenil predomina em larga escala.

Se alguém consente em dar palmadinhas nas costas para se pôr a salvo do

embaraço de fazer inimigos na busca da verdade, esse alguém é um covarde puro e simples, e não serve para a tarefa. Neste caso, esse trabalhador específico está interessado apenas na sua própria segurança e não se importa com o que acontece às pessoas que estão sob os seus cuidados. É melhor que ele seja afastado do seu emprego, caso este exija espírito pioneiro e coragem, tanto como habilidade em lidar com a peste.

Contudo, se um trabalhador social tem apenas como função proporcionar às famílias condições elementares de vida, tais como moradias ou empregos, coisas que usualmente não acarretam qualquer obstáculo por parte da peste, não deveria pôr em risco a manutenção desse emprego proclamando uma verdade mais básica e mais arriscada.

Assim, o uso da verdade é uma arte em si mesma, uma arte que deve ser pacientemente desenvolvida pela experiência, como qualquer outra arte, a fim de se adquirir a habilidade necessária para usar a verdade como uma arma na luta contra a peste. De contrário, somente se adicionaria mais um «vendilhão da verdade» a um «vendilhão da liberdade» e tudo resultaria num aborrecimento, sem se alcançar um só objectivo em termos de trabalho.

Também a verdade não pode ou não deve ser «infiltrada» num grupo ou numa situação social, se estes não estiverem prontos a absorvê-la. O uso de métodos furtivos tornará inevitavelmente a verdade numa coisa furtiva e, assim, completamente inútil. É uma coisa absolutamente diferente encontrar a contraverdade, eliminar a sua *raison d'être* e substituí-la cuidadosamente pela verdade básica. Um orgonomista que comece a subverter um hospital inteiro e ameace a sua própria posição proclamando a verdade sobre a medicina orgonómica é apenas um impertinente. As pessoas em dificuldades sentem a verdade, e *virão* ao teu encontro se esperares pacientemente, se lhes deres uma oportunidade de amadurecer até onde elas necessitam. Então o encontro com elas não será difícil.

Contudo, um tal procedimento racional pode facilmente ser substituído pelo procedimento impertinente do tipo palmada nas costas para acalmar a fera, e até ser usado como uma protecção para manter a própria segurança interior. Isso deveria ser combatido com todos os meios da verdade básica. As tais fraudulentas e bem-sucedidas palmadinhas nas costas e beijinhos na face fazem parte do vasto exército da peste, servindo para manter a sua posição, independentemente de quantas crianças morram ou de quantas pessoas padeçam até à morte, desde que as suas falsas amizades estejam garantidas. Não *é* preciso dizer que isto nada tem a ver com a *verdadeira* amizade. É como a amizade de ladrões que sabem exactamente que cada um deles só está à espera do momento oportuno para cortar o pescoço do comparsa. O mundo da diplomacia, das

reuniões sociais, dos chás, das delegações e negociações está cheio de tais maquinações para evitar a verdade que de um só golpe tornaria desnecessária qualquer palmadinha nas costas e substituiria a falsa amizade pela verdadeira camaradagem entre pessoas que estariam lado a lado e na mesma roda. Tais pessoas não têm medo" de colocar as amizades à prova, arriscando ultrapassar o limite da tolerância.

O novo líder terá de ser um perito em distinguir a amizade humana genuína do vazio de domar-o-animal-selvagem, que posa como sendo amizade. É o irmão gêmeo da sanguessuga que seduz o gênio abortado, através da admiração mística, para a liderança ditatorial ou para o martírio religioso.

Conhecer a contraverdade, a qual apóia e justifica a mentira institucional, ê uma parte da tarefa de superar a miséria social. Deve ser cuidadosamente executada para que a verdade, prenhe de desenvolvimentos futuros, não se converta numa mentira pior do que aquela que deve ser abolida deste mundo.

Em suma, deve-se impedir que a verdade seja colocada num espelho para admiração vazia e com o objectivo explícito de ocultar um outro Assassinato de Cristo.

Vejamos agora se a publicação de um livro como \O ASSASSINATO J)E CRISTO está de acordo com as suas próprias regras de evitar falar da verdade enquanto princípio. As contraverdades a uma publicação como está, há quinhentos ou mesmo cem anos atrás, teriam evitado a"sua publicação, se ,ela tivesse sido conhecida. Não existia naquele tempo nenhuma consciência geral da miséria sexual; não existia nenhum conhecimento da estrutura humana de carácter; não havia a mais leve noção de grupos de pessoas despertando para a Vida; não havia nenhum conhecimento disponível para lidar com o escolasticismo medieval; não havia nenhum estudo ou experiência em sexologia científica; a Igreja Cristã não tinha a sua natureza actual que − pelo menos − fala sobre o problema da vida amorosa humana; não havia nenhum conhecimento de contracepção, anti-sépticos, armadura de caracter, genitalidade infantil, repressão sexual; estas coisas tiveram de surgir antes de a Igreja Cristã ter podido começar a mudar. A reforma da Cristandade teve de reformular o mundo do ascetismo católico. Neste momento, estamos a assistir a uma nova reforma: dentro da Igreja já se ouve falar de planeamento familiar, de sexualidade infantil e mesmo de amor fora do casamento.

A ciência do homem aproximou-se da visão cósmica do homem defendida pelo Cristianismo (ver COSMIC SUPERIMPOSITION) e a Igreja teve de encarar as realidades plenas da vida. O livro de Renan sobre Cristo teve de ser publicado, e a psiquiatria teve de se apropriar da humanidade. A luz de tudo isto, podemos esperar que a Igreja Cristã mude o seu ponto de vista sobre o Amor de Cristo, que é amor corporal, Não há outro caminho para os Cristãos senão o de mudarem com os tempos.

Por outras palavras, o desenvolvimento do conhecimento do homem começa a dissolver lentamente a contraverdade mantida pela Igreja de Cristo, e a verdade plena sobre o significado de Cristo está madura para vir à luz do dia. O funcionamento da energia cósmica no homem enquanto Energia Vital e a realização do significado de Deus em termos do enraizamento cósmico dos homens lançaram uma ponte considerável sobre o abismo entre a religião e o conhecimento. Estamos prestes a alcançar o denominador comum que por tão longa extensão de tempo tem separado a existência espiritual do homem da sua existência biológica. Ainda há uma longa distância à nossa frente para ser vencida. O encontro já aconteceu, quer os respectivos representantes estejam conscientes disso ou não. Os próprios tribunais irão despertar-los para a plena verdade da situação. E os honestos, os realmente Divinos, estarão connosco.

O PARALELO DO ZÉ-NINGUÉM

Em política passa-se o tempo a culpar os outros, nunca a si mesmo. É tempo de deixar de culpar o bode expiatório. É urgente compreender o que divide a humanidade. É a peste emocional, chamada «pecado» na Cristandade, que fragmenta a humanidade. É a couraça que toma o homem desamparado e prostrado. É novamente a couraça, que é o terror da Vida viva e fluente, que cria os sargentos da peste, os quais se tornam os sargentos dos exércitos de nações cruéis.

PARA CADA GRANDE PENSAMENTO HUMANO QUE SE BATA PELO DENOMINADOR COMUM DA HUMANIDADE, EXISTE UM PARALELO DO ZÉ-NINGUÉM QUE ANIQUILA CADA SIMPLES PENSAMENTO DE ESPERANÇA DO HOMEM.

Não há nenhuma utilidade em conceber novos pensamentos libertadores enquanto o Modju (*) o *paralelo do Zé-Ninguém, continuar a estragar a boa obra*. Aqui estão alguns exemplos do Paralelo do Zé-Ninguém a grandes princípios:

* Modju é uma combinação de Mocenigo, o zé-ninguém que entrega Giordano Bruno à Inquisição, e de Djugatchvili, último sobrenome de Iossif Vissarionovitch, ou Estaline. *(N. do T.)*

Pensamento criativo

O Deus de Moisés

Pescador de Homens

O Céu de Cristo na Terra

Liberdade

«Ama o teu próximo»

A Regra de Ouro

O éter como substrato geral

Economia privada

Discriminação do não americano, opressão e ódio

«O trabalho humano cria mais-valia» (Marx)

Inter-relações humanas

Conhecedor

Abraço genital, acasalamento

A Lei

Actividade revolucionária

clandestina

Rebelde contra a injustiça social

Sociedade

Contribuição para a segurança e protecção social individual

Organização do trabalho Livre pensamento

Luta contra a exploração industrial Líder, guia, conselheiro

Paralelo do Zé-Ninguém

Um Jeová vingativo, punitivo Guerras santas. Cruzadas, jesuitismo

Os anjos de Paulo no céu

«Eu-posso-fazer-o-que-qui-ser», licenciosidade, foda

«Teme o teu próximo» e dá-lhe palmadinhas nas costas

Acordo vazio de princípios

Um éter especial para cada função natural

Roubo, extorsão, fraude, mandar o concorrente para a cadeia

«Não-americanismo», incriminação de toda a verdade de que não se gosta

Campos russos de trabalhos forçados (Estaline)

Política, poder sobre os homens

Perito, autoridade

«*Fazer*» amor, «ir para a cama» com uma mulher

O burocrata, o «legislador»

Espionagem diplomática internacional, subversão

Assaltante de banco

Estado, estatismo, socialismo

Taxa de exploração do esforço individual

Chefe de sindicato

O livre-pensador

«Eu também quero ser um homem rico»

Ditador, tirano

Pensamento Criativo

Luta contra a ditadura
Liberdade de expressão
Criticismo factual
Competição livre de esforço
Luta honesta
Liberdades civis
Justiça
Emoção da aventura

Desporto
Destrutividade humana
Busca e descoberta de «DEUS»
Intercâmbio diplomático entre nações

Potência orgástica

Sublimação de impulsos secundários
Moralidade natural

Auto-regulação
Batalhador pela liberdade humana
Psicologia científica

Neurologia científica

Descarga curativa de bio-energia acumulada

Soberano − o Povo Nação
Democracia social Defesa nacional

Socialismo

Paralelo do Zé-Ninguém

Difamação e perseguição da liberdade e do pensamento pioneiro
Amordaçamento
Difamação e mentira pessoal
«Esmaguem o insignificante»
Facada nas costas
Credulidade; tolerância para com assassinos furtivos
Acusação, perseguição Jogatina, morticínio nas estradas
Estimulantes químicos
Instinto de morte Ladainha, Klu-klux-klan, convulsões religiosas
Vulgar roubalheira de cavalos nas relações internacionais
Salvação, redenção sem esforço
Snobismo cultural
«Não deves», «Não toque nisso»
Regulação moral
O Vendedor Ambulante da Liberdade
TODOS *SOMOS* «psicoterapeutas»
Cirurgia cerebral em distúrbios emocionais
Tratamento de choque indiscriminado, «dê-lhe um choque»
«Viva o Soberano»
Raça
Ditadura do proletariado
Alta patente, aristocrata prussiano fardado
Capitalismo de Estado

Pensamento criativo

Pastor, homem de Deus Peste emocional
Dar
Dar e receber
Verdade
Caça
Pescar para comer
Administração social
Funcionários públicos
Convencer o povo de uma realização
Repórter, jornalista
Economia social
O povo consciente
O crítico
O médico orgonomista
Riso
Fundação de pesquisa
Florestamento
Poupança
Abundância Economia de produção
Hereditariedade de características
Gênio
Criança saudável
Palhaço no circo

Paralelo do Zé Ninguém

O agente religioso
Uma «peste», tudo aquilo de que não gosto
Sugar o doador até o secar
Receber e nunca dar
Ouvir as conversas alheias
Mata cada veado que encontrares
Pescar para lixar o peixe
Governo acima do povo, «ESTADO»
Homenzinhos que apertam botões
Ser «reconhecido»
Assassínio do carácter, caluniador, difamador
Máquina de Estado
O povo silencioso
«Eu também...»
Apertador de músculos, empurrador de couraças
Risinho
Fundação de salário livre de impostos
Corte cada árvore das florestas
Usura
Devastação
Mercado negro, inflação de preços
Segregação racial, «degeneração hereditária»
Excêntrico
Criança que não dá trabalho
Piadas na rádio para atender ao mau gosto

QUEM É O INIMIGO?

A verdade é a mais potente arma nas mãos da Vida. Quem quer que use uma arma deve conhecer o seu inimigo. A arma da verdade deve ser usada contra o inimigo da Vida. Uma arma pode ser usada tanto contra o amigo como contra o inimigo. A verdade, tal como uma arma, não pode ser usada contra si mesma. Tu não podes atacar e matar a verdade da Vida viva através da própria verdade, assim como não podes sair de um buraco puxando pelo teu próprio cabelo. Tu não podes curar a saúde e a felicidade, assim como não podes destruir a verdade da Vida pela verdade da Vida. Da mesma forma que conhecer os caminhos da felicidade, da saúde e da Vida só intensificará a felicidade, a saúde e a Vida, e nunca as destruirá, assim também conhecer mais verdade sobre a verdade da Vida nunca, jamais, destruirá a Vida, mas somente a favorecerá.

Mas *a verdade é dinamite que pode matar a Vida nas mãos da vida doente.* A vida doente não pode usar a verdade sobre si mesma e curar a sua doença. Mas a vida doente pode usar a verdade sobre a Vida para matar a Vida saudável. E este é um outro significado da peste.

O *inimigo da Vida é,* portanto, *a verdade sobre a vida feliz nas mãos, na boca, no cérebro ou nas entranhas da vida doente se esta verdade diz respeito à Vida saudável.* Da mesma forma que a carne deteriorada colocada junto da carne fresca fará esta deteriorar-se, e nunca a carne fresca tornará fresca a carne deteriorada, assim também o conhecimento dos caminhos da Vida saudável nas mãos da vida deteriorada envenenará sempre o bom Viver, e nunca o contrário. A Vida saudável nunca produzirá um bom viver a partir da vida deteriorada, pestilenta. A vida pestilenta, deteriorada, sabe muito bem que isto *é* assim e por isso odeia o bom viver mais do que qualquer outra coisa. É impossível fazer uma árvore retorcida crescer direita outra vez. Isto é na verdade mau, mas é um *facto* a ser bem conhecido no processo de proteger a Vida saudável.

É verdade também que a vida retorcida pode mutilar, arruinar, despedaçar ou destruir de alguma outra forma um milhão de Vidas boas, mas nunca, jamais, a vida maligna, doente, pode fazer uma simples árvore ou flor crescer mais rapidamente ou fazer pássaros a partir de peixes, e homens a partir de macacos. Por outro lado, a Vida saudável, o bom viver, pode fazer as árvores crescerem mais depressa e fazer pássaros a partir de peixes e homens a partir de macacos.

E esta é a grande tragédia da vida doente e a ventura da Vida feliz; e a vida doente sabe disso, pelo que se delicia em matar a Vida saudável e em persegui-la sempre que pode.

Ora, como pode o bom viver prevalecer e crescer se a vida doente pode matar a felicidade onde quer que entre em contacto com ela? Como evitar que a carne fresca apodreça quando ela se defronta com a carne podre, e como evitar que um bebé se deteriore se está em contacto com a vida maligna?

Ao longo de muitas eras, as pessoas têm procurado uma resposta a esta questão e não conseguiram encontrá-la. Não conseguiram encontrá-la porque a resposta foi procurada no estudo de grupos inteiros, em instituições inteiras, em corpos sociais inteiros e não no princípio da própria vida deteriorada. Assim, a atenção voltou-se para longe do veneno do próprio grupo, e o veneno foi procurado somente no outro grupo. E então foi inevitável que a podridão do próprio grupo infestasse toda a região, enquanto a podridão do outro grupo era combatida com a fúria de uma guerra santa.

O *inimigo é a própria podridão contagiosa, seja onde for que a encontremos, e não um grupo, Estado, nação, raça ou classe específicos.*

O remédio não é a luta de contacto ,com a peste. Isso causará sempre contaminação pela peste à vida saudável. Crianças alegres e felizes facilmente assumirão os modos e expressões de crianças doentes. Mas as crianças doentes nunca assumirão os modos e expressões das crianças saudáveis. Uma única pessoa perturbada, pestilenta, pode prejudicar um grupo inteiro de homens e mulheres com funções sadias. Um único espião infernal no meio de mil pessoas honestas e confiantes fará mil espiões inocentes a partir da multidão. Mas um milhão de pessoas confiantes jamais farão de um malvado estruturalmente espião um ser humano confiável. Portanto, a resposta não pode ser o contacto com a peste nem a matança directa desta. Nunca resultou matar directamente a peste; isto apenas contaminou o braço da justiça. A resposta é, até agora, e dados os recursos de conhecimento de que dispomos sobre o avanço da peste: ISOLAMENTO E QUARENTENA DA PESSOA OU GRUPO CONTAGIOSO PORTADOR DA PESTE.

E a verdade plena sobre a peste *tanto* no exterior como em casa revelou-se implacavelmente, inexoravelmente a todos nós, como foi feito nos Estados Unidos no excelente filme *Quando a Terra Parou (When the Earth Stood Still,* 1951). Existe uma objecção a esta solução que permaneceu intocável, como se fosse um acordo tácito entre a peste e as suas vítimas por um longo lapso de tempo. A regra tácita era: *«Não importa a terrível peste. Isto sempre foi e sempre será assim. Não há nada que possas fazer a não ser ignorá-la. Se caíres presa dos seus procedimentos assassinos, tanto pior. Assim foi através de todos os tempos. A verdade sempre teve de sofrer, e devem existir mártires da verdade. Nenhum profeta foi reconhecido na sua própria terra natal, porque a verdade sempre foi perseguida. O mundo é como é, e nada pode realmente fazê-lo melhor. Não te irrites com isso. Tu não queimarás somente as tuas*

asas se voares no fogo da loucura humana e tentares resgatar a Vida. A humanidade está podre e permanecerá podre. Afasta-te da política e cumpre o teu papel silenciosamente e sem comportamento notável. Sê um bom cidadão, um sapateiro que trabalha com as suas formas. Não tentes melhorar o mundo; não pode ser melhorado. O pecado é inato, a malignidade é a própria essência do homem. Sê cortês para com o teu assassino, diz 'obrigado' àquele que te enforca e mostra uma modesta reconciliação com a má sorte que te manteve vinte anos na penitenciária por um crime nunca cometido. Não está dito no livro santo 'Ama o teu próximo como a *ti mesmo' e 'Perdoa aos teus inimigos'? Está. Portanto, fica quieto. A tua vida é curta, e de qualquer modo tu és um verme insignificante. Portanto, comporta-te com dignidade e não prestes atenção ao assassino de Cristo. Ninguém jamais lhe prestou atenção; ele sempre foi desdenhado e ninguém se importou com ele. A verdade vencerá em última instância, seja qual for o tempo que isso leve ou as vítimas que possa custar a busca da verdade. Todos nós sabemos muito bem que nenhuma guerra jamais mudou nada, e que tudo permaneceu sempre como tem sido pelos tempos fora. Não M nada que possas fazer quanto a isso. Se desejas fazer algo, tenta ser agradável para com o teu inimigo e convencê-lo da tua boa vontade. Tu podes ou não conseguir mudar o seu coração.»*

Toda esta conversa foi criada pela peste, clandestinamente, para se manter. Ninguém em contacto com a fonte da Vida. viva jamais disse que se deveria perdoar ao inimigo, nem mesmo Cristo, que puniu os seus inimigos e os inimigos da humanidade e os amaldiçoou com o inferno. Foi a peste que, a fim de se proteger contra a justa ira da Vida viva, mudou o significado das palavras de Cristo, de «compreende o teu inimigo» para «perdoa ao teu inimigo em todas as circunstâncias e por todos os meios. Não toques no teu inimigo, não lutes pela tua vida, pela tua honra, pela tua reputação contra a peste que te ultraja. *Dá a outra face*, para receberes outra bofetada». Foi o carácter pestilento, aqui como em toda parte, que subverteu o significado das palavras para continuar impunemente os seus efeitos malignos. E o portador pestilente da peste está a ser apoiado pelos princípios do liberalismo, interpretados de forma errada e baseados em inconsciente simpatia pela peste ou no medo dela.

Ninguém, nos primórdios do liberalismo humanitário, jamais proclamou que se devesse dar o direito de livre trânsito ao espião criminoso, à raposa sub-reptícia e ardilosa, que te esfaqueia pelas costas enquanto te presenteia com um ramo de rosas que explode no teu rosto. É mais uma vez o Zé-Ninguém, que admira a eficiência ardilosa e a força da peste, que transformou o significado de um liberalismo autêntico no *nonsense* de deixar que assassinos e ladrões, homens cujo objectivo é matar, rondem a tua casa de noite, sem que faças uso das tuas armas.

Quem é então o inimigo da Vida viva, que é a eterna vítima da peste? O inimigo é a furtividade do carácter pestilente em todos os campos, à esquerda e à direita, em estratos, sociais elevados e baixos, tanto na repartição governamental como na fábrica de sapatos, tanto no laboratório bacteriológico como na igreja de Santa Maria, no partido democrático como no partido comunista, em cada escola, família, grupo, classe e nação deste planeta.

O inimigo está em toda parte. Nenhum limite geográfico ou racial separa o amigo do inimigo. Como podemos então confiar uns nos outros? Como podemos edificar os princípios da «boa vontade entre os homens» e da «paz na Terra» se isto é assim?

A resposta é:

Aprende a conhecer o que é a Vida e como opera. *Aprende, finalmente, a lutar pela Vida como até agora só tens lutado por imperadores e duques e führers e idéias e honras e saúde e pátrias-pais e pátrias-mães efêmeras. Começa finalmente a lutar pela Vida!* E: *Aprende a distinguir a expressão de um rosto honesto, aberto, da de um rastejador e de um mentiroso caracterológico.* SE AMAS OS TEUS FILHOS, APRENDE A LER A EXPRESSÃO FACIAL DE UM MODJU.

Não sejas paciente para com o assassino da Vida, se a tua paciência ajudar a matar milhares de bebés e conduz milhões de pessoas para os esgotos, para a morte. De que valem os teus altos valores se as pessoas sofrem de fome de comida e de fome de amor, se tu foges da questão verdadeira, crucial, que *é* o simples desvio dos factos plenos que tomam a Vida miserável? De que vale a tua boa vontade se não ousas denunciar a podridão venenosa que infesta a tua vi2dnhança, impedindo que os namorados se movam livremente, e que leva ao suicídio ou à insanidade muitos homens e mulheres, rapazes e raparigas?

Os teus valores estão todos correctos, mas *fá-los funcionar.* A tua atitude tranqüila diante do mal oculto é o próprio mal, nada além de um subterfúgio. A tua socialidade não vale; o sorriso da tua face se é apenas para acalmar o animal selvagem no teu amigo ou para ganhar alguma vantagem. A tua alegria, a tua boa vontade e a tua qualidade de bom vizinho| são coisas correctas e muito boas, mas está atento à toupeira subterrânea que escava os seus próprios alicerces e que é protegida pelo teu falso liberalismo.

Tu dizes: «Atingir a completa liberdade de expressão e acção é muito perigoso. Quem deveria ser o juiz do que é bom e do que *é* mau?» Estás certo: quem deveria ser o juiz? Mas porque não julgar os juizes, 1er as expressões nos rostos e distinguir a cara de um patife da cara de uma alma honesta? Que outra forma propões para deter o Assassinato de Cristo?

O inimigo é esta tua conversa. O inimigo está no meio de todos nós. O inimigo é a

tua relutância em lutar pela Vida e pela felicidade dos bebés como lutas pelos teus altos ideais. Os teus ideais não são nada fora da Viva viva.

O inimigo é a tua simpatia secreta pelo matador da Vida, uma simpatia fundada no teu medo da tristeza profunda e da alegria exuberante. O inimigo é a tua própria insensibilidade, que serve para te proteger contra o sentimento pleno da Vida.

Portanto, proteges a peste e dizes asneiras acerca do amor pelo vizinho. Portanto, se puderes escolher, preferirás a peste à Vida viva, para escapares da excitação da Vida, e te entregares à insensibilidade e não à plenitude da experiência. O mal atrai-te porque evitas a agitação que o bem ocasiona. Desejas apenas os teus pequenos prazeres, a fodazinha, o trabalhinho lido na convenção, o pequeno significado no grande ensinamento, em todas as coisas o pouco, o pequeno, o estreito, o monótono, o rotineiro.

DISTORÇÕES CHOCANTES DA VERDADE OKGONÓMICA

No século XX, a sociedade passou pela experiência assustadora daquilo que um sistema de pensamento distorcido pelo homem couraçado pode fazer. Nenhum líder consciente da sua importância e responsabilidade jamais ousará ignorar as lições do assassinato em massa que se seguiu à distorção de ensinamentos sociológicos nas cabeças de homens que estavam no poder, que foram forçados a manter a sociedade unida. E os líderes responsáveis pelos processos da nova Vida que emergirão da descoberta da Energia Vital serão forçados a ser cem vezes mais cuidadosos. *Um ensinamento da Vida viva, tornado e distorcido pelo homem couraçado, espalhará o desastre final ao todo da humanidade e das suas instituições.* Não deveria haver ilusões quanto a isto.

Uma breve observação mostrará facilmente em que direcções actuarão essas distorções de um ensinamento baseado na Energia Vital:

O resultado mais provável do princípio da «potência orgástica» será, de longe, uma filosofia perniciosa da foda a nível geral. Como uma flecha lançada de um arco esticado, rigidamente tenso, a busca do prazer genital rápido, fácil e pernicioso devastará a comunidade humana.

A luta constante, paciente pela melhoria da *saúde,* baseada em experiências cuidadosamente orientadas,, será substituída pela ideia de uma «saúde perfeita», pronta, como um ideal absoluto, com uma nova estratificação da sociedade em pessoas «saudáveis» e pessoas «neuróticas».

Médicos e filósofos, a julgar por distorções passadas, provavelmente estabelecerão

uma nova virtude, o ideal perfeito da *(a liberdade de emoção»,* que esgotará as inter-relações humanas. A cólera não terá nenhum motivo ou direcção racional. Será cólera apenas pela cólera, para ser *«emocionalmente livre».*

A *auto-regulação,* ao invés de ser o fluxo livre e espontâneo dos acontecimentos, com altos e baixos, a ser acompanhado e protegido, tornar-se-á um «princípio» a ser aplicado à vida, para ser ensinado, exercitado, imposto às pessoas, possivelmente com penalidades de prisão ou de morte, seja isso chamado «sabotagem do sagrado princípio vivo da auto-regulação», seja «crime contra a liberdade da Vida e da Libertação». E os revoltados pela visão dos resultados malignos culparão muito provavelmente uma orgonomia inocente, distorcida, mal interpretada, pelas acções de seres vivos destituídos de qualquer sentido de proporção.

A função das *inter-relações democráticas de trabalho entre as pessoas trabalhadoras* será muito provavelmente reduzida à verborréia sobre como é que a democracia do trabalho *deveria* ser (não como ela realmente *é),* e emergirão novas idéias políticas para descrever e assegurar a nova esperança da humanidade: a *«democracia do trabalho».*

No domínio da orgonomia médica, médicos orgasticamente impotentes confundirão as técnicas médicas para estabelecer o fluxo orgonótico em organismos doentes, ou apagarão completamente o assunto e, ainda durante muitos séculos, começarão a fazer jogos de palavras sobre que músculos deveriam ser tratados primeiro: os do maxilar ou os do ombro.

Formarão uma extremidade de uma linha, e na extremidade oposta estarão os fodedores, que pedirão *«liberdade de amor»* e o direito de viver a vida segundo os *«princípios da orgonomia».*

A auto-regulação na educação de crianças recém-nascidas não funcionará em mãos que não souberem o que é uma decisão ou acção *espontânea,* e os inimigos das crianças, e mesmo os amigos, ficarão encantados com as más conseqüências desta idéia estrábica de educação infantil auto-reguladora.

Podemos facilmente imaginar todos esses desenvolvimentos e muitos outros mais, e haverá os engraçadinhos que dirão que de qualquer forma nada pode ser feito, que sempre foi assim e sempre será... até que algum novo Cristo Vivo caminhe sobre esta terra no meio do pesadelo e pregue os princípios da Vida apenas para ser novamente pregado na cruz pelos sumos sacerdotes da «Ciência da Vida Viva».

Tudo isto acontecerá realmente, a menos que o homem encontre a saída do devastado campo de batalha da peste emocional humana, da prisão das pobres almas.

O político prostituto, o vendedor tagarela da liberdade, o libertador místico não

devem ser culpados pela grande miséria. Devem ser culpados por *obstruir o acesso* à consciencialização dos seus próprios ideais e à remoção da miséria que eles criaram. Não devem ser culpados por vender «liberdade» e «pão» e «democracia» e «paz» e a «vontade do povo» e todo o resto da lista. Devem ser culpados por perseguir todos os que esclarecem o que é a liberdade, e quais os *obstáculos* que estão no caminho da autogestão social, e o que *obstrui* a paz. Não devem ser culpados por prometerem terra aos camponeses pobres, famintos. Devem ser culpados por *obstruir* o acesso a fazer o camponês capaz de cultivar a sua terra *livre* e *eficientemente*, de tal modo que o assassinato em massa de camponeses no processo de colectivização compulsória como o de 1932 se torne impossível no futuro. Não devem ser culpados por oferecerem esperanças de um céu sobre a terra, mas por trair e obstruir cada simples passo na direcção da verdadeira melhoria das condições humanas. Não devem ser culpados por terem idéias, mas por terem *esvaziado todos os ideais de qualquer conteúdo*, por terem posto os altos ideais humanos no espelho e por matarem todo aquele que *vive* um ideal ou tenta levar a realidade um pouco mais perto do ideal; em suma, devem ser culpados por serem escroques caracterológicos. Não devem ser culpados por terem teorias ou por se sentirem como os «únicos» libertadores e os «únicos» possuidores da verdade sagrada, mas por matarem milhões de pessoas que não acreditam nas suas supostas verdades e por torturarem aqueles que não acham que eles libertam alguma coisa. Não devem ser culpados por falar da libertação das pessoas de baixa condição social, mas *por fazerem exactamente o contrário* daquilo que dizem, por privarem os da classe baixa de toda e qualquer oportunidade de independência porque isso não convém ao corpo lívido de uma teoria.

A hierarquia católica não deve ser culpada por pregar os ensinamentos de Cristo, mas por obstruir esses mesmos ensinamentos pela mistificação e espiritualização do Cristo vivo, autêntico, original. Não devem ser culpados por ignorarem a identidade da Vida, Deus e a doçura no abraço genital, mas por odiarem e matarem tudo o que lembre, mesmo remotamente, a verdadeira existência viva de Cristo, e por afastarem da humanidade o conhecimento das relações de Cristo com o amor do corpo. São culpados da ossificação de um credo vivo e de assassinar Cristo nos corpos de incontáveis bebés, crianças e adolescentes, criando assim o mesmo Pecado que mais tarde punirão com o fogo do inferno. Acusamo-los de obstruir a aprendizagem, o desenvolvimento, a melhoria e o reconhecimento dos factos óbvios, simples, claros da Vida. São culpados de não unir, com o seu grande poder, aqueles que têm olhado um pouco mais fundo na escuridão da existência humana e que têm lançado uma luz ainda que frágil sobre o que significa a palavra «Deus». Devera ser culpados por terem permanecido imóveis desde

o século IV d. C.

Uma humanidade que reza de joelhos, com um total de dois biliões e meio de almas, sente a Vida nos seus corpos congelados quando rezam, embora dêem a isso diferentes nomes. Combatem em guerras santas para decidir que tipo de nome deve ser dado ao que têm *em comum.* E os sumos sacerdotes abandonaram a sua função sagrada de conduzir estas multidões ajoelhadas, reverentes e em oração exactamente em direcção ao que elas têm em comum quando sentem no seu sangue palpitante o que chamam de «Deus». E nada mudou desde que Cristo amaldiçoou os Fariseus no templo dos Judeus. Nada! Os sacerdotes não aprenderam absolutamente nada e, o que é pior, obstruem e combatem com unhas e dentes aqueles que estão a tentar aprender. É disto que são culpados.

Uma humanidade ossificada colocou sacerdotes ossificados nos seus templos, e os sacerdotes ossificados mantêm a ossificação em cada geração recém-nascida. É disto que a religião é culpada, não dos ensinamentos autênticos originais de Buda, de Cristo e de Confúcio. Todos eles lutaram pelo mesmo objectivo. A humanidade ossificada não conseguiu compreender ou aceitar esses ensinamentos, e estabeleceu o tipo certo de sacerdote para manter o ensinamento congelado, inalcançável, no espelho. Esta é a grande tragédia: *a obstrução da penetração da neblina,* não a própria neblina; a *ameaça contra a realização de crenças, objetivos* e *morais religiosos,* não os ensinamentos morais religiosos originais.

Não é a liberdade de expressão e os seus advogados que devem ser culpados, mas o abuso da liberdade de expressão por parte de mentirosos e charlatões, mexeriqueiros e caluniadores, toupeiras subterrâneas que destroem os fundamentos da liberdade porque não podem viver ou suportar a liberdade. Deve-se culpar não o psiquiatra ignorante, mas o psiquiatra *mexeriqueiro* que difama o revelador da miséria do amor frustrado.

É verdade: se *alguém tivesse a coragem e o poder para decretar que a liberdade e a auto-regulação fossem estabelecidas da noite para o dia, o maior desastre da história da humanidade inundaria inevitavelmente as nossas vidas como um dilúvio.* Se a revolução pela força, garantida na Constituição dos Estados Unidos como um direito do povo contra o *mau* governo, fizesse e pudesse fazer o trabalho de uma libertação autêntica, nenhuma mente sã hesitaria em lutar *por* ela. A essência do fracasso de todos os movimentos de libertação baseados nessa crença foi o facto de que a liberdade *não* pode ser estabelecida por decreto ou pela força, porquanto o medo da liberdade *está nas próprias pessoas.* Enquanto as pessoas temerem o fluxo da Vida viva nos seus corpos, temerão a verdade e evitá-la-ão por todos os meios.

Daí brota o «Não-Toque-Nisso» de tudo o que *é* sério, crucial, vital, de tudo o que conduz à autêntica autoconfiança. Isto explica o grande tabu «NÃO-TOQUE-NISSO», tanto em relação aos órgãos genitais como em relação à verdade. Este é o poder subversivo da peste. *Desviar a atenção das pessoas das conferências de tagarelas políticos para estes factos cruciais será a nossa tarefa primária.* Uma vez realizada essa tarefa, outros desenvolvimentos se lhe seguirão. Por isso, a Revolução Biológica em curso, que tem afligido a humanidade nos últimos trinta anos, é de tão extraordinária importância. Ela abre os portões para a verdade ao tornar a humanidade consciente do grande tabu: «NÃO TOQUE NISSO» e, ao tornar as pessoas conscientes disso, aproxima-as dos seus órgãos genitais ao mesmo tempo que da sua verdade interior. Isso significa o reverso de uma situação de uns dez mil anos de estagnação. Estar consciente do alcance desse processo profundo significa estar consciente de um amplo. ciclo da história nos dois ou três mil anos seguintes. Nenhum vendilhão da liberdade e nenhum prostituto político aceitarão isto. Falarão, difamarão, brigarão e mentirão sobre tudo isto onde quer que se encontrem. *Na mesma medida em que os problemas da genitalidade humana se tornarem acessíveis às multidões, a verdade será desejada e não mais evitada ou assassinada.* E então as coisas tomarão o seu próprio curso lógico.

O Catolicismo, que nega o amor no corpo, só pode sobreviver a esta revolução se voltar ao significado verdadeiro, original de Cristo, que foi transformado, de forma tão negativa e completa, no exactamente oposto. Caso aconteça que a Cristandade, nadando na corrente geral da vida, não retome ao significado original de Cristo, mais, muito mais sangue, sangue inocente, será derramado, e a Vida ainda permanecerá mais forte e a Igreja desaparecerá lentamente da face desta terra. Caso contrário, sobreviverá como uma grande instituição que, apesar do terror e das trevas que tem espalhado ao longo dos tempos, fez muito ao manter uma humanidade miseravelmente desanimada caminhando de certa forma. Aqueles que sentem a Vida no fluxo do corpo e desejam a doçura do verdadeiro amor são os que sabem, melhor do que os representantes de um Cristo distorcido, que a perversão do verdadeiro significado de Cristo foi, em face da miséria sexual da humanidade, *absolutamente necessária.*

São Paulo não deve ser culpado por ter introduzido o mais cruel sistema de privação sexual que a humanidade jamais conheceu. Ele *tinha de o fazer* para erigir a Igreja Cristã. *Teve de construir fortes barreiras contra a mente-pornográfica do homem, suja e sexualmente doente mesmo à custa de matar o verdadeiro Cristo.* Mas,

na pessoa dos seus representantes, ele seria culpado de traição contra a humanidade se obstruísse o *caminho de volta* ao verdadeiro Cristo pelo fogo e pela espada, por um esfaquear-pelas-costas os novos líderes que surgirão nesta luta, e pela conivência, a que se chega em conferências secretas, para *matar* a Vida. Isso não funcionará mais, e só custará sangue inocente. E esse sangue, derramado sem razão nenhuma, pesará nas consciências dos obstrutores da verdade de Cristo.

A salvaguarda de uma vida amorosa saudável, natural, salvadora nas gerações recém-nascidas é a tarefa do novo tipo de médico e psiquiatra. Este é o seu domínio; aí nasce a verdade da Vida e aí deve ser protegida contra ataques malignos. A Igreja é o domínio dos sacerdotes. Deixemos cada domínio ter os seus próprios direitos, iguais e honestos. Da mesma forma que nenhum psiquiatra ou médico tentará interferir nos negócios *internos* da Igreja, a nenhuma Igreja deveria ser permitido estender a sua influência e poder para além do seu próprio domínio. Conservemo-nos nos nossos próprios domínios e não interfiramos naquilo que não *é* da nossa conta. Isto é *mutuamente* válido.

A Vida supera, pela sua própria natureza, todos os limites, todas as pequenas fronteiras, todas as barreiras alfandegárias, todas as restrições nacionais, todos os preconceitos raciais; ela é realmente suprema no sentido cósmico, da mesma forma que o Cristão concebe o Senhor como supremo no sentido cósmico. Mas a Vida apenas vive à sua maneira, não *força* ninguém, em parte alguma, a viver à sua maneira. Não interfere no que não é da sua conta. Esta é a sua grandeza. Uma vez descoberta e compreendida, limita-se a vir governar tudo o que dela deriva. Não está em desacordo nem com o significado verdadeiro, original, de Deus ou do Cristianismo, nem com o significado verdadeiro, original, do socialismo, nem com qualquer outro esforço autêntico em direcção à vida humana, à liberdade e à felicidade. O anseio e esforço pela Vida, pela Liberdade e pela Felicidade *é* o denominador comum a *todas* as facções de organizações políticas humanas que hoje se estrangulam umas às outras. É, e sempre tem sido, a peste emocional que divide os esforços humanos basicamente idênticos e os dirige uns contra os outros. Por isso, o inimigo não é uma crença particular, mas a actuação da peste no homem.

O Fascismo Vermelho é a soma total de técnicas *organizadas* para despedaçar e separar as raízes comuns da Vida em todas as pessoas. Ele tem fechado cada uma das entradas ao conhecimento da Vida viva. Tem banido das suas escolas e dos seus livros as leis da mente humana inconsciente, as leis da genitalidade infantil, o conhecimento da repressão e da couraça, dos impulsos secundários e da auto-regulação natural. Assim, ele nunca alcançará nada de positivo nos negócios humanos. E este será, em

última instância, o seu fracasso. A mente mecanicista não tem possibilidade, a longo prazo, de sobrelevar o ponto de vista cósmico no homem.

A RAIZ RACIONAL DA «RESSURREIÇÃO»

A peste divide e separa os homens, excluindo o que é comum ao homem.

O novo líder verá claramente a raiz comum e o significado emocional do credo católico *e* do credo do 'Fascismo Vermelho: a «ressurreição de Cristo», isto é, a RESSURREIÇÃO DA VIDA NO HOMEM. A ressurreição da Vida implica inevitavelmente a ressurreição do Amor, do Amor *genital* pleno, fluente, unitivo. *Sendo a Vida e o Amor eternos no coração dos homens, Cristo* NÃO PODERIA *ter morrido; ele levantou-se novamente, no sentido emocional da palavra.* As pessoas carentes de Vida, carentes de Amor, não poderiam aceitar a morte final, irrevogável, do Amor e da Vida. *Tinha de* permanecer viva através da ressurreição; TINHA DE ser como elas a sentiam no seu corpo, movendo e animando os seus membros: *imortal,* não importa se como uma alma ou um espírito imortal, ou como Cristo imortal «dentro de ti» ou como Cristo imortal «no Céu». Cristo, através da sim própria Vida, significava emocionalmente para as pessoas *a ressurreição do Amor autêntico, original, do corpo.* A sua existência, mistificada depois da sua morte, apoiava-se, consequentemente, numa base *racional,* isto é, *no fluxo de Amor e Vida nos membros das pessoas que operaram a mistificação,* isto é, a ressurreição divina de Cristo, por volta do século IV d.C.

Mas essa mistificação tinha, ao mesmo tempo e sob a pressão da compulsão a continuar o Assassinato de Cristo *dentro delas mesmas,* removido para os céus, para bem longe do alcance do homem, a realização da Vida e do Amor. O Pilho do Homem teve de morrer primeiro antes de poder alcançar o céu e o puro Amor e a Vida eterna.

Um outro sector da humanidade revoltou-se contra esta mistificação, deificação, transposição e transfiguração da Vida viva no Corpo, cerca de mil e quinhentos anos mais tarde. Esse sector da humanidade não desejava morrer antes de viver uma vida plena; queria o Céu *na Terra imediatamente* e de uma forma prática: teria de ser dado e garantido pelo «movimento de libertação», que instituiu as leis da libertação da camisa-de-força marital e do Assassinato de Cristo no útero: isto foi o movimento comunista primitivo de 1900-1917, dois mil anos d. C, que começou com o pensamento materialista no século XVII.

A raiz comum de um Cristianismo de dois mil anos de idade e de um racionalismo mecanicista de trezentos anos de idade, que culminou no Fascismo Vermelho russo imperialista, enraizando-se verdadeiramente nas emoções humanas, é a libertação do

fluxo do corpo, chamemos-lhe Liberdade ou Cristo, pouco importa. A couraça mais a pornografia no homem transformaram Cristo em papado; transformaram o fluxo do corpo em Pecado e o Comunismo original em Fascismo Vermelho. Ambos mistificaram as suas raízes, originalmente racionais, nos sonhos e anseios racionais do homem. A Cristandade e o Comunismo voltaram-se ambos *contra* as suas origens e fontes de força nas raízes da sua existência contínua, *contra a Vida e o Amor* no corpo. *Tinham* ambos *de fazê-lo,* uma vez que a estrada para a Vida viva no corpo estava fechada nas pessoas que os levaram e os alimentaram no poder. Ambos tinham de cair na mistificação e no Assassinato de Cristo, cada um. à sua maneira. E, finalmente, a diferença quanto à forma de supressão de Cristo fez com que um se voltasse contra o outro, com a ameaça de um futuro morticínio em massa. Essas são as realidades do campo, como que em contraposição à representação teatral que fala de espiões contra o Estado, ou do Pecado *versus* o Espírito Santo.

Vista a partir das raízes comuns e dos significados emocionais do Cristianismo e do Comunismo, a solução da sua animosidade recíproca, em princípio, é simples. Um novo líder poderia dizer-lhes ou dir-lhes-á:

«Parem de tagarelar sobre espiões e mães-pátrias e pais-pátrias e Pecado e fumos sagrados. Diferem apenas quanto aos caminhos que escolheram para assassinar Cristo. É irrelevante se pela mecanização ou pela mistificação e transfiguração. Em ambos os casos ele está morto. É irrelevante o facto de se chamar ao seu domínio o Reino dos Céus ou a Terceira Fase do Comunismo. Não conseguirão alcançá-lo porque mataram, há muito tempo, a única coisa que vos poderia conduzir até à terra do sonho. Para alcançar o destino prescrito, devem reinstaurar Cristo no seu sentido original: como Amor no corpo, como libertação do Amor das cadeias de uma humanidade congelada, como liberdade da mente para investigar e viver a sua raiz no fluxo do sangue e no corpo. Estão ambos enraizados num único e mesmo anseio do homem. Se levarem a sério o que pregam, retornarão à sua origem e ajudarão a realizar o sonho do homem, o sonho que é realizável. Cessarão de punir criancinhas por tocarem Cristo, ou adolescentes por viverem Cristo no corpo como o próprio Cristo viveu. E reinstaurarão as primeiras leis no sentido da libertação de Cristo dos corpos sem vida. Edificarão o Reino de Deus e a verdadeira irmandade dos povos. Têm ambos o poder para assim o fazer.»

O inimigo da Vida e do Amor em ambos os domínios, cristão e comunista, o inimigo da criança, inevitavelmente surgirá e combaterá o novo líder. Manterão o interesse do homem enfeitiçado em formalidades vazias, na condenação do amor corporal, no patriotismo, na propaganda belicista ou pacifista e no extermínio dos

inimigos do Estado e muitas outras coisas cujo único objectivo é afastar Deus e deixar que o Diabo reine. Estes inimigos em ambos os campos, hostis um em relação ao outro, certamente se unirão para combater o seu novo adversário comum, o Amor de Cristo. Esse amor *é* o verdadeiro adversário deles, pois subverterá as suas organizações e toda a sua existência, a menos que retomem aos significados emocionais originais no homem.

Para a Igreja, voltar ao Cristo do ano 25 e, para o Comunismo, voltar aos velhos sonhos de uma irmandade internacional de 1848, é pensável, teoricamente possível. Isso salvaria ambos os movimentos da inevitável queda num marasmo terrificante, quando a Vida começar a marchar nas ruas das grandes cidades da Terra. Mas poderão fazê-lo? Será o Assassinato de Cristo mais poderoso que a razão? Eles não conseguem fazer a grande viragem porque estão enraizados em almas pesadas, petrificadas, congeladas, que tiveram de carregar o último lampejo de um velho sonho ao longo dos tempos, o sonho de um Cristo Vivo, de um Deus amoroso e de uma comunidade pacífica.

Não importa quanto será difícil: não pode haver um momento de hesitação quando se trata de manter o Cristão e o Comunista igualmente conscientes das suas origens e significados nas almas das pessoas.

O novo líder usará muitas formas para distrair a atenção inflamada do Homem do aborrecimento actual, para a centrar no interesse pelas gerações futuras. E até que a paz retorne à terra devastada pela peste, o centro *é*, e continuará a ser por muito tempo, o «Deus» vivo nos sentimentos fluidos da Vida no corpo, e todos os conhecimentos de biologia, medicina e educação necessários para reger a Vida viva do homem nas crianças recém-nascidas de todo o planeta.

Uma humanidade imobilizada, instalada, está à espera de uma resposta à sua busca dos caminhos da Vida viva. Enquanto se arrasta com um parco mínimo de subsistência, esperando, sonhando, sofrendo agonias, submetendo-se a novas servidões após séculos de revoltas fúteis, continua confundida por teorias e dogmas sobre o viver humano. Acrescentar um novo dogma sobre a Vida humana ao amontoado de filosofias, religiões e prescrições políticas significa acrescentar mais confusão à edificação da Torre de Babel. A tarefa não é a construção de uma nova filosofia de vida, mas o desvio da atenção dos dogmas fúteis para UMA questão básica: PORQUE É QUE ATÉ AGORA FALHARAM TODOS OS DOGMAS SOBRE COMO VIVER A VIDA?

A resposta a este novo tipo de questão não será uma resposta à questão da humanidade imobilizada. Contudo, pode abrir o caminho para que as *nossas crianças,* ainda não nascidas, procurem na direcção *correcta.* Através dos longínquos tempos passados, no processo de nascerem, elas carregaram todas as potencialidades dentro de

si mesmas; e ainda as carregam. *A tarefa é desviar o interesse de uma humanidade sofredora das prescrições infundadas para* A CRIANÇA RECÉM-NASCIDA, A ETERNA «CRIANÇA DO FUTURO». A TAREFA *É* SALVAGUARDAR AS SUAS POTENCIALIDADES INATAS PARA QUE ENCONTREM O CAMINHO. Assim, a criança ainda por nascer toma-se o foco da atenção. Ela é o princípio funcional comum de toda a humanidade, passada, presente e futura. Ela é, devido à sua plasticidade e por ser dotada de ricas potencialidades naturais, a única esperança viva que resta neste holocausto do inferno humano. A CRIANÇA DO FUTURO, COMO O CENTRO DA ATENÇÃO E DO ESFORÇO HUMANOS, É A ALAVANCA QUE UNIRÁ NOVAMENTE A HUMANIDADE NUMA ÚNICA COMUNIDADE PACÍFICA DE HOMENS, MULHERES E SEUS DESCENDENTES. Em poder emocional, como um objecto de amor por toda parte, independente de nação, raça, religião ou classe, ela supera em muito qualquer outro interesse do esforço humano. Será o vencedor e o redentor final, de uma forma que ninguém pode ainda prever.

Isso parece ser óbvio para todos. Como é possível, então, que ninguém até agora tivesse concebido a idéia de centrar o próprio esforço nesta simples esperança e alavanca da verdadeira liberdade? Como unir o homem nesta base e desviar o seu interesse mal dirigido das convulsões fúteis, sem objectivo, sem sentido, sangrentas?

A resposta a essa pergunta foi dada: *o homem vive e age, actualmente, de acordo com pensamentos que se produziram a partir da separação do tronco comum da humanidade em incontáveis variedades de pensamento que se contradizem, umas às outras. Mas* a *raiz e tronco comum da humanidade permaneceu o mesmo: ter nascido sem idéias, teorias, interesses especiais, programas de partidos, roupas, conhecimentos; ideais, ética, sadismo, impulsos criminosos; ter nascido* NUA, *tal como o poder celeste a criou. Esta é a raiz e tronco comum de toda a humanidade. Consequentemente, contém o interesse comum e o poder de unificação da humanidade. É concebido, pela própria condição da sua emergência no mundo, para estar tanto além e acima como no fundamento de tudo aquilo que o homem pensa, representa, faz, tudo aquilo por que se esforça e morre.*

Uma breve observação pode, enfim, mostrar de que modo um tipo de pensamento influencia o uso ou a rejeição desta raiz e tronco comuns.

O mundo do Fascismo Vermelho, inteiramente mecânico no seu sistema económico e perfeitamente místico na sua maneira de conduzir os negócios humanos, encontra-se mal equipado para fazer qualquer coisa a respeito do homem instalado e imobilizado, com o qual se defronta. Em nítida contraposição aos seus fundadores espirituais, ele permaneceu assente na «economia» e numa visão mecanicista, industrial da sociedade. Reprovou e afastou a ferro e fogo todo o conhecimento sobre as emoções

humanas para além daquelas conhecidas pela mente consciente. Condenou os impulsos bioenergéticos como fazendo parte da «ideologia burguesa». Baseia a sua filosofia do homem numa mente meramente consciente, a que se sobrepõem os reflexos e respostas automáticas de Pavlov. Eliminou completamente a função do amor. Consequentemente, quando encontra a inércia humana, que se deve à couraça do biossistema, acredita, inteiramente dentro da lógica do seu ponto de vista, que está lidando com *malevolência consciente* ou com «*sabotagem.*» «reacionária» *consciente.* Novamente de pleno acordo com o seu modo de pensar, e subjectivamente honesto (excepção feita ao vilão consciente da política que encontramos por toda parte), o Fascista Vermelho alveja o «sabotador» e mata-o. Isto é necessariamente assim, uma vez que, para este tipo de pensamento, o que um homem faz ou não faz deve-se somente à determinação e resolução consciente. Acreditar no contrário, aceitar a existência de um domínio humano para além da vontade consciente, e com ele a existência e o poder de um domínio psíquico inconsciente, de uma estrutura rígida de carácter, de um impedimento antiquíssimo do funcionamento bioenergético, minaria imediata e irrecuperavelmente o próprio fundamento do sistema total de supressão do «sabotador do Poder do Estado». (Não importa agora se «proletário» ou não.) De um só golpe, isso revelaria o HOMEM como ele *é,* e o interesse seria desviado *dos* «Capitalistas», que não *são mais* do que *os* resultados últimos de uma economia da humanidade couraçada, desamparada, estática. Isso revelaria o verdadeiro caracter capitalista do Estado Soviético. Todo o sistema de opressão arqui-reaccionária da Vida viva, a confusão total sob a máscara de uma ambição «revolucionária», ruiria inevitavelmente.

Eis a influência do pensamento em termos de uma «mente consciente» isolada, sobre a acção social.

Imaginemos agora, por um momento, que os psicanalistas tivessem adquirido poder social em algum país. A partir do seu ponto de vista da existência de uma mente inconsciente, admitiriam um vasto domínio da existência humana *para além* da vontade consciente. Ao defrontarem-se com o «imobilismo» da humanidade, atribuí-lo-iam aos «maus» desejos inconscientes de um tipo ou de outro. O seu remédio seria «tornar a malevolência consciente», a fim de exterminar o inconsciente maligno. É claro que isto não adiantaria, da mesma forma que não adianta no tratamento de um neurótico, uma vez que a malevolência é em si o resultado da couraça total do corpo, e o «inconsciente maligno» o resultado da supressão da vida natural na criança; um «Eu não farei» sobrepõe-se a um silencioso «EU NÃO POSSO». Esta imobilidade, expressa como um «Eu não posso», é naturalmente inacessível a meras idéias ou persuasão, uma vez que *é* o que a biofísica do orgone chama «ESTRUTURAL», isto é, *emoção congelada.* Por outras

palavras, é uma expressão do ser total do indivíduo, *inalterável,* exactamente do mesmo modo que a forma de uma árvore crescida é inalterável.

Assim, um imperador, ao basear as suas tentativas de melhorar o quinhão humano na teoria de tornar consciente o inconsciente e na condenação do inconsciente maligno, falharia miseravelmente. A mente inconsciente não é a última coisa nem a última palavra. Ela própria é um resultado artificial de processos muito mais profundos, a supressão da Vida na criança recém-nascida.

A Orgonomia sustenta a concepção de que a letargia e o imobilismo humanos são a expressão exterior da imobilização do sistema bioenergético, devido à couraça crónica do organismo. O «Eu não posso» aparece como um «Eu não farei», não importa se consciente ou inconsciente. Nenhuma sondagem consciente, nenhum esforço para tomar consciente o inconsciente, poderá jamais perturbar o bloqueio maciço da vontade e da acção do homem. É necessário, no indivíduo singular, quebrar os bloqueios, deixar a bioenergia voltar a fluir livremente e assim aumentar a mobilidade do homem, que, por sua vez, resolverá muitos problemas decorrentes da inércia no pensamento e na acção. Mas uma imobilidade básica permanecerá. A estrutura de carácter não pode ser mudada basicamente, da mesma forma que uma árvore que cresce torta não pode voltar a crescer direita.

Consequentemente, o orgonomista nunca aspirará a quebrar os bloqueios da energia vital na massa da humanidade. *A atenção concentrar-se-á, consequentemente, nas crianças recém-nascidas,* nas crianças que nasceram sem couraça, plenamente móveis. Evitar a imobilização do funcionamento humano e com ela a malevolencia, o peso morto dos séculos, a resistência a qualquer tipo de movimento ou inovação («sabotagem» em termos dos Fascistas Vermelhos), torna-se a tarefa básica. É a Peste Emocional do homem, nascida desta mesma imobilização, que combate a Vida viva, móvel nas crianças recém-nascidas e conduz ao couraçamento do organismo. Portanto, *a preocupação é* a *peste emocional* e não a mobilidade do homem.

Esta orientação básica exclui, naturalmente, qualquer tipo de abordagem política, ideológica ou meramente psicológica dos problemas humanos. *Nada pode mudar enquanto o homem estiver couraçado,* uma vez que toda a miséria deriva da couraça e imobilidade do homem que cria o medo ao vivo, ao vivo *móvel.* A abordagem orgonómica não é nem política nem apenas sociológica; não é psicológica; ela desenvolveu-se a partir da crítica e da correcção das hipóteses psicológicas da psicanálise de que há um inconsciente absoluto, de que o inconsciente é o dado último do homem, etc., e também a partir da introdução da biopsiquiatria no pensamento sócio-económico. É BIOLÓGICA e BIOSSOCIAL, fundando-se na descoberta da Energia Cósmica.

A criança recém-nascida passa assim a ocupar, naturalmente, o centro da medicina preventiva e da educação. Desta maneira, o princípio comum da humanidade é obtido, não como um ideal pelo qual nos devemos esforçar, não como um programa político a ser conduzido pelos encontros e manifestações de massas, mas como o foco da raiz mais profunda da humanidade, como alicerce, para se construir sobre ele: construir como um engenheiro constrói uma ponte ou um arquitecto constrói uma casa, e não como o Fascista Vermelho constrói o seu império sobre o homem e a sociedade, com a ajuda da difamação e da denúncia, de espiões e de enforcamentos. Modju é o nome de milhões de pequenos destruidores da esperança humana, as formigas matadoras nos alicerces da sociedade humana; o «pobre sujeito», tão insignificante que ninguém até agora demonstrou interesse suficiente em fixar o olhar nele e deter as suas malignas actividades subterrâneas.

A Orgonomia, a compreensão factual da «Energiay Orgone Cósmica» universal («Deus», «Éter»), diz respeito tanto ao pensamento cristão como ao antigo pensamento hindu oriental acerca da profundidade da existência cósmica do homem. Basicamente, não está em desacordo com o pensamento religioso. Difere deste porque é concreta na formulação do conceito de Deus, e pela sua insistência no ponto de vista bioenergético, INCLUSIVE GENITAL, evitado em todos os outros sistemas de pensamento. Mas, basicamente, a Orgonomia opera exactamente no mesmo domínio que o Cristianismo e o Hinduísmo, muito mais profundamente que qualquer concepção tecnológica, materialista ou mecanicista das raízes do Homem na Natureza. Não há, na Orgonomia, nenhuma contradição às premissas *básicas* de Cristo, embora haja muito desacordo em relação à mitologia cristã de Cristo.

O SIGNIFICADO DA CONTRAVERDADE

Para se compreender o líder, deve-se primeiro compreender os liderados. Para derrotar o adversário, deve-se conhecer bem a sua força e raízes racionais. Pára compreender o poder que o Fascista Negro ou Vermelho exerce sobre multidões de pessoas comuns, é necessário conhecer o *povo.* A partir daí desenvolveu-se a investigação orgonómica do fascismo como «psicologia de massas» em 1930.

A fim de usar eficientemente o instrumento da verdade, deve-se conhecer proficientemente a CONTRAVERDADE. O problema não é saber porque é que há verdades sobre coisas, mas a razão pela qual a verdade não pode prevalecer. Se, apesar de toda a verdade e pregação de paz, os mentirosos, os fraudulentos e mexeriqueiros prevalecem tão abundantemente, deve haver algo muito poderoso que obstrui a verdade. Não pode ser a própria mentira, uma vez que ela não perdura. Deve haver alguma verdade crucial

de tipo *diferente* que obstrui completamente a verdade. Chamamos a isso a CONTRAVERDADE**.**

Uma mulher que arranjou um amante, paralelamente ao seu marido legal, vive uma verdade importante. O casamento desgastou-se, ou o marido maltrata-a, é impotente ou apenas não a satisfaz, embora ele possa ser importante noutros aspectos. A vida é rica, rica de mais para ser aprisionada em camisas-de-força medievais. Entretanto essa mulher não vive a verdade sem uma mentira. A mentira, neste caso, esconde uma séria contraverdade: se o marido soubesse, ele poderia matá-la ou mataria o seu amante, ou os dois. Ninguém seria favorecido. A contraverdade é, neste caso, mais poderosa do que a verdade.

No tempo das conferências dos líderes políticos em Teerão e Yalta, houve graves razões para NÃO se dizer a verdade sobre o logro iminente dos Americanos pelos Fascistas Vermelhos. A contraverdade, neste caso, foi a compulsão de uma aliança com os *Fascistas Vermelhos* com vista à defesa contra os *Fascistas Negros.*

Os representantes reais do povo são estritamente obrigados a NÃO dizer qualquer verdade, a permanecer afastados da verdade, a evitar questões embaraçosas, verdadeiras, a aderir a formalidades vazias, a apenas «representar» e não se desviar de QUÊ??? DO *costume?* Que é o costume e porque há esse costume? *Bom comportamento?* É bom comportamento a evasão estrita da verdade? *Do respeito aos olhos do público?* Porque é que os olhos do público evitam a verdade? *Por que razão um homem que diz uma simples verdade é proclamado herói?* É porque a multidão é composta de covardes? Porque é que a multidão é composta de covardes no que se refere a dizer a verdade?

Existem CONTRAVERDADES cruciais a serem guardadas contra a invasão da verdade. Antes de perguntar pelo racional na contraverdade, observemos o seu domínio.

O povo judeu não tinha autorização para entrar no mais sagrado do sagrado do templo. Porquê? Não seria de esperar que, a fim de elevar um povo, fosse permitido que ele tocasse o sagrado todos os dias? Não é este o caso. Deve haver uma razão crucialmente importante para manter o povo distante da sagrada clausura da verdade.

A energia cósmica, que penetra tudo e funciona nos próprios sentidos e emoções dos pesquisadores e pensadores, nunca foi tocada de um modo concreto. Isto *é* o mais espantoso, visto que as suas funções, tais como a cintilação no céu, o cintilar das estrelas em noites claras ô a ausência desse cintilar quando está para chover, o campo de energia dos corpos vivos, o desaparecimento do campo no processo da morte, o azulado e a efervescência na «escuridão completa», os invólucros dos corpos celestiais, e muitas outras funções tais como as vesículas em todos os tecidos que se desintegram, são

funções simples, facilmente observadas; entretanto, até agora elas não foram tocadas, isto num período de cerca de dois mil e quinhentos anos em que o homem se ocupa da natureza. E quando, finalmente, a energia orgone cósmica foi concretamente descoberta e *«tocada»* poderosamente, houve um rebuliço, uma grande confusão energética, um blá-blá-blá altissonante; mas ninguém, durante anos, tocou num acumulador ou olhou para um microscópio. Porquê esta evasão do óbvio? Porque são necessários *gênios* para detectar o óbvio?

A arma da verdade exige que se façam perguntas, independentemente de serem agradáveis ou não, sejam quais forem os *resultados.* Se o teu inimigo mais temível afirma falsidades, tu precisas de apontar as falsidades. Se *ele afirma a verdade, deves admitir que ele fala a verdade, por mais dolorosa que seja a verdade do teu inimigo.*

A verdade do teu inimigo é a contraverdade da tua própria verdade. Se o inimigo da tua verdade fala a verdade, então há algo de errado, prematuro ou incompleto na tua própria verdade. Antes que os assassinatos de Hitler pudessem ser plenamente compreendidos, a verdade que ele disse sobre marxistas, judeus, liberais e a República de Weimar teve de ser admitida. Admitir a verdade dele, isto é, a tua contraverdade, era crucial a fim de se dar o próximo passo, perguntar: «Como *é possível que um Hitler possa ocupar o primeiro plano? Como podem setenta milhões de alemães, pessoas informadas e combativas, ter sido levados a um tal pesadelo por um psicópata evidente?»* Sem uma pergunta como essa, nenhuma resposta poderia ser obtida. Hitler apresentou claramente uma contraverdade.

A explicação para Hitler foi encontrada na estrutura de carácter do povo em geral, que tornou possível os seus assassinatos. Foi o *povo* que fez Hitler e não Hitler que subjugou o povo. Sem o *hitlerianismo* ou o *estalinismo no povo* não teria havido nem Hitlers nem Estalines. Esta foi a contraverdade em 1932. Ela tornou-se a base sobre a qual se desenvolveu toda uma nova área de conhecimento, a ciência da *«psicologia das massas»* orgonómica, o conhecimento do papel da família autoritária, do medo que as pessoas têm da liberdade, da incapacidade estrutural para a liberdade e a independência pessoal, da estrutura pornográfica e basicamente sádica da «camada média» no caracter do povo; e daí seguiu-se... A DISTINÇÃO ENTRE O NÚCLEO BIOENERGÉTICO E AS NECESSIDADES PRIMÁRIAS. Assim foi a verdade, dita por um biopata disfarçado de herói nacional, que levou a novas-respostas básicas, a novas verdades.

A contraverdade, no princípio de um novo desenvolvimento, é freqüentemente mais importante do que a verdade. A verdade será tanto mais firme e evidente quanto melhor for compreendida a contraverdade. E para descobrir a contraverdade, é preciso que se seja capaz de ser «advogado do diabo», identificar-se com o inimigo, sentir-se

como um palhaço.

Se a economia sexual tivesse chegado, no final da década de 1920, a desenvolver plenamente um movimento de massas com base «sexo-política», ter-se-ia desencadeado um dos mais graves desastres na história da humanidade; não porque o que era dito em público naquela época não fosse a verdade, mas porque não era TODA a verdade, pois esta incluía sempre a *contraverdade.* E, neste caso, a contraverdade era: *a supressão genital nas crianças e adolescenes era necessária; a sua omissão teria sido fatal, uma vez que estas crianças e adolescentes tinham de se ajustar a uma estrutura social que* EXIGIA *a couraça contra a liberdade emocional. As crianças não couraçadas não poderiam ter existido na sociedade de 1930 em nenhum, lugar deste planeta. Portanto, a verdade sobre os maus efeitos da couraça nas crianças e adolescentes não poderia prevalecer nessa época. Esta verdade, como então se apresentava, sem o conhecimento da contra-verdade que bloqueava o seu caminho, não poderia talvez ter operado de acordo com o seu próprio desígnio e objectivo.*

Isto é realmente *«advocacia do diabo».* A contraverdade é, às vezes, mais cruel do que qualquer verdade jamais poderia ser; contudo, ela é também mais frutífera para o cumprimento final da verdade.

Em abstracto, a auto-regulação sexo-económica é «perfeita», muito melhor, mais limpa, mais firme, mais clara *é* mais decente do que a regulação moral. Praticamente, em muitos casos isto confirma-se na Vida viva. A pessoa genital-mente gratificada não é perturbada por pensamentos e sonhos pornográficos sujos. Não tem impulsos para violar ou mesmo seduzir ninguém à força. Está bem longe de actos de estupro e perversão de qualquer espécie. *É o carácter plenamente genital que realmente cumpre a lei moral do Cristianismo e de qualquer outra ética religiosa autêntica.*

O NOVO LÍDER

A História ensina que os grandes erros podem ser evitados durante o avanço para o desconhecido, mas não pode ensinar ao futuro líder como será o porvir, se ele sonhar com um futuro *diferente* da vida social presente e passada. Ê certo que a sociedade humana se move para diante, resoluta, resistindo a qualquer interrupção do movimento. Mesmo as grandes sociedades asiáticas, que tinham permanecido inalteradas por longos períodos de tempo, começaram a mover-se para a frente e entraram mesmo num fluxo rápido quando se puseram em contacto com o pensamento ocidental.

A Revolução Russa de 1917 forneceu a experiência que mostra que não há nenhum objectivo determinado a ser derivado do passado. A visão marxista da «necessidade

histórica» apenas se manteve enquanto se tratava da necessidade de mudança. Falhou completamente na medida em que foram previstos conteúdos e formas de desenvolvimento futuro; o resultado real da libertação da escravidão feudal na Rússia no século XIX foi o aumento da escravidão, e não o crescimento da autodeterminação humana.

Com a entrada das grandes massas humanas na cena social − povos que transportam para um futuro obscuro todas as misérias, distorções e esperanças do passado −, a determinação mecânica de metas fixadas e de objectives distintamente delineados de desenvolvimento social toma-se naturalmente impossível. Uma das principais razões para o caos generalizado deste século xx, de transição e transformação da sociedade humana, é que massas de povos em movimento se confrontam com pilhas de idéias humanas, a maioria das quais são restos do passado, carentes de conhecimento da natureza humana ou, para começar, inteiramente irracionais.

Moldar o destino humano dê acordo com planos, da mesma forma que se constróem impérios industriais, tomou-se obsoleto. De facto, isso nunca foi possível, desde os grandes empreendimentos imperiais de um Napoleão ou de um líder de massas ditatorial dos tempos recentes que não são mais do que episódios breves, insignificantes no extraordinário movimento que arrastou a sociedade humana em todo o planeta.

Uma outra razão de peso para o caos dos nossos tempos é que as questões cruciais que estão na base de toda a crise são inteiramente abafadas por questões de uma natureza injuriosa que governam a cena da política e dos políticos. Como médico ou trabalhador social numa pequena comunidade em qualquer lugar, compara o que vês com os teus olhos no domínio da miséria humana com o que lês nos jornais sobre a existência do homem e compreenderás imediatamente o profundo abismo entre a vida oficial e a vida privada, verdadeira.

Além do mais, uma outra característica dos tempos é que um tipo inteiramente novo de movimento social está a nascer e que os homens de Estado não têm a mais vaga noção do que está a acontecer; esses líderes dos homens moldaram as suas idéias de acordo com padrões de pensamento passados e mantêm-se rigidamente no erro.

À primeira vista, é espantoso, mas absolutamente lógico, que nenhuma das questões básicas dos movimentos e sublevações radicais do povo seja mencionada em nenhum lugar da disputa gritante, berrante, gesticulante que tomou conta das nossas vidas.

É do conhecimento geral, e não há necessidade de nenhuma outra prova, que a comoção actual na sociedade humana não tem quaisquer líderes autênticos; por outras palavras, não se vislumbra ninguém no horizonte que se pudesse desenvolver a ponto de

se tomar aquilo que um Cristo veio a significar para a era cristã, ou um Confúcio para a cultura asiática. Os líderes actuáis não são mais do que agentes da segurança deste ou daquele aspecto do *statu quo,* ou simplesmente bandidos em mares sem lei. São como salteadores numa pilhagem generalizada durante uma cheia ou um terramoto. Infelizmente, esses ladrões são tomados por novos líderes pelos inúmeros Babbitts deslumbrados, sentados nas ilhas que restam de um passado mais feliz.

Vamos agora caracterizar um líder que emergisse do caos actual e fosse capaz de observar e manipular as principais correntes da agitação social. Que tarefa, que decisão fatal teria esse líder de enfrentar?

Diz-se freqüentemente que o líder do nosso tempo teria de ser muito semelhante a um super-homem, um homem nietzscheano distanciado do seu companheiro humano. É difícil imaginar um líder assim.

Uma tal imagem de liderança para os nossos tempos deriva claramente da necessidade antiga, gasta, que o homem tem de mistificar a liderança, mesmo antes de o líder ter ingressado na cena pública. No caos dos nossos dias ela já promoveu e afastou o líder para uma região onde ninguém possa alcançá-lo, para que ninguém possa ser como ele.

Se compreendêssemos bem a lição do Assassinato de Cristo, um tal líder não conseguiria certamente dirigir os movimentos das massas do povo-em-comoção, a partir do passado para uma futura existência racional. *Teria* de falhar, pois pouco mais faria do que fornecer um outro símbolo místico às multidões sexualmente frustradas, carentes de amor, destituídas das garantias básicas da vida.

Se aprendemos bem a lição do Assassinato de Cristo, como temos razões para acreditar, o líder de povos do nosso tempo seria quase o *oposto exacto* do que as pessoas estão tão ansiosas por ver ou aclamar como o seu líder. Na sua vida quotidiana, ele distinguir-se-ia pouco dos modos de vida usuais do povo. Seria um homem que submergiria muitas vezes no rio da vida e nos movimentos do povo, aprendendo as suas lições sangrentas de fracasso repetido; cometeria muitos erros estúpidos e teria de aprender a corrigir erros imbecis sem se afogar.

Teria de passar por cada tortura do inferno humano no seu empenho de conhecer a natureza humana *praticamente* e eficientemente de dentro para fora e de fora para dentro. Teria de ter vivido com publicanos, pecadores, prostitutas e criminosos para conhecer o solo do qual se desenvolve tanto a esperança humana como a miséria. (Se ele fosse um líder como as pessoas gostam, apenas acrescentaria mais um palhaço à massa de pequenos e grandes fazedores de barulho, que não significam nada no longo curso da história humana.) Um tal líder teria de possuir ou desenvolver uma qualidade

extraordinária, jamais vista, inimaginável do ponto de vista corrente de como deveria ser a liderança dos homens.

TERIA DE SUPERAR QUALQUER TENTAÇÃO DE SE TORNAR UM LÍDER E TERIA DE EVITAR QUALQUER ISCA POR PARTE DO POVO PARA O SEDUZIR NA LIDERANÇA. A SUA PRIMEIRA GRANDE TAREFA SERIA *recusar-se a ser um líder.*

Um tal líder sentiria imediatamente o perigo que ameaça qualquer dirigente do povo, a saber, *tornar-se um mero objecto de admiração e provedor de salvação e de esperança para o povo.* Um tal líder daria o primeiro passo no sentido de guiar o povo, *levando-o a sério e deixando que ele se salvasse a si mesmo*, com as necessárias garantias sociais, económicas e psicológicas.

Um tal líder teria certamente lido a história do Assassinato de Cristo-, ou, por experiência própria, teria aprendido que as pessoas, criam os seus Cristos vivos a fim de se lhes submeterem ou, se os Cristos se recusarem a ser Barrabases, a matá-los instantaneamente apenas para que sejam promovidos ao céu em proveito da salvação, sem que elas mesmas movam um dedo.

A partir da sua própria experiência dolorosa e perigosa, o nosso líder saberia que tomar-se um líder das pessoas com a estrutura que elas têm significaria que uma das seguintes coisas aconteceria.

Ele seguiria plenamente os caminhos do povo e, com ele, permaneceria imóvel no seu lugar. As grandes promessas, expectativas e programas logo seriam meros recitais de feriados e litanias rotineiras sem qualquer significado ou sentido. As pessoas ficariam silenciosamente desapontadas, mas não se esforçariam muito para efectuar uma mudança, pois tudo isso estaria absolutamente de acordo com o seu letárgico imobilismo, o qual continuaria até que aparecesse o tipo mais activo e aventureiro de líder.

Esse outro tipo de líder seria igualmente uma vítima da necessidade que as pessoas têm de salvação e de promessas de um céu na Terra. O *futuro ditador é* desse tipo. Os ditadores desse tipo entusiasmam-se pelos anseios genuínos das massas. São seduzidos a prometer ao povo tudo o que o povo deseja ouvir.

Absolutamente ingênuos e honestos (a menos que nos demos conta desta honestidade dos ditadores, o seu poder sobre o povo não pode ser realmente compreendido), eles juntarão as esperanças do povo, impossíveis de realizar, às suas próprias esperanças, impossíveis de realizar, até que tenham erigido diante do povo o magnificente edifício de um grande império, de um céu final, de poder e glória ou de uma terra onde só mel e leite correm nos rios.

Ao fazer isto, esses líderes acreditam honestamente que conduzem e dirigem as pessoas, que são os salvadores da sociedade. Não têm consciência de que apenas se deixaram prender pelo mais típico e mais pernicioso dos sonhos dos povos por toda parte. Foram arrebatados por um rio gigantesco e ainda acreditam que são *eles* que *fazem* o rio fluir. É claro que são apenas marionetas que agem como os grandes imperadores do rio que realmente *os* arrasta na sua correnteza. Não têm a menor idéia a respeito da natureza do rio no qual são levados desamparadamente; nem saberiam como dirigir o rio para um tipo diferente de leito ou como construir uma barragem contra o seu poder de inundação. São como os palhaços de circo que fazem certos gestos para fazer o público acreditar que são eles os únicos que fazem o espectáculo começar ou parar, que movem montanhas no palco com um simples gesto. São como os mágicos que mantêm as pessoas pasmadas até que os truques sejam plenamente revelados e outros mágicos com diferentes tipos de truques apareçam em cena.

O nosso líder, que não é deste tipo, comportar-se-ia, pelo menos por um momento, como um ditador, levado pela sua inclinação natural a saborear cada pequena porção dos negócios humanos, a conhecer tudo pela sua própria experiência pessoal. O nosso líder, portanto, também se deixaria conduzir no topo das ondas de adoração do herói humano. O seu gozo teria de ser genuíno a fim de realmente saber como é ser louvado, adorado e encarado como o salvador do povo. Ele seria diferente do verdadeiro futuro ditador na medida em que, mais cedo ou mais tarde, ficaria com um mau gosto na boca por causa de todo o louvor e gestos do povo à espera de salvação. Sentir-se-ia de algum modo esvaziado da seiva da sua vivacidade e produtividade natural. Sentiria que estava a ficar sem talentos e idéias, e certamente começaria a sentir a insensibilidade e o vazio das formas estereotipadas, sempre reincidentes, pelas quais o povo torna os seus líderes orgulhosos de si mesmos. Apenas nos primeiros tempos sentiria que o ardor dos discursos e levada a sério; que a determinação manifesta de trazer o bem para este mundo é auto-sustentadora; que, uma vez no poder, era só ir até à miséria e varrê-la com uma grande vassoura.

Embriagado de tal forma por uma falsa animação e por uma crescente disposição de salvação, o nosso líder começaria a sentir-se cediço. E faria uma das descobertas mais perturbadoras: ELES REALMENTE NÃO PRETENDEM ISSO. É tudo uma *demonstração de bondade.* Não é mais do que uma promessa vazia. Isto ele perceberia em pequenas questões, questões que usualmente não chamam muito a atenção.

E se o nosso líder deseja cumprir a sua função, tem de saber como trabalhar, como realizar uma determinada tarefa, como ganhar a vida com coisas práticas, como construir uma mesa, como tratar de um ferimento, como deter a ansiedade asfixiante de

uma criança, resolver uma situação confusa de uma família, pilotar um helicóptero, polir vidro para fazer lentes, derrubar uma árvore, pintar um quadro, decifrar o enigma de uma doença, realizar uma experiência a fim de resolver um problema da natureza, ou como empreender o tratamento de um adolescente na agonia da frustração genital e muitas outras coisas altamente desinteressantes para a alma de um ditador.

O nosso líder, em suma, saberia como *trabalhar* e o que realmente significa trabalhar; quanto esforço, esforço pormenorizado, minucioso, está envolvido mesmo numa pequena realização. Sentiria isso. E este sentimento, mais cedo ou mais tarde, fá-lo-ia tomar consciência de que o que as pessoas lhe dizem é apenas conversa fiada. No momento em que ele tentasse levá-las a *fazer* coisas práticas, começariam a desprezá-lo, ou falariam apenas, falariam, falariam sobre o elevado ideal da carpintaria, da medicina, da educação, da indústria ou da pilotagem. Porém, na verdade, não mexeriam um dedo, apenas falariam como multidões ao redor de mesas agradavelmente postas com comida ou bebidas, ou apenas se sentariam imóveis.

A princípio, o nosso líder recusar-se-ia a aceitar a noção nítida de que estão apenas na conversa, transformando cada pequena tarefa prática em meras *idéias* de fazer isto ou aquilo. Instalar-se-iam no imobilismo, como os milhões de camponeses russos se instalaram durante séculos, quando não moviam as suas costas doentes e rígidas por um pedaço de pão. Instalar-se-iam no imobilismo como o *coolie* chinês se instalou durante séculos, quando não puxava o seu riquexó pela rua de alguma grande cidade, suando para ganhar o pão diário. Os fala-barato chamam a este imobilismo a *«natureza filosófica do homem oriental»,* não sabendo nada sobre a doença do povo do Oriente, que é a *rigidez do corpo através da couraça,* E, sonhadoramente, falariam acerca do que *iriam fazer* quando arrebatassem o poder numa nação oriental ou ocidental, como *iluminariam* as pessoas e lhes *proporcionariam* liberdade, e as *conduziriam* ao socialismo que inevitavelmente estava perto, tendo acabado de atingir o fim da primeira fase tal como é descrita no evangelho socialista, e estando prestes a entrar na segunda fase do desenvolvimento, o comimismo plenamente desabrochado.

Sentado no meio desta multidão pairadora, o nosso líder permanecerá calado. Perguntar-se-ia: mas que fazer quanto à mente mística, à crença em fantasmas e em bruxas, quanto à miséria nas alcovas conjugáis, ao espancamento das crianças por desrespeito, e quanto aos pesadelos daqueles que ingressam na puberdade? E quanto ao trabalho espontâneo, aos cuidados com os utensílios, à direcção segura, à pilotagem de comboios e aviões em segurança e a tempo, e a tudo o resto? Que farão em relação a tudo isso?, ele pode ousar questionar. Oh, isso são assuntos burgueses. Uma economia planificada dará conta disso. E quem planificará? A Comissão de Planeamento, é claro.

E o nosso líder verá com os seus olhos interiores as aldeias queimadas dos camponeses ucranianos feridos mortalmente ou mandados para a Sibéria por «sabotagem». Esses camponeses apenas se instalaram e foram incapazes de mover-se para além das tarefas diárias mais essenciais, necessárias para manter a vida em funcionamento; e eles simplesmente não tinham a menor idéia do que estava a acontecer, porque tiveram de ser conduzidos à «liberdade» por rapazinhos ignorantes, espertalhões, que sentiram o cheiro do poder e se embriagaram com ele, e começaram a alvejar camponeses que carregavam o resultado da velha peste de mil anos nas suas costas enrijecidas, transmitindo-o aos seus filhos por meio de espancamentos.

Desta imobilidade do corpo, desta restrição da vida nos membros e nas entranhas, emerge toda a irresponsabilidade, porque *as pessoas tomaram-se simplesmente incapazes de assumir a responsabilidade;* estão todas desamparadas, porque foram abandonadas ou, então, tomaram-se impotentes através de um modo de vida cruel, ignorante, de muitos milhares de anos de estagnação.

Rápida e facilmente os nossos vendilhões da liberdade tornam-se ladrões de liberdade. Não há nada mais que eles possam fazer, uma vez que não há nada que saibam acerca desta doença de massas. E mesmo que soubessem o que não ousam saber, não saberiam o que fazer com um conhecimento que os torna fluidos. O vendilhão da liberdade não deve ser acusado por vociferar contra a miséria diante de milhares de ouvintes. Ele DEVE ser desmascarado por NÃO PRETENDER O QUE DIZ, OU, se O pretende, por não saber absolutamente como lidar com as coisas depois de atrair as pessoas com as suas promessas.

O nosso líder seria arrastado para a mesma corrente de agonia se não fosse um *homem do* TRABALHO que sabe o que significa lidar com as coisas, FAZER, CONSTRUIR, PENSAR. Uma vez no poder, seria arrastado para o topo pela necessidade de salvação por parte das multidões de pessoas imobilizadas; para não ser despedaçado pelos seus próprios admiradores, *teria* de manter as minas e linhas férreas *em.* funcionamento; *teria* de manter as crianças na escola; *teria* de prover a nação de pão, milho e batatas e as vezes até de carne. E por ter Apenas falado e não ter preparado nada para cumprir as promessas que tão pródigamente fez às multidões, *deve* agora tomar-se o ditador cruel, de forma muito pior do que o industrial do século xix ou o imperador a quem feriu mortalmente.

É sempre a estrutura de carácter média das massas que determina a natureza e actividade da liderança. Essa tem sido uma das observações mais certas da orgonomia social. Ela é válida tanto para o rei como para o ditador. Reis, duques, ditadores, padres

e vendilhões da liberdade são produtos do povo. Isso vale também para o nosso novo tipo de líder. O líder do futuro, que terá aprendido bem a lição do Assassinato de Cristo, será também um resultado da estrutura de carácter do povo em geral.

A necessidade de conhecer a importância básica da conduta social do homem mediano foi imposta ao mundo pelas ditaduras que se desenvolveram a partir do brado do povo «Heil, mein Führer». É de esperar que, exactamente da mesma forma, a grande compulsão do povo para Assassinar os seus Cristos impeça a emergência de um novo tipo de líder dos homens.

Observemos estas características tal como devem necessariamente emergir daqueles traços de comportamento do povo que culminam, periodicamente, no Assassinato de algum Cristo.

O novo líder terá de escolher entre a admiração das pessoas e a fidelidade à sua percepção do que as pessoas fazem de si mesmas através do seu eterno imobilismo. Consequentemente, ele não agirá como o político de hoje. Não se servirá da aprovação do público. Perceberá que tal aclamação, por mais reconfortante e agradável que seja, por mais que pareça ser um «reconhecimento», é o primeiro passo para a extinção daquilo que ele afirma. Portanto, não se importará ou mesmo tentará evitar tanto quanto possível o chamado reconhecimento público. *A reivindicação de «reconhecimento» é, da parte do pioneiro, o medo de ter de ficar sozinho, e da parte do povo em geral, covardia de pensar por si mesmo. A reivindicação de reconhecimento é, basicamente, o medo da não-conformidade e do conseqüente ostracismo social.*

Isto não significa que o novo líder desempenhe o papel de uma moça desprezada que não tem com quem dançar. Ao contrário, sentirá maior independência na realização dessas tarefas. Isso exigirá muito maior determinação e força genuína do que se exige do político que escala alguma árvore social. Isso dará muito maior solidez às bases da actividade do novo líder.

Isto não significa que este novo líder irá desprezar as pessoas ou que não estará desejoso de aclamação pública. Se ele tem de desempenhar a sua tarefa, permanecerá humano até ao final. Mas sabendo *as razões pelas quais* o povo honra as vítimas da sua adoração, furtar-se-á silenciosamente a essa armadilha, como um bom educador que evita certas acções quando sabe que elas não servirão o seu propósito último de ajudar os adolescentes em determinadas condições.

Deste modo, o novo líder não «irá ao encontro do povo»; não «escreverá para o povo» nem tentará «convencer o povo» da verdade ou da importância social do seu conhecimento. *Escreverá sobre coisas* que acredita serem verdadeiras, e *não* para o povo. É extraordinário descobrir como os ensinamentos humanos mais elaborados e

mais realistas acabam por ser vítimas dos velhos hábitos de fazer coisas «para o povo» ou de «estar no meio do povo» para lhe ensinar o que parece ser bom para ele.

Se o povo precisa do bem, do amparo e do esclarecimento, deixem-no procurar isso; deixem-no encontrá-lo *por si mesmo.* Deixem-no desenvolver a capacidade de distinguir as palavras de um vilão, de um político tagarela ou de um vendilhão da liberdade, dos ensinamentos de algum homem sério. O problema não é o facto de Hitler ter desejado o poder, mas o facto de o ter conseguido. É um grande problema: como puderam milhões de homens e mulheres adultos, laboriosos, eficientes, sérios, deixá-lo ter poder sobre as suas vidas.

Nessas mudanças de concepções básicas acerca do povo, o novo líder crescerá na sua tarefa. Uma nova regra, que à primeira vista soa estranha, está a tomar corpo.

Se *ouvires a salvação ser proclamada de uma maneira que pertence ao passado, deves suspeitar de que a verdade está exactamente na extremidade oposta da linha.*

Isto é absolutamente natural em face da característica básica do homem de evitar o essencial e apegar-se ao supérfluo. Se uma geração inteira de psiquiatras, após ter estudado com empenho o núcleo energético das idéias confusas do homem sobre a sua existência, encontrar o sexo frustrado como o denominador comum de tudo, podemos estar certos de que o povo em geral tentará escapar disto, e estimulará e tornará famosas as escolas psiquiátricas que eliminarem esta parte crucial ,do conhecimento, substituindo-a por alguma estupidez-padrão, banal há uns cem anos atrás, vestida como uma boneca nova para se brincar com ela inocentemente. Ela encontrará o seu apóstolo que assim se elevará ao topo das ondas da aclamação pública. Deixem-nos! Eles não farão muito mal enquanto houver centros que mantenham claras e limpas as questões. Haverá certamente períodos de desgaste, quando a doutrina evasiva cair como uma folha podre e quando aquilo que esteve a crescer em silêncio, ao longo de muitas décadas, pronto a emergir na corrente geral dos tempos, for procurado ansiosamente.

O novo líder sentir-se-á impaciente, mas aprenderá a esperar eternamente. Ele saberá, ou aprenderá pela experiência, que não é possível às coisas boas da vida subirem ao céu como foguetes, que elas precisam de crescer lentamente, que em desenvolvimentos cruciais nenhum passo pode ser esquecido sem pôr em perigo o todo, e que as coisas duradouras devem testar as suas asas em pequenos perigos, muito antes de transformarem o mundo em grande escala, crescendo através dos perigos. Só é possível esperar pacientemente se não tivermos a ambição de conduzir ou salvar as pessoas. *Deixemos que as pessoas se salvem a si mesmas.* Far-lhes-á muito bem aprender como é afogar-se devido à própria estupidez. Essas lições nunca são esquecidas e produzem inúmeras novas possibilidades.

O antigo tipo de líder teve de aprender como fazer amigos e como evitar fazer inimigos. Para fazer amigos, foi preciso destruir a essência das idéias mais frutíferas. Formulações cortantes tiveram de ser suavizadas a fim de não ofender ninguém, as arestas tiveram de ser aparadas, e a expressão indirecta teve de substituir a directa e aberta: o modo furtivo, absolutamente de acordo com o medo que as pessoas têm do contacto imediato, prevaleceu. Entretanto, as pessoas preferem sempre o homem recto ao político. Elas temem-no mais, é verdade; evitam-no e parecem apreciar apenas o tortuoso. Mas, no final, a sua admiração, mesmo que apenas de uma grande distância, é pela rectidão.

Aqui, revela-se a cisão básica na sua própria estrutura: elas vivem, na verdade, de acordo com as regras da evasão do essencial, mas desejam, ao mesmo tempo, o contacto directo, pleno, simples com as coisas. As pessoas acabam por sair-se bem, realmente. Conhecer esse medo inicial ao directo e à rectidão nas pessoas é um dos maiores requisitos do novo líder.

O novo líder não terá medo de fazer inimigos, se tal for necessário. Não deixará de pensar correctamente pelo facto de alguém o poder odiar por isso. Mais cedo ou mais tarde, aprenderá que alguns dos seus inimigos são amigos muito mais chegados e muito mais conhecedores da sua essência do que muito dos amigos mais chegados. Não tentará provar a sua opinião ofendendo as pessoas, mas distinguirá a ofensa gratuita da ofensa por se dizer o que é certo. O que certamente mata a peste política que assola este século xx é o modo como os fascistas atacaram os seus inimigos com uma verdade profunda, a força do anseio ardente pela Vida; contudo, esta força foi usada apenas no sentido negativo, não na forma positiva. Eles realmente não tinham nada a oferecer e foram vítimas da inclinação do povo por espectáculos de demonstração de força e de resistência. O novo líder será naturalmente firme, mas não terá nenhuma das características intrínsecas do *showman* no respeitante a ter força. Se necessário, baterá com força, mas sempre honestamente.

Depois de muitas e perigosas experiências com o apego do homem ao mais forte, o novo líder desenvolverá lentamente uma sensibilidade aguda para distinguir as pessoas inclinadas à dependência, como um piolho ao cabelo ou como uma sanguessuga à pele. Pressentirá o amigo que avança um pouco, para então permanecer imobilizado como uma mula, não se movendo nem um centímetro, obrigando assim aquele que actua a refrear o passo ou a parar de se mover. O novo líder também conhecerá o ódio que em geral se desenvolve em pessoas que são deixadas para trás, instaladas no imobilismo. Cuidadosamente, ele estará em guarda contra essas possibilidades, fazendo menção, constantemente, a esta característica proeminente dos homens que são como

sanguessugas. Ele dar-lhes-á como que injecções mentais profiláticas, dizendo-lhes *de antemão* o que eles provavelmente estarão inclinados a fazer contra ele, caso os deixe para trás, imóveis, sem fazer nada. Para sofrer menos com a perda do líder, fá-lo-ão parecer negativo, menos importante, retratá-lo-ão até como um mau carácter.

O novo líder enfrentará a dolorosa tarefa de amar as pessoas e, ao mesmo tempo, não se lhes ligar da maneira usual; conhecer as suas fraquezas, sem as desprezar ou temer. Antes de tudo, enfrentará a solidão, a vida em amplos espaços, sozinho com apenas alguns amigos. E mesmo esses amigos poderão vir a ser intrusos provocadores ou incômodos, uma vez que todos querem a salvação. Cada um, de algum modo, deseja algo dele. Pouco a pouco ele ficará sabendo, com espanto, como são infinitos os desejos que as pessoas têm de obter *coisas.* Não importa o *que* elas querem. É o desejo e a *obtenção* que importam. E ele estará bem consciente do preço que lhe é pago pela obtenção: admiração vazia. Consequentemente, não cairá na tentação, tão comum ao político, de se embeber nesta admiração como uma esponja.

O novo líder terá de actuar sem muitas das coisas que usualmente compensam as várias dificuldades da liderança. Não gozará da facilidade com que os movimentos geralmente se difundem por meio da exaltação do líder. Terá sempre consciência de que aquilo que conta é o que um líder descobriu, disse ou propôs, e não o que ele próprio gostaria de desfrutar. A história ensinou-lhe que o sacrifício da essência do trabalho é o preço pago pelo sucesso formal. Em suma, terá sempre consciência da tendência bem oculta nas pessoas de ver as coisas apenas no espelho, de assumir grandes coisas apenas para as tornar impotentes, de se preocupar muito mais com a admiração por alguém do que com aquilo que esse alguém tem a oferecer, de reunir-se em torno do que não é importante e levar o que é crucial à impotência.

Com isto, o novo líder fará com que muitos se voltem contra ele. Terá roubado a esses muitos um objecto ao qual se possam agarrar; um pé de feijão sentiria o seu conforto roubado se lhe tirássemos a estaca que o apoia.

O novo líder terá de se arriscar a permanecer ignominioso por toda a vida. Mas também estará certo de que é muito melhor para a sua causa e para o bem público se permanecer sozinho, do que ver a sua causa tomar conta do mundo de forma *negativa,* de forma contrária ao que se pretendia, a tal ponto distorcida pelas pessoas que poderá desencadear o desastre. Isto aplica-se especialmente quando estiverem envolvidas questões da vida sexual. O animal couraçado criará inevitavelmente uma religião da foda a partir do facto extraordinário da potência orgástica, assim como criou o sistema mais elaborado, mais infernal de espionagem e espoliação *contra* a liberdade a partir da

antiga boa conspiração dos combatentes revolucionários *pela* liberdade.

O novo líder sentir-se-á de certa forma reconfortado pela convicção de que a verdade e aquilo que é útil ao povo acontecerão inevitavelmente, mesmo que isso leve um milhão de anos. Ele ainda não fará nada PELAS pessoas, mas simplesmente fará as coisas, fazendo-as bem. Novamente, *deixará que as pessoas se salvem a si mesmas.* Saberá que ninguém mais pode fazê-lo por elas. Simplesmente *viverá à frente das pessoas* e deixará que elas se lhe juntem ou não. Será mais um guia do que um líder. O guia pensa apenas em chegar a salvo ao topo da montanha. Não determina qual a montanha que o turista deseja escalar. O novo líder pode muito bem conduzir um mundo inteiro, sem que ele próprio saiba que o está a conduzir, ou sem que o mundo esteja ciente de que está a ser dirigido por este único líder. Cristo foi um líder assim. O modo de ser do novo líder, as suas idéias, a sua conduta e os seus objectivos podem ter penetrado imperceptivelmente a mente pública, sem que ninguém tenha notado. Pode ser que ainda tenha de assumir a culpa por distorções que não são da sua autoria ou por males que nunca propôs, e pode acabar por ser crucificado exactamente como Cristo o foi, mortalmente. O novo líder saberá que isto poderia muito bem ter-lhe acontecido. Sente-se responsável, não pelo povo, mas pelo que está a acontecer no mundo, exactamente como cada cidadão do mundo se sente responsável pelos acontecimentos mundiais. Esta é também uma nova característica da nova liderança: *o sentimento de responsabilidade em cada cidadão do mundo por tudo o que acontece, mesmo em cantos longínquos do globo.* A conversa vazia e tagarela, a palmadinha nas costas e a piada suja sobre as fodas, tão características do cidadão irresponsável de um país livre, são coisas do passado. Isso é certo.

O novo líder terá mais inimigos entre os seus amigos mais próximos, e menos inimigos, porém mais perigosos, entre as multidões. Cada místico esquizofrénico, cada fanático religioso, cada político ébrio de poder é seu inimigo potencial ou candidato a assassino. Não aderirá à crença no martírio. Desejará *viver,* e não morrer por uma causa. E preparar-se-á cuidadosamente contra o desastre. Terá uma arma carregada em sua casa e, se puder, terá cuidado com as pessoas que recebe. Viverá uma vida solitária e evitará tanto quanto possível a sociabilidade vazia, tagarela, falsa.

Manter-se-á a distância das pessoas, sem, no entanto, as desprezar ou sentir inimizade por elas. Isto foi ganho em árduas batalhas contra si mesmo. Quando, inicialmente, se lhe deparou a falsa admiração nas pessoas e a sua fúria por *obter algo em troca de nada,* sentiu-se inclinado a juntar-se ao líder conservador da sociedade, que sabe que as pessoas são assim e nunca sonhou em mudar a situação. Compreenderás inteiramente o espírito do pioneiro americano da indústria dos anos 1880. Mas também

superará o «imobilismo» do industrial conservador de 1960.

Compreender os motivos do comportamento das pessoas e mesmo assim não ser vítima da piedade por elas e da salvação delas, tal como acontece com o vendilhão da liberdade, será uma tarefa importante a ser fielmente cumprida. Como pode alguém conhecer a situação de uma mulher do campo com dez filhos e ainda esperar que ela *não* faça intrigas e que diga francamente o que pensa, exactamente como o sente nas entranhas?

O vendilhão da liberdade prolongaria a miséria dela pela tímida «compreensão» das suas intrigas malignas sobre o vizinho, o que significaria *confirmá-las.* O novo líder poria de quarentena uma mulher maligna, intrigante, através do ostracismo social. A intriga é assassinato, o oposto exacto da opinião livre de um homem ou mulher livres.

Os vendilhões da liberdade são sustentados pelas máquinas da inteligência cerebral, cuja única função é manter os órgãos genitais mortos. Essas inteligências cerebrais, *walkie-talkies,* são os *brain trusts* da peste. Podem discursar sobre montanhas e rios na tua frente. Podem conversar fiado sobre o cheiro de cada flor, pois não passam de microfones secos de uma verdade há muito passada, sem emoção ou alma. Elas povoam os gabinetes de muitos governos modernos, progressistas. São os talmudistas do evangelho marxista. São horríveis. Cada sentimento vivo é morto pela sua simples presença. Não sabem chorar e não sabem soluçar. Amam com o cérebro e odeiam com os órgãos genitais. É impossível ser humano na sua presença. O homem ou mulher de trabalho é para eles um instrumento da «necessidade histórica», e nada mais. Portanto, sentados a salvo no santuário da Manchuria, não hesitarão em mandar milhões de pobres rapazes chineses uniformizados, chamados «voluntários», para a frente das bocas dos canhões americanos na Coréia, simplesmente para provar a «eterna vigilância e a coragem da vanguarda bolche-vista». São o despontar de uma era mecânica degenerada, formando uma religião a partir das suas elucubrações intelectuais. O novo líder terá de saber tudo isto.

Ele também saberá que estes mecanicistas cerebrais, enquanto fodem a torto e a direito, odeiam o amor autêntico do corpo como a um veneno e portanto obstruirão a ferro e fogo qualquer tentativa de reconstrução da estrutura do carácter humano. Subordinarão os problemas humanos a um único aspecto: o estômago do cão segrega saliva quando ele ouve uma campainha que antes esteve associada à visão de um prato de carne. Isto *é* tudo. Não é isto o materialismo perfeito? É. De perfeito acordo com esta concepção dos problemas humanos, o cérebro deles segrega inteligência quando sentem o cheiro do poder. Isto é tudo o que resta de um grande ensinamento de emancipação humana.

O novo líder confrontar-se-á com muitos perigos e ciladas. Entre estes, o medo que as pessoas têm da peste intrigante que estrangula o seu saber simples nas gargantas apertadas e amedrontadas. Ele terá de reconhecer os primeiros sinais da presença de uma peste oculta. Terá aprendido que uma única pessoa pestilenta pode transtornar toda uma comunidade pacifica, da mesma forma que uma simples tonalidade errada numa orquestra pode transtornar a mais bela sinfonia.

Saberá que a peste é contagiosa. De algum modo, ela consegue desencadear a peste latente até nas pessoas mais decentes, ninguém sabe até hoje como. Podes perceber que isto acontece pela confusão que, de repente, como se não viesse de parte alguma, irrompe num grupo de pessoas harmoniosamente cooperadoras, se um só caracter pestilente estiver presente; uma vez que tenhas aprendido a farejá-lo, é imediatamente reconhecível por um cheiro "emocional característico.

O nosso líder confrontar-se-á com um outro facto dos mais peculiares: as pessoas que pareciam ser as mais devotadas e confiáveis na sua cooperação com a Vida viva começarão a reunir-se em torno do centro que espalha a peste. Parece que isso acontece porque a peste oferece a *emoção* do heroísmo sem o *esforço* da resistência heróica. Isso parece proteger a alma humana da sua própria profundidade emocional. O processo de reconstrução das estruturas de carácter humanas precisa necessariamente de séculos de contínuo esforço vigilante, persistente, por parte de muitos educadores e médicos da alma. O educador pestilenta terá pessoas agrupadas ao seu redor pela simples razão de que prometerá um sistema perfeito de educação sem esforço, dentro do prazo de um mês. É só mandar-lhe crianças que ele fará isto e aquilo. Ou porquê aborrecer-se examinando cuidadosa e habilidosamente a dinâmica da peste que está envolvida no sistema emocional de alguém? Não é mais simples entregar-se à dialética, que não só cura todos os doentes com um simples sopro, mas, além disso, capacita a alma, tão rapidamente purificada, a exercer a mesma acção rápida sobre muitas outras almas doentes?

Porque a peste é o resultado da evasão da profundidade das coisas e porque as pessoas em geral têm medo do profundo, elas rapidamente escolherão a peste e abandonarão a tarefa penosa, a longo prazo, do trabalho decente. Só se isto for plenamente compreendido é que a peste poderá ser superada nos domínios da educação, medicina, administração social e higiene pública.

Portanto, a nova liderança manterá as múltiplas manifestações da peste sob cuidadosa vigilância. Aprenderá a conhecer a tempo e a atacar directamente o pestilento obstrutor de todo o esforço humano frutífero. A pessoa portadora de peste é vazia e, por isso, covarde. Ela sai furtivamente à noite, mas desaparece à luz limpa e clara do dia.

Os liberais dirão que a peste também tem direito ao livre discurso. Sim, mas apenas ao ar livre, aberto, não no canto escuro do meu quintal, no meio da noite, empunhando uma faca, pronta a golpear-me pelas costas.

O auxílio prestado à peste pelo espírito liberal é enorme. O novo líder terá de vencer a defesa da peste por parte do espírito liberal. Ele reprovará a desculpa de que «sempre foi assim» e de que, portanto, pode continuar a ser assim por toda a eternidade.

O novo líder explicará ao liberal que vigiar sorrateiramente um semelhante no escuro da noite, ou mandar-lhe, de presente de aniversário, um ramo de flores que explode no rosto, não tem nada a ver com a livre expressão da opinião racional, mas é um covarde Assassinato de Cristo. Passará horas difíceis tentando convencer o espírito liberal de que os mentirosos e os assassinos, os intriguistas e os conspurcadores da honra são criminosos contra a segurança da liberdade e felicidade dos homens, mulheres e crianças. Terá de conseguir convencer o mundo ao seu redor de que, finalmente, alguém deve começar a aprender a decifrar a honestidade e a desonestidade na cara dos representantes asiáticos, europeus ou americanos, para distinguir o vil espião do representante de uma administração social.

O menosprezo pela psicologia prática e a demora no estudo da expressão do carácter custaram ao mundo ocidental os segredos sobre a sua arma atómica, que tão ardentemente tentaram proteger. É claro que as bombas nunca mudarão o mundo. Só a acção das qualidades vivas mais profundas das pessoas o mudará. Mas a protecção contra a peste é possível quando se identifica a expressão de um vigarista no rosto de um enviado diplomático; isto faz parte da tarefa de pôr em acção as qualidades da Vida viva nas pessoas.

Neste ponto, os espíritos liberais, submissos, tomam-se realmente perigosos. Fracos e cobardes, sem nenhuma perspectiva de si mesmos, apoiados apenas na grande doutrina do humanismo, válida outrora, entregaram a sociedade alemã aos nazis, e talvez consigam entregar a sociedade americana aos espiões do império reaccionario russo. Embora talvez não o sintam ou não o saibam, esses liberais impressionam-se profundamente com a destreza e a demonstração de força por parte dos generais da peste organizada; sucumbem à tentação como virgens enfraquecidas pela abstinência que se submetem ao cavaleiro de armadura brilhante. Cuidado com as almas submissas e de fala macia, que nunca elevam a voz com raiva ou revolta contra o mal... Existem muitas víboras entre eles, prontas a trair Cristo nas nossas crianças por trinta dinheiros. Estão apenas interessados nas suas próprias emoções, falsamente honestas. Ao proteger um assassino de Cristo, esquecem que milhares poderiam ser salvos do mal. Indirectamente, incumbem a peste de cumprir o que eles mesmos são incapazes de

realizar. As suas entranhas estão cheias de ódio verde e de ânsia por assassinar. São os mais perigosos na medida em que usam os sonhos mais pacíficos e inocentes das pessoas para as suas acções malignas.

Aprende a apoiar os homens e mulheres que são honestos e francos na expressão das suas opiniões e que sabem bem quando amar e quando odiar; o que proteger e o que abandonar à sua própria sorte; que sabem e vivem o amor do corpo e a tristeza da alma, e que sabem o que são lágrimas em noites silenciosas. Esses são os odiados pelas máquinas de inteligência *walkie-talkie* e pelos aldrabões que destilam palavras de mel, com veneno oculto nelas para matar a vítima crédula.

O novo líder tomará cuidado com o oportunista, o frustrado que salta para o teu carro cheio de frutos ricos do teu trabalho árduo para encher-se até a boca, apenas para te esfaquear mais tarde, ou tornar-se maior que tu e extrair o poder sobre as pessoas dos *teus* esforços intensos, sem mexer um dedo. Cuidado com aquele que não ousa olhar-te firme e directamente nos olhos, que desvia sempre o rosto para que não o vejas e conheças. Ele será o próximo presidente da tua organização e tomará conta de tudo e expulsar-te-á, independentemente do que tenhas feito por ele. E ele não se importará com aquilo que foi a tua preocupação durante muitos anos. Apenas quer encher o seu ego vazio, infinitamente, sem esforço. O pior de tudo é que *ele não sabe absolutamente que te está a atraiçoar.* Assim se desenvolve a sua argumentação: não tenho eu obtido tudo sem esforço? Não será assim porque a minha mãe me frustrou quando eu era bebé, e, agora, não tenho eu todo o direito de te sugar até te secar e esvaziar, espetando-te depois uma faca nas costas? É claro que ele tem, mas não compreende, de forma alguma, que questiones esse direito. Ele é um daqueles que deturparam o amor combativo de Cristo pelo homem, transformando-o na idéia maligna de que o homem tem de desistir de tudo o que possui para que Modju possa ter tudo em troca de nada.

Da mesma forma, muitos libertadores malignos de povos são produto de uma infância frustrada; mas não importa a sua infância. Importam as crianças ainda por nascer.

O líder honesto enfrentará a desconfiança para com os seus actos porque essas sanguessugas encheram o mundo com o seu sugar ardiloso, assassino, sorvendo o poder, o conhecimento, o amor, a auto-estima, a posição e a honra daqueles que possuíam esses dons naturais em abundância. Eles nunca poderiam reproduzir e alimentar esses dons, pelo que tinham de continuar a sugar outras vítimas durante a vida inteira, até secá-las. Desconfiar-se-á da honestidade porque a sociedade humana acostumou-se à conduta desonesta. Se deres honestamente sem esperar nada em troca, serás suspeito de fraude. Se deres a tua alma aos teus discípulos para fazer deles

conhecedores e doadores, o mundo perguntará: «Onde está a armadilha?» E isto é assim por causa das sanguessugas que sugaram o mundo até o secar.

O novo líder terá de aprender a dar sabiamente e com circunspecção. Caso contrário, as pessoas tomá-lo-ão por uma pessoa crédula e farão dele um tolo com profundo desprezo pelos seus procedimentos. Será saudado como a «galinha dos ovos de ouro», para ser deglutida para dentro de estômagos vazios. A menos que estejas preparado para encontrar coisas ainda piores do que as que ousaste imaginar, nunca tentes salvar vidas ou proteger crianças. Parecerás apenas um tolo ou, o que é pior, um criminoso aos olhos de muitos juizes. «Isso não se faz.» O amor sem interesse não é deste mundo; mas o novo líder terá de juntar muito amor. O amor não tem casa, nesta era sem amor, onde a política rege os acontecimentos. O novo líder terá de reconhecer e sofrer tudo isto.

Um espaço vazio surgirá ao seu redor quando as pessoas sentirem que ele representa a Vida e é um doador de Vida. Sentir-se-á ferido, passará pela agonia de ser alvo de ódio por actos de amor; e ele mesmo será tentado a odiar toda esta situação horrível. A desconfiança das pessoas e a necessidade de vingança ameaçarão envenenar a sua alma. Desta forma, muitos tombarão e perder-se-ão como líderes. As próprias pessoas terão feito isto aos seus líderes, que se sentirão como ratos em armadilhas bem armadas, como tolos e inúteis. Apenas muito poucos sobreviverão.

O povo isolará e colocará o líder de quarentena de muitas maneiras. Uma maneira de levá-lo à solidão é adorá-lo, amontoar-se ao seu redor, pendurar-se-lhe nos lábios e beber cada palavra que ele pronuncie. Alguns líderes gostam disto. Outros fogem quando se confrontam com isso. Sentem-se como animais no jardim zoológico, contemplados por multidões que se admiram que os animais não tenham desenvolvido vergonha dos seus órgãos genitais. As pessoas são capazes de despir o líder quando se amontoam ao seu redor, para descobrir cada um dos seus segredos: quantas mulheres come ao jantar, se nada e se joga *bridge,* se tem filhos ilegítimos ou se a sua esposa tem um amante.

A multidão isolará e, eventualmente, matará o líder, focando nele o holofote, no sentido figurado e literal. Amarrá-lo-ão e torná-lo-ão impotente, criticando cada um dos seus movimentos sem que eles mesmos mexam um só dedo na prática. A Constituição não garante o direito de livre expressão? Não são essas pessoas cidadãos livres de uma terra livre? Não importa qual a terra; elas sentem-se livres, recém-libertadas ou prestes a mergulharem na liberdade. E o que elas querem é saltar para fora da camisa-de-força do casamento por apenas uma noite, sair de férias ou dormir enquanto outros trabalham no escritório num dia quente de Verão numa grande cidade poluída.

Tudo isso estaria certo se não se matasse cada movimento de uma mente verdadeiramente livre. A fim de sobreviver, o líder terá de evitar toda esta contemplação e crítica e não fazer nada além de tagarelar e foder. E lentamente, penosamente, aprenderá a ver o vazio completo das pessoas que é abafado 'por muito barulho, um barulho que é feito para desviá-las da sensação corrosiva do absolutamente nada. Deste nada só pode nascer a malignidade. O líder saberá disto e sentir-se-á como alguém que se está a afogar num oceano de tarefas impossíveis de realizar.

O isolamento que ele sofre às mãos das pessoas que o rodeiam colocará em perigo a sua saúde e a sua capacidade de trabalho. Perderá o direito de viver uma vida normal entre as outras pessoas. Enquanto as pessoas têm toda a compreensão pelos segredos dos casais, casados ou não, olharão de lado quando o líder mudar de companheira ou viver em desacordo com o ignóbil padrão de conduta de um qualquer estatuto. O líder aprenderá logo que se lhe nega aquilo que é tomado como natural no caso do cidadão comum. Achará cada vez mais difícil mover-se livremente e escolher companheiras. Terá de começar a esconder-se. Isso afastará muitas mulheres que desejariam desfilar entre a multidão com o amante, que é um «líder».

Estas coisas porão em perigo a estrutura inteira do trabalho do líder. Correrá o perigo de se tomar rabugento ou de ficar a cismar num buraco, incapaz de produzir pensamentos, tornando-se, assim, um Calígula ou um proletário com a boca cheia de *slogans* do vendilhão da liberdade, os LÍDERES DOS HOMENS TERÃO DE VIVER UMA VIDA AMOROSA PLENA, SADIA, GRATIFICANTE, COM MULHERES QUE COMPREENDAM AS MANOBRAS DA VIDA. Para realizar o seu trabalho, o líder deverá evitar o emaranhado de uma vida familiar estúpida, barulhenta. Neste ponto ele estará alinhado com Cristo, que deixou a família e solicitou que os seus seguidores fizessem o mesmo. Mas em nenhuma circunstancia pregará a dissolução da família, como alguns vendilhões da liberdade tendem a fazer. Ele terá e amará crianças, as suas e as dos outros. Saberá que aquilo que é válido para a sua vida nem sempre é válido para a vida de todos os demais. Por qualquer preço, o novo líder terá de manter um *sistema emocional paro,* e fará tudo para escapar da sujeira da alma que acompanha a privação sexual. Os seus sentidos e os seus pensamentos devem permanecer afastados das devastações da abstinência do amor corporal gratificante.

Mantendo o núcleo do seu ser vivo constantemente acelerado, será capaz de penetrar através das intrigas dos chás e reuniões sociais, das palmadinhas nas costas, piadas sujas e fodas dos homens e mulheres na rua e nos palácios, até ao núcleo das suas emoções vivas. Conseguirá eventualmente descobrir porque é que tantas pessoas dotadas de todos os tipos de potencialidades caem, mais cedo ou mais tarde, na rotina

de uma vida estúpida, porque é que existem tão poucos pensamentos e acções produtivos nas pessoas; como toda a fertilidade das pessoas está a ser morta de tantas maneiras e tão cedo na vida, mesmo quando ela acaba de emergir do útero.

As pessoas não gostarão de ser levadas a sentir os seus próprios núcleos vivos de emoções em movimento − não no cinema, mas vendo uma criança a ser espancada num parque; não numa multidão que dança e empurra e arfa e se esfrega e transpira, mas nos bairros-de-lata e nas regiões pobres das nações e nas grandes cidades onde os proletários brancos matam proletários negros. Em suma, a tarefa de gerações de lideres de homens será encontrar caminhos para *deter a evasão do essencial e* a emoção barata que se sente quando se vêem rostos ensangüentados num combate de boxe.

Da mesma forma que a atenção emocional das pessoas em geral terá de se voltar, ou de ser voltada, para o *essencial*, para que tudo não pereça, assim o novo lider também assumirá o encargo de voltar a maré para a *concentração sobre o essencial na vida humana*, e não sobre o tema tolo, velho, deteriorado, sem sentido e há muito abandonado dos negócios públicos. A *evasão do essencial* seguiu os trilhos traçados pela evasão geral e estabeleceu, através dos tempos, centros poderosos de dispersão das questões cruciais da vida, dotados de grande poder de se defender-contra a intrusão de Cristo sob qualquer forma. Para confirmar isto, leiam-se hoje as páginas de qualquer jornal.

O novo líder dirá às pessoas que votar não é o bastante, e que exortar as pessoas a participar na governação também não é o bastante. Tudo isso começará nos ambientes da primeira infância e nos infantários, nos jardins de infância e nas escolas. Os responsáveis das escolas, conscientes e corajosos, terão de ser apoiados contra os professores ossificados. Os caminhos e meios da peste, que mantêm a Vida viva longe das escolas, serão detectados e combatidos como só o latrocínio ou o assassinato são hoje combatidos.

Desde que a atenção se volte para a grande evasão do essencial como sendo o mais perigoso inimigo da humanidade, serão encontrados os meios de exterminá-la − a evasão, não a pessoa que se evade − onde quer que se encontre. O problema não é o problema a ser resolvido. O problema é a evasão determinada de qualquer problema mais sério.

Muitos líderes autênticos confrontar-se-ão com a morte e a extinção de uma forma ou de outra. A peste delira como nunca. Mas, uma vez trazida para o ar livre e para a luz brilhante do Sol, a procriação horrível, maligna, da injúria monstruosa e dos pensamentos perniciosos, através dos tempos, começará lentamente a dissolver-se. Na mesma medida, a Vida começará a avançar.

Não há razão nenhuma para nos preocuparmos com as formas de existência que a Vida escolherá na sua marcha. Não importa o que escolha; uma vez livre do crónico Assassinato de Cristo, escolherá o que é bom para si mesma, e aprenderá através da sua própria experiência o que deve abandonar. A Vida é produtiva, a Vida é flexível, a Vida é decente. Portanto, não te preocupes com o que a Vida te reserva. A única preocupação é como libertá-la para a acção contra o assassinato de Cristo, contra aqueles que perderam a sentimento da Vida nos seus corpos.

Nenhum estrondo ou terremoto acompanhará o despertar da Vida viva nas nossas crianças. Será um processo lento, directo e limpo se a peste for decepada, dificultada e retorcida.

É absolutamente certo que a vida não escolherá em caso algum uma forma de existência que seja antivida, contra as crianças, contra a verdade, contra o prazer de viver feliz, contra a realização do florescimento pleno da iniciativa inata em cada simples portador da centelha da Vida. Deixar a Vida fluir livremente, desimpedida das distorções que a tomam feia e assassina, será o primeiro passo em direcção à Liberdade e à paz na Terra. Este pequeno *insight* será o suficiente para activar a liberdade para a acção. O interesse pelo bem-estar do bebé recém-nascido que contém Cristo dentro de si é absolutamente geral e não pode ser vencido por nada no mundo; ele mostrar-se-á como um poder de dimensões imensas, bem para lá de tudo o que os homens malignos jamais tentaram inventar com o propósito de matar a Vida.

Um novo tipo de homem crescerá e transmitirá as suas novas qualidades, que serão as qualidades da Vida livre, aos seus filhos e aos filhos dos seus filhos. Ninguém consegue dizer como será esta Vida. Não importa como será, ela será *ela mesma*, e não o reflexo de uma mãe doente ou de um parente aborrecido e pestilento. Ela será ELA MESMA, e terá o poder de se desenvolver e de corrigir aquilo que impedir o seu desenvolvimento.

A nossa tarefa é proteger este processo contra a peste maligna, salvaguardar o seu crescimento, aprender a tempo o que distingue uma criança que cresceu como a Vida prescrevia, de uma criança que cresceu como prescrevia o interesse desta ou daquela Cultura, Estado, Religião, Costume ou idéia estrábica da Vida. Se isso não for feito, não haverá qualquer esperança de pôr fim ao massacre em massa.

Em resumo, o nova líder recusará cavalgar para Jerusalém para conquistar o inimigo. Voltar-se-á para a corrente da Vida, que é Deus, nos pequenos corpos dos filhos e filhas do homem. Neles apoiará a sua resolução de *não cair na tentação* de se tornar líder, perpetuando assim os seus modos de vida estagnados; não cederá às próprias pessoas cujas vidas precisam de ser basicamente mudadas, deixando as

crianças crescerem como o Deus da Vida as criou.

A CULTURA E A CIVILIZAÇÃO AINDA NÃO EXISTEM. COMEÇAM AGORA A SURGIR NA CENA SOCIAL. É O COMEÇO DO FIM DO CRÓNICO ASSASSINATO DE CRISTO.

BIBLIOGRAFIA

1. AKHILANANDA, SWAMI, *Hindu View of Christ,* Philosophical Library, New York, 1949.
2. AQUINAS, ST. THOMAS, *The Summa Theologica,* vols. I, II, III, Benziger Bros., Inc., New York, 1947.
3. ARNIM, L. A., e BRENTANO, CLEMENS, Des *Knaben Wunãer-hom.* Max Hesses Verlag, Leipzig, 1806.
4. ASCH, SHOLEM, *The Nasarene,* G. P. Putnam's Sons, New York, 1939.
5. AUGUSTINE, SAINT, *The Basic Writings of Saint Augustine,*vols. I e II, Random House, New York, 1948.
6. BACHOFEN, JOHANN JACOB, *Mutterrecht und Urreligion,* Ulfred Kröner Verlag, Leipzig, 1927.
7. BATELJA, MICHAEL J., *Value of the Holy Bible,* edição do autor, Portland, Oregon, 1951.
8. BERNARD, THEOS, *Hindu Philosophy,* Philosophical Library, New York, 1947.
9. *BERNFELD,* SIEGFRIED, *Das Jüdische Volk und Seine Jugend,* R. Löwit Verlag, Viena e Berlim, 1920
10. BETHGE, HANS, *Chinesische Fiöte,* Im Inselverlag, Leipzig, 1918.
11. HOLY BIBLE, New Analytical Bible and Dictionary of the Bible, authorized King James Version, James A. Dickson Publishing House, Chicago, 1950.
12. HOLY BIBLE AND CONCORDANCE, Scofield Reference Edition, Oxford University Press, New York, 1909.
13. DIE BIBEL, Britische und Ausländische Bibelgesellschaft, *Berlim,* 1910.
14. NEW TESTAMENT, revised standard edition, Thomas Nelson & Sons, New York, 1901.
15. WORLD BIBLE, editada por Robert O. Ballow, The Viking Press, New York, 1948.
16. BLANSHARD, PAUL, *American Freedom and Catholic Power,* The Beacon Press, Boston, 1949.
17. BONHOEFFER, DIETRICH, *The* Cost *of Discipleship,* The Mac-millan Co., New York, 1949.
18. BURNHAM, JAMES, *The Coming Defeat of Communism,* John Day Co., Inc., New York, 1950.
19. BURNHAM, JAMES, *The Machiavellians,* John Day Co., Inc., New York, 1943.
20. CALDWELL, ERSKINE, *God's Little Acre,* Seeker and Warburg, Londres, 1937.
21. CARSON, RACHEL L., *The Sea Around Us,* Oxford university Press, New York, 1951.
22. CARUS, PAUL, *The Bride of Christ,* The Open Court Publishing Co., Chicago, 1908.
23. CARUS, PAUL, *God,* The Open Court Publishing Co., La Salle, 111., 1943.
24. CARUS, PAUL, *The Gospel of Buddha,* The Open Court Publishing Co., Chicago, 111., 1915.
25. CERVANTES, MIGUEL DE, *Don Quixote,* Modern Library, New York, 1930.
26. CLADEL, JUDITH, *Rodin,* Editions Almery Somogy, 1948, France. (Ver gravura 35, «Le Baiser».)
27. CLAUDEL, PAUL, *Mittagswende,* Hellerauer Verlag, Jakob Heg*ner,* Dresden-Hellerau, 1918.
28. GROSSMAN, RICHARD, org.. *The God That Failed,* Harper & Bros., New York, 1949.
29. DASGUPTA, S. N., *Hindu Mysticism,* The Open Court Publishing Co., Chicago, 1927.
30. DANTE ALIGHIERI, *Die Göttlich Komödie,* Volksverlag der Bücherfreunde, Wegweiser-Verlag, Berlim, 1922.
31. DANTE ALIGHIERI, *The Divine Comedy,* Modem Library, New York, 1932.
32. DA VINCI, LEONARDO, *The Drawings of Leonardo da Vinci,* Reypal & Hitchcock, New York,

1945.

33. DA VINCI, LEONARDO, *The Notebooks of Leonardo da Vinci,* vols. I e II, Reynal & Hitchcock, New York, 1945.
34. DE COSTER, CHARLES, *Tyl Ulenspiegel,* vols. I e II, Kurt Wolff Verlag, Munique, 1926.
35. DE COSTER, CHARLES, *Tyl Ulenspiegel,* Pantheon Books, Inc., New York, 1943.
36. DE PONCINS, GONTRAN, *Kabloona,* Garden City Publishing Co., Garden City, New York, 1943.
37. DOSTOYEVSKY, FYODOR, *The Idiot,* Modern Library, New York, 1935.
38. DRIESCH, HANS, *Philosophie des Organischen,*Verlag von Wilhelm Engelmann, Leipzig, 1921.
39. FARRAR, CANON, *The Life of Christ,* Commonwealth Publishing Co., New York, 1890.
40. FOREL, AUGUST, *Die Sexuelle Frage,* Ernst Reinhardt, Verlags-buchhandlung, 1904.
41. FOSDICK, HARRY EMERSON, *The Man from Nazareth,* Harper & Bros., New York, 1939.
42. FRANCE, ANATOLE, *The Well of St. Clare,* Dodd, Mead & Co., New York, 1928.
43. FRANCIS, ST., *The Little Flowers of Saint Francis, etc.,* Everyman's Library, E. P. Dutton & Co., New York, 1950.
44. FRAZER, SIR JAMES GEORGE, *The Worship of Nature,* vol. I, The Macmillan Co., New York, 1926.
45. GEDAT, GUSTAV, *Ein Christ erlebt die Probleme der Welt,* Verlag von T. F. Steinkopf, Stuttgart, 1935.
46. GELBER, KARL VON, *Galileo Galilei und Die Römische Curie,* Verlag der F. O. Gotta'schen Buchhandlung, Stuttgart, 1876.
47. GIBRAN, KAHLIL, *Jesus,* Alfred A. Knopf, New York, 1928.
48. GOLLANCZ, VICTOR, *Man and God,* Houghton Mifflin Co., Boston, 1951.
49. GOUZENKO, IGOR, *The Iron Curtain,* E. P. Dutton & Co., Inc., New York, 1948.
50. GRAVES, ROBERT, *King Jesus,* Creative Age Press, New York, 1946.
51. GRIMM, GEORG, *Die Lehre des Buddha,* R. Piper & Co., Verlag, Munique, 1919.
52. GÜNTHER, JOHN, *Behind the Iron Curtain,* Harper & Bros., New York, 1949.
53. HALL, G. STANLEY, *Jesus, The Christ, in the Light of Psychology,* vols. I e II, Doubleday, Page & Co., New York, 1917.
54. HEIDEN, KONRAD, *Adolf Hitler,* Europa-Verlag, Zurique, 1936.
55. HERSEY, JOHN, *The Wall,* Alfred A. Knopf, New York, 1950.
56. HITLER, ADOLF, *Mein Kampf,* Central Verlag der NGDAP., Frz. Eher Nachf, Munique, 1938.
57. HOEL, SIGURD, *Sünder am Meer,* Carl Schünemann Verlag, Bremen, 1932.
58. HOENSBROECH, GRAF VON, *Das Papsttum,* Druck und Verlag von Breitkopf und Härtel, Leipzig (sem data).
59. JAMES, WILLIAM, *Varieties of Religious Experience,* Modern Library, New York, 1092.
60. JOHNSTON, JAMES A., Warden, *Alcatraz Island Prison,* Charles Scribner's Sons, New York, 1949.
61. JONES, JAMES, *From Here to Eternity,* Charles Scribner's Sons, New York, 1951.
62. *Journal of Clinical Pastoral Health,* n.° 4, Inverno de 1948, Council for Clinical Training, Inc., New York.
63. KAYE, JAMES R., *A Systematic Study of the New Analytical Bible,* John A. Dickson Publishing Co., Chicago, 1951.
64. KEMPIS, THOMAS A., *The Imitation of Christ,* Everyman's Library, E. P. Dutton & Co., New

York, 1947.

65. KLAUSNER, JOSEPH, *From Jesus to Paul,* George Allen & Unwin Ltd., Londres, 1946.
66. KOESTLER, ARTHUR, *Scum of the Earth,* The Macmillan Co., New York, 1941.
67. THE KORAN, Everybody's Library, J. M. Dent & Sons Ltd., Londres, 1948.
68. KRIMSKY, JOSEPH HAYYM, Jesus and *the Hidden Bible,* Philosophical Library, New York, 1951.
69. LAGERKVIST, PAR, *Barabbas,* Random House, New York, 1951.
70. LAWRENCE, D. H, *The Man Who Died,* Alfred A. Knopf, Inc., New York, 1928.
71. LEVI, CARLO, *Christ Stopped at Eboli,* Penguin Books, Inc., New York, 1947.
72. LEWIS, JOSEPH, *In The Name of Humanity!,* Eugenics Publishing Co., New York, 1949.
73. LEY, WILLY, *The Days of Creation,* Modem Age Books, New York, 1941.
74. LIEBMAN, JOSHUA LOTH, *Peace of Mind,* Simon & Schuster, New York, 1946.
75. LINDSEY, BEN B., e EVANS, WAINWRIGHT, *Die Revolution der Modernen Jugend,* Deutsche Verlag Anstalt, Stuttgart, Berlim e Leipzig.
76. LONDON, JACK, *Martin Eden,* The Macmlllan Co., New York, 1938.
77. MAILER, NORMAN, *The Naked and the Dead,* Rinehart and Co., Inc., New York, 1948.
78. MALINOWSKY, BRONISLAW, *Das Geschlechtsleben der Wilden,* Grethlein & Co., Leipzig *e* Zurique, 1929.
79. MEAD, MARGARET, e BATESON, GREGORY, *Balinese Character,* The New York Academy of Sciences, Special Publications, vol. II, 1942.
80. MICHENER, JAMES A., *Return to Paradise,* Random House, New York, 1951.
81. MORGAN, LEWIS H., *Die Urgesellschaft,* Verlag von T. H. W. Diek Nachf, 1908.
82. NIETZSCHE, FRIEDRICH, *Also Sprach Zarathustra,* Alfred Kröner Verlag, Leipzig, 1918.
83. NIETZSCHE, FRIEDRICH, *My Sister and I,* Boars Head Books, New York, 1951.
84. NORTHROP, P. S. C, *The Meeting of East and1951. V/est,* The Mac-millan Co., New York, 1946.
85. OURSLER, PULTON, *The Greatest Story Ever Told,* Doubleday & Co., Garden City, New York, 1949.
86. PAPINI, GIOVANNI, *Life of Christ,* Harcourt, Brace & Co., New York, 1923
87. PRESCOTT, WILLIAM H., *Conquest of Mexico,* Blue Ribbon Books, 1943.
88. *Pronunziamento XIV,* AMORC, The Rosicrucian Order.
89. RAKNES, OLA, *Motet med det Heilage.*
90. RODIN, AUGUSTE, Phaidon Publishers, Inc., distribuído por Oxford University Press, New York. (Ver gravura 6768, «The Eternal Idol».)
91. RENAN, ERNEST, *The Life of Jesus,* Modem Library, New York, 1927.
92. ROLLAND, ROMAIN, *Mahatma Gandhi,* Rotapfel-Verlag, Erbenbach-Zurique, 1923.
93. ROUSSEAU, JEAN JACQUES, *Collected Works,* Walter J. Black, Inc., New York (sem data).
94. ROUSSEAU, JEAN JACQUES, *The Social Contract,* E. P. Dutton & Co., Inc., New York, 1941.
95. RUTHERFORD, J. P., *Was ist Wahrheit?,* Internationale Bibelforsher-Vereinigung, Brooklyn, New York, 1932.
96. SCHOEN, MAX, *The Man Jesus Was,* Alfred A. Knopf, New York, 1950.
97. SCHNITZLER, ARTHUR, *Reigen.*
98. SCHWEITZER, ALBERT, *The Psychiatric Study of Jesus,* The Beacon Press, Boston, 1948.
99. SERGE, VICTOR, *The Case of Comrade Tulayew,* Doubleday & Co., Inc., Garden City, New York,

1950.

100. SHEEN, FULTON J., *Peace of Soul,* McGraw Hill Book Co., New York, 1949.
101. SILONE, IGNAZIO, *Brot und Wein,* Verlag Oprecht, Zurique, 1936.
102. SILONE, IGNAZIO, *Die Schule der Diktatoren,* Europa Verlag, Zurique e New York, 1938.
103. SILONE, IGNAZIO, *Fontamara,* Verlag Oprecht & Helbling, Zurique, 1933.
104. SINGER, DOROTHEA WALEY, *Bruno: His Life and Thought (with Annotated Translation of His Work «One the Infinite Universe and Worlds»),* Henry Schuman, New York, 1950.
105. SINGER, JACOB, *Taboo in the Hebrew Scriptures,* The Open Court Publishing Co., Chicago, 111., 1928.
106. SMALLEY, BERLY, *The Study of the Bible in the Middle Ages,* Philosophical Library, New York, 1952.
107. SMITH, PRESERVED, *History of Christian Theophagy,* The Open Court Publishing Co., Chicago, 1922.
108. SMITH, WALTER BEDELL, *My Three Years in Moscow, J.* B. Lippincott Co., Philadelphia e New York, 1950.
109. SPERRY, WILLARD L., *Jesus Then and Now,* Harper & Bros., New York, 1949.
110. SPINOZA, *Ethics, etc.,* Everyman's Library, E. P. Dutton & Co., Inc., New York, 1941.
111. SPITTELER, CARL, *Imago,* verlegt bei Eugen Diederichs, Jena, 1910.
112. SPITTELER, CARL, *Olympischer Frühling,* vols. I e II, verlegt bei Eugen Diederichs.
113. STEIG, WILLIAM, *Till Death Do Us Part,* Duell, Sloan & Pearce, New York, 1947.
114. STEINBECK, JOHN, *The Pearl,* Viking Press, New York, 1947.
115. STENDHAL (HENRI BEYLE), *Über die Liebe,* Im Propyläen-Verlag, Berlim.
116. STIRNER, MAX, *Der Einzige und Sein Eigentum,* Druck und Verlag von Philipp Reclam, 1892.
117. TROTSKY, LEON, *The Revolution Betrayed,* Faber & Faber, Ltd., Londres, 1937.
118. VALTIN, JAN, *Out of the Night,* Aliance Book Corp., New York, 1941.
119. VAN PAASSEN, PIERRE, *Why Jesus Died,* Dial Press, New York, 1949.
120. WAGENKNECHT, EDWARD, org., *The Story of Jesus in the World's Literature,* Creative Age Press, Inc., New York, 1964.
121. WEDEKIND, FRANK, *Die Büchse der Pandora,* George Müller Verlag, Munique, 1919.
122. WEDEKIND, FRANK, *Franziska,* George Müller Verlag, Munique, 1912.
123. WEDEKIND, FRANK, *Frühlings Erwachen,* George Müller Verlag, Munique, 1919.
124. WHITMAN, WALT, *Leaves of Grass,* Aventine Press, New York, 1931.
125. WILDGANS, ANTON, *Die Sonette an Ead,* Verlag von L. Staack-mann, Leipzig, 1913.
126. WRIGHT, RICHARD, *Black Boy,* The World Publishing, Co., Cleveland, Ohio, 1945.

DIGITAL Source

Viciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks

http://groups.google.com.br/group/digitalsource

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros